

O livro de

DAVID HEWSON

Baseado na série televisiva de Søren Sveistrup

THE
KILLING
CRÓNICA DE UM ASSASSÍNIO

O acontecimento televisivo é agora o acontecimento literário
DAILY TELEGRAPH



VOL.

1

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título: The Killing – Crónica de Um Assassínio - 1.º Volume

Título original: The Killing – the novel by David Hewson

Tradução de Ricardo Gonçalves

Edição: Maria da Piedade Ferreira

Autor: David Hewson

Revisão: Soares dos Reis

Capa: Rui Garrido

ISBN: 9789722051026

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

©David Hewson, 2012

Publicado originalmente por MacMillan, uma chancela de PanMacMillan,
uma editora de MacMillan Publishers Limited.

Publicado em Portugal por acordo com MacMillan Publishers Limited.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Este livro foi traduzido segundo o Acordo Ortográfico de 1990.

Non nobis solum nati sumus.

Não nascemos apenas para nós

CÍCERO, *De Officiis* (Livro I, seg. 22)

Agradecimentos

Tentar transformar uma tragédia policial épica para televisão num livro policial épico não é uma tarefa fácil, sobretudo quando se desenrola num país que nunca visitei, um país que fica a um milhão de quilómetros de distância do clima quente e do ambiente extrovertido de Itália, onde se passa a maior parte do meu trabalho. Não poderia ter embarcado nesta viagem sem o trabalho altruísta e dedicado de várias pessoas profundamente ligadas a este projeto, tanto na Dinamarca como no Reino Unido. Søren Sveistrup, o criador da série original, conseguiu muito simpaticamente encontrar tempo durante as filmagens da terceira temporada de *The Killing: Crónica de Um Assassínio* para me pôr a par das suas ideias e, depois, quando chegou o momento de passar a história do ecrã para o papel, aconselhou-me generosamente a ser eu a decidir. Susanne Bent Andersen, da minha editora dinamarquesa, a Engstrom, ajudou-me enormemente ao fornecer-me material de fundo acerca da cidade de Copenhaga e sua cultura, assim como o sempre prestável agente de Søren, Lars Ringhof. Fui igualmente ajudado por inúmeras outras pessoas, demasiadas para as nomear, no Quartel-general da Polícia de Copenhaga, na Rådhus (Câmara Municipal) da cidade e noutras instituições locais.

No Reino Unido, a minha editora, Trisha Jackson, e os seus colegas na Pan Macmillan – todos eles fãs dedicados de Sarah Lund – foram uma fonte constante de conselhos, opiniões e encorajamento, assim como o foram muitos fãs «civis» de *The Killing: Crónica de Um Assassínio*. Entre estes últimos, estou especialmente agradecido a Keith Blount, não apenas pelo valioso contributo pessoal para esta história mas também por ter criado um *software* de escrita, o *Scrivener*, que me permitiu captar e controlar os três fios da narrativa do princípio ao fim (e sem o qual não consigo imaginar como este projeto complexo poderia ter sido realizado).

Dito isto, o refazer da história original e a abordagem diferente face à versão televisiva, como os leitores descobrirão, são da minha exclusiva responsabilidade, assim como quaisquer críticas desfavoráveis que venha a receber.

Tak.

David Hewson

Personagens Principais

Polícia de Copenhaga

Sarah Lund – *vicekriminalkommissaer, Homicídios*

Jan Meyer – *vicekriminalkommissaer, Homicídios*

Chefe Buchard – *Homicídios*

Lennart Brix – *vice-chefe/chefe interino, Homicídios*

Svendsen – *detetive, Homicídios*

Jansen – *perito forense*

Bülow – *investigador*

Família Birk Larsen

Theis Birk Larsen – *pai*

Pernille Birk Larsen – *mãe*

Nanna Birk Larsen – *filha de Theis e Pernille*

Anton Birk Larsen – *filho de Theis e Pernille*

Emil Birk Larsen – *filho de Theis e Pernille*

Lotte Holst – *irmã mais nova de Pernille*

Rådhus (Câmara Municipal) – políticos e funcionários

Troels Hartmann – *líder do grupo do Partido Liberal e vereador da
Educação*

Rie Skovgaard – *conselheira política de Hartmann*

Morten Weber – *gestor de campanha de Hartmann*

Poul Bremer – *presidente da Câmara Municipal de Copenhaga*

Kirsten Eller – *líder do grupo do Partido do Centro*

Jens Holck – *líder do grupo do Partido Moderado*

Mai Juhl – *líder do grupo do Partido Ambientalista*

Knud Padde – *presidente do grupo do Partido Liberal*

Henrik Bigum – *membro da comissão do grupo do Partido Liberal*

Olav Christensen – *funcionário do Departamento de Educação*
Gert Stokke – *funcionária, chefe do Departamento do Ambiente de Holck*

Escola Secundária Frederiksholm

Oliver Schandorff – *um aluno, ex-namorado de Nanna*

Jepp Hald – *um aluno*

Lisa Rasmussen – *uma aluna*

Diretora Koch – *a diretora da escola*

Rahman Al Kemal – *um professor, popularmente conhecido por Rama*

Henning Kofoed – *uma professora*

Outros

Hanne Meyer – *mulher de Jan Meyer*

Carsten – *ex-marido de Lund*

Bengt Rosling – *um psicólogo criminal, namorado atual de Lund*

Mark – *filho de Lund*

Vagn Skaerbaek – *amigo de longa data da família Birk Larsen e empregado a tempo inteiro da empresa Birk Larsen*

Leon Frevert – *taxista e empregado em part-time da empresa Birk Larsen*

Ari – *filho do proprietário de um restaurante indiano, amigo de infância de Nanna*

John Lynge – *um motorista de Troels Hartmann*

Sexta-feira, 31 de outubro

Pelo bosque escuro, onde as árvores mortas não dão abrigo, Nanna Birk Larsen corre.

Dezanove anos, sem fôlego, a tremer numa reduzida combinação rasgada, os pés descalços a tropeçarem na lama pegajosa.

Raízes cruéis prendem-lhe os tornozelos, ramos de dentes arreganhados rasgam-lhe os braços pálidos que se agitam. A rapariga cai, debate-se para sair dos horríveis barrancos húmidos, tentando controlar os dentes que batem, tentando pensar, ter esperança, esconder-se.

Há um brilhante olho monocular que a segue, como um caçador atrás de um veado ferido. Aproxima-se num lento ziguezaguear através da desolada Pineskoven, a Floresta de Pentecostes.

Troncos de prata despídos erguem-se do solo estéril como membros de cadáveres antigos tolhidos nos estertores finais.

Outra queda, a pior. O chão debaixo dela desaparece, as pernas afundam-se. Com as mãos a girarem no ar e a gritar de dor e desespero, a rapariga cai na vala suja e gelada, chocando com rochas e troncos, chapinha por entre o cascalho afiado e cortante, apalpa a cabeça, as mãos, os cotovelos, os joelhos, roça o terreno invisível e inóspito sob os seus pés.

A água gelada, o medo, a presença dele não muito distante...

A rapariga cambaleia, ofegante, para fora da lama, trepa até à margem, afasta o mais que pode os pés nus, dilacerados e a sangrar, para ganhar algum apoio no solo pantanoso, no meio do lodo que lhe escorre por entre os dedos.

No cume mais à frente encontra uma árvore. Algumas últimas folhas de outono tocaram-lhe ao de leve no rosto. O tronco é maior do que os outros e,

quando o abraça, pensa em Theis, o pai, um gigante de um homem, silencioso, taciturno, um firme e estoico baluarte contra o mundo exterior.

Nanna segura-se à árvore, agarra-se a ela como dantes se agarrava ao pai. A força dele aliada à dela, a força dela aliada à dele. Nunca fora preciso mais nada, nunca seria preciso mais nada.

Do céu infinito desce um gemido sibilante. As luzes brilhantes de um avião a jacto a escapar aos limites da gravidade, a fugir de Kastrup¹, a fugir da Dinamarca. A sua presença fugidia deslumbra e cega. Sob a luminosidade implacável, os dedos de Nanna Birk Larsen vagueiam até ao rosto. Apalpam a ferida que vai do olho esquerdo para a face, odiosa, aberta, sangrenta.

A rapariga consegue cheirá-lo, senti-lo. Sobre ela. Dentro dela.

Através de toda a dor e por entre o medo ergue-se subitamente uma inesperada e ardente chama de fúria.

Tu és a filha de Theis Birk Larsen.

Todos lhe diziam aquilo quando lhes dava motivos para isso.

Tu és Nanna Birk Larsen, filha de Theis, e também de Pernille, e escaparás ao monstro que te persegue no meio da noite, pela Floresta de Pentecostes na periferia da cidade, onde, a poucos mas longínquos quilómetros, se encontra aquele lugar caloroso e seguro chamado lar.

Nana levanta-se e agarra-se ao tronco como uma vez se agarrou ao pai, braços em volta da casca prateada, a combinação brilhante manchada de terra e de sangue, tremendo de frio, em silêncio, convencendo-se a si própria de que encontrará a salvação mais à frente, para lá do bosque escuro e das árvores mortas que não dão abrigo.

Um feixe de luz branco estende-se novamente sobre ela. Não é o dilúvio de luz que jorra da barriga de um avião que voa sobre aquela floresta estéril, como um vasto anjo mecânico buscando preguiçosamente uma alma perdida tresmalhada para salvar.

Corre, Nanna, corre, grita uma voz.

Corre, Nanna, corre, pensa a rapariga.

Uma lanterna incide agora sobre ela, o olho ardente. E está mesmo ali.

¹ Kastrup é uma zona suburbana de Copenhaga, na ilha de Amager, onde está situado o Aeroporto Internacional da capital dinamarquesa, sendo igualmente a designação informal daquele. A ilha de Amager faz parte da capital, à qual está ligada por cinco pontes. (*N. do T.*)

Segunda-feira, 3 de novembro

– Ali, nas traseiras – disse o polícia. – Foi encontrada por um sem-abrigo.

Sete e meia da manhã. Ainda estava escuro, a chuva caía em linhas retas e geladas. Sob o guarda-vento do edifício de tijolos sujo, perto das docas, a subcomissária criminal Sarah Lund observava os homens uniformizados a colocarem fitas de sinalização que advertiam: «Não Atravessar.»

O último local de crime que alguma vez veria em Copenhaga. E tinha logo de ser um assassinio. Ainda por cima, a vítima era uma mulher.

– O edifício está vazio. Estamos a inspecionar o prédio do outro lado.

– Que idade tem ela? – perguntou Lund.

O polícia, um homem que Lund mal conhecia, encolheu os ombros e depois limpou a chuva do rosto com o braço.

– Porque pergunta?

Por causa de um pesadelo, apeteceu-lhe responder. Um pesadelo que a despertou às seis e meia da manhã, aos gritos, sentada muito direita numa cama vazia. Quando se levantou, Bengt, o gentil, atencioso e calmo Bengt, percorria silenciosamente o apartamento a acabar de fazer as malas. Mark, o filho de Lund, dormia como uma pedra frente ao televisor do quarto e nem sequer se mexeu quando a mãe entrou para o espreitar. Nessa noite iam os três apanhar o voo para Estocolmo. Uma nova vida noutra país. Esquinas cruzadas. Pontes queimadas.

Sarah Lund tinha trinta e oito anos. Era uma mulher séria que olhava incessantemente para o mundo em seu redor, nunca para si mesma. Ia começar o seu último dia na polícia de Copenhaga. As mulheres como ela não tinham pesadelos, terrores na escuridão, lampejos fugazes de um rosto jovem assustado que, há muito, muito tempo, podia ter sido o seu.

Essas fantasias eram para os outros.

– Não se incomode a responder – disse o polícia, carrancudo perante o silêncio de Lund quando levantou a fita e o acompanhou até à porta de correr metálica. – Digo-lhe uma coisa. Nunca tinha visto um caso como este.

O polícia entregou-lhe um par de luvas forenses azuis, observou-a a calçá-las e, em seguida, pressionou o ombro contra o metal ferrugento. A porta abriu-se, a guinchar como um gato torturado.

– Já vou ter consigo – disse o polícia.

Sarah não esperou, limitando-se a seguir em frente como sempre fazia, sozinha, observando atentamente, olhando para um lado, depois para o outro, com os olhos brilhantes muito abertos, sempre a procurar.

Por algum motivo, o polícia fechou a porta de correr no preciso momento em que Sarah entrou, tão rapidamente que o gato guinchou uma oitava acima desde a última vez. Depois ficou em silêncio, com o tinido metálico do ferro pesado a deixar repentinamente o dia cinzento para trás.

Em frente havia um corredor central e o que parecia ser uma câmara frigorífica para conservar carne, com ganchos pendurados a intervalos regulares ao longo das vigas. Um único conjunto de projetores no teto.

O chão de betão estava húmido e brilhante. Algo se moveu nas sombras, ao fundo, oscilando lentamente como um pêndulo gigantesco.

Ouviu-se o som de um interruptor invisível e, em seguida, o lugar ficou tão escuro como o quarto onde estivera naquela manhã, quando um sonho violento e indesejado a acordou num sobressalto.

– Liguem a luz! – gritou Lund. A voz ecoou pelo ventre negro e vazio do edifício. – Importam-se de ligar a luz.

Nem um som. Sarah era uma detetive experiente e lembrava-se de tudo o que devia trazer consigo, à exceção da pistola, na qual só parecia pensar quando era tarde de mais.

Porém, Sarah tinha a lanterna, bem guardada no bolso direito. Tirou-a e segurou-a como fazem os polícias: mão direita na vertical, com o pulso inclinado para trás e o feixe de luz apontado para a frente, em busca, espreitando para sítios a que as outras pessoas não prestavam atenção.

A luz e Lund foram à caça. Cobertores, roupas deitadas fora, duas latas de Coca-Cola amassadas, uma embalagem vazia de preservativos.

Deu três passos e depois parou. Junto da parede direita, visível no ponto em que tocava no chão, havia uma poça de líquido, escarlate e pegajoso,

duas linhas horizontais ao longo do reboco a descascar, as marcas deixadas pelo sangue quando um corpo é arrastado pelo chão.

Lund enfiou a mão no bolso, tirou a embalagem de pastilhas de nicotina e atirou uma para a boca.

Não era apenas Copenhaga que ficava para trás. O tabaco também estava na lista negra.

Agachou-se e pôs um dedo azul enluvado na poça pegajosa, ergueu-o até ao nariz e cheirou.

Deu mais três passos e deparou-se com um machado de lenhador, o cabo limpo e brilhante como se tivesse sido comprado numa loja no dia anterior. Pôs dois dedos no charco de líquido vermelho que escorria da lâmina, testou-o, cheirou e refletiu.

Nunca iria aprender a gostar do sabor do *Nicotinell*. Continuou a andar. O que estava à sua frente ia ficando cada vez mais nítido. Oscilava de um lado para o outro. Era uma lona industrial, tão manchada de vermelho que parecia a mortalha de um animal abatido.

O que estava no interior tinha uma forma familiar, humana.

Lund mudou a posição da lanterna, segurou-a junto da cintura, com o feixe de luz para cima, e inspecionou o tecido, procurando por onde pegar.

O material saiu com um movimento rápido, e o que estava por baixo oscilou lentamente no feixe de luz. O rosto hirto que a lanterna captou era masculino e tinha a boca aberta num «O» perpétuo. Cabelo preto, pele rosada, um monstruoso pénis ereto de plástico que piscava. E, na cabeça, um capacete viking num azul-vivo, com cornos prateados e tranças douradas pendentes.

Lund inclinou a cabeça e, para lhes agradecer, sorriu.

Preso ao peito do brinquedo sexual estava uma nota: *Obrigado, chefe, por sete anos fantásticos. Os rapazes.*

Gargalhadas vindas das sombras.

Os rapazes.

Boa partida. Mas talvez pudessem ter utilizado sangue verdadeiro.

O Politigården era um labirinto cinzento construído sobre terra conquistada ao mar perto da zona portuária. O exterior do quartel-general da polícia era lúgubre e linear, ao passo que o interior desembocava num pátio circular. Havia colunas clássicas numa arcada sombria que bordejava o

pátio. Dentro do edifício, escadarias em espiral conduziam a corredores sinuosos revestidos de mármore preto estriado, seguindo em todas as direções a partir do círculo perfeito como veias calcificadas. Demorara três meses a encontrar o caminho no meio daquele complexo escuro e labiríntico. Mesmo agora, às vezes, ainda tinha de pensar para descobrir onde estava.

O Departamento de Homicídios ficava no segundo andar, na ala nordeste. Sarah estava no gabinete de Buchard, com o capacete viking na cabeça, a ouvir as piadas deles, a abrir os presentes deles, a sorrir, mantendo-se em silêncio sob os cornos de cartão e as tranças douradas.

Depois agradeceu-lhes e dirigiu-se ao seu gabinete, começou a arrumar os seus pertences. Não havia tempo para confusões. Sorriu para a foto de Mark, emoldurada sobre a secretária. Três anos antes, quando o filho tinha nove anos, muito antes de ter chegado a casa com aquele brinco ridículo. Antes – pouco antes – do divórcio. E depois apareceu Bengt, a tentá-la a ir para a Suécia e para uma vida do outro lado das sombrias águas geladas do Øresund.

Mark. Então, como agora, nunca sorria. Isso mudaria na Suécia. Assim como tudo o resto.

Lund arrumou o que restava sobre a secretária – a sua reserva de três meses de *Nicotinell*, as esferográficas, o afia com a forma de um autocarro londrino – dentro de uma frágil caixa de papelão e, por fim, colocou a fotografia de Mark no topo.

A porta abriu-se e um homem entrou.

Sarah olhou, ajuizou, como sempre fazia. Um cigarro pendurado ao canto da boca. Tinha o cabelo curto, o rosto severo. Olhos grandes, orelhas grandes. Roupas baratas e talvez demasiado juvenis para um homem que não andava longe da sua idade. Transportava uma caixa muito parecida com a dela. Sarah conseguiu ver o mapa de Copenhaga, um cesto de basquetebol de criança para pendurar na parede, um carro-patrolha em miniatura e uns auscultadores.

– Procuro o gabinete de Lund – disse o homem, olhando para o capacete viking empoleirado no novo par de esquis que tinham oferecido a Sarah durante o pequeno-almoço.

– Sou eu.

– Jan Meyer. Usam esse uniforme por aqui?

– Vou para a Suécia.

Pegou nos seus pertences e os dois fizeram uma pequena dança em torno um do outro enquanto Lund tentava chegar à porta.

– Por amor de Deus... porquê? – perguntou Meyer.

Lund pousou a caixa, atirou para trás o cabelo castanho comprido e rebelde, tentou pensar se ainda restava alguma coisa que quisesse levar.

Meyer tirou o cesto de basquetebol da caixa, olhou para a parede.

– A minha irmã fez uma coisa parecida – disse Meyer.

– Como assim?

– Já não estava a conseguir viver aqui, por isso mudou-se para Bornholm com um tipo. – Meyer enfiou o cesto por cima dos arquivos. – Era um tipo fixe. Mas não resultou.

Lund fartou-se do cabelo, sempre a cair-lhe para os olhos, tirou um elástico do bolso e amarrou-o num rabo-de-cavalo.

– Porque não?

– Era um sítio demasiado remoto. Enlouqueceram a ouvir vacas a peidarem-se o dia inteiro – Meyer pegou numa caneca de cerveja de estanho e rodou-a nas mãos. – Para onde vais?

– Para Sigtuna. Meyer imobilizou-se de repente e fitou-a em silêncio. – Também é um sítio muito remoto – acrescentou Lund.

Meyer deu uma longa passa no cigarro e retirou uma pequena bola de futebol da caixa. Depois pousou o carro-patrulha em miniatura na secretária e começou a movimentá-lo para a frente e para trás. Quando as rodas se moviam, a luz azul ganhava vida de repente e ouvia-se o lamento quase inaudível de uma sirene.

Meyer ainda estava a brincar com o carrinho quando Buchard entrou com uma folha de papel na mão.

– Já se conhecem – disse o chefe. Não era uma pergunta.

O homem que parecia um simpático tio de óculos quando Lund se sentara a seu lado ao pequeno-almoço tinha desaparecido.

– Já tivemos o prazer de... – começou Lund a dizer.

– Isto acabou de chegar – Buchard estendeu-lhe um relatório. – Mas se estiveres demasiado ocupada a arrumar as tuas coisas...

– Tenho tempo – retorquiu Lund. – O dia todo...

– Ótimo – disse Buchard. – Porque não levas o Meyer contigo?

O homem que trouxera a caixa apagou o cigarro e encolheu os ombros.

– Ele está a arrumar as coisas – respondeu Lund.

Meyer parou de mexer no carrinho, pegou na bola e fê-la saltitar na mão.

Fez um sorriso rasgado. Assim parecia diferente, mais humano, mais expressivo.

– Nunca estou demasiado ocupado para trabalhar.

– Bom começo – disse Buchard. Havia uma certa tensão na sua voz. – Isso é bom para mim, Meyer, e para ti também.

Com o vidro descido e olhando em volta a partir do lugar do morto, Lund examinou o Kalvebod Fælled². Treze quilómetros a sul da cidade, perto do mar. Estava uma manhã clara e brilhante, depois de alguns dias de chuva. Provavelmente, o tempo não se manteria bom por muito tempo. O sapal plano, a erva amarelada e as valas estendiam-se até ao horizonte e havia um bosque escuro com árvores despidas à direita. Sentia-se um leve cheiro a mar e, mais perto, o fedor da vegetação húmida em decomposição. Havia condensação no ar quase gelado. Aproximava-se um inverno rigoroso.

– Não podes andar armada? Não podes prender ninguém? E passar multas de estacionamento, podes?

Alguém que andava a passear o cão de manhãzinha tinha encontrado roupas de rapariga num descampado perto de um pequeno bosque de bétulas prateadas conhecido por Pinseskoven. A Floresta de Pentecostes.

– É preciso ser-se sueco para poder prender pessoas. É uma... – Lund desejava nunca ter de responder às perguntas dele. – É assim que funciona.

Meyer enfiou um punhado de batatas fritas na boca e depois amassou o pacote e atirou-o para o chão. Conduzia como um adolescente, demasiado depressa e sem se preocupar muito com os outros condutores.

– O que é que o teu filho acha dessa ideia?

Sarah saiu, não verificou se Meyer a seguia.

Havia um detetive à paisana junto do achado, um homem uniformizado a vaguear pelos montículos de erva, pontapeando os arbustos moribundos. Não tinham mais nada, apenas um *top* de algodão florido, do género dos que uma adolescente usaria. Um cartão de um clube de vídeo. Ambos dentro de sacos de plástico para provas. O *top* estava manchado de sangue.

Lund deu uma volta de trezentos e sessenta graus, os seus olhos grandes e brilhantes em busca de alguma coisa, como sempre faziam.

– Quem é que costuma vir até aqui? – perguntou Sarah ao homem de uniforme.

– Durante o dia, crianças dos infantários, em excursões para ver a natureza. De noite, as prostitutas da cidade.

– Que raio de sítio para dar uma – disse Meyer. Caramba, onde está o romance nos dias que correm?

Lund ainda estava a girar lentamente sobre os calcanhares.

– Quando é que isto foi deixado aqui?

– Ontem. Não podia ter sido na sexta-feira, porque houve uma visita escolar. E quem cá veio teria visto o que encontrámos.

– Não houve telefonemas? Os hospitais não comunicaram nada?

– Nada de nada.

– Não fazem ideia de quem ela seja?

O detetive mostrou-lhe o saco com o *top*.

– Tamanho oito – respondeu. – É tudo o que sabemos.

O *top* tinha um aspeto vulgar. As flores, de tão garridas e infantis, eram quase irónicas. Uma piada de adolescente: o *top* era infantil e sexy ao mesmo tempo.

Lund pegou no segundo saco e examinou o cartão do clube de vídeo. Havia um nome: Theis Birk Larsen.

– Descobrimos isso perto do trilho – acrescentou o polícia. – Esse *top*. Talvez tenham discutido e ele a tenha atirado para fora do carro. E depois...

– E depois – disse Meyer –, ela recuperou os sapatos, o casaco, a mala e a embalagem de preservativos e foi a pé para casa ver televisão.

Lund descobriu que não conseguia parar de olhar para o bosque.

– Quer que eu fale com este tal Birk Larsen? – perguntou o homem de uniforme.

– Sim, faça isso – respondeu Sarah, olhando de relance para o relógio.

Mais oito horas e estaria tudo acabado. Copenhaga e a vida anterior.

Meyer apareceu e Sarah deu por si imersa numa nuvem de fumo.

– Nós podemos falar com o tipo, Lund. Abandonou aqui uma prostituta. Espancou-a. É mesmo o meu género de cliente.

– Bem, não é o tipo de trabalho que nós fazemos.

O cigarro foi parar à vala mais próxima.

– Eu sei. Só... – um pacote de pastilhas elásticas saiu-lhe do bolso. Aquele homem parecia viver de batatas fritas, doces e cigarros. – Só quero

ter uma pequena conversa com ele.

– Acerca de quê? Não temos caso. A prostituta não se queixou.

Meyer inclinou-se para a frente e falou com Sarah como um professor falaria com uma criança.

– Sou bom a conversar.

Meyer tinha orelhas proeminentes, quase cómicas, e não fazia a barba há um dia, pelo menos. Daria um bom infiltrado, pensou Sarah. E talvez fosse isso que fazia antes. Lembrou-se da maneira como Buchard falou com ele. Rufia urbano. Chui. Meyer poderia assumir qualquer um dos papéis.

– Eu disse...

– Devias ver-me, Lund. A sério. Antes de te ires embora. Era a minha prenda para os suecos.

Meyer tirou-lhe o cartão das mãos. Leu-o.

– Theis Birk Larsen.

Sarah Lund descreveu mais um círculo sobre si mesma e interiorizou a erva amarelada, as valas e os bosques.

– Eu conduzo – disse.

Pernille empoleirou-se sobre o peito grande dele, rindo-se como uma criança. Meio vestida no chão da cozinha em plena manhã de trabalho. Aquilo fora ideia de Theis, como a maioria das coisas.

– Veste-te! – ordenou, saindo a rebolar de cima dele e levantando-se. – Vai trabalhar, seu animal.

Theis sorriu como fazia o adolescente impetuoso que Pernille ainda recordava. Mas depois voltou a vestir o seu macacão vermelho-vivo. Quarenta e quatro anos, cabelo ruivo a ficar grisalho, suíças a descerem-lhe até ao queixo largo, rosto pronto para mudar de quente para frio e, em seguida, de novo para o seu característico imobilismo num instante.

Pernille era um ano mais nova, uma mulher ativa, ainda em forma depois de três filhos, o suficiente para o seduzir tão facilmente como há vinte anos, quando se conheceram.

Observou-o a enfiar-se no pesado uniforme e depois a olhar em redor do pequeno apartamento.

Nanna estava no seu ventre quando se mudaram para Vesterbro. No seu ventre quando casaram. Ali, naquela sala luminosa e colorida, com plantas em vasos à janela, fotografias na parede, espelhando o ambiente familiar

desordenado em que a tinham criado. De bebé chorona a bela adolescente, a quem se juntaram, após um intervalo de tempo demasiado longo, Emil e Anton, agora com sete e seis anos, respetivamente.

A família estava alojada por cima do movimentado armazém da empresa de mudanças Birk Larsen. O andar de baixo era um local mais ordenado do que as divisões apinhadas onde viviam os cinco, sempre no caminho uns dos outros. Um emaranhado confuso de lembranças, desenhos, brinquedos e tralha.

Pernille olhou para as ervas aromáticas penduradas por cima da janela, para o modo como a luz do dia se filtrava através delas e ganhava uma tonalidade esverdeada.

Cheia de vida.

– A Nanna vai precisar de um apartamento não tarda nada – disse Pernille, compondo a comprida cabeleira castanha. – Podemos pôr de lado algum dinheiro para isso, não podemos?

Theis roncou de tanto rir.

– Escolhe os teus momentos. A Nanna que escolha os dela. Deixa-a acabar primeiro a escola.

– Theis...

Pernille voltou a enroscar-se nos braços musculosos do marido, olhou para o seu rosto. Algumas pessoas recebavam Theis Birk Larsen. Mas ela não.

– Talvez não seja preciso – disse Theis.

O seu rosto áspero enrugou-se num sorriso astuto de provocação.

– Porquê?

– É segredo.

– Conta-me! – gritou Pernille, batendo-lhe no peito com o punho cerrado.

– Assim deixava de ser segredo.

Theis desceu as escadas até ao depósito. Pernille seguiu-o.

Carrinhas e homens, paletas e mercadorias embaladas em película plástica, inventários e horários.

O soalho rangia sempre. Talvez ela tivesse gritado alto de mais. E os homens tinham ouvido. Pernille podia vê-lo nos seus rostos sorridentes. Vagn Skaerbaek, o amigo mais antigo de Theis, que o conhecera mesmo antes dela, inclinou um chapéu imaginário.

– Conta-me! – ordenou a mulher, tirando o velho blusão de couro preto de Theis do cabide.

Birk Larsen vestiu o blusão, tirou o familiar gorro de lã preto e pô-lo na cabeça. Vermelho por dentro, preto por fora. Theis parecia viver dentro daquele uniforme. Fazia-o parecer um truculento elefante marinho de peito vermelho, feliz com o seu território, pronto para afugentar todos os intrusos.

Um relance para a área de transferência, um visto a aprovar um destino. Depois chamou Vagn Skaerbaek para a carrinha mais próxima, também ela vermelha, como os uniformes, e ostentando o nome Birk Larsen dos lados. Como a bicicleta de três rodas vermelha *Christiania*, com a caixa à frente, que Skaerbaek mantinha em bom estado dezoito anos depois de a terem comprado para transportar Nanna pela cidade.

Birk Larsen. Patriarca de uma dinastia modesta mas feliz. Rei do seu pequeno quarteirão em Vesterbro.

Bateu palmas uma vez com as mãos enormes, gritou ordens. Depois saiu.

Pernille Birk Larsen deixou-se ficar por ali até os homens voltarem ao trabalho. Havia uma declaração de rendimentos para terminar. Dinheiro a pagar, o que nunca era bem-vindo. E também dinheiro para esconder. Ninguém dava tudo ao Estado, se o pudesse evitar.

Não precisamos de mais segredos, Theis, pensou ela.

Sob a estátua dourada de Absalão³, abaixo do campanário e da silhueta acastelada do telhado, colados nas paredes da fortaleza de tijolos vermelhos guarnecida por torres que era a Rådhus, a Câmara Municipal de Copenhaga, viam-se três cartazes.

Kirsten Eller, Troels Hartmann e Poul Bremer. A sorrir como só os políticos sabem.

Eller, a mulher, lábios finos apertados, produzindo algo próximo de um sorriso afetado. O Partido do Centro, para sempre preso numa terra de ninguém filosófica, na esperança de se agarrar a um lado ou ao outro, para depois apanhar as migalhas que caíam da mesa do dono.

Por baixo dela, Poul Bremer sorria para a cidade que possuía. Presidente da Câmara Municipal de Copenhaga durante doze anos, Bremer era um estadista roliço e com uma vida confortável, próximo dos parlamentares que seguravam os cordões da bolsa, em sintonia com as opiniões volúveis das suas ineptas tropas partidárias, familiarizado com a rede dispersa de apoiantes e simpatizantes que acompanhavam cada palavra sua. De casaco

preto, camisa branca, gravata de seda num subtil tom de cinzento e óculos com armações pretas, procurando transmitir uma imagem de competência, aos sessenta e cinco anos Bremer passava a imagem amigável de tio favorito de toda a gente, o generoso portador de presentes e favores, o parente inteligente detentor de todos os segredos, de toda a sabedoria.

Depois vinha Troels Hartmann.

O jovem. O bonitão. O político para quem as mulheres olhavam e que secretamente admiravam.

Hartmann vestia as cores liberais. Fato azul, camisa azul aberta no pescoço. Hartmann, quarenta e dois anos, jovial e com a boa aparência dos homens nórdicos, embora nos seus olhos claros azul-cobalto tenha escapado uma nota de dor à lente do fotógrafo. Um homem bom – dizia a foto. Uma nova geração que recusava vigorosamente o que era velho, trazendo novas ideias, a promessa de mudança. E já tinha meio caminho andado, uma vez que, graças ao sistema eleitoral, geria com energia e visão o Departamento de Educação da cidade. Já vereador, embora apenas das escolas e universidades.

Três políticos prestes a lutar entre si pela coroa de Copenhaga, a capital, uma metrópole em expansão onde mais de um quinto dos cinco milhões e meio de habitantes da Dinamarca vivia, trabalhava e lutava. Jovens e velhos, dinamarqueses natos e imigrantes, recentes e nem sempre bem-vindos. Honestos e diligentes, ociosos e corruptos. Uma cidade como outra qualquer.

Eller, a intrusa, cuja única hipótese era firmar o melhor acordo que conseguisse. Hartmann, jovem, idealista. Ingénuo, diriam os seus inimigos, esperando corajosamente derrubar Poul Bremer, o magnata da política da cidade, do poleiro que o velho reclamava como seu.

Na tarde gelada de novembro, os rostos dos três sorriam para a máquina fotográfica, para os jornalistas, para as pessoas na rua. Passadas as janelas ornamentais manchadas de fumo do castelo de tijolos vermelhos a que chamavam Rådhus, nos corredores com galerias e nos gabinetes que se assemelhavam a celas, onde os políticos se reuniam para confidenciar e conspirar, a vida era diferente.

Por detrás dos sorrisos fixos e artificiais, estava a ser urdida uma guerra.

Madeira brilhante. Janelas longas e elegantes com caixilhos de chumbo. Mobiliário de couro. Talha dourada e mosaicos, e pinturas. O cheiro do

mogno polido.

Havia cartazes de Hartmann por todo o lado, encostados às paredes, prontos para sair para a cidade. Em cima da secretária, numa moldura de madeira, um retrato da mulher na sua cama de hospital, plácida, corajosa e bela, um mês antes de morrer. Ao lado, uma fotografia de John F. Kennedy acompanhado de uma Jackie com olhos de corça, na Casa Branca. Uma banda tocava ao fundo, admirando-os. Jackie sorria num maravilhoso vestido de noite de seda. Kennedy falava com ela, dizendo-lhe algo privado ao ouvido.

A Casa Branca, dias antes de Dallas.

No seu gabinete particular, Troels Hartmann olhava para as fotografias, depois para o calendário sobre a secretária.

Manhã de segunda-feira. Três das semanas mais longas da sua vida política pela frente. A primeira de uma sucessão interminável de reuniões.

Dois dos assessores mais próximos de Hartmann estavam sentados do outro lado da secretária, computadores portáteis abertos, a rever a agenda do dia. Morten Weber, diretor de campanha, amigo desde a faculdade. Empenhado, silencioso, solitário, ativo. Quarenta e quatro anos, cabelos encaracolados revoltos abaixo de uma calvície em progressão, um rosto amável, intenso e desleixado, olhar errante por detrás de óculos baratos de armações douradas. Nunca sabia que aspeto tinha, nem se importava. Na última semana, parecia viver no mesmo casaco muito usado e vincado que não combinava com as calças. Nas suas sete quintas entre as minúcias dos memorandos das comissões e a firmar acordos em salas cheias de fumo.

Por vezes, rolava a sua cadeira de escritório para longe da secretária, impulsionava-se a si próprio até um canto sossegado, retirava a sua agulha e a insulina, levantava a camisa na cintura e injetava-se na barriga flácida e branca. Depois deslizava de volta para a discussão, enfiando novamente a camisa nas calças sem perder um único fio à meada.

Rie Skovgaard, a conselheira política, fingia sempre não reparar.

A mente de Hartmann desviou-se da enumeração de compromissos a que Weber se entregava. Deu por si a ser arrancado ao mundo da política por um momento. Trinta e dois anos, rosto anguloso e intenso, mais atraente do que bonita. Combativa, estridente, sempre elegante. Naquele dia usava um fato verde justo. Caro. Parecia ter ido buscar o cabelo escuro à fotografia sobre a secretária de Hartmann. Jackie Kennedy por volta de 1963, de cabelo

comprido e curvado na direção do pescoço esguio, num penteado aparentemente casual, embora nunca houvesse uma única madeixa fora do lugar.

Weber chamava-lhe o «corte à funeral presidencial» mas apenas nas costas dela. Rie Skovgaard não tinha aquele aspeto quando começara a trabalhar para Hartmann.

Morten Weber era filho de uma professora de Aarhus⁴. Skovgaard tinha vindo com melhores ligações. O pai era um deputado influente. Antes de ter mudado para os liberais, Rie era executiva no escritório de Copenhaga de uma agência de publicidade sediada em Nova Iorque. Agora promovia Hartmann, a sua imagem, as suas ideias, do mesmo modo que em tempos vendera seguros de vida e promovera cadeias de supermercados.

Uma equipa improvável. Difícil de gerir, por vezes. Será que Rie invejava Weber? O facto de ele ter começado duas décadas antes dela, abrindo caminho até ao secretariado do Partido Liberal, o homem dos bastidores, enquanto o sorriso agradável e os modos cativantes de Hartmann traziam a publicidade e os votos?

Rie Skovgaard era uma recém-chegada, farejando oportunidades, a quem a ideologia entediava.

– O debate de hoje à hora do almoço... Precisamos de cartazes na escola – disse Rie num tom profissional, calmo e claro. – Precisamos de...

– Já está tratado – respondeu Weber, acenando com os dedos na direção do computador.

Estava um dia escuro. Chuvoso e nublado. O escritório dava para a fachada do Palace Hotel. À noite, a placa de néon azul lançava uma luz estranha sobre o gabinete.

– Mande lá um carro de manhã cedo.

Rie cruzou os braços muito magros.

– Pensas em tudo, Morten.

– Que remédio.

– Que queres dizer com isso?

– Bremer – Weber murmurou o nome como se fosse um palavrão. – Não é dono desta cidade por acaso.

Hartmann voltou à conversa.

– Mas não vai continuar a sê-lo por muito mais tempo.

– Viste os números da última sondagem? – perguntou Skovgaard.

– Parecem-me bons – respondeu Hartmann. – Melhores do que esperávamos.

Morten Weber abanou a cabeça.

– O Bremer também os viu. Não vai ficar sentado no seu rabo confortável e deixar que o reino lhe escape por entre os dedos. Este debate à hora do almoço, Troels. É uma escola. Estamos a jogar em casa. Os média vão lá estar.

– Fala sobre Educação – interrompeu Skovgaard. – Pedimos fundos extra para instalar mais computadores. Para melhorar o acesso à Internet. O Bremer bloqueou a atribuição dos fundos. Agora, o absentismo subiu vinte por cento. Podemos atirar-lhe isso à cara...

– Bloqueou os fundos pessoalmente? – perguntou Hartmann. – Sabes isso? – acrescentou com um sorriso subtil, provocador.

– Consegui deitar a mão a algumas minutas confidenciais.

Como uma aluna culpada, Skovgaard fez um gesto com as mãos delicadas para os documentos à sua frente.

– Está aqui, preto no branco. Posso divulgar os documentos se for preciso. Estou a encontrar muita coisa que lhe podemos atirar à cara.

– Podemos evitar este tipo de merdas, por favor? – perguntou Weber com uma impertinência mal disfarçada. – As pessoas esperam mais de nós.

– As pessoas esperam que sejamos derrotados, Morten – respondeu imediatamente Skovgaard.

– Estou a tentar mudar isso.

– Rie...

– Havemos de lá chegar – interrompeu Hartmann. – E vamos fazê-lo corretamente. Tive uma reunião com a Kirsten Eller ao pequeno-almoço. Acho que eles querem ir a jogo.

Os dois assessores ficaram em silêncio. Então, Skovgaard perguntou:

– Eles estão interessados numa aliança?

– Com a Kirsten Eller? – resmungou Weber. – Jesus. Isso é fazer um pacto com o diabo...

Hartmann recostou-se na cadeira, fechou os olhos e sentiu-se feliz como não acontecia há alguns dias.

– Estes são tempos diferentes, Morten. Poul Bremer está a começar a perder o apoio. Se pudermos contar com os votos de Kirsten, que ainda têm

algum peso...

– Ficamos com uma coligação maioritária – acrescentou Skovgaard, radiante.

– Temos de pensar bem nisso – disse Weber.

O telefone de Weber tocou. O assessor foi até à janela para atender a chamada. Troels Hartmann folheou os documentos que Rie lhe tinha preparado, um resumo dos pontos mais importantes a focar no debate.

Skovgaard chegou a cadeira para junto de Hartmann, para que pudessem lê-lo juntos.

– Não precisas da minha ajuda, pois não? Estas ideias são tuas. Estamos apenas a recordar-te o que pensas.

– Preciso que me recordem das coisas. Perdi o meu relógio! Um bom relógio. Um...

Skovgaard acotovelou-o. Segurava discretamente o *Rolex* prateado na mão, por debaixo da secretária, para que mais ninguém o pudesse ver. Abriu-lhe os dedos e pressionou-lhe o relógio contra a palma da mão.

– Encontrei-o debaixo da minha cama. Não faço ideia de como foi lá parar. E tu?

Hartmann enfiou o *Rolex* no pulso.

Weber regressou da janela com o telefone na mão e um ar preocupado.

– Era o secretário do presidente. O Bremer quer falar contigo.

– Qual é o assunto?

– Não sei. Quer que vás lá agora.

– Daqui a um quarto de hora – disse Hartmann, consultando o relógio. – Não estou propriamente às ordens dele.

Weber parecia intrigado.

– Disseste-me que tinhas perdido o relógio.

– Vou lá daqui a um quarto de hora – repetiu Hartmann.

* * *

Havia corredores em todas as direções, longos e brilhantes, com frescos de batalhas e de cerimónias em cima, figuras imponentes de armadura, fitando as figuras que se apressavam por baixo delas.

– Não pareces muito satisfeito – disse Hartmann enquanto caminhavam em direção às instalações do presidente da Câmara.

– Satisfeito? Eu sou o teu gestor de campanha. Estamos a três semanas das eleições e tu a formares alianças sem me dares cavaco. Estavas à espera de quê? Uma canção, uma dança e uma piada?

– Achas que o Bremer sabe? Da Kirsten Eller?

– O Poul Bremer consegue ouvir-te a murmurar enquanto dormes. Além disso, se fosses a Kirsten Eller a tentar fazer um acordo... só ias propô-lo a um dos lados?

Hartmann parou à porta da sala de reuniões

– Deixa isso comigo, Morten. Vou descobrir o que se passa.

Poul Bremer estava em mangas de camisa, de pé no estrado junto da cadeira cerimonial que tinha ocupado naqueles últimos doze anos. Falava ao telemóvel em tom jovial.

Hartmann avançou e pegou no livro que estava em cima da mesa, junto do microfone. Uma biografia de Cícero. E escutou, como se esperava que fizesse.

– Sim, sim. Ouve – aquele riso profundo e generoso, a bênção que Bremer soprava sobre aqueles a quem favorecia. – Para a próxima entra para o Governo. Vai ser ministro. É o que prevejo e eu nunca me engano – um olhar de relance ao visitante. – Desculpa... Tenho de desligar.

Bremer sentou-se na cadeira do vice-presidente. Não na do presidente da Câmara.

– Já leste este livro, Troels?

– Não. Lamento.

– Fica com ele. É um presente instrutivo. Lembra-nos de que a única coisa que aprendemos com a História é que... não aprendemos nada com a História – Bremer tinha a voz e as maneiras de um professor afável, aperfeiçoadas ao longo dos anos. – Cícero era um homem excepcional. Teria ido longe se tivesse sabido esperar pela sua hora.

– Parece pesado.

– Vem sentar-te ao pé de mim – Bremer fez um gesto na direção da cadeira ao seu lado. O lugar do presidente da Câmara. O trono. – Experimenta-a para ver se te sentes bem. Não pertence a ninguém. Nem mesmo a mim, independentemente do que possas pensar.

Hartmann alinhou na brincadeira. Acomodou-se na madeira maciça e polida. Sentiu o cheiro do mogno, o cheiro do poder. Olhou em redor da

sala, observando o semicírculo de cadeiras vazias dos vereadores e os monitores de ecrã plano, e os botões de voto à frente de cada lugar.

– É apenas uma cadeira, Troels – disse Bremer, sorrindo-lhe.

O presidente falava e movia-se sempre como um homem mais jovem. Fazia parte da imagem.

– Roma gostava de Cícero, apreciava as suas ideias. As ideias fazem uma boa retórica. Pouco mais. César era um ditador, mas também um velhaco que os romanos conheciam e adoravam. Cícero era impaciente. Intronetado. Um arrivista. Sabes o que lhe aconteceu?

– Foi para a televisão?

– Muito engraçado. Não, lincharam-no. Exibiram as mãos e a cabeça dele no Fórum para que todos pudessem escarnecer delas. Às vezes servimos um bando de sacanas ingratos.

– Querias falar comigo?

– Vi as sondagens. E tu?

– Também.

– Vais dar um bom presidente da Câmara. Vais gerir bem esta cidade – Bremer alisou as mangas do casaco de seda preta, puxou os punhos da elegante camisa branca, tirou os óculos, certificou-se de que estavam limpos e passou a mão pelos cabelos grisalhos. – Só que ainda não vai ser desta vez.

Hartmann suspirou e olhou para o *Rolex* prateado.

– Vou reformar-me daqui a quatro anos. Qual é a pressa?

– Creio que lhes chamam eleições. Acontecem na terceira terça-feira de novembro. De quatro em quatro anos.

– Tenho uma oferta para ti. Um lugar à volta da minha mesa. A gerir mais do que escolas. Há sete cargos. O de presidente da Câmara e seis vereações. Desses seis cargos, podes ficar com o que quiseres. Aprenderás como se gere esta cidade. E, quando chegar a hora, estarás preparado para o cargo e eu transmitir-to-ei de bom grado. – Bremer sorriu. – Garanto-te que ninguém se oporá. Mas ainda não podes ficar com ele. Não estás preparado.

– Essa decisão não te compete, pois não?

O sorriso de Bremer sumiu-se

– Só estou a tentar ser simpático. Não há qualquer necessidade de sermos inimigos...

Hartmann levantou-se e dirigiu-se para a porta. Poul Bremer adiantou-se-lhe e deteve-o com uma mão estendida. Era um homem corpulento, ainda em forma. Contavam-se histórias acerca de Bremer fazer braço de ferro para ganhar apoiantes, quando era jovem. Ninguém sabia se eram verdadeiras. Ninguém tinha coragem de lho perguntar.

– Troels.

– Ocupas esse lugar há demasiado tempo – disse laconicamente Hartmann.

– Sai sem estardalhaço. Com dignidade. Talvez te consiga arranjar um emprego em algum lado.

O velho melífluo olhou para ele, divertido.

– Será que uma pequena promessa do Partido do Centro inspira assim tanta confiança? Oh, por amor de Deus. Eles são animais domésticos. Aquela cadela gorda da Eller não se importa de fazer um broche a quem quer que seja e depois deixa que lhe mijem em cima. Desde que a seguir receba uma vereação. Apesar disso... – Bremer ajeitou os botões de punho de ouro.

– Eles sabem o seu lugar. Um político sensato sabe o seu lugar.

Bremer pegou no livro, estendeu-lho e disse:

– Lê sobre Cícero. Talvez aprendas alguma coisa. Ninguém quer acabar feito em pedaços para gáudio do público. É melhor que estas transições sejam geridas. Tranquilamente. Eficientemente. Com alguma...

– Vais perder – atalhou Hartmann.

O velho deu uma risada.

– Pobre Troels. Nos cartazes pareces tão impressionante. Mas ao vivo...

Bremer esticou o braço e tocou na lapela do fato de seda de Hartmann.

– Que haverá aqui debaixo, interrogo-me? Já não falo dos outros. Será que te conheces a ti próprio?

Meyer saiu do carro antes que Lund tivesse tido tempo de desligar o motor, apresentando rapidamente a identificação a uma mulher que carregava o porta-bagagens de uma carrinha.

Vermelha.

Tudo ali parecia estar pintado num tom vivo de escarlata. Os empregados nos seus macacões. As carrinhas. Até uma bicicleta de três rodas *Christiania*, reluzente e com uma caixa à frente, para levar as crianças à escola e trazer as compras na viagem de regresso, ou para passear um cão preguiçoso pela cidade.

Era tudo da mesma cor e tudo ostentava o nome Birk Larsen. Lund avançou, mal ouvindo o que Meyer dizia, de tal forma estava concentrada em olhar à sua volta.

Duas portas de correr abriram-se para um depósito-garagem. Além dos caixotes, das caixas e das máquinas, Lund conseguiu ver um escritório por detrás de janelas envidraçadas, ao canto, assim como escadas na parte de trás, com um cartaz que dizia «Privado». Aquela era a morada de Birk Larsen. Devia viver por cima do local onde trabalhava.

– Onde está Theis Birk Larsen? – perguntou Meyer.

– O meu marido está a trabalhar. E eu vou sair para ir ter com o contabilista.

A resposta foi dada por uma mulher na casa dos quarenta, elegante, bonita e com cabelos castanhos mais bem cuidados do que os da própria Sarah. Usava uma gabardina bege e tinha um ar incomodado, preocupado. Por causa das crianças, pensou Lund. Ela é que tratava dos filhos. E não gostava da polícia. Quem gostava?

– Moram aqui? – perguntou Lund.

– Sim.

– Theis está lá em cima?

A mulher regressou à garagem.

– É outra vez por causa das carrinhas? Somos uma empresa de mudanças. Claro que atrapalhamos o trânsito.

– Não é por causa das carrinhas – respondeu Lund, seguindo-a a alguns passos de distância. Mais escarlate e uniformes. Homens robustos a arfar ao pé de caixotes, a verificar paletas, olhando-a de alto a baixo. – Apenas queremos saber o que fez o Theis no fim de semana.

– Fomos até à praia. Com os nossos dois filhos. De sexta a domingo. Alugámos um *bungalow*. Porquê?

Lonas e cordas. Caixas de madeira e paletas comerciais. Lund perguntava a si própria o que encontraria no seu papel de «polícia mas não muito» na Suécia. Na verdade, nunca se tinha colocado aquela pergunta. Bengt queria ir. Ela queria ir com ele.

– Talvez o Theis tenha voltado à cidade para tratar de algum assunto? – sugeriu Meyer.

A mulher pegou na folha de caixa. Estava a começar a ficar farta daquilo.

– Mas não foi isso que aconteceu. Foi o primeiro fim de semana que tivemos em dois anos. Porque haveria de ter vindo à cidade?

Escritório desarrumado. Documentos por toda a parte. As grandes empresas não funcionavam daquela maneira. Tinham sistemas. Organização. Dinheiro.

Lund saiu e olhou para o porta-bagagens da carrinha da mulher. Papéis e pastas. Brinquedos. Uma pequena bola de futebol, muito parecida com a que Meyer tinha deixado no gabinete. Uma consola Nintendo maltratada. Sarah deambulou novamente até ao escritório.

– O que fez o Theis quando chegaram a casa? – perguntava Meyer.

– Fomos para a cama.

– Tem a certeza?

Pernille riu-se na cara de Meyer.

– Absoluta.

Enquanto conversavam, Lund passeava pelo escritório, observando a confusão que ali reinava, em busca de algo pessoal no meio de todas as contas, recibos e faturas.

– Não sei o que é que pensam que ele fez... e também não me importo – dizia a mulher. – Estivemos na praia. E depois voltámos para casa. É tão simples como isso.

Meyer cheirou, olhou na direção de Lund.

– Talvez voltemos noutra altura.

E depois saiu, acendeu um cigarro, encostou-se a um dos camiões escarlates e olhou para o céu completamente nublado.

Nas traseiras do escritório, por detrás de arquivadores periclitantes e antiquados, havia um conjunto de fotografias. Uma bela adolescente a sorrir, com os braços em torno de dois rapazinhos. A mesma rapariga, em grande plano, cabelo louro encaracolado cor de champanhe, olhos brilhantes, demasiado maquilhada. A tentar parecer mais velha do que era.

Lund pegou na embalagem de pastilhas de nicotina e atirou uma para a boca.

– Tem uma filha? – perguntou, continuando a olhar para a rapariga, para o seu sorriso cativante. Para ambas as fotografias: sozinha, velha de mais, e com os rapazinhos, a fazer de irmã mais velha.

A mãe estava a sair do escritório. Parou. Virou-se, olhou para Lund e disse, numa voz calma e sumida:

– Sim. E dois rapazes. Um com seis e outro com sete.

– Ela costuma pedir o cartão do clube de vídeo ao pai, de vez em quando?

Lund assistia à mudança da mulher. O rosto a encolher-se, a envelhecer. A boca aberta. As pálpebras a tremerem, como se tivessem vida própria.

– Talvez. Porquê?

– A sua filha esteve aqui a noite passada?

Meyer voltara a entrar e estava à escuta.

A mulher pousou os documentos. Agora parecia preocupada. E assustada.

– A Nanna passou o fim de semana em casa de uma amiga. Lisa. Pensei...

– Pernille levou mecanicamente a mão ao cabelo castanho. – Pensei que talvez nos fosse telefonar. Mas não telefonou.

Lund não conseguia tirar os olhos das fotografias, do rosto que mostravam: feliz, olhando para a máquina fotográfica sem qualquer preocupação.

– Acho que devia ligar-lhe agora mesmo.

Escola Secundária Frederiksholm, no centro da cidade. Onde estava o dinheiro. Não em Vesterbro. Intervalo da manhã. Lisa Rasmussen telefonou uma vez mais.

«Fala a Nanna. Estou a fazer os trabalhos de casa. Deixe uma mensagem. Bye!»

Lisa Rasmussen respirou fundo e disse:

«Nanna liga-me, por favor.»

Que parvoíce, pensou. Era a terceira vez naquela manhã que deixava a mesma mensagem. Agora estava sentada na escola, a ouvir o professor, Rama, a falar acerca de cidadania e das próximas eleições. Ninguém sabia onde estava Nanna. Ninguém a tinha visto desde a festa de Halloween que decorrera no átrio da escola, na sexta-feira anterior.

– Hoje – disse Rama – vão ter a oportunidade de decidir em quem votar.

Havia uma foto no quadro branco. O semicírculo de cadeiras na Rådhus. Três políticos, um com bom aspeto, um velho e uma mulher gorda com ar presunçoso. Lisa estava-se nas tintas para aquilo.

Tirou mais uma vez o telemóvel do bolso e digitou mais uma mensagem.

Nanna, onde raio é que te meteste?

– Temos sorte em viver num país onde existe direito de voto – prosseguiu o professor. – O direito de decidirmos o nosso próprio futuro. De controlarmos o nosso destino.

Tinha trinta e tal anos e viera algures do Médio Oriente. Não é que isso se notasse na sua voz. Algumas das raparigas gostavam dele. Alto e bonito. Corpo agradável, roupa fixe. Sempre prestável. Sempre com tempo para eles.

Lisa não gostava muito de estrangeiros. Mesmo quando sorriam e tinham bom aspeto.

– Ora bem, vamos ouvir as perguntas que prepararam para o debate – disse Rama.

Sala cheia; todos os outros pareciam estar interessados.

– Lisa – tinha logo que a escolher! – As tuas três perguntas? Estão no teu telemóvel?

– Não.

A voz de Lisa soou como a de uma criança petulante e ela sabia-o. Rama inclinou a cabeça e esperou.

– Não me lembro das perguntas. Não consigo...

A porta abriu-se e a diretora Koch entrou. A assustadora Koch, a mulher de meia-idade atarracada que ensinava Alemão antes de ser promovida a diretora da escola.

– Desculpe – disse Koch. – A Nanna Birk Larsen está aqui?

Não houve resposta.

Koch postou-se à frente da turma.

– Alguém viu a Nanna hoje?

Nada. A diretora aproximou-se para falar com o professor. Lisa Rasmussen já sabia o que estava para vir.

Um minuto depois, Lisa estava lá fora com os dois. Koch olhou intensamente para ela com aqueles olhos negros ferozes e perguntou:

– Onde está a Nanna? A polícia está à procura dela.

– Não a vejo desde sexta-feira. Porque me pergunta isso a mim?

Koch olhou para Lisa como que a dizer: «Estás a mentir.»

– A mãe de Nanna disse à polícia que ela passou o fim de semana em tua casa.

Lisa Rasmussen riu-se. Às vezes, as pessoas pensavam que ela e Nanna eram irmãs. Tinham a mesma altura, usavam as mesmas roupas e também tinham ambas o cabelo louro, apesar de Nanna ser mais bonita. E Lisa sempre fora um pouco mais cheinha nas ancas.

– O quê? A Nanna não ficou em minha casa.

– Não sabes onde ela está? – perguntou Rama, mais suavemente.
– Não! Como é que haveria de saber?
– Se a Nanna telefonar, diz-lhe para ligar para casa – ordenou Koch. – É importante. – A diretora olhou para Rama. – Eles precisam da sua sala para o debate. Veja se saem por volta das onze.

Quando Koch se foi embora, Rama virou-se, pegou no braço de Lisa Rasmussen e disse:

– Se tiveres alguma ideia de onde a Nanna está, tens de dizer.
– O professor não devia tocar-me
– Desculpa – Rama retirou a mão. – Se souberes...
– Eu não sei de nada – disse Lisa. – Deixe-me em paz.

Lund e Meyer estavam no andar de cima, no apartamento dos Birk Larsen. Era tão caótico como o escritório, mas de uma maneira agradável. Fotografias, pinturas, plantas e flores. Vasos e lembranças de férias. *Decorado*, pensou Lund. Ela também nunca o tinha conseguido fazer. A mulher que agora sabia chamar-se Pernille Birk Larsen esforçava-se no seu papel de mãe. Parecia desempenhá-lo bem. Pelo menos, pelo que Sarah podia constatar.

– A sua filha não está na escola – disse Lund.

Pernille ainda tinha a gabardina vestida, como se nada daquilo estivesse a acontecer.

– A Nanna deve estar em casa da Lisa. Elas são amigas. A Lisa tem um apartamento alugado juntamente com dois rapazes. A Nanna está lá sempre.

– A Lisa está na escola. Disse que a Nanna não esteve em casa dela.

A boca de Pernille pendia, entreaberta. Tinha os olhos arregalados e sem expressão. Na parede da cozinha, Lund viu as mesmas duas fotografias do escritório: Nanna com os rapazinhos, Nanna sozinha, linda e parecendo demasiado velha para os seus dezanove anos. Fixada numa placa de cortiça, ao lado de um horário de eventos desportivos escolares. Reinava uma atmosfera de domesticidade casual e descontraída naquele lugar. Como o cheiro de um cão, que passa despercebido ao dono, mas que um estranho nota imediatamente.

– Que foi que lhe aconteceu? Onde está a Nanna? – perguntou Pernille.

– Provavelmente não lhe aconteceu nada. Faremos o nosso melhor para a encontrar.

Lund entrou no vestíbulo minúsculo e telefonou para o quartel-general.

Meyer levou Pernille para onde esta não pudesse ouvir Lund e começou a pedir-lhe fotografias de Nanna.

Quando passaram a chamada a Buchard, Lund disse:

– Preciso de toda a gente que possamos dispensar para tratar deste assunto – o velho nem sequer fez perguntas, limitando-se a ouvir. – Diz-lhes que estamos à procura de Nanna Birk Larsen, de dezanove anos. Desaparecida desde sexta-feira. Manda cá alguém para tratar das fotos.

– E vocês?

– Vamos agora mesmo para a escola dela.

Hartmann e Rie Skovgaard tinham uma sala de aulas vazia para preparar. Skovgaard reviu uma vez mais os números das verbas atribuídas à Educação. Hartmann andava nervosamente de um lado para o outro. Por fim, Rie fechou o computador portátil e foi examinar a roupa de Hartmann. Sem gravata, camisa azul. Estava com ótimo aspeto. Mesmo assim, Rie ajeitou-lhe o colarinho, chegando-se suficientemente perto para que Hartmann não resistisse a abraçá-la.

As mãos do político deslizaram pelas costas dela, puxando-a para si. Hartmann beijou-a. Uma paixão repentina. Inesperada. Ela teve vontade de rir. Ele queria mais.

– Vem viver comigo – disse Hartmann, empurrando-a contra a secretária. Rie caiu sobre a mesa, deu uma risadinha e envolveu-o com as suas longas pernas.

– Não estás muito ocupado?

– Para ti não.

– Depois das eleições.

A expressão dele mudou. O político voltara.

– Para que é preciso tanto segredo?

– Porque eu tenho um trabalho para fazer, Troels. E tu também. Não queremos complicações – a voz dela baixou um tom. Os seus olhos sagazes piscaram. – E não queremos que o Morten fique com ciúmes.

– O Morten é o assessor político mais experiente que temos. Ele sabe o que está a fazer.

– Então e eu, não sei?

– Eu não disse isso. Não quero falar sobre Morten...

As mãos de Rie estavam outra vez no casaco dele.

– Vamos resolver isto quando ganhares, está bem? – Hartmann estava outra vez a chegar-se a ela.

A porta abriu-se. A diretora Koch entrou. Parecia envergonhada.

– O presidente da Câmara chegou – disse Koch com um sorriso cúmplice.

– Não sei se já estão prontos.

Hartmann abotoou o casaco e saiu para o corredor.

Poul Bremer sorria por baixo de um cartaz de uma cantora *pop* seminua. Rie Skovgaard deixou-os sozinhos e foi inspecionar a sala.

– Espero que o Partido do Centro goste das tuas ideias, Troels. Muitas delas são boas. Muito semelhantes às do teu pai.

– Achas?

– Têm a energia vigorosa dele. O otimismo dele.

– Convicção – disse Hartmann. – As ideias vinham-lhe daquilo em que acreditava. Não por pensar que poderia ganhar votos com elas.

Bremer concordou.

– É uma pena que o teu pai nunca tenha sido suficientemente bom para conseguir fazer passar a mensagem.

– Vou pensar nele. Quando conquistar o teu cargo.

– Acredito que sim. Um dia – Bremer tirou um lenço e limpou os óculos. – És mais robusto do que ele. O teu pai sempre foi... Como hei de dizer? – os óculos voltaram ao lugar e aqueles olhos gelados miraram-no de alto a baixo. – Frágil. Como porcelana – Bremer ergueu a mão direita. Um punho grande. De lutador, apesar de todas as aparências exteriores.

– Estava-se mesmo a ver que ia quebrar-se.

O clique dos dedos fortes de Bremer soou tão alto que pareceu ecoar pelas paredes a descascar.

– Se eu não o tivesse quebrado, o teu pai ter-se-ia quebrado a si mesmo. Acredita. De certa forma, fiz-lhe um favor. É preferível não mantermos as nossas ilusões por muito tempo.

– Vamos lá começar este debate – disse Hartmann. – Está na hora...

Quando se viraram para se dirigirem à sala, a diretora Koch estava a vir ao encontro deles. Parecia preocupada. Estava acompanhada por uma mulher com um impermeável azul, uma camisola estranha com um padrão preto e

branco visível por baixo do impermeável e o cabelo penteado para trás como o de uma adolescente demasiado ocupada para pensar em namorados.

Uma mulher que não ligava à aparência. O que era estranho, uma vez que era vistosa e atraente.

Agora, a mulher olhava em frente, para eles e apenas para eles. Tinha olhos muito grandes e penetrantes.

De certa forma, Hartmann não ficou surpreendido quando a mulher exibiu a identificação da polícia. Dizia: *Vicekriminalkommissaer Sarah Lund*.

Bremer recuara para o fundo do corredor assim que vira a subcomissária a aproximar-se.

– Vão ter de cancelar o debate – disse Lund.

– Porquê?

– Há uma rapariga desaparecida. E eu preciso de falar com pessoas daqui. Com os alunos da turma dela. Com os professores. Tenho de...

A diretora Koch estava a levá-los para uma sala lateral, para longe do corredor.

Hartmann ouviu a detetive.

– Quer que eu cancele um debate porque uma aluna faltou às aulas?

– É importante que eu fale com todos – insistiu Lund.

– Todos?

– Todos aqueles com quem quero falar.

Lund não se mexeu. Não parava de olhar para ele. Nada mais.

– Podíamos adiar o debate uma hora – sugeriu Hartmann.

– Para mim não dá – atalhou Bremer. – Tenho compromissos. O convite foi teu, Troels. Se não consegues que isto se faça à hora marcada...

Hartmann deu um passo na direção de Sarah Lund e perguntou:

– O assunto é muito grave?

– Espero que não tenha acontecido nada.

– Perguntei se o assunto é muito grave.

– É isso que estou a tentar descobrir – respondeu Lund. Em seguida, pôs as mãos nas ancas e esperou por uma resposta. – Então...

Olhou em redor, inspecionando as salas.

– Então está resolvido – acrescentou Lund.

Bremer tirou o telemóvel do bolso, verificou algumas mensagens.

– Ligue para a minha secretária. Vou tentar encaixá-lo. Ah! – um súbito lampejo de cordialidade. – Tenho uma boa notícia para as tuas escolas das

zonas degradadas do centro. Parece que o absentismo aumentou vinte por cento – o presidente riu-se. – E não podemos permitir uma coisa destas, pois não? Por isso vou disponibilizar verbas para comprarem equipamento adicional. Para mais computadores. As crianças adoram essas coisas. E assim, o problema fica resolvido.

Hartmann ficou a olhar fixamente para Bremer, mudo de espanto. O presidente encolheu os ombros.

– Ter-te-ia dito isto lá dentro. Mas agora... Vamos desbloquear a verba de imediato. É uma boa notícia. De certeza que vais ficar satisfeito.

Um longo momento de silêncio.

– Já vi que sim – concluiu então Bremer. Depois acenou e foi-se embora.

Três e meia da tarde. Ainda estavam na sala onde o debate deveria ter tido lugar, sem terem chegado a nenhuma conclusão. Nanna estivera na festa de Halloween, no átrio da escola, na sexta-feira anterior, envergando um chapéu de bruxa preto e uma cabeleira azul berrante. Ninguém a tinha visto desde então.

Agora era a vez do professor.

– Como é a Nanna?

Todos lhe chamavam Rama. O professor não se destacava apenas por ser um homem bastante atraente, de pele, olhos e cabelo escuros que não deixavam dúvidas sobre a sua proveniência, o Médio Oriente. Era também um dos cidadãos exemplares de Troels Hartmann, fazendo parte de uma iniciativa para integrar melhor os grupos de imigrantes no tecido comunitário. Rama era um homem articulado, inteligente e convincente.

– A Nanna é uma rapariga inteligente – respondeu o professor. – Sempre cheia de energia. Sempre a querer fazer alguma coisa.

– Eu vi a fotografia dela. Tem dezanove anos mas parece mais velha.

Rama assentiu.

– É o que todas querem, não é verdade? Estão desesperadas para crescer. Ou para sentir que cresceram. A Nanna é a melhor aluna da turma na maior parte das disciplinas. É uma rapariga brilhante. Mas isso não a impede de desejar o mesmo que as outras desejam.

– Que é?

O professor olhou para Lund.

– Elas são adolescentes. Está a falar a sério?

- Que aconteceu na festa?
- Roupas extravagantes. Uma banda. Fantasmas e abóboras.
- A Nanna tem namorado?
- Pergunte à Lisa.
- Estou a perguntar-lhe a si.

Rama parecia pouco à vontade.

- Um professor deve ficar de fora dessas coisas.

Lund saiu, deteve a primeira rapariga que encontrou, fê-la sentar-se e conversou com ela até obter uma resposta.

Depois voltou para junto do professor.

- Oliver Schandorff. Frequenta esta escola?

– Não.

- Sabia que o Oliver era namorado dela?

– Já lhe tinha dito. É preferível mantermos uma certa distância. – Lund esperou. – Eu sou professor da Nanna. Não sou o guardião da rapariga. Nem pai dela.

Lund olhou para o relógio. Os interrogatórios duraram mais de três horas e aquilo era tudo o que tinham. Tudo o que todos eles tinham. Meyer, que fora até aos bosques e campos perto do aeroporto com uma equipa de busca, não descobrira nada de nada.

– Merda.

– Desculpe – disse o professor.

– Não é consigo.

O problema é meu, pensou Sarah. De certeza que teria conseguido o mesmo de Pernille em poucos minutos, se tivesse tentado. Porque seria que as melhores perguntas só surgiam quando já tinha alguma coisa – as pessoas, as provas, os crimes – à sua frente?

Duzentas e trinta e cinco casas geminadas de três andares constituíam a zona a que chamavam Humleby, uma minúscula área residencial a quatro ruas de distância da casa dos Birk Larsen. Cor de ardósia e bronze, as casas tinham sido construídas no século XIX para os trabalhadores do estaleiro que havia nas proximidades. Depois, a cervejeira Carlsberg expandiu-se, e as casas foram parar às mãos dos homens que faziam cerveja. Entraram lentamente no mercado, sendo procuradas apesar de algumas precisarem de obras avultadas. Theis Birk Larsen tinha comprado a mais barata que

conseguiu encontrar. Antes disso, a casa tinha sido ocupada ilegalmente, e para trás ficou lixo, colchões e móveis baratos. Era preciso deitar tudo fora e fazer uma quantidade de reparações para recuperar a casa. Theis faria a maior parte do trabalho sozinho, sem levantar ondas, sem dizer nada a Pernille, pelo menos até estar quase na altura de se mudarem e de deixarem o diminuto apartamento por cima da garagem

Vagn Skaerbaek estava a dar uma ajuda. Conheciam-se desde a adolescência e passaram por muita coisa juntos, incluindo algumas aparições em tribunal. Para Birk Larsen, Vagn tornara-se quase um irmão mais novo, um tio para as crianças, empregado fixo na empresa de transportes. De confiança, amável, simpático para Anton e Emil. Um homem solitário que parecia não ter vida própria quando despia o uniforme escarlate.

– A Pernille anda à tua procura – disse Skaerbaek, desligando o telemóvel.

– Ela não pode saber nada acerca deste sítio. Já te disse. Nem uma palavra até eu dizer.

– A Pernille anda a telefonar a toda a gente a perguntar onde é que tu te meteste.

Havia andaimes no exterior, telas protetoras junto das janelas podres. Birk Larsen estava a pagar aos seus próprios homens para levar para lá tábuas de madeira novas para o soalho, calhas e canos, tendo-os feito prometer que guardariam silêncio sobre a casa quando Pernille estava por perto.

– Os miúdos podem ter os seus próprios quartos – disse Theis, olhando para a casa de pedra cinzenta. – Estás a ver aquela janela de cima?

Skaerbaek assentiu.

– A Nanna fica com aquele andar todo, uma escada só para ela e um pouco de privacidade. A Pernille ganha uma cozinha nova. E eu... – Theis deu uma gargalhada. – Alguma paz e sossego.

– Isto vai custar uma fortuna, Theis.

Birk Larsen enfiou as mãos nos bolsos do seu macacão vermelho.

– Cá me hei de arranjar.

– Talvez eu possa ajudar.

– O que é que isso quer dizer?

Skaerbaek era um homem franzino e irrequieto. Ficou para ali a mudar o peso do corpo de um pé para o outro durante mais tempo do que era costume.

– Sei onde há trinta televisores B&O muito baratos. Tudo o que temos de...

– Tens dívidas. É isso?

– Ouve, tenho compradores para metade deles... Podemos partilhar...

Birk Larsen tirou um maço de notas do bolso, sacou umas quantas.

– Só preciso de pedir uma empilhadora emprestada e...

– Toma lá – Theis dobrou as notas e pô-las na mão de Skaerbaek. – Esquece os televisores. Já não somos adolescentes, Vagn. Eu tenho família. Um negócio. Tu fazes parte de ambos. Sempre farás.

Skaerbaek ficou a olhar para o dinheiro. Birk Larsen desejava que o amigo se livrasse daquela estúpida corrente prateada que usava ao pescoço.

– Como é que os miúdos se sentiriam se tivessem de ir visitar o tio Vagn à cadeia?

– Não tens obrigação de fazer isto... – começou Skaerbaek a dizer.

Theis Birk Larsen não estava a ouvi-lo. Pernille aproximava-se na bicicleta *Christiania*, tão depressa que a pequena caixa de carga que brilhava na parte da frente saltitava para cima e para baixo sobre as pedras da calçada.

Theis esqueceu tudo acerca da casa secreta, acerca das obras e de onde o dinheiro viria.

Pernille estava com péssimo aspeto.

Desmontou, foi direita a ele e pegou-lhe nas lapelas do blusão de couro preto.

– A Nanna desapareceu – Pernille estava sem fôlego, pálida, assustada. – A polícia encontrou o teu cartão do clube de vídeo num descampado ao pé do aeroporto. Eles encontraram...

Pernille levou a mão à boca. Os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas.

– Encontraram o quê?

– O *top* dela. Aquele cor-de-rosa com as flores.

– Muitas raparigas usam *tops* como esse. Não é?

– A mulher lançou-lhe um olhar penetrante.

– E o cartão do clube de vídeo?

– Eles falaram com a Lisa?

Vagn Skaerbaek estava à escuta. Pernille olhou para ele e disse:

– Importas-te, Vagn?

– Precisas de ajuda?

Birk Larsen olhou fixamente para o amigo. Vagn foi-se embora.

– Então e o sacana do rapaz?

– A Nanna já não namora com ele.

As faces de Pernille estavam vermelhas de raiva.

– A polícia falou com ele?

Um suspiro profundo. Depois, Pernille disse:

– Não sei.

Theis tirou as chaves do bolso, chamou Skaerbaek:

– Leva a Pernille para casa. E leva também a bicicleta. – Ocorreu-lhe um pensamento. – Porque não vieste de carro?

– Não me deixam pegar no carro. Disseram-me que tinha de ficar lá.

Theis Birk Larsen apertou a mulher nos seus braços fortes, abraçou-a e beijou-a uma vez, tocou-lhe na face, olhou-a nos olhos e disse:

– A Nanna está bem. Eu vou encontrá-la. Vai para casa e espera por nós.

Depois, entrou na carrinha e foi-se embora.

– Vou deixar-te em casa da avó. Tens a tua chave?

O tempo estava a piorar, o dia ia terminar com neblina e granizo. Lund estava a caminho de Østerbro, e o filho de doze anos, Mark, ia sentado no lugar do passageiro.

– Quer dizer que já não vamos para a Suécia?

– Primeiro tenho de fazer uma coisa.

– Eu também.

Lund olhou para o filho. Mas, na verdade, na sua mente apenas visualizava a relva amarelada, o *top* manchado de sangue de uma adolescente. E a fotografia de Nanna Birk Larsen, sorrindo como uma irmã mais velha orgulhosa dos seus irmãozinhos. E parecendo demasiado crescida com toda aquela maquilhagem.

Lund não fazia ideia do que Mark estava a dizer.

– Eu disse-te, mãe. Hoje é a festa de anos do Magnus.

– Mark, o nosso voo é hoje à noite. Isto está combinado há séculos.

O filho resmungou e virou-se para olhar pela janela raiada de chuva.

– Pareces um alce com papeira – disse Sarah. Lund riu-se. O filho não. – Vais adorar a Suécia. A escola é excelente. E vou ter mais tempo para ti. Podemos...

– Ele não é meu pai.

O telemóvel de Lund começou a tocar. Sarah olhou para o número e começou a tentar enfiar o auricular no ouvido.

– Claro que não. Descobriu-te um clube de hóquei.
– Já tenho clube.
– Deves estar farto de ser o mais novo do FCK. – Silêncio. – És o mais novo, não és?
– Chama-se KSF.
– Estou? – disse Lund para o telemóvel.
– KSF – repetiu Mark.
– Estou a caminho.
Mark começou a soletrar.
– K... S... F...
– Sim.
– Enganas-te sempre.
– Sim.
Já não estava longe, o que lhe agradou por duas razões. Queria ver Meyer. E Mark estava a... atrapalhar.
– Já não falta muito e depois vamos para o aeroporto – disse Sarah. – Tens mesmo a tua chave, não tens?

Sob um céu sombrio e monocromático, uma única coluna de vinte agentes, vestidos de azul, movia-se lentamente pela relva amarelada, vasculhando a lama e os tufos de vegetação com varas vermelhas e brancas, enquanto os cães pisteiros farejavam a terra húmida.

Lund observou-os por um momento e depois dirigiu-se ao bosque. Havia uma segunda equipa a trabalhar por entre as árvores cobertas de líquenes, a examinar o solo e a colocar marcadores, atrás de outra equipa de cães.

Meyer envergava uma jaqueta da polícia e estava ensopado até aos ossos.

– O rasto é nítido? – perguntou Lund.

– O suficiente. Os cães seguiram-no desde o sítio onde encontrámos o *top*
– Meyer olhou para as suas anotações e fez um gesto na direção de um matagal a dez metros de distância. – Também recolhemos alguns cabelos louros que estavam presos num arbusto.

– Aonde vai dar?

– Aqui – disse Meyer, gesticulando com o mapa na mão. – Onde nós estamos – outra olhadela às notas. – A rapariga estava a correr. Andava aos ziguezagues por entre as árvores. E foi aqui que parou.

Lund aproximou-se e espreitou por cima do ombro de Meyer.

– O que temos aqui perto?

– Uma estrada para transporte de troncos. Talvez ela tenha sido recolhida aqui.

– Então é o telemóvel da rapariga?

– Está desligado desde sexta-feira à noite. – Meyer não gostava daquelas perguntas óbvias. – Ouve, Lund. Passámos a pente fino o percurso que a rapariga fez. Duas vezes. Ela não está aqui. Estamos a perder tempo.

Sarah virou-se e afastou-se, olhando novamente para a zona pantanosa e para a erva amarelada.

– *Hello?* – disse Meyer com aquele sarcasmo seco com que Lund começava a familiarizar-se. – Serei invisível?

Lund regressou e disse:

– Espalhem-se. Sigam o mesmo caminho mais uma vez.

– Ouviste alguma palavra do que eu disse?

O intercomunicador numa das jaquetas da equipa de busca grasnou o nome dela.

– Encontrámos uma coisa – disse uma voz.

– Onde?

– Nas árvores.

– O que é?

Uma pausa. Começava a escurecer. E depois:

– Parece uma sepultura.

O mesmo crepúsculo preguiçoso instalava-se sobre a cidade, húmida e triste, brumosa e fria. Na sede de campanha, sob as pétalas cor de coral dos candeeiros em forma de alcachofra, Hartmann ouvia as respostas de Morten Weber. Poul Bremer não regressaria à escola para outro debate. Gerir a cidade era mais importante do que pedir votos.

– É mesmo típico dele, não é? – disse Hartmann.

Rie Skovgaard pôs uma chávena de café sobre a secretária do vereador.

– O gabinete de Bremer anunciou a nova atribuição de fundos enquanto estávamos na escola. Estava pronto para divulgar a notícia, independentemente do que acontecesse.

– Bremer estava a par dos vinte por cento. Como é que isso pôde acontecer, Morten? – perguntou Hartmann.

Weber pareceu ficar desconcertado com a pergunta.

– Porque é que me perguntas isso a mim? Talvez ele tenha encomendado a sua própria sondagem. Faz sentido. Prometer dinheiro para a Educação dá sempre mais alguns pontos.

– E obtinha os mesmos resultados do que nós? Não, ele sabia.

Weber encolheu os ombros.

– Não devias ter cancelado o debate – disse Skovgaard.

O telemóvel de Hartmann tocou.

– Há uma rapariga desaparecida. Não tive escolha.

– Fala Therese – disse a voz na linha.

Hartmann olhou de relance para Rie Skovgaard.

– Agora não é boa altura. Depois ligo-te.

– Não desligues, Troels. Não estás demasiado ocupado para isso. Temos de encontrar-nos.

– Isso não seria boa ideia.

– Alguém anda a tentar desenterrar porcarias sobre ti.

Hartmann respirou fundo.

– Quem?

– Um jornalista telefonou-me. Não quero falar sobre isto ao telefone.

– Temos aqui uma angariação de fundos às cinco. Vem cá a essa hora.

Posso sair durante algum tempo.

– Está combinado.

– Therese...

– Tem cuidado contigo, Troels.

Weber e Skovgaard estavam a observá-lo.

– Alguma coisa que precisemos de saber? – perguntou Skovgaard.

Theis Birk Larsen foi até à residência de estudantes em Nørrebro, onde Lisa Rasmussen morava com Oliver Schandorff e outros alunos da escola, a fingir que eram adultos, a irem para a cama uns com os outros, a beber, a fumar droga e a fazerem figura de parvos.

Lisa estava na rua, às voltas na sua bicicleta. Theis pegou no guiador.

– Onde está a Nanna?

A rapariga estava vestida como uma prostituta adolescente, como todas as outras. E como Nanna, se ele a deixasse. Lisa não o olhou nos olhos.

– Já lhes disse. Não sei.

O enorme punho de Theis não se mexeu.

– Onde é que anda esse sacana do Schandorff?

Lisa continuou a olhar fixamente para a parede.

– Não está cá. Desde sexta-feira que não aparece por aqui.

Theis baixou-se e aproximou as suíças do rosto de Lisa.

– Onde é que ele está?

Por fim, os olhos da rapariga encontraram os seus. Parecia ter estado a chorar.

– O Oliver disse que os pais iam estar fora durante o fim de semana. Ele ficou lá, acho eu. Depois da festa de Halloween...

Birk Larsen não esperou para ouvir mais.

Pelo caminho, Theis telefonou a Pernille.

– Acabei de falar com a Lisa – disse Theis. – Vou agora buscar a Nanna.

Theis apercebeu-se do alívio da mulher pelo seu breve suspiro.

– É outra vez aquele sacaninha rico. Os pais estão fora. Se calhar, ele está a...

Theis não quis dizer aquilo, nem sequer pensá-lo.

– Tens a certeza de que a Nanna está lá? Foi a Lisa que te disse isso?

O tráfego de fim de tarde era compacto. Havia um engarrafamento numa das novas circulares, a sul, perto do aeroporto.

– Tenho a certeza. Não te preocupes.

Pernille chorava. Theis quase podia ver as lágrimas da mulher. Desejava poder tocar-lhes, afastá-las com os seus dedos gordos e ásperos. Pernille era bela e preciosa. Como Nanna, Emil e Anton. Todos eles mereciam mais do que lhes tinha dado e faltava pouco para que o obtivessem.

– Já não vai demorar muito, minha querida. Prometo.

* * *

Quando Lund regressou às árvores nuas e escuras, Buchard telefonou.

– O helicóptero. Três unidades forenses. Encontraram alguma coisa, espero?

– Uma sepultura.

– E não me dizias nada?

– Eu tentei. Estavas numa reunião.

– Estava na tua festa de despedida. As pessoas não conseguem despedir-se como deve ser no espaço de um pequeno-almoço...

– Espera um momento.

Meyer vinha na sua direção por entre as árvores. Carregava nos braços algo embrulhado numa grande película de plástico para provas. Um cadáver.

– Já encontraram alguma coisa? – perguntou Buchard.

Meyer pousou o embrulho no chão, abriu-o e mostrou-lhe uma raposa morta. Rígida e seca, o pelo cheio de terra. Tinha um lenço dos escoteiros em torno do pescoço, juntamente com o arame que a tinha estrangulado.

– Podemos pedir-lhes para descobrirem se há crianças a morar nesta zona – disse Meyer, erguendo a raposa pelas patas traseiras. – A crueldade para com os animais é uma coisa chocante.

– Não – disse Lund a Buchard. – Ainda não.

– Bem, arrumem a tralha, venham para cá e entreguem-me um relatório completo. Talvez haja tempo para tomarmos uma cerveja antes de apanharem o teu avião.

Meyer estava a observá-la, com o animal morto e duro debaixo do braço. A raposa tinha os olhos negros e vidrados, a pele manchada de lama.

– Apresento-te o meu novo amigo Foxy – disse Meyer com um sorriso rápido e mordaz. – Vais gostar dele.

* * *

Mais uma receção entre tantas outras. Fazia parte da agenda política. Era uma oportunidade para conhecer pessoas, negociar, fazer alianças, confirmar inimizades.

A refeição foi oferecida por uma empresa petrolífera, as bebidas por um magnata dos transportes. Um quarteto de cordas tocava Vivaldi. Morten Weber falava de política, enquanto Rie Skovgaard fazia conversa de circunstância.

Hartmann sorria e conversava, distribuía apertos de mão e falava de trivialidades. Depois, quando o telemóvel tocou, desculpou-se e regressou ao seu gabinete.

Therese Kruse estava à sua espera. Era dois anos mais nova do que ele. Casada com um banqueiro enfadonho. Uma mulher séria, bem relacionada, atraente e mais dura do que aparentava.

– Estás a sair-te bem nas sondagens. Os tipos do Governo estão a reparar em ti.

– Acho muito bem. Trabalhámos para isso.

– É verdade.

– Apanhaste o nome do jornalista? – Therese entregou-lhe um papel. *Erik Salin*. – Nunca ouvi falar dele – disse Hartmann.

– Fiz algumas perguntas. Salin trabalhava como investigador particular. Agora é jornalista *freelancer* e vende histórias sórdidas a quem der mais por elas. A jornais, revistas, *websites*. Enfim, a quem quer que lhe pague.

Hartmann enfiou a nota no bolso.

– E?

– Salin queria saber se tu pagas as tuas contas de hotel com o teu próprio cartão de crédito ou com o do Estado. Se compras muitos presentes. Coisas desse género. Não lhe disse nada, claro...

Hartmann bebeu um pouco de vinho.

– Queria saber sobre nós – acrescentou Therese.

– Que foi que lhe disseste?

– Ri-me de tudo aquilo, claro. Afinal... – o sorriso foi breve e amargo. – Afinal não significou grande coisa, pois não?

– Nós concordámos que era melhor assim, Therese. Desculpa. Eu não podia...

Hartmann não terminou a frase.

– Não podias fazer o quê, Troels? Assumir o risco?

– O que é que ele sabia?

– Sobre nós? Nada. Estava apenas a tentar tirar nabos da púcara – de novo o sorriso cáustico. – Talvez julgue que, se fizer a mesma pergunta a mulheres suficientes, acabe por descobrir ouro. Mesmo assim, acho que ele sabe mais qualquer coisa. Não sei como.

Hartmann olhou de relance para a porta, certificou-se de que estavam sozinhos.

– Como por exemplo?

– Salin parece ter visto a tua agenda. Estava a verificar datas. Sabia onde estiveste e quando.

Hartmann olhou novamente para o nome, perguntando a si próprio se já o ouvira em algum lado.

– Ninguém fora deste gabinete tem acesso à minha agenda.

Therese encolheu os ombros. Levantou-se. A porta abriu-se. Rie Skovgaard olhou para os dois.

Com um sorriso rígido de suspeição, Rie disse:

– Não sabia que tinhas companhia, Troels. Há pessoas na receção que tens de conhecer – as mulheres fitaram-se. A avaliar. A julgar. Não havia necessidade de palavras.

– Já vou – disse Troels Hartmann.

Oliver Schandorff era um rapaz magricela de dezanove anos com cabelo ruivo encaracolado e um rosto azedo e sisudo. Estava a fumar o terceiro cigarro do dia quando Theis Birk Larsen irrompeu pela porta da frente.

Schandorff deu um salto na cadeira e afastou-se quando o homem enorme e furioso marchou na sua direção.

– Vai chamá-la imediatamente – berrou Birk Larsen. – Ela vem comigo.

– *Hello!* – gritou Schandorff, saltando para o corredor. – Há aqui uma campainha. Isto é uma casa particular.

– Não brinques comigo, miúdo. Vai chamar a Nanna.

– A Nanna não está aqui.

Birk Larsen começou a percorrer o rés-do-chão, a abrir portas, a berrar o nome da filha.

Schandorff seguia-o a uma distância segura.

– Senhor Birk Larsen. Já lhe disse que a Nanna não está aqui.

Birk Larsen regressou ao vestíbulo. Havia roupas numa cadeira ao lado do sofá. Uma *T-shirt* cor-de-rosa. Um sutiã. *Jeans*.

Theis praguejou e dirigiu-se para as escadas.

O rapaz perdeu a cabeça, correu para se pôr à frente de Birk Larsen, deu-lhe um soco no peito, gritou:

– Olhe lá, importa-se...

O homenzarrão agarrou-o pela *T-shirt*, levou o rapaz de volta para o vestíbulo, empurrou-o contra a porta de entrada e ameaçou-o com o punho maciço.

Oliver Schandorff não abriu mais a boca.

Assim estava melhor, pensou Birk Larsen. Subiu a escadaria sem corrimão em grandes passadas, dois degraus de cada vez. A casa era enorme, o tipo de moradia com que jamais poderia sonhar, por mais que trabalhasse, por mais camiões vermelhos que possuísse.

Ouvia-se música *rock* em altos berros, vinda de um quarto do lado esquerdo. O quarto tresandava a droga e sexo.

Havia uma cama de casal com lençóis amarrotados, edredão amarrotado. Uma cabeleira loura encaracolada espreitava sob as almofadas. O rosto estava voltado para baixo e uns pés descalços despontavam ao fundo das cobertas. Estava pedrada. Bêbada. Ambas as coisas, ou pior.

Theis virou-se e olhou com raiva para Schandorff, que o seguia de mãos nos bolsos e com um sorrisinho que fez com que Birk Larsen tivesse vontade de lhe dar um soco ali mesmo.

Em vez disso, Theis avançou até a cama, perguntando a si próprio como fazer aquilo, puxou o edredão e disse suavemente:

– Tens de voltar para casa, Nanna. O que aconteceu não interessa. Agora vamo-nos embora e...

A mulher nua olhou fixamente para Theis. O rosto rígido era um misto de medo e fúria. Também era loura e o cabelo tinha a mesma tonalidade do de Nanna. Devia ter vinte e cinco anos, pelo menos.

– Eu avisei-o – disse Schandorff. – A Nanna nunca esteve aqui. Se eu puder ajudar...

Theis Birk Larsen saiu da casa de Oliver, pensando no que havia de fazer. O que dizer a Pernille. Aonde ir a seguir? Não gostava de polícias, mas talvez estivesse na altura de falar com eles. Queria saber alguma coisa, encontrar algo. Ou fazer com que alguma coisa acontecesse.

Ouviu um ruído por cima dele. Era um helicóptero, com a palavra POLITI por baixo.

Theis não tinha pensado muito sobre aquela zona quando ali chegara. A Nanna estava em casa de Oliver Schandorff. Não havia mais nada a saber. Nesse momento, apercebeu-se de que não estava longe do terreno pantanoso a leste do aeroporto.

Pernille dissera-lhe que fora ali que tudo começara.

Lund regressara ao terreno plano do Kalvebod Fælled onde tinham encontrado o *top* manchado de sangue e olhava para o mapa.

– Vamos para casa – disse Meyer, acendendo mais um cigarro.

O telemóvel de Sarah tocou.

– Vens para a Suécia ou quê? – perguntou Bengt Rosling.

Sarah teve de pensar por um momento antes de responder:

– Já falta pouco.

– Que tal uma festa de inauguração no sábado? Podíamos convidar Lasse, Missan, Bosse e Janne.

Lund inspecionava o horizonte que se desvanecia, desejando poder abrandar um pouco o tempo e manter o crepúsculo ao largo.

– E os meus pais – acrescentou Bengt. – E a tua mãe.

Lund deu mais uma vista de olhos ao mapa, inspecionou novamente o pântano e o bosque.

– A tua mãe vai ficar no quarto de hóspedes – disse Bengt.

Três rapazinhos passaram por Lund a empurrar bicicletas. Levavam canas de pesca.

Mark nunca ia pescar. Não tinha ninguém que o levasse.

– Isso seria ótimo – disse Lund, gesticulando na direção de Meyer para lhe chamar a atenção.

– Não quero que ela durma no sofá – disse Bengt.

Lund já não estava a ouvi-lo. O telemóvel pendia-lhe dos dedos, junto do impermeável azul.

– O que há para aqueles lados? – perguntou a Meyer.

– Mais árvores – respondeu. – E um canal.

– Deste uma vista de olhos a esse canal, não deste?

Meyer fez um esgar. Era o tipo de homem que até a dormir conseguiria parecer irritado.

– A rapariga correu na direção oposta!

– Lund voltou ao telemóvel.

– Vamos perder o avião.

– O quê?

– Mas tu deves ir na mesma. Vou lá ter amanhã com o Mark.

Meyer ficou onde estava, de braços cruzados, a empurrar batatas fritas para a boca por entre passas no cigarro.

– Temos mergulhadores experientes nas equipas forenses? E equipamento? – perguntou Lund.

– Temos aqui homens suficientes para começar uma pequena guerra. Então e a Suécia? Convenhamos, era a única maneira de conseguires lá chegar!

Dirigiram-se de carro até ao canal. Subiram e desceram um trilho. Havia marcas de pneus junto de uma ponte metálica baixa. As marcas continuavam até à margem enlameada, em direção a nada a não ser água negra.

O terreno desolado espelhava o estado de espírito de Theis Birk Larsen: um labirinto de becos sem saída desconcertantes e desvios inúteis. Um labirinto que não tinha fim.

Conduziu sem parar, em direção ao moribundo pôr-do-sol cinzento, para longe do labirinto, não encontrando nada. Até o zumbido do helicóptero tinha desaparecido. Pernille estava com ele a cada doloroso segundo, a sua voz estridente e assustada soava através do telemóvel colado à orelha esquerda de Theis.

– Onde está a Nanna?

Quantas vezes é que a Pernille já tinha perguntado aquilo? E ele próprio? Quantas vezes?

– Continuo à procura.

– Onde?

No Kalvebod Fælled, quis dizer Theis. Onde Anton fora uma vez num passeio organizado pela escola, para as crianças contactarem com a natureza. Ficara a falar sobre insetos e enguias durante a maior parte do dia, até esquecer aquela maldita história toda.

Havia luzes à frente. Uma delas era azul.

– Em todo o lado.

* * *

O trilho ficava acima de um canal construído com a terra que o criara. Lund olhou fixamente para as marcas na estrada, o guindaste móvel, a corrente. O carro a emergir da água sombria.

Olha, pensa, imagina.

Alguém estacionara no trilho, com as rodas dianteiras voltadas para o canal no topo da encosta. Depois, essa pessoa saiu e empurrou o carro. A gravidade fez o resto.

Meyer estava ao lado dela, a observar o veículo a elevar-se contra o céu. A água escorria de todas as quatro portas. Era preto, da cor do canal, mas muito brilhante, como se tivesse sido lavada no dia anterior.

Era uma carrinha *Ford*. Novinha em folha.

– Descobre em nome de quem está – disse Lund no momento em que a matrícula ficou visível.

O camião estava estacionado na margem e o braço comprido da grua estendia-se sobre o canal. Transportou o veículo para longe do canal, deixando-o pendurado sobre o trilho coberto de ervas. Em seguida, três polícias manobraram lentamente a carrinha *Ford* até esta ter sido pousada, como se estivesse tudo dentro da normalidade, excetuando as torrentes de líquido fedorento que jorravam por baixo de cada porta.

Meyer já não estava ao telemóvel. Aproximaram-se os dois e olharam pelas janelas. Estava vazio.

A divisória estava corrida sobre o porta-bagagens, ocultando o seu conteúdo.

Meyer aproximou-se da traseira da carrinha e tentou abrir o porta-bagagens. Estava trancado.

– Vou buscar um pé-de-cabra – disse Meyer.

Uma luz apareceu por detrás de Lund, que se virou e olhou. Não eram os faróis de um carro. É uma carrinha, pensou Sarah. Parecia vermelha à luz dos faróis e das luzes dos veículos da polícia.

* * *

Birk Larsen ainda estava ao telemóvel quando chegou à fita que dizia: «Não Atravessar.» Estava tão perto que não conseguia contar as luzes azuis para além dela. Tinham instalado holofotes portáteis de grande potência, como os que eram usados nos eventos desportivos.

O pressentimento de Theis não era bom. O coração batia tão forte que lhe martelava as costelas.

– Espera um momento – disse Theis sem ouvir a resposta de Pernille.

Saiu da carrinha. Começou a andar.

– Onde estás? – perguntou Pernille.

– Nos pântanos, em Vestamager.

Uma pausa. Depois, Pernille perguntou:

– A polícia ainda anda por aí?

Dois polícias aproximaram-se e tentaram detê-lo. Birk Larsen afastou-os com um movimento do seu braço enorme, continuou a andar em direção a uma ponte metálica baixa sobre o canal estreito.

– Vou resolver isto. Já te disse que consigo resolver isto.

– Theis.

Apareceram mais polícias. Enxamearam sobre ele como abelhas furiosas enquanto Theis continuava a avançar, afastando as mãos que tentavam agarrá-lo, de telemóvel apertado contra o ouvido.

Theis continuava a ouvir a voz dela por entre aquela confusão.

– O que é que está aí, Theis? *O que é que está aí?*

Ouvia-se um ruído mais à frente.

Água a correr.

* * *

Água a correr. A correr em cascata do porta-bagagens da carrinha depois de Meyer o ter aberto com o pé-de-cabra. Litros e litros a escorrerem para o solo lamacento.

O cheiro era pior.

Lund atirou outra pastilha *Nicotinell* para a boca e esperou.

A seguir à água, um par de pernas nuas abateu-se sobre o parachoques traseiro brilhante. Sarah apontou para lá a lanterna. Tornozelos nus firmemente apertados com braçadeiras de plástico.

Depois, o movimento. Uma forma sinuosa e escura moveu-se em ziguezague em torno dos pálidos membros sem vida, agarrando-se à pele, deslizando até aos pés, passando por cima do parachoques e voltando a deslizar até ao chão.

Um dos polícias começou a vomitar para a relva amarelada.

– Que barulho é este? – perguntou Lund, dando um passo em direção à carrinha. Meyer fez um gesto na direção do homem enjoado.

– Não é ele – disse Lund.

Era uma voz de alguém que estava desesperado.

Lund viu a água que restava a escorrer da traseira da carrinha, duas outras enguias a deslizarem para a liberdade. Depois, caminhou para a frente e enfiou a cabeça no porta-bagagens. O cabelo louro já não parecia o mesmo da fotografia.

Mas o rosto...

A voz irada gritava um nome.

– Valha-me Deus – disse Meyer. – O pai está aqui.

Theis Birk Larsen era um homem grande e forte. Há muito que não lutava com polícias. Mas havia coisas que nunca se esqueciam. Dois socos rápidos, um rugido e Theis estava outra vez em marcha, em direção à ponte negra.

Para lá desse ponto, conseguia ver um carro na estrada, ao lado de um reboque. Vultos atarefavam-se por perto.

Tinha novamente o telemóvel colado ao ouvido.

– Theis! – gritou Pernille.

– Vou falar com eles.

Os polícias que Theis tinha afastado estavam outra vez no seu encaço. Agora havia mais. Demasiados.

Uma mulher tinha deixado o carro na estrada e caminhava resolutamente na sua direção. Sob a luz crua dos holofotes, viu que tinha um rosto sério, cabelo castanho comprido e olhos brilhantes, tristes e interessados.

– Por amor de Deus, Theis – gemeu Pernille.

Agora tinham conseguido contê-lo, seis polícias, talvez sete. Tudo menos o braço e a mão que segurava o telemóvel.

Birk Larsen desistiu de lutar. Disse de novo, tão calmamente quanto pôde:

– Sou o pai de Nanna. Quero saber o que se passa aqui.

A mulher passou por cima de mais uma fita vermelha e branca da polícia.

Não disse nada, continuando a caminhar com ar decidido na sua direção, olhando fixamente para o rosto dele e mascarando uma pastilha.

Uma voz, distante, que não parecia a sua, perguntou docilmente:

– Aquela é a minha filha?

– O senhor não pode estar aqui.

Pernille estava ao seu ouvido, na sua cabeça, contida numa única pergunta:

– Theis? A mulher estacou à sua frente.

– A Nanna está ali? – perguntou Birk Larsen mais uma vez.

A mulher permaneceu em silêncio.

– Está ali ou não?

A mulher limitou-se a assentir.

O urro veio do fundo das suas entranhas, ergueu-se através dele, explodiu no ar húmido da noite. Tão alto e pleno de dor e de fúria que teria conseguido chegar a Copenhaga de *motu proprio*.

Mas não era preciso. O telemóvel estava ali. Enquanto Theis se debatia e gritava ao vê-la, Pernille estava com ele, também a gritar e a chorar.

Mãe e pai. Filha desaparecida e morta.

Depois, toda a fúria, toda a energia, se desvaneceu. Theis Birk Larsen era um homem quebrado que chorava, frágil e perturbado, mantido de pé pelos braços que segundos antes tinham lutado contra a sua força ilimitada.

– Quero ver a minha filha – implorou.

– Não pode – disse a mulher. – Lamento imenso.

Um uivo quase inaudível saiu da mão direita do homem. Lund avançou, abriu-lhe os dedos. Dedos de trabalhador braçal. Fortes e cheios de cicatrizes, a pele curtida e envelhecida.

Theis não protestou quando Sarah lhe tirou o telemóvel e depois olhou para o nome que aparecia no ecrã.

– Pernille. Fala Lund. Vamos já mandar alguém para aí.

Depois, Sarah enfiou o telemóvel no bolso, acenou com a cabeça na direção dos agentes para que levassem Birk Larsen e voltou para a *Ford* resgatada da água, brilhante e negra, que estava junto do guindaste móvel.

Os peritos forenses já fervilhavam em torno da carrinha. Todos os procedimentos regulamentares tinham sido postos em prática. Os agentes envergavam vestuário de proteção. Sarah não precisava de ver mais nada.

Carrinha preta. Brilhante e reluzente. Meyer tinha razão. Era mesmo novinha em folha.

Lund foi encontrá-lo a fumar junto do guindaste-móvel, abanando a cabeça.

– Já sabemos quem é o proprietário – disse Meyer. – Nem vais acreditar.

Lund estava ao lado dele, esperou.

– A carrinha pertence ao gabinete de campanha de Troels Hartmann – disse Jan Meyer.

– O político?

Com um único dedo, Meyer atirou o cigarro na direção do canal.

– O vereador da Educação. O Rapaz do Cartaz. Sim. O próprio.

² Terreno pantanoso reclamado ao mar na ilha dinamarquesa de Amager. (*N. do T.*)

³ Segundo o Antigo Testamento, Absalão foi o terceiro filho do rei David. Era admirado pela sua beleza e rebeldia, tendo tentado usurpar o trono do pai. (*N. do T.*)

⁴ A segunda maior cidade da Dinamarca, situada no centro do país e com uma população de cerca de 290 mil habitantes. (*N. do T.*)

Terça-feira, 4 de novembro

Buchard chegou logo depois da meia-noite. Depois apareceu o patologista forense que estava de serviço e a sua equipa. Enxames de técnicos a medir marcas de pneus, a tirar um sem-fim de fotografias, a isolar o terreno enlameado e ensopado.

Caminharam pesadamente à chuva, deixando para o fim o cadáver ensanguentado e ferido de uma rapariga, envergando ainda a sua combinação rasgada, com os pulsos e os tornozelos amarrados com braçadeiras de plástico negras e atirada para a traseira de um *Ford* preto brilhante.

Lund falou com todos. Era ela que comandava as operações. Não pensava em Mark nem em Bengt nem na Suécia.

Mais *flashes* de máquinas fotográficas em torno do perímetro da carrinha. Então, por fim, a equipa mudou-se para junto do porta-bagagens aberto, começando a registar todos os pormenores do cadáver pequeno e inerte e das suas feridas, do rosto sem vida e dos olhos azul-claros que fitavam o vazio.

Buchard perguntou, como sempre fazia, qual fora a hora da morte. Lund deu-lhe a mesma resposta que o patologista lhe dera: «Não faço ideia.» Não tinha havido qualquer relato da ocorrência durante o fim de semana, por isso, a hora da morte demoraria algum tempo a ser determinada.

O velho fez uma careta.

– Isto é mesmo um lugar esquecido por Deus...

– Não sabemos se foi aqui que a vítima morreu. O tipo não queria que ela fosse encontrada. Mais um ou dois dias, com esta chuva... – Sarah observou de relance a atividade em redor da carrinha. Em breve retirariam a vítima. Alguém precisava de pensar na família. – As marcas dos pneus teriam desaparecido.

Buchard esperou.

– O tipo conhecia este lugar – disse Lund. – Sabia o que estava a fazer.

– Causa da morte?

– Ainda não sabem. A rapariga foi agredida. Recebeu golpes violentos na cabeça. Há indícios de violação.

– E esta carrinha? Pertence à equipa de Hartmann?

– É a melhor pista que temos.

Bengt Rosling telefonou. Lund afastou-se para atender a chamada.

– O que aconteceu? – perguntou Bengt.

– Encontrámos uma rapariga. Desculpa não ter conseguido ir para aí.

Bengt era psicólogo criminal. Foi assim que se conheceram. Por causa de um homicídio relacionado com droga em Christiania⁵. A vítima era um dos seus pacientes.

– Então e o Mark? – perguntou ele.

– Está com a minha mãe.

– Estou a falar de amanhã. O Mark devia começar com as aulas de sueco na escola. Em Sigtuna.

– Ah, sim, é verdade.

– Vou dizer-lhes que ele só vai na quarta-feira.

– Vamos reservar outro voo. Depois digo-te a que horas chegamos.

Buchard aproximou-se e perguntou:

– A rapariga tem alguma ligação a Hartmann?

– Vou verificar.

– Se algum candidato estiver envolvido falas diretamente comigo.

– Não posso fazer isto, Buchard.

Soou uma sirene. Era Meyer, de cigarro na boca, a chamá-la.

– Entrega-lhe o caso – disse Lund.

O chefe aproximou-se mais de Sarah.

– Este não deveria ser o primeiro caso de Meyer. Não me faças perguntas. Eu ligo para a polícia de Estocolmo a esclarecer a situação.

– Não – insistiu Sarah. – Não é possível.

Lund afastou-se na direção de Meyer e da carrinha.

– Tu é que encontraste a rapariga. – Buchard apressava-se atrás dela, conversando com as costas do impermeável dela azul, molhado e brilhante. –

Será que o Meyer teria conseguido encontrá-la? Tudo o que conseguiu foi desenterrar uma raposa morta na floresta.

Sarah parou, virou-se, lançou-lhe um olhar fulminante.

Buchard parecia um velho buldogue-anão e às vezes tinha os mesmos olhos inoportunos.

– Só mais um dia, Sarah. – Silêncio. – Queres que o Meyer fale com os pais?

– Odeio-te, chefe. Sabes isso, não sabes?

Buchard deu uma gargalhada e bateu palmas com as suas mãozinhas gordas.

– Vou trabalhar durante a noite – disse Lund. – Amanhã de manhã é convosco.

A morgue estava deserta. Corredores antissépticos a ecoarem uns após os outros.

Ainda de blusão de couro preto, gorro de lã da mesma cor e macacão de algodão escarlate, Theis Birk Larsen caminhava pesadamente sobre os azulejos limpos em direção à única porta que havia ao fundo.

Uma antecâmara.

Pernille estava lá, de gabardina bege, voltando-se para olhar para Theis, de olhos muito abertos e com o rosto cheio de perguntas. Theis parou a dois passos dela, sem fazer ideia do que dizer ou fazer. Sentiu palavras imprecisas a subirem-lhe à boca e depois a permanecerem por lá, inacabadas, incertas, receosas de violar o ar frio e seco.

Theis, um homem grande, poderoso, por vezes ameaçador, estava agora em silêncio. Os olhos brilhantes eram poças de lágrimas.

Envergonhada por ele se ter deixado abalar daquela maneira, Pernille foi ao encontro de Theis e pôs-lhe os braços delicados em volta dos ombros.

Pernille apoiou-se a Theis, o rosto húmido contra a face áspera do marido. Permaneceram juntos e juntos se agarraram um ao outro em silêncio. Juntos entraram na sala branca de azulejos brilhantes e com armários de utensílios clínicos, torneiras e lavatórios, e mesas côncavas prateadas e reluzentes, e instrumentos cirúrgicos. Ali estavam todos os utensílios que codificavam a morte.

Os agentes conduziram-nos até à mesa: a mulher de olhos penetrantes e o homem mal-humorado de orelhas grandes. Caminharam em direção a um

lençol branco e limpo e depois pararam, lançando-lhes um olhar furtivo de expectativa enquanto aguardavam. Do canto surgiu um homem com uma bata de cirurgião, de boné azul, avental azul, luvas azuis. Havia médicos como aquele quando a Nanna nasceu. Theis Birk Larsen visualizou mentalmente aquela imagem com bastante clareza. As mesmas cores, os mesmos produtos químicos de cheiro acre.

Sem uma palavra, sem um olhar, o homem estava ao lado deles, a levantar o tecido de algodão branco.

Pernille avançou lentamente, arregalando os olhos.

A mulher polícia não parava de observá-los, cada gesto, cada respiração e movimento.

Birk Larsen tirou o gorro preto, envergonhado por ainda o ter posto. Olhou para o rosto ferido e sem pinga de sangue sobre a mesa, o cabelo enlameado, os olhos cinzentos sem vida.

Imagens encheram-lhe a memória. Fotografias, sons, um toque, uma palavra. O choro de um bebê, uma discussão de que agora tanto se arrependia. Uma tarde quente na praia. Uma manhã gelada de inverno, lá fora num trenó. Nanna, minúscula, na sua bicicleta *Christiania* vermelha que Vagn reparara e pintara, desenhando a *stencil* o logótipo Birk Larsen num dos lados.

Nanna mais crescida, a subir para a mesma bicicleta com dezasseis ou dezassete anos, a rir-se por ela parecer tão pequena.

Momentos distantes que nunca mais seriam recuperados, promessas não verbalizadas que nunca o seriam. Todos os pequenos fragmentos que antes pareciam tão corriqueiros gritavam agora...

Vejam! Nunca repararam. E agora já parti.

Agora já parti.

Pernille virou-se, regressou à antecâmara, o andar de uma velha, quebrada e dolorida.

– Esta é a Nanna? – perguntou a mulher.

Theis olhou para Sarah com raiva. Que pergunta estúpida. E ela não parecia uma mulher estúpida.

Não, Birk Larsen teve vontade de dizer. Era.

Em vez disso concordou, nada mais.

Os quatro, cara a cara, sentados de ambos os lados de uma mesa de plástico.

Factos concretos.

Birk Larsen, a mulher e os dois filhos pequenos partiram para a praia na sexta-feira, regressaram no domingo à noite. A Nanna disse que ia ficar em casa de uns amigos.

– Com que disposição estava a Nanna? – perguntou Lund.

– Estava contente – respondeu Birk Larsen. – Mascarou-se.

– De quê?

– De bruxa.

A mãe ficou para ali sentada, de boca aberta, perdida nalgum lugar. Então, fitou Lund e perguntou:

– Que aconteceu? – Lund não respondeu. Nem Meyer. – Será que alguém podia responder-me! O que foi que aconteceu?

Na sala fria e vazia, a voz estridente de Pernille ricocheteou pelas paredes brancas e nuas.

Meyer acendeu um cigarro.

– A carrinha foi empurrada para o canal – disse.

– A vossa filha interessava-se por política? – perguntou Lund.

Birk Larsen abanou a cabeça.

– Dava-se com alguém que se interessasse por política?

– Não.

– Talvez na Câmara Municipal? – perguntou Meyer.

O detetive fez uma careta por não ter obtido qualquer resposta, levantou-se e caminhou até o fundo da sala, fazendo uma chamada.

– Namorados?

– Ultimamente não.

– Como foi que a Nanna morreu? – perguntou Pernille.

– Ainda não sabemos.

– Terá sofrido?

Lund hesitou e depois disse:

– Não temos a certeza do que aconteceu. Estamos a tentar perceber. Quer dizer que não falaram com a vossa filha desde sexta-feira? Não houve nenhuma chamada? Nenhum contacto? Nada fora da normalidade?

Olhos semicerrados, um esgar amargo, um toque de sarcasmo quando Theis rosnou:

– A normalidade?

– Coisas previsíveis. Pode ter sido qualquer coisa invulgar. Uma pequena divergência.

– Eu zanguei-me com ela – disse Pernille. – Isso faz parte da normalidade? A Nanna estava a fazer demasiado barulho. Gritei com ela por andar a correr de um lado para o outro com os irmãos.

Pernille observou Lund.

– Eu estava a tratar da contabilidade. Estava ocupada...

Birk Larsen enrolou o seu grande braço em torno de Pernille.

– Ela só queria brincar com eles. Só queria...

Mais lágrimas. Pernille estremeceu sob o abraço apertado de Theis.

– Só queria fazer o quê?

– Só queria brincar.

– Agora vou mandar alguém levar-vos a casa – disse Lund. – Temos de selar o quarto de Nanna. É importante que ninguém lá entre.

Lund e Meyer acompanharam-nos até à porta onde os agentes uniformizados esperavam junto do carro.

– Caso se lembrem de alguma coisa... – disse Lund, e entregou um cartão a Birk Larsen.

O pai olhou para o cartão.

– O que é que já descobriram?

– Ainda é muito cedo para dizer.

– Mas vão apanhá-lo?

– Vamos fazer tudo o que pudermos.

Birk Larsen não se mexeu. Tinha uma expressão sombria e dura no rosto quando perguntou novamente, mais devagar:

– Mas vão encontrá-lo?

– Sim – respondeu bruscamente Meyer. – Vamos.

O pai lançou um olhar penetrante ao detetive e depois dirigiu-se para o carro.

Lund observou-os a afastarem-se.

– Eles acabam de perder a filha. E tu pões-te a gritar com eles?

– Eu não gritei.

– Mas parecia...

– Isso é que é gritar! – berrou Meyer.

Gritou tão alto que a cabeça do patologista apareceu à esquina.

Depois, mais calmo, Meyer disse:

– Eu não gritei.

Os olhos frios e vigilantes de Meyer focaram-se nela.

– O tipo odeia-nos, Lund. Deu para perceber.

– Nós somos polícias. Há muita gente que nos odeia.

– Escolheu bem o momento, não haja dúvida!

Duas e meia da manhã. Hartmann estava lá quando chegaram à Rådhus. Rie Skovgaard, a mulher esbelta e atraente que tinham visto na escola, estava sentada à esquerda do vereador. Morten Weber, o nervoso e desajeitado gestor de campanha de meia-idade de Hartmann, estava do outro lado.

– Obrigada por terem vindo – disse Lund.

– Não viemos – respondeu Hartmann. – Limitámo-nos a ficar por aqui. Falta pouco para as eleições. Trabalhamos até tarde. Encontraram a rapariga?

– Sim – Meyer olhou fixamente para o político de camisa e calças azuis. – Estava numa carrinha alugada em seu nome.

Lund escreveu o número da matrícula e pousou-o na mesa.

– Quem foi a última pessoa a conduzi-la?

Hartmann sentou-se rigidamente numa cadeira de couro.

– Uma carrinha nossa?

Meyer aproximou o número da matrícula do vereador.

– Foi o que acabámos de dizer. E agora, que tal um pouco de ação?

– Vou verificar – disse Morten Weber. – Vai demorar um pouco.

– Porquê? – quis saber Meyer.

– Nós temos muitas carrinhas – disse Weber. – Trinta motoristas. Estamos a meio da noite. Ainda temos pessoas a trabalhar. Deixe-me fazer algumas chamadas.

O gestor de campanha deixou a mesa e foi telefonar para um canto da sala.

– Qual é a função dessas carrinhas? – perguntou Lund.

– Entregar material de campanha – respondeu Skovgaard. – Colocação de cartazes. Esse tipo de coisas.

– Porque mandaram um carro à escola Frederiksholm?

– Provavelmente por ser sexta-feira, julgo que...

Meyer irritou-se, pôs as palmas das mãos em cima da mesa, inclinou-se e disse:

– Isso não nos serve de muito. A rapariga está morta. Precisamos de saber...

– Não temos nada a esconder – interrompeu Hartmann. – Queremos ajudar. Já passa das duas da manhã. Não podemos tirar as respostas de um chapéu.

– A Nanna Birk Larsen estava ligada ao vosso trabalho político?

– Não – respondeu imediatamente Skovgaard. – Não faz parte de nenhuma das nossas listas.

– Que rapidez – disse Meyer.

– Pensava que era o que queriam.

Weber regressou.

– O secretário de campanha está em Oslo.

– Que se lixe Oslo! – gritou Meyer. – Estamos a falar de um homicídio. Queremos algumas respostas.

Weber sentou-se, ergueu uma sobrancelha para Meyer, olhou para Lund.

Está a tentar perceber quem manda, pensou Lund. É um tipo inteligente.

– Por isso perguntei ao departamento de segurança. As chaves foram recolhidas pela Rikke Nielsen na sexta-feira.

– Quem é a Rikke? – perguntou Lund.

– Rikke chefia a nossa equipa de voluntários – Weber encolheu os ombros.

– Qualquer pessoa pode voluntariar-se. Utilizamos trabalhadores temporários quando não há voluntários suficientes.

Weber olhou de relance para Meyer, que agora andava pela sala, de mãos nos bolsos, como um galo a preparar-se para lutar.

– Telefonou-lhe? – exigiu saber Meyer.

– Tem o telemóvel desligado. Provavelmente está a organizar os cartazes.

Meyer acenou sarcasticamente com a cabeça.

– Provavelmente?

– Sim. Como eu disse. A Rikke tem trinta motoristas para coordenar. Dá muito trabalho.

– Chega! – Meyer tinha voltado para a mesa. – Há uma rapariga morta e você está para aí sentado como se nada fosse.

– Meyer – advertiu Sarah.

– Quero respostas – praguejou.

– Meyer!

Lund falara suficientemente alto. Meyer calou-se.

– Telefona para o quartel-general – ordenou Lund. – Põe Buchard a par dos últimos desenvolvimentos. Diz-lhe que vamos interrogar os voluntários.

Meyer não se mexeu.

– Buchard já deve estar a dormir há muito...

Sarah olhou-o fixamente nos olhos.

– Limita-te a fazer o que te disse.

Meyer foi até à janela.

– Tem alguma ideia de onde essa mulher possa estar agora? – perguntou Lund.

Weber olhou para um papel. Destacou algo com um marcador verde.

– É a minha melhor aposta.

Skovgaard pegou no papel, verificou os nomes e depois passou-o.

– Os jornalistas – começou a dizer Rie. – Não há qualquer necessidade de saberem disto.

Lund abanou a cabeça, intrigada.

– Uma rapariga foi assassinada. Não podemos manter isto em segredo.

– Claro que não – disse Hartmann. – Se se trata da nossa carrinha temos de emitir um comunicado. É importante que ninguém nos possa acusar de esconder seja o que for.

– Não quero que torne públicos os pormenores do caso – insistiu Lund. – Não fala com ninguém a não ser comigo.

Rie Skovgaard levantou-se, abanando os braços.

– Há umas eleições em curso. Não podemos dar-nos ao luxo de esperar.

Lund virou-se para Hartmann.

– A informação que acabámos de fornecer-lhe é confidencial. Se optar por torná-la pública e prejudicar a investigação de um homicídio, fá-lo-á por sua conta e risco. Depois terá de arcar com as consequências. E haverá consequências, Hartmann. Isso lhe garanto.

Weber tossiu. Skovgaard calou-se. Meyer parecia satisfeito.

– Rie – disse Hartmann. – Acho que podemos esperar um pouco. Desde que...

Um brevíssimo sorriso suplicante.

– Desde que o quê? – perguntou Meyer.

– Desde que nos digam quando decidirem tornar isto público. Para podermos trabalhar juntos. Certificarmo-nos de que tudo é devidamente

esclarecido.

Hartmann cruzou os braços. A camisa era do mesmo tom azul da que vestia no cartaz da campanha afixado por cima da sua cabeça. Ali, tudo era coordenado. Planeado.

Lund tirou um cartão de visita, riscou o seu nome e escreveu o de Meyer por baixo.

– Amanhã de manhã ligue a Jan Meyer para este número – disse Lund. – Ele vai pô-lo a par do que descobriremos.

– Não é a responsável pela investigação deste caso? – perguntou Hartmann

– Não – respondeu Lund. – O responsável é ele.

Weber saiu com os detetives. Skovgaard ficou com Hartmann, ainda irritada.

– Que porra é esta, Troels?

– Isso gostava eu de saber.

– Se concordarmos em ocultar isto, os jornalistas podem crucificar-nos. Adoram a palavra encobrimento. Excita-os.

– Não estamos a encobrir nada. Estamos a fazer o que a polícia nos pediu.

– Eles vão estar-se nas tintas para isso.

Hartmann vestiu o casaco, pensando, olhando para Rie.

– Ela não nos deixou muita escolha. Também nos iam crucificar se déssemos cabo de uma investigação de homicídio. Lund sabia isso. Isto não tem nada que ver conosco. Esquece.

Olhos penetrantes muito abertos, boca escancarada.

– Uma rapariga é encontrada morta numa das nossas carrinhas? Achas que não tem nada que ver conosco?

– Nada. Se te queres preocupar com alguma coisa, olha à tua volta.

Hartmann apontou para o gabinete principal, para lá da porta. Trabalhavam ali entre oito a dez pessoas a tempo inteiro durante o dia.

– O que queres dizer com isso?

– Achas que estamos seguros? Os computadores? Os *e-mails*? Os nossos relatórios?

Um olhar cáustico.

– Não estás a ficar paranoico sobre o Bremer, ou estás?

– Como é que ele desencantou aquele truque sobre o financiamento das escolas? Como é que o Bremer sabia dos vinte por cento?

Hartmann refletiu acerca da conversa com Bremer, sobre o que o presidente tinha dito acerca do seu falecido pai.

– Aquele velhaco astucioso está a tramar alguma.

Rie foi ter com Hartmann, ajudou-o a vestir o casaco, correu o fecho para o proteger da noite fria.

– Como por exemplo?

Hartmann falou-lhe um pouco do motivo da visita de Therese Kruse. Sobre as perguntas do jornalista. Deixou de fora os pormenores pessoais.

– O tipo sabia coisas que só podia ter sabido por alguém daqui. Não há outra explicação.

Rie não estava nada satisfeita.

– Porque é que não me contaste?

– Estou a contar-te agora.

Hartmann entrou no escritório grande. Secretárias e computadores. Arquivos, atendedores de chamadas. Todos os pormenores privados da campanha viviam no interior daquela sala, em pleno coração da Rådhus, trancados a sete chaves todas as noites.

– Vai para casa – disse Rie. – Eu dou uma vista de olhos por aqui.

Hartmann aproximou-se, pôs-lhe as mãos nos ombros, beijou-a com ternura.

– Eu podia ajudar.

– Vai para casa – repetiu Rie. – Tens de oficializar o acordo com Kirsten Eller amanhã de manhã. Quero-te bem acordado.

Da janela, Hartmann olhou para a praça.

– Os detetives disseram que a rapariga tinha dezanove anos. Era só uma miúda.

– A culpa não é nossa, pois não?

Troels Hartmann olhou para a placa de néon azul do hotel e para as luzes amareladas na praça.

– Não – respondeu. – Não é.

– Porque disseste que o íamos encontrar? – perguntou Lund.

Estavam no carro descaracterizado de Lund, Meyer ao volante.

– Não me vais fazer outra daquelas – disse Meyer. – À frente daqueles palhaços. Nunca pensei que fosses capaz de...

A raiva de Meyer, de tão evidente e pueril, era quase divertida.

– Não vou precisar de fazê-lo. Já não vou cá estar. Porque disseste aquilo?
Ao pai.

– Porque vamos apanhá-lo – uma pausa. – Eu vou apanhá-lo.

– Não deves fazer promessas – atirou-lhe Lund. – Lê o manual. Está na primeira página.

– Tenho o meu próprio manual.

– Já percebi.

Meyer sintonizou o rádio. Numa estação que transmitia um *rock* ensurdecedor a noite inteira. Lund inclinou-se para frente, desligou o rádio.

Verificou a morada.

– Vira aqui.

A estátua de uma figura a cavalo, espada em riste. Um edifício imponente iluminado. Um parque de estacionamento com vários andares. O local onde a equipa de campanha de Hartmann se reunia antes de partir para cobrir a cidade com os seus cartazes, folhetos, crachás, bonés e *T-shirts*.

As carrinhas estavam no segundo piso. *Ford* pretas iguais, exatamente como a que tinham retirado do canal. Lund e Meyer deambularam por entre as viaturas, olhando para a habitual fotografia de Troels Hartmann colada nas janelas. Um porta-bagagens estava aberto. Três horas antes, num veículo idêntico àquele, Sarah tinha visto o cadáver seminu e coberto de cicatrizes de Nanna Birk Larsen, mortalmente rígido e parcialmente coberto por uma combinação rasgada e manchada de sangue. Naquela carrinha havia caixas e mais caixas de folhetos, e a mesma fotografia de Hartmann. Aquele sorriso juvenil incerto, uma nota de dor nos seus olhos abertos e honestos.

Uma mulher loura apareceu, vinda da parte de trás da carrinha, e olhou hesitantemente para Sarah, que lhe mostrou a identificação e perguntou:

– Rikke Nielsen?

A mulher parecia exausta. Nervosa, também, quando Meyer apareceu, vindo do outro lado da carrinha, cruzou os braços, sentou-se no porta-bagagens aberto e ficou a observá-la.

– Preciso do nome do motorista que trabalhou no fim de semana – disse Lund.

– Porquê?

– O número da matrícula é... – Lund procurou o bloco de notas no bolso.

– XU 24 919 – disse automaticamente Meyer. Levantou-se, aproximou-se de Nielsen. – Uma *Ford* preta como esta. Gostaríamos de saber quem a

conduziu pela última vez.

Depois sorriu, de uma forma que provavelmente julgava ser agradável.

Havia homens a transportar cartazes com o rosto sorridente de Hartmann para as carrinhas estacionadas.

– Têm aqui uma organização e peras. Devem ter o registo de todas as vossas movimentações.

– Claro.

– Podemos vê-lo? Se faz favor.

A mulher assentiu, afastou-se. Meyer piscou o olho a Lund. Nielsen regressou.

– Disse que era XU...

– XU 24 919.

Lund deixou-os, observou os homens com os placards e os cartazes. Fazia frio na garagem. Mas não demasiado.

Um dos voluntários era muito magro e envergava um blusão puído e sujo. Tinha o capuz puxado para cima, envolvendo-lhe parcialmente o rosto. Colocou os cartazes no porta-bagagens da carrinha. Virou-se. *Sweatshirt* cinzenta. Rosto na sombra. A tentar esconder-se.

Meyer começava a fartar-se daquele número de tipo simpático.

– Eu estou muito calmo – Nielsen ouviu-o dizer por detrás dela. – Por isso, a senhora também vai manter a calma. E não quero ouvir mais nenhum «se» ou «mas» ou «deixe-me perguntar ao senhor Weber». Limite-se a dar-me o nome do raio do motorista.

Meyer estava a começar a levantar a voz. Os homens que enchiam as carrinhas com cartazes de Hartmann conseguiam ouvi-lo. Olhavam de esguelha para Rikke Nielsen. Mas não o do capuz.

Lund virou-se para dizer a Meyer que baixasse a voz. Quando olhou novamente, a figura de *sweatshirt* e blusão cinzentos já lá não estava.

Uma das *Ford* pretas estacionadas ganhou subitamente vida e rugiu para fora do lugar de estacionamento, porta-bagagens aberto, espalhando o rosto sorridente de Troels Hartmann por todo o lado.

– Meyer!

O motorista tinha de passar por Sarah para chegar à rampa.

Lund avançou até ao centro da faixa de rodagem e ali ficou, a olhar fixamente através do para-brisas que se aproximava.

Homem de trinta e muitos anos, talvez quarenta. Barba por fazer, rosto raivoso, receoso, determinado.

– Valha-me Deus – gritou Meyer a Lund. Voou na direção dela, agarrou-a pelo ombro com uma mão e afastou-a da trajetória da carrinha.

Ainda a acelerar, a carrinha *Ford* passou por eles, a pouco mais de um metro de distância.

Lund ficou a observá-lo, mal se apercebendo de que estava nos braços de Meyer e que este a examinava, sem fôlego. Furioso, quase de certeza. Por vezes, Sarah provocava aquela reação. A carrinha dobrou a esquina e avançou em direção à cobertura do parque de estacionamento. Meyer soltou Lund, e correu para a rampa, de pistola na mão, com os braços a moverem-se de forma ritmada, a gritar. Lund foi pelo outro lado, correndo em direção às escadas, subindo os degraus de betão três a três.

Um piso, dois. Três e não havia mais. A cobertura estava na penumbra e reluzia com a chuva da noite. Mais à frente ficava a opulenta cúpula barroca da Igreja de Mármore, suavemente iluminada contra o contorno da cidade. A carrinha estava estacionada junto da parede mais afastada, os faróis a brilhar.

Não estava armada. Apesar disso, avançou, tentando ver.

– Polícia! – gritou.

– Lund!

Meyer surgiu da saída da rampa, ofegante, a tossir, mal conseguindo falar.

Ouviu-se um ruído vindo do lado oposto. Uma porta a abrir-se e a fechar-se num piso inferior. Lund precipitou-se nessa direção para investigar, Meyer seguiu-a. Havia ali uma segunda escadaria. O homem tinha ido até lá acima para os despistar. E tinha-o conseguido.

Avistaram uma figura a chegar ao piso térreo e depois a fugir para a noite e a perder-se na vasta cidade sombria.

Meyer estava de tal modo furioso que saltava como um animal, a praguejar e a gritar tão alto que Sarah tapou os ouvidos.

* * *

Dormiram vestidos, enroscados um no outro, a dor de Theis nela, a de Pernille nele.

O despertar. Theis Birk Larsen soltou-se dos braços de Pernille sem a acordar, sentou-se na beira da cama, levantou-se calmamente.

Lavou a cara, comeu um pouco de pão, bebeu um pouco de café enquanto os miúdos e Pernille dormiam. Depois desceu para enfrentar os homens.

Havia doze a trabalhar naquele turno. Vagn Skaerbaek, pálido e de olhos húmidos estava entre eles. Vagn. Parte da família. A primeira pessoa a quem telefonara às duas da manhã, uma conversa que Birk Larsen mal conseguia recordar, de tal modo fora pontuada por lágrimas, gritos e fúria.

Vagn era um homem excelente para tempos difíceis. Tempos que Birk Larsen julgara que nunca mais voltariam. Tinha uma família. Um rochedo em que se apoiar, da mesma forma que Theis era um rochedo para eles.

Às vezes, o rochedo deslocava-se sobre areia movediça.

Theis entrou no escritório, tirou o blusão preto do cabide, vestiu-o cuidadosamente, como fazia há anos. Depois saiu e pôs-se diante deles. O chefe, como sempre, a distribuir os serviços do dia.

A maioria daqueles homens trabalhava para Theis há anos. Conheciam a sua família, tinham visto os filhos crescer. Trouxeram-lhes prendas de aniversário. Ajudaram-nos a fazer os trabalhos de casa. Limparam-lhes as lágrimas, às vezes, quando Theis ou Pernille não estavam presentes.

Dois deles estavam quase a chorar. Skaerbaek foi o único que o conseguiu encarar.

Birk Larsen tentou falar, mas ficou ali, sem dizer nada.

Trabalhar.

Havia uma prancheta. Uma lista de serviços que definia como as horas seriam preenchidas. Theis pegou nela, entrou no escritório. Foi procurar qualquer coisa para fazer.

Um longo momento de silêncio. Então, Vagn Skaerbaek gritou para os homens que estavam junto das carrinhas:

– Então, mexam-se rapazes! Acham-me com cara de *babysitter* ou quê?

Depois, Vagn entrou no escritório e sentou-se do lado oposto de Birk Larsen. Um homem pequeno e insignificante. Mais forte do que o seu corpo franzino sugeria. O rosto não mudara muito desde o tempo em que eram adolescentes. Cabelo escuro, olhos vazios, uma corrente prateada barata em torno do pescoço.

– Faz o que precisares de fazer, Theis. Eu trato do resto.

Birk Larsen acendeu um cigarro, olhou para as paredes do escritório. Havia fotografias por todo o lado. Pernille. Nanna. Os miúdos.

– Uns jornalistas telefonaram. Desliguei-lhes o telefone. Se voltarem a ligar, passa-me esses desgraçados.

Lentamente, o depósito ganhou vida. Caixas de cartão a serem transportadas para lá da janela. Paletas a serem deslocadas. Carrinhas a saírem para a rua.

– Theis, não sei o que dizer – o mesmo gorro de lã, o mesmo macacão vermelho. Irmão mais velho, irmão mais novo. – Quero ajudar. Diz-me...

Birk Larsen olhou para ele, não disse nada.

– Eles têm alguma ideia de quem fez isto?

Birk Larsen abanou a cabeça, deu uma passa no cigarro, tentou pensar nas tarefas que tinha de distribuir pelos empregados, nada mais.

– Se houver alguma coisa que eu... – começou a dizer Skaerbaek.

– A entrega em Sturlasgade – disse Birk Larsen. Eram as primeiras palavras que pronunciava nessa manhã. – O homem que estava com ele esperou. – Prometi-lhes uma empilhadora.

– Vou já tratar disso – disse Vagn Skaerbaek.

Meyer abanou uma fotografia à frente da equipa à paisana que estava na sala de *briefing*. Era a foto de um homem banal vestido com uma *T-shirt* preta e a segurar uma placa com um número de identificação. Estava a ficar calvo, tinha ferimentos no rosto, a barba por fazer e bigode grisalho descaído à hippie. Uma longa cicatriz que parecia ter sido provocada há muito por uma facada cruzava-lhe a face direita. Olhava para a máquina fotográfica com ar entediado.

– Chama-se John Lynge e é de Nørrebro. Não está em casa. Tem cadastro e nós... – Meyer afixou a fotografia no quadro de avisos... – vamos meter este merdas na cadeia. Conversar com os vizinhos. Com as pessoas com quem trabalhou. Bares. Casas de penhores. Passadores de droga. Com quem o conhecer. Tem quarenta e três anos. É um sacana triste e solitário...

Lund escutava do gabinete adjacente, bebericando café enquanto falava com o filho. Tinha dormido três horas num gabinete vazio. Não se sentia muito mal.

– Lynge não tem nenhum plano – anunciou Meyer como se aquilo fosse um dado adquirido. – Não tem nenhum covil onde esconder-se em segurança.

Terá inevitavelmente de vir à superfície para respirar. E então...

Meyer bateu palmas tão alto que o barulho soou como um tiro.

Lund abafou uma gargalhada.

– Não vais perder as aulas de sueco – disse a Mark ao telefone. – Isso seria absurdo. Vamos para lá viver. Bengt pode explicar ao professor o motivo do teu atraso. Não vais ter problemas por causa disso, está descansado.

Meyer exibiu uma nova foto de Nanna. Ainda bonita. Sem maquilhagem, sem o sorriso sexy postiço. Natural.

– Temos de ficar a saber tudo acerca dela. SMS, mensagens de voz, *e-mails*. Qualquer coisa que a relacione com Lynge.

Mark estava a ficar mal-humorado.

– Vamos apanhar o avião hoje à noite – disse Lund. – Quando reservar o voo, digo-te.

– Vamos a isto! – gritou Meyer, batendo novamente palmas.

Depois de a equipa ter saído, Meyer foi ter com Sarah e disse:

– Buchard quer dar-te uma palavrinha antes de te ires embora.

O velho tinha a foto de Lynge à frente, em cima da secretária que antes fora de Lund. Meyer estava a rever o que aprendera ao ler o processo.

– Há treze anos foi apanhado a exibir-se perante crianças num parque infantil. Um ano depois, violou uma rapariga. Apanhou catorze anos.

O chefe escutava. Lund ficou à porta com uma chávena de café frio na mão. Não estava a gostar do olhar de Buchard.

– Seis anos depois, foi transferido para uma prisão psiquiátrica. Foi libertado há dezoito meses.

Meyer recitara tudo aquilo de memória depois de uma única consulta ao processo de Lynge. Impressionante, pensou Lund. Estranho, mas impressionante.

– Então é porque é que o tipo foi posto em liberdade? – perguntou Buchard.

Meyer encolheu os ombros.

– Porque consideraram que já não era perigoso? – sugeriu Lund.

– Dizem sempre isso.

– Nem sempre, Meyer – afirmou Buchard. – Sarah?

– Temos de conversar com ele.

Meyer ergueu as mãos numa alegria fingida.

– «Conversar!» Deve ser o eufemismo do ano.

Estava a brincar com o carro-patrolha em miniatura. A fazer rolar as rodas para que a luz azul piscasse e a sirene soasse. Como uma criança.

Buchard disse:

– Para com isso. Preciso de falar com a Lund em privado.

Meyer voltou a pousar o carro na secretária com cuidado exagerado.

– Se a conversa é sobre o caso...

Algo no rosto de Buchard o deteve. Meyer ergueu as palmas das mãos e saiu do gabinete.

No momento em que a porta foi fechada, Lund pegou no saco e disse:

– Já falámos acerca disto. Já sabes a resposta.

– As coisas mudam.

– Chefe! Nós não temos onde morar. O Bengt está à minha espera na Suécia. O Mark começa as aulas amanhã.

Sarah dirigiu-se à porta.

Buchard disse:

– Vim do laboratório. A rapariga ainda estava viva quando a carrinha caiu ao canal. Um carro daqueles demora vinte minutos a encher. Depois, acrescenta-lhe o tempo que uma pessoa demora a afogar-se.

O chefe tirou um ficheiro com fotografias de uma pasta.

– Este caso não é meu – disse Lund, mexendo no saco, reorganizando as coisas que já tinha reorganizado uma vez.

– A rapariga foi violada repetidamente. Na vagina. No ânus. O tipo usou um preservativo e não esteve com pressas.

Lund observou Buchard a ler aquilo do processo e disse:

– O Mark está tão animado com a mudança. Não!

– O tipo abusou dela assim durante horas. Provavelmente durante todo o fim de semana. As contusões indicam que ele a manteve presa noutra sítio antes de ter ido parar à floresta.

Lund pegou no casaco.

– E depois há isto – disse Buchard, exibindo um pequeno saco de plástico para recolha de provas.

Lund olhou, não conseguiu evitá-lo.

– Meyer mostrou-o à mãe, que disse que nunca o tinha visto.

Buchard aclarou a garganta.

– A rapariga tinha-o bem apertado na mão direita quando morreu. O meu palpite é que ele a obrigou a usá-lo. A vítima arrancou-o do pescoço quando estava a afogar-se. Não consigo pensar em mais nenhuma explicação.

Lund ficou à janela, a olhar para o pátio sombrio em frente às celas da prisão.

– Isto não é habitual, Sarah. Sabes bem disso. Violar uma miúda e depois matá-la para a calar – Lund não podia evitar aqueles olhos pequenos e brilhantes. – Achas que tínhamos chegado a saber que a rapariga estava morta se tivéssemos entregado o caso a... – o chefe acenou com a cabeça em direção à porta. – Ao nosso novo amigo Meyer?

– Eu não sou...

– Telefonei para Estocolmo. Eles concordaram que podes apresentar-te lá quando o caso estiver encerrado.

Depois, Buchard abandonou o gabinete, deixou as fotografias, as pastas, o pequeno saco transparente para recolha de provas sobre a mesa. Saiu e deixou Lund sozinha.

Sarah pensou em Mark e em Bengt. Na Suécia e num novo emprego como civil, em Estocolmo. Mas principalmente em Nanna Birk Larsen, um corpo destroçado no porta-bagagens de uma carrinha *Ford* preta atirada para um canal pantanoso.

Lund pegou no saco, ergueu-o para a luz.

Era um pendente numa corrente dourada. Vidro barato. Piroso. Diferente.

Um coração negro.

Meyer regressou, vindo do corredor. Tinha o rosto vermelho. Buchard devia ter-lhe dito que queria Lund a tomar conta do caso.

– Isto é vergonhoso.

– Concordo plenamente. Fazemos as coisas à minha maneira até ao final da semana. Se o caso ainda mexer, é todo teu.

– Ótimo.

Não parecia estar tudo ótimo. Longe disso.

– Seguimos as minhas regras. Tratamos as pessoas com respeito, quer gostemos delas ou não. Não vais fumar no carro, não conduzes a mais de cinquenta à hora...

– Posso dar peidos?

– Não. E também não quero aperitivos de queijo ou restos de cachorros-quentes por todo o lado.

- Preferes algum tipo específico de cuecas?
- Lund refletiu por um momento.
- Que tal limpas?

A escola era um mundo em miniatura, minado por mexericos e boatos. Quando o professor a quem chamavam Rama chegou, naquela manhã cinzenta, sentiu a notícia a esvoaçar pelos corredores como um fantasma perverso.

Então, a diretora Koch disse-lhe:

- Se quiseres eu posso tratar disso.
- São os meus alunos – disse Rama. – A minha turma.

Cinco minutos mais tarde, Rama entrou na sala, sem livros na mão nem um sorriso no rosto. Olhou para eles, para todos eles, que não eram crianças nem adultos. Oliver Schandorff com o seu cabelo ruivo revoltado, olhos de fumador de droga e rosto azedo. Lisa Rasmussen, a melhor amiga de Nanna, embora não tão bonita nem tão inteligente.

Com o rosto escuro e sombrio, Rama disse:

– Acaba de ser anunciado... – o professor parou, fechou os olhos, ouviu a dureza das palavras mesmo antes de as dizer. – A polícia diz que a Nanna está morta.

Um conter de respiração comum. Lágrimas, gemidos e sussurros.

– Hoje não vai haver mais aulas. Podem ir para casa. Ou ficar. Os professores vão estar aqui o dia todo. Vamos ter aconselhamento ao vosso dispor.

Uma mão ergueu-se ao fundo da sala. Alguém perguntou o inevitável.

O que aconteceu?

O homem que os alunos conheciam como Rama pensou na viagem da sua própria família, na terra difícil e perigosa que tinham deixado para trás. Nessa altura, Rama era apenas uma criança. Mesmo assim, podia sentir pelos alunos como aquela cidade parecia segura em comparação.

– Não sei.

Outra mão.

– A Nanna foi assassinada?

Os dedos de Lisa Rasmussen voaram-lhe até ao rosto, um grito de dor e sofrimento escapou-lhe.

– Sei que todos têm perguntas. Eu também. Não há... – um professor nunca ficava sem palavras. Um professor dizia sempre a verdade. – Às vezes não há respostas rápidas. Temos de esperar por elas.

Pensou no que Koch lhe dissera. Foi direito a Lisa, pôs-lhe um braço em torno das costas dobradas, tentou que a rapariga o olhasse nos olhos.

– Eles precisam da tua ajuda – disse Rama. – Lisa?

Nenhuma resposta.

– A polícia quer falar contigo.

Lisa escondeu o rosto nos braços.

– Contigo e com o Oliver.

Rama levantou os olhos. Oliver estava lá há um minuto. Mas agora o lugar estava vazio.

Lund mostrou a Lisa Rasmussen uma fotografia da carrinha *Ford* preta.

– Alguma vez viste esta carrinha?

Lisa abanou a cabeça.

– Talvez. Uma parecida.

– Quando?

Lisa pensou e respondeu:

– Sexta-feira. Antes da festa. Acho que estavam a descarregar umas coisas.

Lund mostrou-lhe a fotografia de John Lynge.

– E ele?

A rapariga olhou fixamente para o homem careca com olhos arregalados, bigode grisalho e uma cicatriz na face, e olhou para o número de identificação da polícia à frente dele.

– Foi ele que a matou?

– Diz-me só se já o viste.

Lisa olhou para a foto e respondeu:

– Acho que não. O que é que ele fez à Nanna?

– Talvez tenha estado na escola. Ou em algum lugar onde tu e a Nanna tenham ido juntas.

Um longo momento de silêncio. Depois, a rapariga abanou a cabeça.

– Não. Nunca o vi.

Lund guardou a foto.

– Tens alguma ideia do motivo de a Nanna ter dito que ia ficar em tua casa?

– Não. As lágrimas tinham voltado. Parecia outra vez uma rapariga de quinze anos. – Pensei que talvez tivesse saído com alguém.

– Com quem?

– Não sei.

– Lisa...

– Não sei!

Nova tática. Conversar sobre a festa.

– Como estava ela? – perguntou Lund.

– Feliz.

– Estava bem-disposta?

– Estava feliz.

– E?

– E depois foi-se embora da festa. Pensei que era um pouco cedo. Mas...

– Porque é que a Nanna se foi embora mais cedo?

– Não me disse.

– Ela saiu com alguém?

– Eu não... – A voz de Lisa sumiu-se no silêncio. Lund inclinou-se sobre a rapariga e tentou captar o seu olhar. – Eu não vi! Porque continua a fazer-me perguntas? O que é que eu deveria saber?

Lund deixou que a explosão esmorecesse, mordeu uma pastilha *Nicotinell*.

– A Nanna era a tua melhor amiga, não era? Pensei que gostarias de ajudar.

– Eu não sei de nada.

A pilha de fotografias estava cuidadosamente ordenada. Não havia nenhuma foto de Nanna morta. Nada que fosse perturbador. Lund tirou a última fotografia do monte e mostrou-lha.

– Reconheces este colar?

Coração negro em corrente dourada.

Lisa abanou a cabeça.

– Parece antigo – disse a rapariga.

– Nunca viste a Nanna com ele posto?

– Não.

– Tens a certeza...

– Absoluta, absoluta, absoluta, absoluta – gritou a rapariga. – Eu vi-a na festa. Abracei-a. Não sabia que era a última vez... – Lisa Rasmussen olhava fixamente para a mesa, não para as fotografias, nunca para Lund. – Não sabia – repetiu.

– Já verifiquei – disse Rie Skovgaard. – Lynge não é membro do partido. Era um trabalhador temporário de uma agência que contratámos umas quantas vezes. Podia estar a trabalhar para quem quer que fosse.

Estavam do lado de fora da sede de campanha, no corredor, a falar em voz baixa. Hartmann parecia mal ter dormido.

– Isso é bom – disse.

– Só se as pessoas souberem. Se não dissermos nada e os jornalistas se apoderarem disto...

– Que é que acontece?

– Vão dizer que contratámos um assassino e que o estamos a encobrir. Se a Kirsten Eller ouvir, podemos dizer adeus à vossa aliança. Temos de emitir uma declaração. Temos de tornar clara a nossa posição de imediato.

Hartmann hesitou.

– Eu sou a tua conselheira, Troels. Ouve o que te estou a dizer. Estamos à beira do abismo. Não queres esperar até estares a cair...

– Tudo bem, tudo bem. Faz isso. Mas primeiro avisa a polícia.

– E quanto a Eller e ao partido?

– Eu trato disso.

Ao meio-dia, a escola estava vazia. Lund e Meyer comparavam notas num corredor deserto, junto dos cacifos. De um lado havia um conjunto de conselhos de saúde publicados pelo governo sobre drogas, bebidas alcoólicas e sexo. Do outro, uma fila de cartazes de filmes e concertos de *rock*.

Meyer tinha estado ocupado. Conseguira três testemunhas que tinham visto Lynge a entregar material da campanha na escola pouco depois do meio-dia.

– E à noite?

– A carrinha também estava aqui. Talvez tenha ouvido falar da festa e tenha regressado.

– E temos a certeza de que é a mesma carrinha?

Meyer pôs-lhe algumas fotografias na mão e sorriu.

– Os alunos tiraram fotografias para o *website* da escola. Por causa da festa. Olha para o fundo nas fotografias tiradas no exterior. É a mesma carrinha.

O telemóvel de Meyer tocou. Enquanto ele falava, Sarah passou as fotografias. Por detrás de adolescentes com fatos, máscaras e cabeleiras

fantasmagóricas, e de um mau gosto atroz, de todo o tipo de monstros, via-se a silhueta negra da carrinha *Ford*.

Meyer estava a ficar furioso.

– Já lhe tinha dito que isso está fora de questão – praguejou ao telemóvel.

Jan Meyer irritado. Grande novidade. Sarah viu mais fotografias. O Halloween não era assim quando tinha dezanove anos. E, mesmo que fosse...

Perguntou a si própria o que teria dito a mãe.

– Não vou dizer-lhe outra vez – gritou Meyer. – A resposta é não.

Meyer olhou fixamente para o telemóvel. Praguejou.

– Não acredito nisto. Ela desligou-me o telefone na cara.

– Que se passa?

– O Hartmann vai emitir um comunicado à imprensa. Está a tentar fugir com o rabo magricela à...

Lund pôs-lhe as fotografias nas mãos.

– Vamos à Câmara. Tu conduzes.

Entorpecido, Birk Larsen saiu para ir trabalhar. Ao chegar, ficou chocado com a sua própria falta de consideração, foi direito a casa e sentou-se com Pernille na cozinha, em silêncio, simplesmente à espera. De quê, nenhum deles sabia.

Então, Lotte chegou. A irmã de Pernille. Onze anos mais nova, tão chegada a Nanna como a Pernille. Birk Larsen ficou sentado, mudo e apático, ao canto, a observá-las a abraçarem-se e a chorarem, invejando-lhes as emoções livremente expressas.

– Então e os miúdos? – perguntou Lotte.

– Ainda não lhes contámos – respondeu Pernille. – Theis?

– Diz?

Era a primeira palavra que proferia numa hora.

Lotte sentou-se à mesa a soluçar. Pernille consultou o horário escolar, afixado no quadro de cortiça, juntamente com as fotografias da família.

– Vamos buscar os miúdos depois da aula de Educação Visual. Acaba às duas.

– Sim.

Lotte estava desfeita.

– Que estava ela lá a fazer? A Nanna nunca entraria no carro de um estranho.

Mais café forte. Tirava-lhe a vontade que tinha de gritar.

Pernille mudava as fotografias de lugar no quadro de cortiça sem qualquer motivo.

– Temos de... – Pernille fungou, respirou fundo duas vezes. – Temos de pensar nos miúdos.

Estava outra vez a chorar, mas não queria que a irmã e o marido percebessem.

Birk Larsen estava ansioso por poder fazer alguma coisa. Queria tanto sair dali. Sabia que o pensamento não expresso também era uma espécie de traição.

– Temos de contar-lhes – disse Birk Larsen.

Lund entrou no escritório do Partido Liberal. Cheirava a suor, a madeira polida e couro velho. Skovgaard, a demasiado elegante e demasiado confiante conselheira política de Hartmann, estava ao telefone a falar acerca do comunicado de imprensa.

– Quero vê-lo – disse Lund quando Skovgaard desligou o telefone.

– Está numa reunião.

Lund disse:

– Ah!

Observou Rie a regressar ao computador, a teclar de pé, como faziam as pessoas ocupadas.

– Sempre emitem o comunicado? – perguntou.

Rie continuou a teclar.

– Não podemos esperar mais tempo.

– Têm de esperar.

Skovgaard olhou para a porta por detrás dela e disse muito lentamente, como se estivesse a falar com uma idiota:

– Não podemos.

Lund aproximou-se da porta, afastou Skovgaard à força quando ela voou na sua direção, aos gritos, e abriu a porta.

Troels Hartmann parecia pasmado. Assim como a mulher que estava ao lado dele.

Kirsten Eller. A mulher roliça dos cartazes eleitorais.

Não estava a sorrir. Não gostava de ser incomodada.

– Desculpe – disse Lund ao homem de camisa azul engomada –, mas temos de conversar.

Um minuto mais tarde, junto da janela, onde Kirsten Eller, que estava sentada no sofá, não os podia ouvir.

Hartmann disse:

– Se os média julgarem que estou a mentir...

– Trata-se de um caso de homicídio. Os pormenores são confidenciais. Não pode pôr em risco as nossas hipóteses...

– Então e as minhas hipóteses?

Hartmann era um homem invulgar. Abençoado com o carisma de um político. Uma aura de candura jovial. Conseguia dizer aquilo sem qualquer constrangimento aparente.

O telemóvel de Lund tocou. Sarah tirou-o do saco, suspirou quando viu o número, porém, apesar disso, atendeu.

– Bengt. Posso ligar-te daqui a pouco?

O barulho de marteladas. Distante.

– Estou na casa. Os carpinteiros estão cá. Que tipo de madeira é que queremos para a sauna?

Lund fechou os olhos. Hartmann não se estava a ir embora. Ao menos isso.

– Que tipo é que costumam utilizar nas saunas?

– Pinho.

– Pinho está bem.

– Mas isso depende de...

– Agora não. Telefone-te mais tarde.

Fim da chamada.

Hartmann estava a dirigir-se para a mulher que esperava pacientemente no sofá.

Lund pegou-lhe no braço, olhou-o nos olhos. Havia qualquer coisa neles...

– Estamos quase a apanhá-lo. Deixe-nos fazer o nosso trabalho.

– Quase, quando? Hoje?

– Espero que sim.

Hartmann hesitou.

– Está bem – disse por fim. – Fico à espera. Desde que seja hoje.

– Obrigada – disse Lund.

– Pinho polar.

Lund parou.

– Pinho polar. É melhor para saunas do que o pinho normal. Tem menos resina.

– Ah!

Meyer estava à porta, regressado da sua caçada pelos corredores.

Hora de ir embora.

Kirsten Eller estava a sorrir quando Hartmann regressou.

– Más notícias, Troels?

– De modo nenhum. Coisas sem importância.

Eller observou-o.

– A sério? Parecias preocupado.

– Já disse que não é nada.

– Se é para me divorciar de Bremer, então isto tem de ser um casamento. Não um caso passageiro.

– Claro – retorquiu Hartmann, assentindo vigorosamente.

– Que exige franqueza em tudo.

Hartmann sorriu-lhe.

– Não há nenhuma má notícia, Kirsten. Podemos voltar ao trabalho?

Pouco depois das duas da tarde, Pernille e Theis Birk Larsen esperavam na calçada pardacenta junto à fonte. Observavam as crianças que saíam a correr do parque infantil, envoltas em casacos, luvas e gorros quentes, de mochila às costas e com papagaios de papel de cores vivas a agitarem-se nas mãos.

Era terça-feira. Faziam sempre qualquer coisa à terça-feira.

Emil, sete anos, cabelo louro cortado curto. Anton, seis anos, ruivo como o pai fora em tempos. Os rapazes aproximaram-se aos tropeções, a tentar que os papagaios apanhassem a brisa gelada do inverno.

O papagaio de Emil era vermelho, o de Anton, amarelo.

– Porque é que o papá veio contigo? – perguntou logo Emil.

Entraram na rua escura, atentos ao tráfego. Atravessaram a rua com cuidado. Mãos pequeninas apertadas nas mãos deles.

Anton queria saber se podiam ir largar os papagaios no parque. Amuou quando a mãe disse que não.

O céu estava escuro e pesado. Os pais arrumaram as coisas dos rapazes no porta-bagagens.

Uma chamada. Vagn Skaerbaek, ansioso, ao ouvido de Birk Larsen.

– Não venhas já para casa – disse.

– Porquê?

– A polícia está a revistar o quarto da Nanna. Chegaram alguns fotografos.

Birk Larsen piscou os olhos, viu Pernille a prender os rapazes às suas cadeirinhas, fivelas apertadas, um beijo na testa.

Nada de raiva, pensou. Agora não.

– Ainda vão ficar por aí muito tempo?

– Não faço ideia. Queres que os ponha a andar?

Birk Larsen não conseguia pensar em nada para dizer.

– Os miúdos, Theis. Não queres que eles vejam isto.

– Tens razão. Liga-me quando se tiverem ido embora.

Os pais entraram depois no carro e Theis disse:

– Vamos pôr esses papagaios a voar. É mesmo isso que vamos fazer.

Dois pequenos gritos de alegria, punhos fechados a golpear o ar no banco traseiro do carro. Pernille olhou para o marido.

Não havia necessidade de palavras. Ela sabia.

* * *

Meyer conduzia da mesma maneira de sempre.

– Então, o Rapaz do Cartaz ganhou o teu voto?

– Que queres dizer com isso?

– Sorriste-lhe, Lund.

– Eu sorrio para muita gente.

– Ele não parava de olhar para a tua camisola.

Sarah ainda usava a camisola preta e branca das ilhas Faroé. Era quente e confortável. Comprada nas férias logo após o divórcio, com Mark, a tentar aliviá-lo do choque. Gostou tanto dela que comprou mais algumas. De cores diferentes. Padrões diferentes. Havia um catálogo para as encomendar pelo correio...

– Da última vez que vi a minha avó, ela usava uma como essa – disse Meyer.

– Ainda bem para ela.

– Nem por isso. Estava metida num caixão. Odeio funerais. Parece tudo tão... – Meyer buzinou furiosamente quando um ciclista se atravessou à frente deles. – Definitivo.

– Inventaste isso – disse Lund. Meyer não respondeu.

As ilhas Faroé eram verdes e pacíficas. Um mundo tranquilo e sonolento longe da suja paisagem urbana de Copenhaga.

– Tenho a certeza de que ele não podia estar a deitar uma olhadela às tuas mamas. Quer dizer...

Lund não estava a ouvir, deixou-o continuar a divagar. A tirar aquilo do sistema.

No mundo verde das ilhas Faroé não acontecia grande coisa. As pessoas sobreviviam. As estações iam e vinham. As vacas peidavam-se. Tal como em Sigtuna.

– Para onde estamos a ir, Meyer?

– O Lyngé não está no apartamento dele desde a noite passada. Tem uma irmã. Ela tem um cabeleireiro em Christianshavn. Lyngé foi vê-la esta manhã. As coisas não correram lá muito bem.

Meyer fez-lhe um sorriso rasgado.

– Há homens assim.

A irmã de Lyngé era uma mulher bonita, com longos cabelos lisos e rosto melancólico.

– Onde está ele? – perguntou Meyer.

– Não faça a mais pequena ideia. É meu irmão. Não o escolhi.

Lyngé estava à espera numa travessa quando a irmã abriu o cabeleireiro naquela manhã. Entrou à força. Sem nenhum sentido de oportunidade. A irmã só tinha cinco mil coroas⁶ na caixa. Lyngé levou-as, fez alguns estragos. A irmã limpava os restos de champô e amaciador com uma esfregona enquanto falava.

Lund deu uma volta pelo salão, deixando as perguntas para Meyer.

– Para onde acha que ele foi?

– Já não o reconheço. O meu irmão está doente.

– Já sabemos isso.

– Não – a irmã de Lyngé bateu com o dedo na testa, de lado. – Não está só mal daqui. Está mesmo doente. Devia estar no hospital – a mulher parou de

esfregar o chão. – Nunca o vi naquele estado. Mas foi apenas dinheiro. Não o mandem outra vez para a cadeia. Outra vez não. Ainda ficava mais louco do que já é.

– O seu irmão tem para onde ir? Alguma namorada?

– Ninguém quer saber dele. Não depois do que John fez – a cabeleireira hesitou. – Havia uma mulher.

– Que mulher? – perguntou Lund.

– Uma pessoa que ia visitá-lo à prisão. Uma voluntária – a irmã franziu a testa. – Deve conhecer o género. São cristãos. Nunca desistem. Contactou-me há umas semanas. Implorou-me que voltasse a falar com ele. Disse que isso o ia ajudar.

Lund e Meyer esperaram.

– Mas não o ia ajudar nada. Conheço-o bem nesse aspeto. Além disso... – a mulher olhou em redor do pequeno salão. – Eu tenho a minha vida. Tenho direito a isso. Não tenho?

Meyer pegou numa escova de cabelo, brincou com ela.

– Sabe o nome dessa mulher?

– Não sei ao certo. Pertence a uma dessas instituições de caridade que fazem serviço nas prisões, acho eu – a irmã olhou para Lund.

– Ele matou a rapariga que apareceu na televisão, não foi? Eu sabia que isso ia acabar por acontecer. Não o deviam ter soltado. Estava tão assustado.

– Quando eu lhe deitar a mão é que vai ficar mesmo assustado – murmurou Meyer.

A mulher não disse nada.

– Porquê? – perguntou Lund.

– Esta manhã. O meu irmão parecia muito assustado. Quer dizer... Enfim, não sei.

– Temos de encontrá-lo. Precisamos de falar com ele.

A irmã recomeçou a limpar o chão.

– Boa sorte – disse.

Na rua. Chuva persistente.

– Leva o meu carro. Fala com alguém ligado a essas visitas às prisões – disse Lund. – Depois telefona-me.

– Aonde vais?

Lund acenou para mandar parar um táxi e desapareceu.

Mathilde Villadsen tinha setenta e seis anos, estava quase cega, vivia num prédio velho com o gato *Samson* e o seu segundo melhor amigo, o rádio. Estava a passar música dos anos 50, a década com a qual Mathilde se identificava.

Então, a banda de *swing* foi interrompida pelas notícias.

«A polícia impôs um *blackout* noticioso...» – começou a dizer o locutor.

– *Samson*?

Estava na hora de alimentá-lo. A lata estava aberta. A comida estava no prato.

«... em relação ao caso de Nanna Birk Larsen, a jovem que foi encontrada morta na segunda-feira.»

A idosa caminhou até ao lavatório da cozinha, desligou o rádio. Fazia frio no apartamento cheio de correntes de ar. Usava o que era costume durante a maior parte do inverno: um camisolão de lã azul comprido, um cachecol grosso em volta do pescoço enrugado. O preço do aquecimento era diabólico. Era uma rapariga dos anos 50. Uma pequena dificuldade como aquela era uma cruz que conseguia carregar.

– *Samson*?

O gato miava do lado de fora da portinhola que dava para o corredor. Com os pés enfiados nos velhos chinelos, Mathilde arrastou-se até à porta da frente, retirou a corrente de segurança.

Estava escuro nas escadas. A miudagem estava sempre a dar cabo dos candeeiros. Mathilde Villadsen suspirou, baixou-se, apoiando-se nos joelhos doridos, e desejou que o gato não fizesse aquelas brincadeiras.

Na escuridão, sentindo a pedra fria através dos *collants*, Mathilde avançou com dificuldade pelo corredor enquanto chamava: «*Samson, Samson*. Gato malandro, gato *malandro*...

Então, a mulher chocou com alguma coisa. Esforçando-se para ver o que era, apalpou a forma estranha com os dedos. Couro sujo, calças de ganga por cima.

Mathilde ergueu os olhos. Uma cabeça careca, um rosto com cicatrizes iluminado pela chama bruxuleante de um isqueiro, perto dos bigodes do gato que tinha sido agarrado pelo homem que estava de pé à sua frente.

O homem parecia infeliz. Assustado.

– O meu gato... – começou Mathilde a dizer.

O isqueiro aproximou-se do focinho de *Samson*. O gato miou e tentou desesperadamente livrar-se dos braços fortes que o continham.

Em voz baixa e dura, o homem disse:

– Não grite. Entre.

Havia um vestido de noiva no manequim. Um vestido de cetim branco coberto de flores de algodão bordadas. A mãe de Lund, Vibeke, fazia-os para uma loja local. Não tanto pelo dinheiro, mas mais para ter alguma coisa que fazer. A viuvez não se adequava à mãe. Não havia muitas coisas que se lhe adequassem.

– O que tem o Bengt a dizer sobre tudo isso?

Era uma mulher de costas muito direitas, sempre viva, sempre séria, com modos rápidos, por vezes cáusticos, e um olho crítico.

– Vou ligar-lhe.

Vibeke ficou a observar o vestido, guardando alguma distância. Deu um ponto no peito, outro no braço. Lund pensou que a mãe gostava da ideia de as mulheres casarem. Estreitava-lhes as opções. Amarrava-as como Deus queria.

– Quer dizer que ainda nem sequer lhe disseste que não vão?

– Não tive tempo.

A mãe soltou aquele suspiro curto e breve que Lund conhecia desde a infância. Mesmo assim, continuava espantada com a intensidade de desgosto e reprovação que um breve suspiro podia conter.

– Espero que não espantes este também.

– Acabei de dizer que lhe ia ligar!

– O Carsten...

– O Carsten bateu-me!

O olhar, longo e frio.

– Uma vez. Apenas uma. Ele era o teu marido. O pai do teu filho.

– Ele...

– O teu comportamento. Essa obsessão que tens com o teu trabalho. Um homem precisa de saber que é desejado. Amado. Se não lhe dermos isso...

– Ele bateu-me.

Com muito cuidado, Vibeke enfiou a agulha no decote do tecido de cetim brilhante.

– Alguma vez te questionaste se não estarias a pedi-las?

– Eu não estava a pedi-las. Não é assim que as coisas funcionam.

O telemóvel de Lund tocou. Era Meyer:

– Liguei para a prisão.

– E?

– Lynde foi visitado por três pessoas no total. Uma morreu. Outra mudou-se. A terceira não atende o telefone.

– Vem cá buscar-me – disse Lund, dando-lhe a morada em Østerbro. – Daqui a vinte minutos.

– O táxi da luz azul está a caminho. Espero que me dê uma boa gorjeta.

Os agentes tinham deixado as suas marcas e vestígios por todo o apartamento. Números e setas. Montículos de pó que fora soprado onde tinham procurado impressões digitais.

Anton, sempre o mais curioso, estava do lado de fora do quarto de Nanna e perguntou:

– Que é aquilo na porta da Nanna?

– Afasta-te do quarto dela! – gritou-lhe Theis Birk Larsen. – Vem para a mesa.

A mesa.

Pernille e Nanna tinham-na construído num verão ocioso e distante há três anos, quando não havia mais nada para fazer além de ver a chuva a cair. Madeira barata de uma loja de *bricolage*. Fotografias e relatórios escolares colados ao tampo, que depois fora envernizado. A família Birk Larsen congelada no tempo. Nanna tinha acabado de fazer dezasseis anos e crescia rapidamente. Anton e Emil eram minúsculos. Rostos capturados no coração da pequena casa dos Birk Larsen. Quase sempre sorridentes.

Agora, os filhos tinham seis e sete anos, olhos vivos e interrogativos. Curiosos, ou talvez um pouco assustados.

Pernille sentou-se, olhou para eles, tocou-lhes nos joelhos, nas mãos, nas bochechas e disse:

– Temos de contar-vos uma coisa.

Birk Larsen estava ao fundo da cozinha. Até Pernille se ter virado para ele. Então, vagarosamente, Birk Larsen aproximou-se e sentou-se ao lado da mulher.

– Aconteceu-nos uma coisa – disse-lhes Pernille.

Os rapazes arrastaram os pés, olharam rapidamente um para o outro.

– O quê? – perguntou Emil, o mais velho, embora de certa forma o mais lento.

Para lá da janela, o tráfego ressoava. Havia vozes na rua. Era sempre assim. Para Theis Birk Larsen sempre seria assim.

Juntos. Uma família. Completa.

O peito amplo de Theis arfou. Dedos fortes e marcados por cicatrizes percorreram o cabelo ruivo que estava a ficar grisalho. Sentiu-se velho, impotente, estúpido.

– Meninos – disse por fim Theis. – A Nanna morreu. – Pernille esperou. – A Nanna já não vai voltar – acrescentou.

Seis e sete anos, olhos vivos a brilhar à luz do candeeiro no sítio onde todos jantavam. Rostos estáticos a olhar embasbacados para eles do tampo da mesa.

Emil disse:

– Porquê, pai?

A pensar.

A debater-se.

– Uma vez vimos uma árvore muito grande no Parque dos Veados. Lembram-se? Anton olhou para Emil. Em seguida, ambos concordaram.

– Um raio atingiu-a. Arrancou um grande...

Aquilo seria real, questionou-se Birk Larsen. Ou imaginado? Ou uma mentira para fazer com que as crianças adormecessem quando chegava a escuridão?

– Arrancou um grande galho. Bem...

Não importava, pensou Birk Larsen. As mentiras também podiam resultar, tal como a verdade. Melhor, às vezes. As mentiras bonitas podiam conseguir fazer-nos adormecer. As verdades feias nunca.

– Podemos dizer que também fomos atingidos por um raio. E que o raio nos levou a Nanna.

Os rapazes ouviram em silêncio.

– Mas, assim como a árvore no Parque dos Veados continua a crescer, nós também.

Uma boa mentira. Animou-o um pouco.

Theis apertou a mão de Pernille por baixo da mesa e disse:

– Temos de continuar a crescer.

– Onde está a Nanna? – perguntou Anton, o mais novo, o mais rápido.

– Está uma pessoa a tomar conta dela – disse Pernille. – Daqui a uns dias vamos todos à igreja. E então dizemos-lhe adeus.

As testas lisas dos rapazes franziram-se.

– A Nanna *nunca mais* vai voltar?

Mãe e pai, de olhar perdido por um instante. Estavam a falar com crianças. Preciosas, ainda encerradas no seu próprio mundo, sem necessidade de fugir dele.

– Não – respondeu Pernille. – Apareceu um anjo e levou-a para o céu.

Outra boa mentira.

Seis e sete anos, olhos vivos a brilhar. Não faziam parte daquele pesadelo. Ainda...

– Como é que a Nanna morreu?

Anton, claro.

As palavras fugiram-lhes. Pernille foi até ao quadro de cortiça, olhou fixamente para as fotografias, os horários, os planos que todos eles tinham feito.

– Como é que ela morreu, papá?

– Não sei.

– Papá.

– Bem... é uma coisa que às vezes acontece.

Os rapazes calaram-se. Theis pegou-lhes nas mãos. Interrogava-se: será que já me tinham visto chorar? Quanto tempo faltará para me verem a chorar outra vez?

– É uma coisa que às vezes acontece.

Lund e Meyer subiram as escadas, tocaram à campainha, esperaram. O corredor estava escuro, os candeeiros partidos. Tresandava a urina de gato.

– Quer dizer que te mudaste para casa da tua mãe em vez de ires viver com o tal norueguês?

– O Bengt é sueco.

– Consegues notar a diferença?

Não houve resposta. Havia folhetos publicitários empilhados junto da porta.

Lund caminhou até ao apartamento do lado. Havia uma luz por trás do vidro fosco. A placa de identificação dizia Villadsen.

O rádio de Meyer grasnou. Estava demasiado alto. Lund lançou-lhe um olhar severo e bateu à porta.

Nada.

Lund bateu novamente. Meyer ficou de um dos lados da porta, com os punhos nas ancas, em silêncio. Sarah quase deu uma gargalhada. Como a maioria dos homens dos Homicídios, Meyer usava uma pistola *Glock* de 9 milímetros à cintura, num coldre. Aquilo fazia-o parecer um *cowboy* de banda desenhada.

– O que se passa?

– Nada – Lund fez um esforço para não sorrir. – Absolutamente nada.

– Pelo menos eu tenho uma arma. Onde está...

Ouviu-se um chocalhar. A porta, que tinha a corrente engatada, abriu-se apenas uns cinco centímetros. O rosto de uma mulher idosa, pouco nítido naquela escuridão.

– Sou a *vicekriminalkommissaer* Sarah Lund, da polícia – disse, mostrando a identificação. – Precisamos de falar com a sua vizinha, Geertsen.

– Não está em casa.

Pessoas de idade e estranhos. Medo e desconfiança.

– Sabe onde está?

– No estrangeiro.

A mulher moveu-se, como que a preparar-se para fechar a porta. Lund pôs a mão entre a porta e a ombreira para a deter.

– Será que viu alguma coisa fora do normal aqui no prédio, hoje?

– Não.

Ouviu-se um som por detrás da mulher, no interior do apartamento. Os olhos de Mathilde não largavam os de Lund.

– Tem visitas? – perguntou Meyer.

– É só o meu gato – disse a mulher, fechando a porta com um estrondo logo em seguida.

* * *

Um minuto mais tarde, de regresso ao carro de serviço dela, Lund ao rádio, Meyer a seu lado. Começava a ficar inquieto.

– Preciso de apoio. O suspeito pode estar neste local.

– Vamos enviar um carro – responderam da central.

Da rua conseguiam ver a janela do apartamento.

Meyer disse:

– As luzes estão apagadas. Lynde sabe que estamos aqui.

– Eles estão a caminho.

Meyer sacou a *Glock* e inspecionou-a.

– Não podemos esperar. Um tipo destes. Uma velhota. Vamos entrar.

Lund abanou a cabeça.

– Para fazermos o quê?

– Tudo o que pudermos. Ouviste a irmã. Lynde está louco. Não vou esperar que dê cabo da velhota.

Lund inclinou-se sobre o assento, olhou-o nos olhos, disse:

– Vamos ficar aqui.

– Não.

– Meyer! Somos dois. Não conseguimos cobrir as saídas...

– Onde está a tua arma?

Sarah começava a faltar-se daquilo.

– Não tenho arma nenhuma.

Meyer fez o mesmo olhar que Lund vira no dia anterior, quando tinham falado acerca da Suécia. Espanto absoluto.

– O que foi? – perguntou Meyer.

– Não vamos sair daqui. Vamos esperar.

Um longo momento de silêncio. Meyer a abanar a cabeça.

– Tu podes esperar se quiseres – disse Meyer, e depois saltou para fora do carro.

* * *

Do outro lado da cidade, num carro de campanha acelerando na noite, Troels Hartmann atendeu a única chamada que não queria receber. Da agência noticiosa. Desta vez era oficial. Um jornalista cujo nome recordava.

O jornalista disse:

– Já sabemos daquilo da carrinha, Hartmann. A Nanna Birk Larsen foi encontrada numa das suas viaturas. Você abafou o caso. Porquê?

No apartamento por cima do depósito, enquanto Pernille chorava em silêncio, Theis Birk Larsen estava sentado com Anton e Emil, um em cada

um dos seus joelhos enormes, a contar mais histórias sobre anjos e florestas, a observar os rostos dos filhos, a odiar as suas mentiras.

Sarah Lund mordiscava mais uma pastilha de *Nicotinell*, pensava em Jan Meyer, pensava na rapariga morta que foi retirada da água.

Depois, abriu o porta-luvas, vasculhou por entre as embalagens de pastilhas elásticas, os isqueiros vazios, os lenços de papel e os tampões, e extraiu a sua pistola.

A meio das escadas escuras e húmidas, Sarah ouviu o barulho de vidros a partirem-se.

Fez o resto do caminho a correr, pegou no braço de Meyer, que estava a estilhaçar o painel de vidro da porta com a coronha da pistola.

– O que estás a fazer?

– O que é que achas?

– Eu disse-te para esperares.

Meyer partiu mais vidro, alargou o buraco com o cotovelo, enfiou uma mão por ele, olhou para Lund e lançou-lhe uma piscadela.

– Vai pela esquerda – disse Meyer. – Eu vou pela direita.

Mãos enfiadas pelo buraco, à procura. Ouviu-se o som de uma chave antiga a rodar numa fechadura antiga. Em seguida, a porta moveu-se. O interior do apartamento estava tão escuro como a noite de onde tinham acabado de sair. Meyer entrou disparado e desapareceu com uma passada. Lund aproximou-se da parede e avançou devagar. A *Glock* era uma forma estranha na sua mão direita.

O apartamento tresandava a naftalina e linimento, a gato e a roupa lavada. Lund deu três passos e foi contra um aparador, derrubou qualquer coisa com o braço e conseguiu apanhar o objeto mesmo antes de cair no chão. Via agora no que tinha tocado: uma estatueta de porcelana, uma camponesa de sorriso rasgado apesar dos baldes que transportava. Voltou a pô-la no lugar sem um som. Avançou, pisou alguma coisa, ouviu uma vozinha mecânica a quebrar o silêncio.

«O seu peso: cinquenta e sete quilos e duzentos gramas.»

Desceu da balança e tentou imaginar o que estaria Meyer a dizer para si mesmo.

«Cinquenta e sete quilos e duzentos gramas» – disse novamente aquela coisa.

Ouviu um suspiro de dor algures mais à frente. E depois passos. Uma silhueta. Meyer, caminhando pesadamente à sua frente, pistola em punho.

Nenhum outro som. Mais três degraus. Depois, à direita, uma porta entreaberta. Respiração esforçada, arrítmica. Sarah enfiou a arma no bolso, passou pela porta, apalpou a parede com os dedos, encontrou um interruptor. Ligou a luz.

À luz amarelada e mortiça da lâmpada de um único candeeiro de parede, a mulher idosa debatia-se, amarrada como uma ave num mercado de aldeia, pulsos e tornozelos atados, um trapo metido na boca.

Lund agachou-se, pôs-lhe a mão no ombro, tirou-lhe a mordança. Um longo gemido de dor e terror irrompeu dos lábios da mulher.

Meyer estava por perto, a praguejar.

– Onde está ele? – perguntou Lund. – Senhora Villadsen?

– O que foi que ela disse? – perguntou bruscamente Meyer.

A mulher arfava, tentando recuperar o fôlego. Estava apavorada.

– O que foi que ela disse?

Lund olhou para Meyer. Escutou. Meyer entendeu a mensagem. Regressou à escuridão do resto do apartamento, sapatos a bater na tijoleira.

Lund esperou.

Tu vais pela esquerda. Eu vou pela direita.

Será que aquilo ainda se aplicava? Sim, calculou Sarah. Meyer era um pouco como ela em alguns aspetos. Havia um plano, apenas um. E era para seguir até que algo mudasse. E Meyer também não gostava de trabalhar com outras pessoas.

Lund desfez os nós nos tornozelos e nos pulsos da mulher, disse-lhe para ficar onde estava, para não se mexer.

Um par de mãos esqueléticas agarrou-se a ela.

– Não me deixe aqui sozinha.

– Já volto. Nós estamos aqui. A senhora está em segurança.

– Não me deixe.

– Está tudo bem. Não se preocupe.

Mas os dedos enrugados continuavam aferrados a Lund.

– Preciso da minha bengala.

– Onde está?

A mulher suspirou, pensou, disse:

– No corredor.

– OK – voz calma, resoluta. Que era como Lund se sentia. – Fique aqui.

Sarah alcançou a porta, virou à esquerda.

Cheiros de cozinha. Esgotos, comida. O gato. Outro candeeiro antigo, luz mortiça, amarelada. Uma cadeira, uma mesa pequena. Cortinas de riscas até ao chão. A ondular suavemente, como se a janela por detrás delas estivesse aberta.

Em novembro.

Lund cruzou os braços, pensou, avançou, afastou cuidadosamente o tecido para o lado.

A dor mordeu-lhe o braço como uma picada de vespa, rápida e selvagem, levemente afiada.

Uma figura despontava das cortinas listradas, recortada contra as luzes fracas por detrás da janela. O seu braço direito agitava-se, para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo.

Outro lampejo de agonia.

Lund gritou:

– Para trás! Polícia! Para trás.

Procurou febrilmente a pistola com os dedos.

A parede deteve-a. A figura moveu-se abruptamente para a frente. Nesse momento, a luz captou-o. Na mão do homem, Sarah viu um x-ato, de lâmina curta, afiada. Ameaçadora.

O homem praguejou, cortou o ar, tão perto que Lund conseguiu ouvi-lo a mover-se ao ser deslocado junto da sua face.

Um rosto furioso, enlouquecido, boca a abrir-se, dentes amarelos à mostra. O homem rugiu. Mais um corte, um golpe profundo...

Os dedos de Lund apertaram-se em torno da coronha da arma. Ergueu-a, apontou-lhe o cano à cara.

Os olhos de John Lynge semicerraram-se. Estava a suar. Parecia doente. Parecia louco.

– Acalme-se, John. Não vou fazer-lhe mal. – Meyer não fez qualquer ruído. Sarah sabia o que ele devia estar a fazer.

Lynge recuou um passo. Os olhos de Lund começavam a habituar-se àquela luz. Viu-lhe os ombros, os braços.

Manteve a arma apontada.

– Eu não fiz nada!

Está assustado, pensou. Isso era bom.

– Eu não disse que você tenha feito alguma coisa, John.

Continua a tratá-lo pelo nome. Continua a diminuir a tensão.

Lynge começou a balançar-se para trás e para a frente, a soluçar, levou as mãos ao rosto.

A lâmina ainda lá estava. Será que ele se apercebia disso?

– Não acredita em mim – protestou Lynge.

– Estou a ouvi-lo. Pouse essa faca.

Lynge mostrou-lhe o x-ato. Não vacilou perante a pistola.

– Não vão meter-me outra vez na cadeia!

Voz enlouquecida. Um homem agonizante.

– Estamos só a conversar, John. Vamos fazer isso. OK? A escola...

Rígido e furioso, a tremer, quase no limite, Lynge berrou:

– Senti-me mal. Fui ao hospital. Voltei. A carrinha tinha desaparecido.

Talvez, talvez...

– Talvez o quê?

– Talvez tenha deixado cair a chave quando estava a vomitar. Não sei.

– Que chave?

– A chave da carrinha! Não está a ouvir-me.

Lynge estava a ficar cada vez mais furioso.

– Disse-me que estava doente. Estou a ouvi-lo, John.

O homem deu um passo para a esquerda. Lund podia vê-lo à luz alaranjada que vinha da rua.

– Sentiu-se mal e deixou lá a carrinha. Pouse a faca. Vamos conversar.

– Eu não vou voltar para aquele sítio. Eles vão saber...

– Não vai...

– John!

Uma voz masculina ríspida vinda do corredor. Lund respirou fundo. Olhou. Meyer estava ali. De arma erguida. A apontar diretamente à cabeça de John Lynge. A postos.

– Pousa a faca – disse Meyer com voz lenta e ameaçadora.

– Eu trato disto, Meyer – disse Sarah. – Está tudo sob controlo...

Lynge já estava a correr. Meyer atrás dele. Duas formas escuras a cruzar o chão.

Um grito e vidro estilhaçado. Um tumulto de palavrões amargos. Em seguida, um estrondo horrendo, lá fora. O som repugnante de carne e ossos a bater na calçada.

– Meyer? – disse Lund.
Havia uma figura à janela.
Lund aproximou-se da figura.
– Meyer? – disse novamente Sarah.

John Lynge estava inconsciente, preso a uma maca sobre um carrinho, tubos e aparelhos por todo o lado, enquanto era transportado a toda a velocidade por um corredor de hospital. Eram dez da noite. Lund perguntava, pela terceira vez:

– Quando posso falar com ele?

O cirurgião não abrandou o passo, limitou-se a olhar para ela e disse:

– Está a falar a sério?

– Vai sobreviver? – perguntou Sarah quando chegaram à porta da sala de operações.

Lund parou, repetiu a pergunta duas oitavas acima.

Não houve resposta. Depois, John Lynge desapareceu.

– Temos impressões digitais – disse-lhe Meyer. – Os peritos forenses ficaram com as botas dele.

– E nada com que as comparar. Ele disse que foi ao hospital!

– Tá bem, tá.

– Já ouviste alguém dizer isto, Meyer? Estava a dar uma queca com a minha namorada. Estava num bar. Agora «fui ao hospital»!

Nada.

– Lynge disse-me que deixou a chave na escola. Quando voltou, a carrinha já lá não estava.

– Estava a mentir!

Meyer olhou para Lund e abanou a cabeça.

– O tipo cortou-te, Lund. E ia cortar-te outra vez. Estava quase. Fazia-te a cara em tiras. Isso não te incomoda?

– Mas não quer dizer que tenha matado Nanna Birk Larsen. Verifica os registos hospitalares.

– Então, achas mesmo que...

– Se ele tiver um álibi eu quero saber. Vê se descobres isso!

A última ordem foi dada aos gritos. E Sarah não tinha o costume de gritar. Aquele homem irritava-a solenemente.

Lund despiu o casaco, verificou a manga da camisola preta e branca. Estava rota. A lâmina de Lynge tinha atravessado a lã e abrira uma ferida na carne, no antebraço, logo abaixo do ombro.

– Devias mostrar isso a alguém...

– Sim! Devia. Então e a velhota?

– Telefonei-lhe enquanto estavas a gritar com os médicos. Vai ficar em casa de uns parentes.

Lund concordou. Agora estava calma. O corte doía-lhe, mas não tencionava mostrá-lo a ninguém.

– Vai dormir um bocado – disse-lhe Lund. – Pede-lhes para me informarem se o estado dele se alterar.

Meyer cruzou os braços, não se mexeu.

– Que foi – perguntou Lund.

– Não saio daqui enquanto não te vir a falar com uma enfermeira.

O debate televisivo tinha acabado. Um empate, na melhor das hipóteses, pensava Hartmann. À porta dos estúdios, no meio de um amontoado de pessoas que esperava pelos seus carros, Hartmann conduziu Rie Skovgaard para um lado e perguntou:

– A Lund disse alguma coisa?

– Não.

– Telefonaste-lhe?

– Ninguém atende.

Chovia. Não havia qualquer sinal do motorista.

– Não podemos dar-nos ao luxo de esperar mais. Redige uma declaração.

– Até que enfim...

– Passa-a ao jornalista que telefonou, ele é de confiança. Diz-lhe que é um exclusivo. Tenta conseguir-nos algum espaço para respirar...

Bremer apareceu, de casaco por cima do ombro, olhou rapidamente para a chuva, recuou sob o abrigo do telhado.

– Reunião de emergência?

Calaram-se os dois.

– Achei-te um bocadinho enferrujado esta noite – disse Poul Bremer. – Não me leves a mal por estar a dizer isto.

– A sério?

Nenhum dos lados tinha marcado pontos. Não tinha sido largada nenhuma bomba. Mas o modo como Bremer sorriu durante todo o debate deu que pensar a Hartmann. Cada assunto, cada pergunta, conduzia Bremer à questão do carácter. Da falta de experiência de Hartmann, de provas dadas.

O velho sacana sabia de alguma coisa. Estava à espera do momento certo para falar.

– Enferrujado – repetiu Bremer. – Tens de fazer melhor do que aquilo.

– Ainda faltam três semanas para as eleições – disse Skovgaard. – Temos muito tempo.

– Ah, o Troels esteve a poupar energias. Bem, dizem que é uma jogada inteligente. Boa-noite!

Hartmann ficou a vê-lo afastar-se.

– Um dia vou dar cabo daquele dinossauro esclerótico – murmurou Hartmann.

– Tens mesmo de trabalhar o teu temperamento – disse Skovgaard.

O político desviou o olhar gélido para Rie.

– Ai tenho?

– Tens. É bom transmitir essa imagem de homem apaixonado. Empenhado. Enérgico. Mas não mal-humorado, Troels. As pessoas não gostam disso.

– Obrigado. Vou tentar lembrar-me disso.

– Bremer está à procura de pontos fracos. Não lhe dêes um de bandeja. O teu temperamento torna-te vulnerável. Ele não foi o único a reparar nisso.

Hartmann não chegou a olhá-la nos olhos.

– Preciso que trabalhes isso.

Skovgaard ergueu o telemóvel.

– A agência noticiosa Ritzau⁷ também já ouviu falar da carrinha. A história está na rua.

O grande carro preto chegou e estacionou à frente deles. O motorista da Rådhus abriu a porta e saiu.

– Eu disse-te que precisávamos de divulgar esta história rapidamente – afirmou Rie. – Agora andamos a tentar remediar à pressa o que devíamos ter matado à nascença.

– Bremer está por detrás disto.

– O mais certo é ser alguém na polícia. Senão, como é que ele ia saber?

– Doze anos naquele trono. Talvez o Politigården⁸ também esteja a trabalhar para ele.

Uma comprida limusina passou velozmente por eles. Bremer desceu o vidro, lançou-lhes um sorriso rasgado, acenou como um rei a saudar os seus súbditos.

– Há alguém a trabalhar para ele – murmurou Hartmann. – Temos de saber quem é.

Dez minutos mais tarde, o carro parou à frente da Rådhus. Uma multidão de jornalistas e operadores de câmara juntou-se em torno deles.

– Diz o que combinámos – aconselhou Skovgaard. – Tem calma, tens de ser sério e confiante. Não te enfureças. Não te desvies do guião.

– Qual guião? – perguntou Hartmann. De repente, estavam no meio daquela turba, mãos aferradas às portas, a tentar abri-las.

A chuva caía, torrencial e constante. Hartmann avançou lentamente por entre a multidão, tentando alcançar os degraus do edifício. A ouvir as perguntas. A pensar nas respostas.

– Hartmann? Qual é a sua ligação a Nanna Birk Larsen?

– Onde estava na sexta-feira?

– O que é que tem a esconder?

Um mar de vozes hostis. Quando chegou à porta, parou, viu os gravadores a aparecerem, prontos para captar cada palavra.

O que quer que dissesse passaria na rádio minutos depois. Gravado para sempre, repetido nos jornais, postado na Internet.

Hartmann esperou até que estivessem prontos a ouvi-lo e depois disse, da forma mais calma e com o melhor ar de estadista que conseguiu convocar:

– Uma jovem foi encontrada morta numa carrinha alugada pelo meu gabinete de campanha. É tudo o que vos posso dizer. A polícia pediu-nos especificamente que não comentássemos. Mas deixem-me dizer-vos uma coisa...

– Quando soube? – gritou uma mulher.

– Deixem-me dizer-vos... Ninguém do partido ou da organização está envolvido neste caso. Isto é o máximo que posso...

– Nega ter sonegado informações por causa das eleições?

Hartmann procurou a fonte daquela pergunta. Partira de um homem careca e corpulento com cerca de trinta e cinco anos, de cigarro na boca e sorriso trocista.

– O quê?

O repórter abriu caminho até ficar mais perto.

– Esta não é difícil, Hartmann – vociferou o jornalista através da floresta de gravadores. – Nega ter deliberadamente enganado o público para ganhar alguns votos. Será que é este o género de atitude que o Partido Liberal tem para nos oferecer?

Hartmann não parou para pensar naquilo. Foi para o meio da multidão tão depressa que Skovgaard não conseguiu detê-lo. Agarrou o homem pelos colarinhos.

O sorriso nunca deixou o rosto do jornalista careca.

– Sim – respondeu Hartmann, com a cara quase colada à dele. – Nego – uma pausa. Hartmann soltou-o, escovou-lhe o colarinho com as mãos como se aquilo fosse uma piada. – Isto não tem nada que ver com política. Essa rapariga...

Estava a desviar-se do guião. Estava a afogar-se.

– Troels? – disse Skovgaard.

– A rapariga...

Os *flashes* das máquinas fotográficas disparavam. Uma coroa de espinhos de gravadores eriçou-se em torno dele.

O homem a quem quase dera um soco extraiu um cartão e empurrou-o para os dedos de Hartmann, que pegou nele sem pensar.

– Troels?

A afogar-se.

Rie pegou-lhe no braço, puxou-o calmamente para longe, pela porta, para o vestíbulo, através do pátio interior e do silêncio reluzente da Rådhus, até encontrarem segurança por detrás das suas muralhas.

Hartmann sentiu o papel na mão. Olhou.

Era um cartão de visita.

Apenas um número de telemóvel. E um nome.

Erik Salin.

Passara a noite inteira sentada na sala da frente, na penumbra, a ver televisão, a mudar de canal de notícias para canal de notícias.

Ia começar o noticiário principal.

«Troels Hartmann está a ajudar a polícia a resolver o caso» – disse a pivô. «O vereador nega qualquer ligação com a jovem assassinada ou com o crime.»

Tinha visto os cartazes dele por todo o lado. Marcante, bonito, mais parecido com um ator do que com um político. Também parecia sempre triste, pensou.

Um ruído vindo de trás. Não se virou.

Theis apareceu e deixou-se cair ao lado dela no tapete.

– A carrinha pertencia ao político – disse Pernille. – Estão à procura de um motorista.

Theis tinha a cabeça entre as mãos. Não disse nada.

– Porque é que não nos dizem o que está a acontecer, Theis? É como se nós não importássemos.

– Dizem-nos quando tiverem alguma coisa a dizer.

A letargia de Theis enfureceu-a.

– Eles sabem mais do que nós. Não te importas?

– Para com isso!

– Não te importas?

O televisor era a coisa mais brilhante na sala.

– Como é que a Nanna podia conhecer esse motorista? Alguém metido na política? Como...

– Não sei!

Havia um abismo entre eles. Um abismo que era novo. A mão grande e desajeitada de Theis ergueu-se para tocar nela. Pernille recuou.

– Ouve – disse Theis. – Acho que é melhor sairmos daqui por uns dias. Podíamos alugar a mesma casa que alugámos no fim de semana passado.

Na semiobscuridade, com os rostos iluminados pelas notícias sobre a filha, Pernille olhou para Theis, espantada.

– A polícia está sempre aqui metida – argumentou Theis. – Os miúdos estão constantemente a ver a Nanna nos jornais. Nessa maldita coisa. Os outros miúdos falam com eles na escola acerca da Nanna.

Pernille começou a chorar. A mão de Theis dirigiu-se para o seu rosto húmido. Desta vez, Pernille não recuou perante o gesto dele.

– E tu – perguntou Theis. – A ver isto. A reviver isto. O dia inteiro, a noite inteira...

– A minha filha precisa de um funeral e tu queres que eu fuja de Vesterbro?
Ainda não tinham utilizado aquela palavra. Nem sequer tinham pensado nisso.

Birk Larsen juntou as mãos enormes. Fechou os olhos estreitos com muita força

– Amanhã vamos conversar com o pastor – disse Pernille. – Vamos organizar tudo. É isso que vamos fazer.

Silêncio à luz pálida da cozinha. O homem grande com a cabeça entre as mãos.

Pernille Birk Larsen pegou no controlo remoto, encontrou outro canal.
Ficou a assistir ao noticiário.

Com cuidado, para não doer muito, Lund despiu a camisola das ilhas Faroé. Olhou para o corte ensanguentado. Perguntou a si própria se a camisola teria arranjo. Não tinha jeito para a costura. Mas...

O vestido de casamento ainda estava no manequim, agulhas e linha nas mangas e na gola.

Os vestidos eram as únicas coisas que a mãe alguma vez fizera. Era como uma campanha de uma mulher só para casar a população feminina do mundo.

Mesmo assim, Lund deixou a camisola junto da caixa de costura. A mãe apareceu, vinda do quarto, a bocejar e a resmungar.

– Sabes que horas são?

– Sei.

Vibeke olhou para a mesa, irritada.

– Por favor, não deixes a tua roupa por todo o lado. Não admira que o Mark seja tão desarrumado.

A mãe viu o corte, claro. Aproximou-se de Sarah, inclinou-se, observou.

– Que aconteceu?

– Nada.

– Tens um corte no braço.

Ensopado de carne e batatas na panela. O molho tinha solidificado. As batatas estavam secas. Lund deitou um pouco de cada num prato e empurrou-o para o micro-ondas.

– Um gato arranhou-me.

– Não me digas que foi um gato que te fez isso.

– Era um gato vadio.

Olharam uma para a outra, numa espécie de tréguas. Temporárias, pelo menos.

– Porque insistes em ir trabalhar? – perguntou Vibeke. – Agora que podes ter uma vida como deve ser?

O micro-ondas emitiu um bipe. A comida estava morna. Era suficiente. Lund estava com fome. Sentou-se, pegou num garfo, começou a comer.

– Já te disse esta manhã. É só até sexta-feira. Se estivermos a incomodar podemos ficar num hotel.

A mãe foi sentar-se à mesa, um copo de água na mão.

– Porque é que haveriam de incomodar? Porque...

Com a boca cheia, Lund disse:

– Desculpa. Estou cansada. Não vamos discutir.

– Nós nunca discutimos. Tu vais-te sempre embora.

Lund sorriu, comeu outra garfada de carne com batatas. Comia aquilo desde criança. Nada de especial. Comida. Sempre igual.

– Está delicioso – disse Sarah. – A sério – a mãe observava-a.

– O Bengt perguntou-me se querias ir à festa de inauguração da casa no sábado. Estamos a remodelar o quarto de hóspedes.

A mãe observava o prato de Lund, acompanhando atentamente o que tinha sido comido, o que restava.

– O Bengt ligou-me – disse Vibeke. – Hoje à tarde. Não sabia de ti.

A cabeça de Lund descaiu. Praguejou.

– Não lhe disseste que eu ficava aqui até sexta-feira, pois não?

– Claro que disse! Devia ter-lhe mentido?

Lund afastou o prato, tirou uma cerveja do frigorífico, foi para o quarto e telefonou.

Bengt Rosling não se irritava. Nunca. Estava para lá desse sentimento. Ou aquém. Lund nunca percebera ao certo.

Conversaram acerca de partidos políticos e de pinho polar, falaram de trivialidades, agiram como se nada tivesse acontecido. Como se estivesse tudo bem.

Bengt não sabia que Sarah estava a ver o noticiário no computador enquanto conversavam. Manteve o som baixo. Era tudo sobre Hartmann.

Quando sexta-feira chegasse, estaria na Suécia. Com Mark, e também com a mãe, embora por pouco tempo. A nova vida iria começar. O passado

desvanecer-se-ia. Copenhaga e Carsten. O crachá de *vicekriminalkommissaer*.

Sentiu-se melhor por ter falado com ele, desligou o telemóvel, feliz. Lembrou-se logo do que se tinha esquecido de dizer.

Antes de conseguir ligar-lhe novamente, o telemóvel tocou.

Era Bengt. De certeza. Por isso, atendeu. E, com um esforço deliberado, deu por si a dizer:

– Amo-te.

– Ena! Já ganhei o dia.

Era Meyer. Os ruídos que fazia enquanto conduzia. Lund conseguia imaginar o carro a avançar muito depressa por entre a chuva negra. Aperitivos com sabor a queijo no lugar do morto. Pastilhas elásticas e tabaco.

– Que queres?

– Disseste-me para te ligar quando tivesse novidades do hospital! – Meyer estava a fazer-se de vítima. – Lynge deu entrada na sexta-feira.

– Quanto tempo estive lá?

– Até às sete da manhã do dia seguinte. O idiota é viciado em heroína. Não tomou a metadona ou uma porra qualquer do género.

Troels Hartmann apareceu no ecrã. Quase a dar um soco num jornalista desbocado.

Tinha perdido a cabeça por causa de uma simples pergunta: «Nega ter sonegado informações por causa das eleições?»

Julgava que Hartmann era um homem calmo e razoável.

– Será que pode ter saído sem ninguém dar por isso?

Uma pausa ruidosa: Meyer a Mastigar.

– Nem pensar nisso. Estava numa enfermaria. Medicado. Estive lá a noite toda.

– Não podes deixar os aperitivos em paz? Se estiverem espalhados por todo o carro...

– Não comi nada o dia todo.

– Encontrei a bicicleta da Nanna?

– Não.

– E o telemóvel dela?

– Também estava na carrinha de Hartmann. É estranho.

– O laboratório pô-lo a funcionar – disse Meyer. – A última chamada foi feita na sexta-feira. Talvez a partir da escola. Não sabem ao certo.

– OK. Voltamos lá de manhã.

– Não, Lund. Tu não vais.

Meyer continuava a comer aperitivos de queijo. Conseguia ouvi-lo a triturá-los freneticamente, como era seu costume, como se aquele fosse o último pacote do mundo.

– Porque não?

– Encontrei o Buchard. O Hartmann quer uma reunião. Tem que ver contigo.

– Lund refletiu acerca daquilo.

– Vê se dormes um bocado. Faz o teu relatório.

– Obrigada. Dorme bem também, querida.

– Ha, ha, ha.

– Lund? Pensa nisto. Hartmann não te ligou a ti a pedir a tal reunião. Ligou ao Buchard. Ou talvez a alguém acima do Buchard. Ou talvez... – aquele ruído dos aperitivos a serem mastigados estava a pô-la doida. – Alguém acima dele. Agora temos os políticos à perna. Aposto que estão todos a telefonar para quem está acima deles, a tentar deitar merda para cima das nossas cabeças. Sonha com isso.

No pequeno quarto, a ouvir a mãe a arrastar-se pela cozinha, a limpar coisas, a varrer, Sarah Lund acompanhava as notícias no computador. Observava cuidadosamente Troels Hartmann, segundo a segundo.

⁵ A «Cidade Livre de Christiania» é uma comunidade independente e autogerida, localizada nos subúrbios de Copenhaga. (*N. do T.*)

⁶ Uma coroa dinamarquesa equivale a 13 cêntimos de euro. (*N. do T.*)

⁷ A maior agência noticiosa independente da Dinamarca, fundada em 1896. (*N. do T.*)

⁸ Quartel-general da polícia dinamarquesa, situado em Copenhaga. (*N. do T.*)

Quarta-feira, 5 de novembro

Hartmann chegou ao quartel-general da polícia pouco depois das nove da manhã, foi direito ao gabinete de Lund. Sentou-se sob o brilhante sol de inverno que jorrava através da estreita janela à frente dela e de Buchard. A perspicaz e severa Rie Skovgaard estava ao lado de Hartmann, acompanhando cada palavra.

– Podia ter evitado esta merda toda a noite passada – disse Hartmann. – Se tivesse agido corretamente e tivesse emitido logo um comunicado. Antes de vocês terem permitido esta fuga de informações.

Aquilo era política, uma palavra que Lund tinha conseguido evitar até ao caso Birk Larsen. Sentia-se a pisar terreno desconhecido. Mas estava interessada.

O chefe inclinou-se para a frente, chamou a atenção de Hartmann, disse:

– Não houve fuga de informações a partir daqui, garanto-lhe.

– O motorista confessou? – perguntou Hartmann.

Lund abanou a cabeça.

– Não, nem vai confessar. Está inocente.

O rosto do cartaz, bonito, atencioso, benevolente, tinha desaparecido. Troels Hartmann estava a ficar furioso.

– Espere um momento. Ontem, você disse que...

– Ontem disse que o tipo era suspeito. Era. Mas deixou de ser. É assim que isto funciona. Por isso é que lhe pedi para ficar calado.

– Mas continua a afirmar que alguém utilizou a nossa carrinha?

– Sim.

– Talvez tenha sido roubada – acrescentou Buchard.

– Roubada? – Hartmann não parecia satisfeito com aquela ideia. – Quando é que vão tornar isso público?

– Ainda não – respondeu Lund. – Temos de esperar.

– Esperar pelo quê? – quis saber Skovgaard.

Lund encolheu os ombros.

– O motorista ficou ferido. Vamos falar com ele hoje. Saber o que tem a dizer...

– Se a nossa carrinha foi roubada – disse Skovgaard – devemos dizê-lo aos jornalistas. Os prejuízos que isto está a causar...

Lund cruzou os braços, olhando Hartmann nos olhos, ignorando a mulher.

– Se o homem que procuramos achasse que suspeitamos de outra pessoa, isso podia ajudar-nos.

– Não podemos continuar a fazer este jogo – disse Hartmann. – A Rie pode redigir um comunicado – virou-se para Buchard. – O senhor verá uma cópia. Vai ser tornado público. Assim que...

Lund arrastou a cadeira pelo gabinete, sentou-se mesmo à frente de Hartmann.

– Ficava-lhe muito grata se esperasse.

– Não posso fazer nada.

– Os prejuízos que isto nos pode causar...

Os olhos de Hartmann iluminaram-se.

– Então e os prejuízos que isto me pode causar a mim? O mal já está feito. E as coisas estão a piorar. Buchard...

O chefe assentiu.

– Verá uma cópia – prometeu Hartmann. – Se encontrar algum erro, diga-nos. Não quero saber de mais nada.

– Muito obrigado.

– E pronto – Hartmann levantou-se. – Estamos conversados. Adeus.

* * *

Lund não concordava nada que estivessem conversados. Levantou-se e foi até ao corredor. Apanhou Hartmann e a tal Skovgaard enquanto se dirigiam para as escadas em caracol.

– Hartmann! Hartmann! – o político estacou. Não estava a sorrir.

– Será que pode ouvir-me...

– Os jornalistas estão a comportar-se como se eu fosse suspeito – Hartmann espetou um dedo no peito. – Como se eu tivesse matado aquela

rapariga.

– Na televisão garantiu que ia colaborar conosco.

– Nós temos colaborado – disse Skovgaard. – E veja onde isso nos levou.

Lund deixou-se ficar à frente de Hartmann, os olhos sagazes a brilhar, insistentes.

– Preciso da sua ajuda.

Skovgaard disse:

– Temos de ir.

– Lund?

Svensen, um dos elementos da equipa de Homicídios, saiu da sala de operações, acenou-lhe.

– As tuas visitas chegaram.

Lund tocou no braço de Troels Hartmann.

– Só um minuto, por favor. Ainda não acabei. Um minuto. Dê-me isso, ao menos.

Duas figuras, ao fundo do comprido corredor. Um homem enorme, grisalho, de longas suíças e blusão de couro preto. Uma mulher de gabardina bege, cabelo castanho, um rosto atraente que parecia perdido e assustado. O homem não parava de mexer no gorro preto que tinha nas mãos. À espera. Na expectativa de algo que não queriam ver. A mulher olhava fixamente para as paredes reluzentes de mármore negro e agarrava-se ao braço dele.

Lund foi ao encontro do casal com um ar profissional, dinâmico. Falou brevemente e, em seguida, os Birk Larsen caminharam pelo corredor, passando por Hartmann e por Rie Skovgaard, que se mantinha ligeiramente afastada do vereador.

Nem uma palavra foi dita. Não havia nada a dizer.

Por um instante, a mulher virou-se e olhou fixamente para eles. Depois seguiu o seu caminho.

– Estamos atrasados – disse-lhe Skovgaard. – Troels. Temos de ir andando. Lund observava. Hartmann ficara magnetizado ao ver o casal.

– Troels?

Hartmann perguntou:

– Aqueles eram...

Lund assentiu, olhou para Hartmann, esperou.

– Será que isso vai fazer a diferença?

– Sim.

- Como é que pode afirmar uma coisa dessas? – rosnou Skovgaard.
- Sei que se emitirem um comunicado teremos perdido uma oportunidade.

Uma vantagem, talvez.

Lund suspirou, encolheu os ombros.

- Temos tão poucas. Vou lutar para conservar todas as que pudermos.

– OK. – Hartmann não viu o olhar mortífero que Skovgaard lhe lançou com os seus olhos frios.

- Só até amanhã. Depois... Lund...

Sarah escutou.

– Amanhã – prosseguiu Hartmann – clarificamos a nossa posição. Diga o que disser.

No gabinete de Lund, café sobre a secretária sem ninguém lhe ter tocado, Theis e Pernille Birk Larsen à escuta.

- Recebemos um relatório preliminar do patologista forense – disse Lund.

– A autópsia ainda não está concluída. Um funeral...

– Temos de sair daqui – interrompeu Birk Larsen. – Logo à tarde vamos até à praia. Aqueles malditos jornalistas todos. Os miúdos. – Theis olhou para Lund. – E vocês, sempre a entrarem e a saírem do apartamento. Assim, podem fazer o que quiserem enquanto não estivermos lá.

- Se é isso que quer fazer.

- Que estão a fazer com a Nanna? – perguntou Pernille.

– Mais alguns testes. Não sei ao certo – uma mentira, a que utilizava sempre. – Quando o corpo puder ser resgatado nós avisamos-vos.

A mãe estava noutra lugar, pensou Lund. Perdida nas suas memórias. Ou a imaginar.

Novamente o pai:

- Para onde vai a Nanna?

- Normalmente, para uma agência funerária. A escolha é vossa.

Pernille despertou.

– O que foi que lhe aconteceu? – Pernille fungou. – O que foi que ele lhe fez?

Lund abriu as mãos.

– Tenho de esperar pelo relatório completo. Compreendo que queiram saber. É...

Theis Birk Larsen parecia prestes a pôr as suas grandes mãos sobre os ouvidos. Ouviu-se uma pancada na porta. Um agente da equipa de Homicídios. Desculpou-se, começou a pedir documentos que estavam na secretária de Lund.

Eram tantos e diziam tão pouco. Lund ajudou-o, distraiu-se. Perdeu-se por um momento. Não reparou que a porta estava entreaberta.

Mas Pernille Birk Larsen sim, e teve um breve e chocante vislumbre da sala que havia em frente. A sala de autópsias.

Fotografias na parede. Um par de tornozelos amarrados com plástico preto. Pernas feridas sobre uma mesa prateada. Um rosto sem vida, o de Nanna, coberto de contusões, olhos fechados, lábios roxos e inchados. Um olho ensanguentado. Uma unha partida. A combinação com uma marca de facada. Um *top* rasgado.

Setas que apontavam para pormenores, para manchas de sangue e cortes. Círculos que marcavam equimoses, notas a descrever lesões.

O corpo de Nanna, deitado sobre um lado, mãos amarradas, pernas atadas. Deitado numa mesa, completamente imóvel.

Pernille ergue-se.

Respiração a acelerar, coração a martelar, Theis ao lado dela, a encaminhar-se para a porta.

Um ruído: um lápis a cair quando Pernille passa.

Quebra-se o feitiço. Lund olhou, a fúria a crescer, arrastou o polícia à sua frente, empurrou-o porta fora, gritou:

– Fecha a porta!

Lund virou-se novamente para o casal

– Lamento muito – disse.

Theis e Pernille permaneceram em silêncio. O homem grande e a mulher dele. Para lá das lágrimas, pensou Lund. Para lá dos sentimentos.

– Lamento muito – disse novamente Lund, com vontade de gritar.

Theis agarrava a secretária com uma mão, os dedos da mulher com a outra.

– Acho que está na altura de nos irmos embora – disse Birk Larsen.

Caminharam pelo corredor como dois fantasmas perdidos no limbo, de mãos dadas, sem rumo.

– Telefonem-me sempre que precisarem – gritou-lhes Lund, desejando ter outra coisa para lhes dizer.

* * *

A diretora Koch estava sem tempo para a polícia.

– Preciso que esta escola regresse à normalidade – disse. – Vai haver um serviço fúnebre. Eu vou discursar.

– Isto não tem que ver com o que a senhora precisa – disse-lhe Lund.

Estavam no corredor, do lado de fora da sala de Nanna. Adolescentes de um lado para o outro. Lund viu Oliver Schandorff, que andava por ali a tentar escutar.

– Não acredito que possa pensar que a escola está envolvida!

Meyer entrou na discussão como um prego atraído por um íman.

– Sabe uma coisa? Se nos deixar fazer o nosso trabalho talvez possamos responder a essa pergunta.

Meyer lançou-lhe o seu melhor olhar de reprovação. Quando a diretora saiu, disse:

– Lynge chegou ao meio-dia e disseram-lhe para deixar os cartazes que transportava na cave. Alguém também o viu a rondar o ginásio.

– Porquê?

– Não faço a mais pequena ideia. Talvez estivesse com preguiça. Ou doente. Ou então gostava de ver as raparigas a jogar voleibol.

– Talvez tenha perdido a chave da carrinha no ginásio.

Meyer encolheu os ombros.

– Quem teve Educação Física depois disso? – perguntou Lund.

– Ninguém. A aula seguinte foi só na segunda-feira. Ninguém deu parte do desaparecimento de nenhuma chave.

Avançaram pelo corredor em direção ao átrio da escola.

– O que temos sobre a rapariga?

Meyer consultou os apontamentos.

– Uma das melhores alunas da escola. Boas notas. Popular. Bonita. Os professores adoravam-na. Os rapazes queriam ir para a cama com ela.

– E ela cedia?

– Só Oliver Schandorff, mas a Nanna acabou com ele há seis meses.

– Drogas?

– Nada. E também não costumava beber. Tenho uma foto da festa. Ninguém a viu depois das nove e meia.

Lund olhou para a fotografia impressa nos dedos de Meyer. Nanna com uma cabeleira azul brilhante e um chapéu de bruxa, preto. Lisa Rasmussen ao lado dela. Ambas a sorrir, Lisa como uma adolescente, Nanna mais...

– Parece... uma miúda muito crescida – observou Meyer.

– Que queres dizer com isso?

– Que ela... parece uma miúda muito crescida. Sobretudo ao lado da amiga.

Meyer fez aparecer outra fotografia. Nanna e Lisa novamente, talvez um momento antes, ou depois. Lisa com o braço em volta de Nanna, que desta vez sorria abertamente.

Lund olhou para a cabeleira e para o chapéu.

– Teve esta trabalhadeira toda com o fato para depois sair mais cedo?

– Sim. É estranho, não é?

Lund olhou para o corredor, olhou para os cacifos e para os cartazes nas paredes.

Meyer acenou-lhe com o bloco de notas.

– Há aí algumas respostas? – perguntou-lhe Sarah.

– Há perguntas, Lund. Já é um começo.

Levaram Lisa Rasmussen para uma sala vazia.

Primeira pergunta de Lund.

– Não nos tinhas contado que o Oliver e a Nanna discutiram na pista de dança. Porquê?

Um beicinho de adolescente, e depois:

– Não foi importante

Meyer olhou-a de esguelha.

– A tua melhor amiga foi violada e assassinada e achaste que a discussão entre eles não era importante?

Não ia chorar. Era dia de ser hostil para a polícia.

Estávamos a dançar. O Oliver apareceu. Não foi propriamente um grande drama.

Lund sorriu-lhe.

– Oliver atirou com uma cadeira.

Nada.

– A Nanna estava bêbada?

Numa voz nasalada e petulante, em crescendo, Lisa disse:

– Nnnão.

– Tu estavas? – perguntou Meyer.

Um rolar dos ombros.

– Um bocado. Qual é o problema?

– Porque é que eles acabaram? – perguntou Meyer.

– Não faço ideia.

Meyer inclinou-se sobre a mesa, disse muito pausadamente:

– Porque... é... que... eles...

– A Nanna disse-me que o Oliver era imaturo! Que não passava de uma criança.

– Mesmo assim, achavas que a Nanna estava com ele?

– Não a conseguia encontrar.

Lund tomou a palavra.

– Porque é que eles estavam a discutir?

– O Oliver queria falar com ela. E a Nanna não queria falar com ele.

– E depois a Nanna foi-se embora. Onde estava o Oliver nessa altura?

– Atrás do bar. Era o turno dele.

– Tens a certeza?

– Eu vi-o.

Meyer empurrou uma folha sobre a mesa sem nunca desviar o olhar de Lisa Rasmussen.

– Isto é o horário do bar – disse Lund. – Não está aqui o nome dele. Mais ninguém se lembra de o ver a trabalhar naquela noite.

Lisa não olhou para o horário. Limitou-se a morder o lábio como uma criança.

– O que é que ela tinha vestido? – perguntou Meyer.

Um momento para pensar na resposta.

– Um chapéu de bruxa com uma fivela. Uma cabeleira azul. Também tinha uma vassoura. Feita de galhos. E um vestido de festa foleiro...

– Estava frio na rua, Lisa – interrompeu Meyer. – Não achaste estranho que a Nanna andasse só de vestido?

– Acho que ela tinha um casaco na sala de aulas.

– Nesse caso, a Nanna teria subido as escadas – disse Lund.

– Mas não foi isso que aconteceu – disse Meyer, rápido como um tiro. – A Nanna desceu as escadas. Disseste-nos isso da outra vez. – Meyer olhou para a rapariga. – A Nanna desceu as escadas, não é verdade?

- Desceu as escadas – murmurou Lisa.
- Então como é que ela ia buscar o casaco? – pressionou Lund.
- Pois – Meyer estava em cima dela. Agora estavam ambos em cima dela.
- Como?
- Não sei se a Nanna tinha o casaco vestido. Havia pessoas. Muitas...
Lisa Rasmussen calou-se, faces vermelhas, ar de culpada.
Meyer examinou a rapariga.
- Pensei que hoje não ias chorar, Lisa. Porque é que de repente está tudo tão difícil?
- Não sabes quando ela saiu ou se o Oliver a seguiu ou não – disse Lund.
- Sabemos que estás a mentir-nos! – berrou Meyer. – Será que o Oliver encontrou a chave da carrinha? Será que lhe deu uma lá dentro para mostrar como era homem? Estiveste a espreitá-los por diversão?
- Lund interveio, colocou um braço em torno da rapariga. Agora havia uma torrente de lágrimas.
- É importante que nos contes o que sabes – disse Sarah.
- Com uma voz estridente e assustada de criança, Lisa Rasmussen lamuriou:
 - Eu não sei de nada. Deixem-me em paz.
- O telemóvel de Meyer tocou.
- Tens de contar-nos... – começou a dizer Lund.
- Não, não tem – disse Meyer, pegando no casaco.

A cave da escola era composta por um conjunto de divisões. Tinham posto Svendsen a passá-las em revista, uma de cada vez, e a resmungar sobre ter de fazer aquilo sozinho.

Svendsen encontrou a vassoura de galhos, juntamente com alguns sacos de plástico numa área reservada ao armazenamento de bicicletas.

Lund observou.

Portas metálicas em fila. Cubículos semelhantes a celas para além delas.

A cabeleira azul estava num dos sacos de plástico.

- Então e a bicicleta dela?
- Estou sozinho – disse Svendsen pela quarta vez naquela manhã.
- Sela a área. Traz uma equipa forense completa aqui abaixo – ordenou Lund.

* * *

Weber estava ao computador. Parecia viver mais tempo na sede de campanha a cada dia que passava.

– Viste as novas sondagens? – perguntou.

– As sondagens de amanhã é que contam – respondeu Hartmann. – Quando se souber que há uma aliança...

Morten Weber franziu a testa.

– Até o nome de Kirsten Eller estar preto no branco não vamos contar espingardas.

– Falei com eles ontem à noite. Está feito, Morten. Para de te preocupar. Skovgaard terminou o telefonema e aproximou-se. Também não parecia satisfeita.

– Vocês os dois estão em sintonia, para variar – disse Hartmann. – Qual foi o meu erro desta vez?

– Os apoiantes da Eller julgam que estás a ser evasivo – respondeu Skovgaard. – Assim como alguns dos nossos.

– Diz-lhes... diz-lhes que a carrinha foi roubada.

O telefone de Weber tocou.

– Porque não contar-lhes a verdade? – propôs Weber antes de atender. – Que estamos a ajudar a polícia.

– A polícia tem a sua própria agenda – retorquiu Skovgaard. – Está-se nas tintas para nós.

Hartmann arrepiou-se. Aquela Lund intrigava-o. Estava disposto a dar-lhe uma hipótese.

– Não me vou aproveitar da situação, Rie. Não sou esse género de político.

Skovgaard disse:

– Às vezes dás-me vontade de gritar. Continua assim e não vais ser político por muito tempo.

– Era a Kirsten Eller – Weber desligou o telefone. – Quer encontrar-se contigo. Imediatamente – Weber olhou para Hartmann por cima dos óculos. – Pensei que tinhas tratado disto, Troels.

– O que é que ela quer?

– Não ia dizer isso a um mero subordinado como eu, não achas? É bastante óbvio, não é?

Hartmann não disse nada.

– Quer alguma margem de manobra – disse Skovgaard.

Ambos olharam para Hartmann, como se ele devesse saber aquilo.

– Quem é que não quer? – perguntou Weber.

Hartmann levantou-se.

– Vou tratar da Kirsten Eller.

Um quarto de hora mais tarde, Hartmann estava sozinho numa sala de reuniões na sede do Partido do Centro. Eller não sorria.

– Subestimei os sentimentos no seio do grupo – disse.

– Como?

– Esta trapalhada com a polícia. Pôs as pessoas a falar sobre ti. Os apoiantes de Bremer farejam o teu sangue.

– A carrinha foi roubada. O motorista está inocente.

– Porque é que ninguém sabe disso, Troels?

– Porque a polícia nos pediu para esperarmos. Foi a coisa certa a fazer. Que diferença é que isso faz?

– Uma grande diferença. Podias ter-me avisado.

– Não. Não podia. A polícia pediu-me para não contar a ninguém.

– O Bremer telefonou-me hoje de manhã. Promete construir dez mil apartamentos, habitações sociais, rendas baixíssimas.

– Sabes como é o Bremer. Isso não vai dar em nada.

– Lamento imenso, Troels. Não vai haver aliança. Não posso. Dadas as circunstâncias...

Hartmann debateu-se para encontrar uma réplica, descobriu que estava a ficar irritado.

– O Bremer está a contar-te o conto do vigário. Apenas pretende que hesites até ser tarde de mais para oficializarmos o acordo. Depois, o Bremer vai deixar-te cair como uma pedra. Não vais receber os teus apartamentos. Já terás muita sorte se conseguires uma vereação.

– Esta decisão foi tomada pelo grupo. Não há nada que eu possa fazer.

Hartmann esteve tentado a gritar. A berrar com ela por ser tão estúpida, mas não o fez.

– A menos, claro, que tenhas tido uma oferta melhor – disse Eller.

Bremer estava no estúdio de televisão a preparar o seu tempo de antena. Luzes e câmaras. Uma maquilhadora. Assesores.

Lutando para conter a fúria, Troels Hartmann entrou de rompante no estúdio, aproximou-se, olhou para a figura sorridente de camisa branca, rosto empoado, e disse:

– Seu sacana sem escrúpulos.

Bremer sorriu e abanou a cabeça grisalha.

– Lamento imenso.

– Ouviste o que eu disse?

A maquilhadora parou de o empoar com um pincel. Ficou imóvel, a ouvir.

– Agora é má altura para mim, Troels – disse Bremer com um suspiro afável. E julgo que para ti também deva ser. Mais logo...

– Exijo uma explicação.

Foram até à janela, uma aparência de privacidade. Hartmann não conseguiu conter-se e começou a falar antes de lá chegarem.

– Primeiro, roubas o nosso plano. E depois duplicas os números, propões um número irrealista de apartamentos que sabes que nunca vais construir.

– Ah! – exclamou Bremer, fazendo um gesto com a mão. – Falaste com a Kirsten. Uma coscuvilheira do pior. Eu avisei-te.

– E depois exploras a morte da rapariga e escolhes a altura certa para agravar a situação... o preciso momento em que estamos a tentar ajudar a polícia e os pais.

– A expressão de Bremer mudou. Aproximou-se de Hartmann, abanou um dedo em frente da cara do vereador.

– Com quem é que pensas que estás a falar? Só me faltava esta! Quer dizer que eu tinha de esperar que resolvesse essa trapalhada em que te meteste para anunciar as minhas propostas? Cresce, rapaz. Não tiveste nada que ver com aquilo da carrinha e, apesar disso, optas por não o divulgar. Pensava que a Rie Skovgaard tinha mais bom senso.

– O que eu faço ou não faço só a mim me diz respeito.

O presidente deu uma gargalhada.

– És uma criança. Não fazia ideia de que eras assim tão mau. Uma aliança desajeitada com os palhaços da Kirsten... de que é que estavas à espera?

– Não desças mais baixo do que já desceste, Bremer. Sei que é difícil, mas...

– Valha-me Deus. Parece que estou outra vez a lidar com o teu pai. O desespero. A paranoia. Que tristeza tão grande.

– Estou a dizer-te...

– Não!

A voz de trovão de Poul Bremer ecoou pelo estúdio, tão alto que todos se calaram, incluindo Hartmann.

– Não – repetiu mais calmamente o presidente. – Tu não me dizes nada, Troels. Vê se me descobres um homem a sério para eu enfrentar. Não um manequim de alfaiate com um fato vistoso.

* * *

A igreja estava vazia e fria, o padre mais ou menos na mesma. Sentaram-se enquanto o homem fazia a lista das opções. Para as orações, a música, as flores. Para tudo, exceto para o que mais precisavam: de compreender o porquê.

Era como uma lista de compras.

– Podemos ter «Uma Rosa Imaculada Cresce»? – perguntou Pernille, que partilhava um missal com Theis.

O sacerdote usava um casaco castanho e um polo cinzento por baixo. Espreitou por cima da página e disse:

– Esse é o número cento e dezassete. Um hino lindo. Um dos meus preferidos.

– Quero que a igreja fique muito bonita, com muitas flores – acrescentou Pernille.

– Isso é convosco. Posso dar-vos o nome de algumas floristas.

– A Nanna adora flores.

Sentado ao lado dela, no banco duro, Theis Birk Larsen fitava o chão de pedra.

– De lírios azuis. E de rosas.

– Falta alguma coisa? – perguntou Birk Larsen.

O padre consultou as notas que tirara.

– Nada. Apenas o elogio fúnebre, mas sugiro que escrevam alguns tópicos. Façam isso em casa. Com tempo.

Olhou para o relógio.

– Não deve mencionar o que aconteceu a Nanna – disse-lhe Pernille.

– Fale apenas da Nanna que recorda. Evidentemente.

Um longo silêncio. Depois, Pernille disse:

– A Nanna estava sempre feliz. Sempre. O sacerdote rabiscou uma nota.

– Isso é uma boa notícia para eu dizer.

Birk Larsen levantou-se. O padre imitou-o. Apertou-lhe a mão.

Pernille olhou em redor do edifício frio e escuro. Tentou imaginar ali um caixão, viu o cadáver rígido e frio no seu interior...

– Se precisarem de conversar com alguém – disse o padre, como um médico a oferecer os seus préstimos. Tinha uma expressão de compaixão estudada, profissional, nos olhos. – Lembrem-se de que está tudo bem com ela. Agora, a Nanna está com Deus.

O homem abanou a cabeça, como se aquelas fossem as palavras mais sábias, mais adequadas que conseguia encontrar.

– Com Deus – repetiu.

O casal caminhou até à porta em silêncio.

Pernille parou, depois de ter dado dois passos, voltou-se, olhou para o padre de casaco castanho e calças escuras.

– De que é que isso me adianta?

O padre carregava uma cadeira pela nave da igreja. Tinha o bloco de notas no bolso, como o caderno onde o carpinteiro aponta as suas medições. Provavelmente, a calcular mentalmente em quanto ficaria o serviço.

– De que é que me adianta? – gritou.

– Minha querida – disse Birk Larsen, tentando dar-lhe a mão.

Pernille libertou-se dos dedos do marido com um safanão.

– Quero saber! – rugiu Pernille para o homem nos degraus, congelado a caminho do altar, apanhado pela sua fúria. – Para que é que me servem? Essas suas palavras hipócritas...

O padre não recuou. Encheu-se de coragem. Regressou, enfrentou-a.

– Às vezes, a vida não faz sentido. É impiedosa. Perder uma filha é um golpe terrível. A fé ajuda a dar esperança. Força.

Pernille respirava a custo, o coração martelava-lhe o peito.

– Saber que a vida não é algo sem sentido...

– Não me venha com essa merda! – guinchou Pernille Birk Larsen. – Não quero saber se ela está com Deus ou não. Percebe?

As mãos agarravam-se ao peito. A voz começou a quebrar. O homem ficou onde estava, frente ao altar. Theis Birk Larsen estava gelado, enterrou o rosto nas mãos.

– Percebe? – lamentou-se Pernille. – A Nanna devia estar... – algures na igreja escura e fria, um pássaro esvoaçava, as asas hirtas a restolhar nos

beirais – comigo.

Lund mascava *Nicotinell*. Olhou para o rapaz de cabelo ruivo, Oliver Schandorff. Cara franzida, dedos inquietos, sentado numa sala vazia, incrivelmente nervoso.

– Ontem foste-te embora da escola mais cedo. E faltaste às aulas na segunda-feira.

– Estava doente.

– A preguiça não é nenhuma doença – disse Meyer. Schandorff fez uma careta, parecia ter dez anos.

– Tens uma taxa de absentismo de dezassete por cento – acrescentou Lund, olhando para o registo de faltas da escola.

– O palhaço da turma – acrescentou Meyer com um sorriso perverso. – Menino rico. Burro. E os paizinhos perdoam-te tudo. Estou-te a ver.

– Ouça lá – gritou Schandorff. – Discuti com a Nanna. Nada mais.

Lund e Meyer trocaram olhares.

– A Lisa contou-te? – perguntou Meyer. – Que mais é que ela te disse?

– Eu não fiz nada. Seria incapaz de fazer mal à Nanna.

– Porque é que ela acabou contigo? – perguntou Lund.

O rapaz encolheu os ombros.

– As coisas do costume. Como se eu me importasse.

Meyer inclinou-se para a frente, cheirou a camisola azul-celeste cara de Schandorff.

– Acho que a Nanna também não gostava que te drogasses.

Schandorff passou a mão pela boca.

– Foste preso por excesso de velocidade há quatro meses. E foste dentro outra vez dois meses depois. – Meyer cheirou novamente a camisola do rapaz. – Diria que estás numa espécie de, não sei...

Meyer olhou para o rapaz, intrigado, como se estivesse a ver algo. Inclinou-se para a frente, até ficar a poucos centímetros do rosto de Schandorff. O rapaz recuou, assustado.

– Espera – disse Meyer, olhando-o fixamente nos olhos. – Que é isto?

– O quê?

– Tens aqui qualquer coisa. Um pontinho minúsculo... Não sei. Por detrás dos teus olhos.

Meyer ergueu o braço e esticou um dedo curioso na direção do rapaz. Schandorff estava encostado à cadeira, não podia ir mais para trás.

– Oh – disse Meyer com um suspiro de alívio. Recuou. – Afinal era só o teu cérebro.

– Vá-se foder – murmurou Oliver Schandorff.

– Será que costumavas passar essa merda à Nanna? – rugiu Meyer. – Disseste para eu... olha, vamos lá virar... Ah, e é melhor se tiveres as calças para baixo.

A cabeça ruiva avançou.

– A Nanna não gostava muito.

– De quê? – perguntou Lund – de drogas ou de...

– Nem de uma coisa nem da outra.

– Então armaste-te em mauzão à frente dela na festa? – Meyer tinha o queixo nas mãos. Uma pose que dizia: tenho todo o tempo do mundo. – Na pista de dança. Atiraste com uma cadeira. Gritaste com ela.

– Eu estava bêbado!

– Ah, bom – Meyer animou-se. – Então está tudo bem. Já agora, o que fizeste depois das nove e meia?

– Estive a trabalhar no bar.

Lund empurrou a folha por cima da mesa.

– O teu nome não está no horário.

– Trabalhei no bar.

Outra vez Meyer.

– Quem te viu?

– Muita gente.

– Lisa?

– Ela viu-me.

– Não viu não – disse Lund.

– Eu andava de um lado para o outro, a recolher os copos...

– Ouve, génio – Meyer estava outra vez a falar alto, mas de modo diferente. Frio e ameaçador. – Ninguém te viu depois das nove e meia.

Levantou-se, chegou uma cadeira para junto de Schandorff, sentou-se tão perto que se tocaram. Pôs-lhe um braço em torno do ombro. Apertou-lho.

Lund respirou fundo.

– Que fizeste, Oliver? Diz lá ao tio Jan. Antes que ele se zangue. Ambos sabemos que não ias gostar nada que isso acontecesse.

– Não lhe fiz nada, eu...

– Seguiste-a, quando a Nanna saiu? – Meyer apertou-lhe novamente o ombro. – Andaste a rondar a cave?

Schendorff contorceu-se para se livrar da pressão de Meyer.

Meyer piscou-lhe o olho.

– A Nanna tinha outra pessoa, não era? E tu sabias disso. Estavas a passar-te com ciúmes. Agora a sério – Meyer abanou a cabeça de cima para baixo.

– És um menino rico. A Nanna pertencia-te. Claro que não podias deixar que uma miúda bonita de uma lixeira como Vesterbro andasse a fazer-te de parvo, não é?

Schendorff de pé, a gritar e a passar as mãos pelo cabelo ruivo revoltado.

– Já lhe contei o que aconteceu.

A voz do rapaz tinha subido um par de tons. Num instante era outra vez jovem.

– A chave da carrinha... – começou a dizer Meyer.

– Que é que tem?

– Sabias que a carrinha lá estava.

– Que está para aí a dizer?

– A Nanna já não queria saber de ti para nada. Por isso violaste-a. E atiraste-a ao canal. A caminho de casa...

– Cale-se!

Meyer esperava. Lund observava.

– Eu amava-a.

– Oliver! – Meyer estava radiante. – Tinhas acabado de dizer que te estavas nas tintas para ela. Amava-la, mas ela achava que tu eras um idiota. E então, fizeste o que qualquer drogado imprestável de merda como tu faria. Violaste-a. Amarraste-a. Fechaste-a no porta-bagagens daquela carrinha... – Oliver estava novamente sentado, a cabeça ruiva a abanar de um lado para o outro. – Enfiaste-a lá para que ninguém pudesse ouvi-la gritar e depois atiraste-a ao canal.

Meyer deu um murro tão forte na mesa que as canetas e os cadernos saltaram. Oliver Schendorff estava encolhido na cadeira, em silêncio, a tremer.

Lund esperava. Passado algum tempo, disse muito calmamente:

– Oliver, se tiveres algo a dizer-nos, é melhor que o faças agora.

– Vamos levá-lo para a esquadra – atalhou Meyer, pegando no telemóvel.
– O Oliver e eu precisamos de ter uma pequena conversa a sós numa cela.

A porta da sala abriu-se e entraram duas pessoas. Um homem de meia-idade num fato que parecia ter custado caro. Uma mulher atrás dele, com ar preocupado.

– Sou o pai do Oliver – disse o homem. – Quero dar uma palavrinha ao meu filho.

– E nós somos da polícia – disse Lund. – Está a interromper o nosso interrogatório. Saia!

O homem não se mexeu. A mulher observava-o, na expectativa.

– Já o acusaram de alguma coisa?

Meyer abanou a mão para cima e para baixo junto da cara do pai e disse:

– *Hello?* Não ouviu...

Uma carteira. Um cartão de visita a abanar à frente dos rostos deles. Erik Schandorff. Reputado advogado de um reputado escritório de advogados.

– Não fale assim comigo – disse Erik Schandorff.

– O Oliver está a ajudar-nos – começou a dizer Lund.

– Pai?

O grito de uma criança assustada. Era um som inconfundível.

– Quero falar com ele – disse o pai.

Lá fora no corredor, Meyer a bufar e a praguejar baixinho, Lund a observar pela janela.

Pai e filho, Oliver de cabeça baixa, a andar de um lado para o outro.

Ergueu-a e, em seguida, o pai esbofeteou-o com toda a força na cara, com as costas da mão.

– Que bonito, uma família feliz – murmurou Meyer, acendendo um cigarro.

– Ora bem, se tivesse sido eu a...

Um minuto mais tarde, o advogado rico, o menino rico e a mulher silenciosa de saída. Nem uma palavra.

– Até à próxima, Oliver! – gritou Meyer quando o grupo se afastou.

Lund encostou-se à parede, cruzou os braços, fechou os olhos.

Meyer estava a observá-la quando os voltou a abrir.

– Sei no que estás a pensar, Lund. Que é vagamente possível que eu tenha sido um pouco duro com ele. Mas se aquele idiota não tivesse entrado...

– Tudo bem...

– Nem por isso. Eu sabia mesmo o que estava a fazer. Tinha a coisa controlada. Sempre. A sério que...

– Meyer – disse Lund, aproximando-se dele, olhando para cima, para aqueles olhos penetrantes muito abertos. – Eu disse que estava tudo bem. Vai outra vez dar uma olhadela às escadas. Liga aos peritos forenses. Se era o Oliver quem conduzia a carrinha, eles têm de saber. Cronometra o tempo que se demora daqui até à floresta.

Lund tirou a chave do carro do saco.

– Mais alguma coisa?

– Tu vais lembrar-te de alguma coisa.

– E tu, Lund?

– Eu?

– Vais ao cinema, ou isso?

Lund assentiu, deixou-o, sorriu quando Meyer já não podia ver.

Havia flores no aparador, na pequena prateleira de ferro por cima da lareira. Flores junto do lavatório, ainda envoltas em papel de embrulho, *bouquets* no chão.

Algumas eram lírios azuis. Outras, rosas.

Pernille lavava os pratos, olhando fixamente pela janela.

Uma mulher do departamento forense estava sentada com os rapazes à mesa que Pernille e Nanna tinham construído, sorrindo-lhes. Tinha cotonetes na mão.

Não parecia ter mais de vinte e dois anos, ou perto disso. Não parecia mais velha do que Nanna quando saía à noite.

– Isso é realmente preciso? – perguntou Theis Birk Larsen.

– Precisamos de ADN – disse a mulher de uniforme azul. – Para fazermos comparações.

No rés-do-chão, o carro estava cheio. Malas com roupas. Caixas com as coisas dos miúdos. Vagn Skaerbaek ajudou, como sempre fazia.

Tinham brinquedos novos. Carros. Baratos e metálicos, mas Vagn era forreta e Pernille não tinha coragem para repreendê-lo. Os homens do depósito estavam como todas as outras pessoas. Como Theis. Como ela. Desesperados para fazerem alguma coisa, perdidos sem saberem o que poderia ser.

– OK? – perguntou a mulher, e não esperou por uma resposta. Debruçada sobre a mesa, tirou primeiro uma amostra de saliva a Anton e depois pediu a Emil para abrir a boca.

Pernille observava do lavatório, com os pratos na mão.

Tinham voltado ao quarto de Nanna. Dois homens de azul andavam por lá, a colocar mais etiquetas, a tomar notas.

Lotte, a irmã de Pernille, mais nova, mais bonita, ainda solteira, arrumou a maior parte das coisas. Aproximava-se agora, e abraçou-os, um de cada vez.

– Leva algumas flores, se quiseres – disse Theis. Lotte olhou para ele e abanou a cabeça.

– Rapazes – disse Theis. – Vamos ter com o tio Vagn. Ajudá-lo a acabar as coisas lá em baixo.

Pernille prometeu que em breve se juntaria a eles e observou-os a sair da sala.

Afastou-se do lavatório quando Theis se foi embora. Olhou em redor da sala desarrumada.

Naquele sítio pequeno e acolhedor, um milagre inesperado tinha acontecido entre eles. A magia que era a família. A vida partilhada. O amor partilhado.

Os homens de azul caminhavam pesadamente pelo pequeno quarto de Nanna, abrindo gavetas que tinham sido abertas no dia anterior, falando em voz baixa, calando-se quando pensavam que Pernille poderia ouvi-los.

Os rapazes subiram as escadas a correr, pegaram nos papagaios de papel, deitaram a mão a mais alguns brinquedos. Mostraram-lhes os carros minúsculos que Vagn comprara.

– Cuidado com os cantos aguçados – disse Pernille. – Cuidado...

Já se tinham ido embora, sem ouvir nada, seguidos por um dos homens que trabalhavam no quarto, levando alguns dos livros de Nanna para o carro nas mãos com luvas azuis.

O polícia que ficou era velho, tinha barba grisalha e um rosto triste. Parecia pouco à vontade. Não conseguia olhá-la nos olhos. Cabeça grisalha para baixo, a olhar mais uma vez para a estante de Nanna.

Pernille pegou na mala, pronta para sair.

O apartamento estava tão impregnado do perfume das flores que lhe fazia doer a cabeça.

Aqui vivemos. Aqui nos sentámos em volta da mesa, pensando que esta pequena felicidade privada nunca teria fim.

E agora vamos fugir a toda a pressa para longe, sem saber o que aconteceu e receosos, como se a culpa fosse nossa.

O nosso lar. Coberto de autocolantes forenses e das pegadas que assinalavam. Pó para recolher impressões digitais em paredes que ainda ostentavam o belo rosto de Nanna.

A mala de Pernille voltou a ser pousada no tapete antigo e gasto. Entrou no quarto da Nanna, viu o homem a trabalhar. Vasculhando os pedaços da vida breve e perdida da filha.

Sentou-se na cama, esperou até o polícia ter coragem de olhar para ela.

– Já não vamos demorar. Lamento muito...

– O que aconteceu no bosque – perguntou Pernille, pensando: *Não vou mexer-me, não vou sair até que ele fale.*

Também era pai. Pernille conseguia vê-lo no rosto do homem. O técnico forense compreendia. Ele sabia.

– Não sou a pessoa indicada para falar acerca desse assunto. Lamento – o homem abria e fechava a gaveta da secretária de Nanna. – Estou a trabalhar. Vai ter de sair.

Pernille deixou-se ficar sentada nos lençóis da cama feita de lavado de Nanna.

– Tenho de... – o polícia tinha os olhos fechados. Pernille vira o sofrimento estampado no rosto dele, sabia que o homem também se apercebera da sua mágoa. – Tenho de saber o que aconteceu. Sou a mãe dela...

O homem mexeu de novo na secretária. Não estava a fazer nada e ambos sabiam isso.

– O que aconteceu à minha filha?

– Não tenho autorização...

– Havia fotografias. Na vossa sala. Eu vi... – palavras, pensou Pernille, desta vez preciso das palavras certas. – Vejo-as na minha cabeça durante a noite e sei que... o que aconteceu não pode ser pior do que tudo o que tenho imaginado. Não pode ser pior.

O homem imobilizou-se, de cabeça baixa.

– Não pode ser pior. Mas... – Pernille deu uma pancadinha no cabelo castanho, no crânio. A voz era fraca e desmaiada, propositadamente. – Na

minha cabeça, vejo...

O polícia inclinou-se rigidamente sobre a secretária, não se mexeu.

– Sou a mãe dela. Será que tenho de implorar?

Nenhuma resposta.

– A Nanna morre todos os dias na minha cabeça. Constantemente. E cada vez é pior. Temos de enterrar...

O homem estava a tremer.

– Eu preciso de saber – repetiu Pernille.

Depois ficou à espera enquanto o homem suspirava.

Então, finalmente, ouviu.

* * *

Theis Birk Larsen olhou em volta no depósito. Ajudou Vagn Skaerbaek a carregar um armário num camião. Observou os filhos a brincar com os pequenos carros de lata. Verificou a bagagem na mala do carro: uma família reduzida a umas quantas malas e sacos, pronta a seguir viagem.

– Novidades, Theis?

Birk Larsen acendeu um cigarro, abanou a cabeça.

Anton e Emil correram escadas acima, agarrando-se às pernas vermelhas de algodão de Skaerbaek. A implorar-lhe gelados e dinheiro. A fazê-lo rir.

– Tenho cara de porquinho mealheiro? – perguntou Vagn, tirando algumas moedas do bolso. As moedas espalharam-se pelo chão.

A piada que sempre lhes dirigia: *Não gastem o dinheiro em cerveja, rapazes.*

– Quem era o tal motorista que apanharam? – perguntou Skaerbaek. – O jornal nem sequer dizia o nome dele...

– Não sei. Não nos dizem nada. Porque haveriam de dizer-nos o nome dele?

Birk Larsen continuava a olhar em volta, tentando concentrar-se nas suas rotinas: em serviços e inventários, contas a pagar, faturas a cobrar. Nada resultava. Era como se a morte de Nanna o tivesse apanhado num presente sem fim, um ponto congelado no tempo, sem escapatória possível. Sem qualquer perspectiva de libertação.

– Somos mesmo insignificantes – murmurou Theis.

– Não são nada.

Vagn Skaerbaek estava ao lado de Theis, ignorando os rapazes que lhe puxavam novamente pelo macacão.

– Obrigado por tomares conta disto – disse Birk Larsen. – Não sei o que...

Demasiadas palavras. Theis deu uma palmadinha no braço de Skaerbaek.

– Salvaste-me a pele, Theis – o rosto de Skaerbaek estava rígido de raiva. A corrente prateada brilhava-lhe no pescoço. – Nunca me esqueço disso. Esse desgraçado vai ter o que merece. Se quiseres que se faça alguma coisa é só dizeres.

– Como por exemplo?

– Depois de o sacana receber uma sentença insignificante. Quando o deixaram sair em liberdade condicional. Tu dizes-me logo, Theis... Eu quero...

– Dar uma ajuda? – Birk Larsen abanou a cabeça.

– Se for isso que quiseres...

– A Nanna está morta.

Pobre Vagn. Tonto Vagn. Fiel como um cão de guarda. E pouco mais inteligente.

– Morta – uma palavra, curta e cruel. – Não percebes?

Ainda assim, a chama fora acesa e com ela uma súbita explosão de raiva. Theis Birk Larsen abateu o punho maciço sobre um armário, pô-lo a estremecer de cima a baixo.

– Onde raio está a Pernille?

No andar de cima, na cozinha, rodeada de flores, a sufocar no meio do seu perfume.

O polícia falava ao telemóvel. E estava preocupado.

– Pernille?

Theis tinha subido as escadas à procura dela.

– Já não vamos.

Theis balançou-se sobre os pés grandes, como sempre fazia antes de uma discussão. Não é que tivessem muitas e Theis vencia sempre as poucas que tinham.

– Já disse aos miúdos que íamos. E o *bungalow* já está reservado.

– Não vamos.

– Está tudo tratado!

Não é que Pernille perdesse as discussões. O que acontecia é que nunca lutava. Mas agora isso acabara. Assim como muitas outras coisas. Coisas das quais ainda não se tinha apercebido. Mas de que se iria aperceber.

– A Nanna não estava morta quando o carro caiu ao canal – a voz de Pernille era neutra e calma, assim como o rosto.

– O quê?

– A Nanna não estava morta. Estava no porta-bagagens da carrinha. Presa lá dentro. A afogar-se.

Pernille entrou no quarto da Nanna.

Roupas. Objetos pessoais. Espalhados por todo o lado, implorando para serem arrumados. Era o trabalho de uma mãe...

Pernille começou a mudar os livros, as roupas de um lugar para o outro, os olhos vivos a brilhar, as lágrimas a começarem a formar-se.

Então, Pernille parou, cruzou os braços.

– Vamos embora – disse Theis Birk Larsen à porta do quarto. – É isso que vamos fazer.

Theis estava ao lado do aquário que Nanna tinha querido. Pernille deixou-se cativar pelas formas douradas que nadavam, presas no interior. A espreitarem para fora, incapazes de compreender tudo o que estivesse para lá do vidro.

– Não – disse Pernille. – Vamos ficar aqui. Quero vê-los a encontrá-lo. Quero ver a cara dele.

Os peixes nadavam, dando voltas e mais voltas, intrigados com os próprios reflexos, sem pensarem em nada, sem irem a lado nenhum.

– A polícia tem de encontrá-lo, Theis. Vai encontrá-lo.

Um momento decisivo entre eles. Um momento que nunca tinha acontecido.

Theis brincava com o gorro de lã.

– Vamos ficar aqui – repetiu Pernille Birk Larsen. – Vou buscar os miúdos. Tu trazes as coisas.

Lynge estava acordado. Uma ligadura em torno da cabeça, soro no braço. Novos cortes e arranhões cobriam a velha cicatriz que tinha no rosto. Vestígios de sangue ainda se acumulavam no bigode grisalho.

– John? – disse Lund.

Movimento. Respiração. Olhos entreabertos. Lund não fazia a mais pequena ideia se o homem conseguia ouvi-la. Se a ouvia melhor do que o

médico impaciente que chateara para a deixar entrar.

– Lamento muito que isto tenha sucedido. Percebe o que estou a dizer-lhe? As sobrancelhas do homem moveram-se ligeiramente.

– Sei que não fez mal à rapariga.

Lynge estava ligado a uma máquina com números e gráficos a piscar.

– Preciso mesmo da sua ajuda, John. Tenho de saber o que aconteceu na escola. Quem viu. Onde perdeu a chave.

Lynge mexeu os olhos. Virou-os para Sarah.

– Estacionou a carrinha. Levou os cartazes para dentro. Foi ao ginásio. Nessa altura é que se sentiu mal?

Lynge tossiu, engasgou-se com alguma coisa.

Um ruído, uma palavra.

– O quê? John?

Outro ruído. Um ligeiro movimento da pálpebra e o olho ficou escancarado. Havia ali um olhar. De medo e dor.

– Cave.

– Foi à cave entregar os cartazes. Nessa altura é que perdeu a chave?

– O rapaz irritou-se. Disse que eu não devia andar por ali.

– John – Sarah levantou-se, aproximou-se da boca do homem, tinha de ouvir o que ele dizia.

– Quem é que ficou irritado? Que rapaz?

Lynge arfou novamente em busca de ar. Lund sentiu o hálito dele.

– Havia lá bicicletas? Bicicletas?

– Ao lado.

Lund tentou imaginar a cave húmida.

– A divisão ao lado?

– A caldeira.

Um ruído. A porta abriu-se. O médico tinha regressado e não parecia satisfeito.

– Quem é que encontrou na sala da caldeira? John?

Lund tirou as fotografias da mala. Retratos de alunos. Apontou para Oliver Schandorff, perguntou:

– Viu-o? Este. Por favor. Olhe.

Lynge respirou ofegantemente mais uma vez. E depois:

– Não.

– Tem a certeza? Veja bem.

O médico estava junto deles, abanando os braços, dizendo:

– OK. Já chega. Agora tem de parar de fazer-lhe perguntas. Por favor saia...

– Só mais um minuto – disse Lund sem se mexer.

Lund insistiu, segurou numa fotografia com um grupo de alunos por cima do doente acamado.

– Estou a apontar para eles com o meu dedo, John. Um a um. Acene com a cabeça quando eu chegar ao rapaz que viu, está bem?

Um a um, rapaz a rapaz.

Quando Lund parou num aluno alto de cabelo escuro, de aspeto agradável, vulgar, John Lynge assentiu.

– Viu-o na sala da caldeira...

– Basta! – disse o médico, pegando-lhe no braço.

– John?

O olho abriu-se, fitou-a. A cabeça de Lynge mexeu-se, um brevíssimo assentimento.

Lund levantou-se, afastou a mão do médico.

Lynge disse:

– Sim, é esse.

Meyer estava a fumar no pátio da escola quando atendeu a chamada de Lund.

– Preciso que voltes à cave – disse Lund.

Uma pausa.

– Por favor, diz-me que estás a gozar. – Meyer olhou para os técnicos forenses. Estava com fome. E eles também. E Svendsen estava a começar a bulir-lhe com os nervos.

– Vai outra vez lá abaixo.

– Os técnicos forenses estão a arrumar a tralha deles. Procurámos por todo o lado. Como está o Lynge?

– Tem alta daqui a uma semana. A escola tem uma sala da caldeira?

– Está sempre trancada. Ninguém pode lá entrar sem ser o encarregado.

– Vou a caminho.

Meyer conseguia ouvir o som do tráfego. As ruas negras encharcadas estavam vazias. Lund demoraria poucos minutos a chegar.

Meyer começou a descer as escadas de betão sujas.

– Sabes que não se deve falar ao telemóvel enquanto se conduz.

– Já entraste?

– Está aqui o encarregado.

– Tenho de saber o que há lá dentro.

– Tudo bem, tudo bem.

Meyer disse ao encarregado para abrir a porta.

– Já entraste?

– Sim! Mas tem calma. Está bem?

– O que é que consegues ver?

Uma pausa. Em seguida, Meyer disse:

– Consigo ver a caldeira. O que é bastante surpreendente.

E depois:

– Só um monte de tralha velha. Mesas, cadeiras e livros – Meyer aclarou a garganta. – OK, Lund. Talvez os rapazes tenham acesso a este sítio. Mas não há aqui nada para ver.

– Tens a certeza?

– Espera um momento.

– Ouviste o que eu disse.

Do telemóvel de Meyer ouviu-se uma barulheira tremenda.

– Estou a perder-te, Lund. – E depois murmurou: – Por amor de Deus...

Fechou a tampa do telemóvel e enfiou-o no bolso, avançou, apontando o feixe brilhante da lanterna para um lado, para o outro. Para cima, para baixo.

Já tinha pensado naquilo. O encarregado disse que a caldeira era alimentada a óleo por um tanque no exterior. Ninguém precisava de lá entrar, exceto quando era necessário fazer a manutenção, uma vez por semana. Todas as sextas-feiras à tarde.

Havia uma segunda porta ao fundo. Sem puxador. Parecia não ser utilizada há anos.

Meyer tirou um lenço do bolso. Forçou a porta de metal. Espreitou lá para dentro, movendo a lanterna em redor da divisão.

Tinham estado ali miúdos. Aos seus pés, os restos de um par de charros estavam carimbados no chão. Latas de cerveja. E...

Meyer assobiou. Os invólucros de uma embalagem de preservativos rasgada, vazia. Ruídos por detrás dele. Algo acontecia na divisão principal da cave. Meyer não ligou.

Tirou o telemóvel, marcou o número de Lund. Não esperou antes de dizer:

– Acho que devias vir até aqui. Lund?

Nas entranhas de betão da escola não havia rede.

– Mas que grande... – sussurrou Meyer.

– Mas que grande quê?

O som fê-lo dar um salto. Tinha o feixe de uma lanterna apontado à cara. Depois, a lanterna foi apontada para o chão.

– Deves ter vindo a abrir. Admite, Lund, também és uma acelera como eu.

Lund não respondeu. Olhou para o mesmo sítio para onde Meyer olhara. Um colchão encardido no chão.

Manchas de sangue num dos cantos.

Manchas de sangue na parede cinzenta a descascar.

Começavam a aparecer impressões digitais no reboco escamado daquela divisão na cave da escola. Técnicos forenses com macacões de proteção brancos a rotular, a desenhar, a fotografar. Lund ao telemóvel, a falar com a mãe, a dizer a Mark para fazer os trabalhos de casa, para praticar o sueco.

– Posso ter de ficar aqui a noite toda. A avó ajuda-te.

Sarah tinha regressado ao átrio da escola para examinar as flores e as fotografias acumuladas num pequeno altar criado para Nanna, junto dos cacifos.

– Está bem – disse Lund. – Adeus.

Havia uma fotografia. Duas meninas vestidas como anjos. Nanna, talvez com treze anos. Lisa Rasmussen.

Um par de velas vermelhas à frente da fotografia. Uma única chama a bruxulear com a brisa fria que se sentia no corredor.

– Quem acendeu a vela? – perguntou Lund.

Meyer estivera ali cinco minutos antes dela. Por um momento, parecia inexperiente e culpado.

– Não sei. Será que isso tem alguma importância?

– Não deves interferir com as provas, Meyer.

– Quem disse que...

Lund fez um gesto com a mão.

– Esquece.

– Não devíamos ir dar uma vista de olhos à cave?

Lund endireitou uma fotografia de Nanna. Olhou para a rapariga morta.

Estendeu a mão. Meyer abanou a cabeça, sem saber o que fazer.

– Empresta-me o teu isqueiro. Estou a tentar deixar de fumar, lembras-te?

– Ah!

Meyer atirou-lhe o *Zippo* prateado. Parecia caro. Lund olhou para as fotografias e para as flores, desejou ter algo mais para oferecer além daquilo. Sabia que teria de o fazer. Então, acendeu a outra vela e observou a minúscula chama amarela a flutuar.

Uma pequena homenagem. Patética.

– Devíamos ir ver na cave – disse Lund, e desceu as escadas atrás de Meyer.

Jansen, um técnico forense ruivo, estava junto dos holofotes portáteis. Fez uma lista do que tinham até agora. Sangue no colchão, na mesa, no chão. Algumas manchas do que poderia revelar-se ser sémen. Cabelos.

Um chapéu de bruxa. Parecia o de Nanna.

E impressões digitais. Montes de impressões digitais.

– Quais são os acessos a esta divisão? – perguntou Meyer.

– Há a porta que dá para a cave – disse Jansen. – E outra que dá para a escola. É preciso uma chave para cada uma.

– Uma...

– Uma chave diferente – disse ele.

Tudo era visível sob os holofotes brilhantes. Sobre a mesa baixa havia garrafas vazias de Coca-Cola e *vodka*, uma garrafa de *Chianti*. Pratos com comida. E pastilhas. Vermelhas, verdes, laranja. De todas as cores dos doces para crianças.

– Charros – disse Meyer. – Anfetaminas. Coca-Cola.

Meia hora mais tarde, a diretora Koch chegou à escola. Mantiveram-na afastada do local. Demasiadas pessoas com fatos de proteção brancos. Demasiadas coisas para ver.

Numa sala de aulas no andar de cima, Lund perguntou:

– Para que serve aquele espaço?

– Para armazenar mesas e cadeiras. Koch tinha trazido o cão. Um pequeno *Terrier* castanho. Afagou-o para se reconfortar. – Livros e coisas do género. Nada...

– Nada quê?

– Nada de especial. Não sabia que os alunos tinham acesso ao local. Não deviam ter.

Meyer entrou e disse:

– Pois, mas tiveram. Fizeram lá uma festa privada. Mesmo debaixo do seu nariz.

– Que foi que descobriram?

Lund não respondeu. Disse:

– A festa foi planeada pela associação de estudantes, não é verdade?

– Aquela divisão devia estar trancada – insistiu Koch. Apertou o cão com mais força. – A Nanna esteve lá?

Lund tirou a pilha de fotografias da mala, apontou para o aluno que John Lynge tinha identificado. Jeppe Hald. Bom aspeto. Cabelo preto lavado e bem penteado. Óculos de intelectual.

– Fale-me dele.

Koch sorriu.

– Jeppe é maravilhoso. Presidente da associação de estudantes. Aluno exemplar. Temos muito orgulho nele. Os pais são fantásticos...

– Onde é que mora o puto maravilha? – perguntou Meyer.

– Partilha um apartamento com o Oliver.

Meyer perguntou:

– O Oliver também é bom aluno?

Outra vez o sorriso, embora menos caloroso.

– São de boas famílias. Os pais são advogados. Os pais de ambos. Tenho a certeza de que vão seguir as pisadas dos pais. De certeza que serão uma mais-valia...

– Muito melhor do que descender de um homem das mudanças suado de Vesterbro? – disse bruscamente Meyer.

O sorriso nunca deixou os lábios da diretora.

– Eu não disse isso. Na nossa escola não há preconceitos. Não discriminamos ninguém.

– Desde que paguem as propinas. – A diretora Koch olhou para Meyer. – Ups – disse Meyer. – Acho que vou ficar de castigo.

– Obrigada – disse Lund, levando Meyer para fora da sala.

Jeppe Hald estava à janela do escritório, a andar de um lado para o outro, a observar as luzes azuis a piscar lá fora, a ouvir o lamento ocasional das sirenes.

Lund e Meyer entraram com passo apressado, atiraram as pastas que carregavam para cima da mesa.

Alto e magro. Óculos de lentes grossas. Parecia o irmão de Harry Potter, mas mais alto e mais marrão. Ou era essa a ideia que queria dar.

– Porque é que estou aqui?

– Apenas por uma questão de rotina – respondeu simpaticamente Lund. – Por favor, senta-te.

– Mas eu tenho um trabalho de física para fazer.

Os dois detetives entreolharam-se. Meyer enterrou a cabeça nas mãos e fingiu estar a chorar.

Enquanto Hald se sentava, Lund disse:

– Encontrei um homem na cave na sexta-feira à noite. Estava a entregar material da campanha eleitoral.

Hald olhou em redor, para as cadeiras vazias. Meyer inclinou-se para a frente, sorriu alegremente.

– Tentámos contactar o teu papá, mas ele estava fora, a experimentar uma cabeleira para o tribunal. Então, o homem na cave?

– Eu vi-o.

– Porque não disseste logo?

Silêncio.

Lund disse:

– Sabias que estávamos à procura de um motorista.

– Como havia de saber que ele era motorista?

Meyer levou as mãos à boca, beijou as pontas dos dedos como um *chef* depois de provar o prato perfeito.

– Fantástico. Também representas personagens de Shakespeare?

– De Shakespeare?

– Primeiro – rugiu Meyer – matamos todos os sacanas dos advogados.

Jeppe Hald ficou branco.

Lund fez uma careta a Meyer.

– Shakespeare nunca disse «sacanas». Não ensines mal as coisas ao rapaz. Jeppe. Jeppe!

– Que foi?

– O motorista perdeu a chave do carro. Por acaso viste-a?

– Eu estou aqui por causa de uma chave perdida?

– O que estavas tu a fazer na cave? – perguntou Lund.

– Fui buscar... buscar coisas para o bar.

Meyer começou a roer as unhas. A mão fechou-se.

– Encontrámos uma sala – disse. – Alguém fez lá uma festa. Sabes alguma coisa sobre isso?

Hald hesitou. Quase respondeu que não. Em vez disso:

– Acho que os organizadores tinham uma sala onde guardavam cervejas e refrigerantes. É dessa que estão a falar?

– Aquela sala cheia de cervejas e refrigerantes, sangue, drogas e preservativos? – replicou Meyer, ainda a contemplar as unhas. – Sim, é dessa mesmo que estamos a falar.

– Não sei.

Lund não disse nada durante bastante tempo. Meyer também não. Olharam para os documentos à sua frente. Jeppe Hald continuou sentado à mesa, quase sem se mexer, quase sem respirar.

Depois, Lund mostrou-lhe uma fotografia.

– O chapéu da Nanna. Encontrámo-lo na tal sala. A Nanna esteve lá?

Um abanar de cabeça. Um encolher de ombros. Não fazia ideia.

Meyer soltou um suspiro tão longo que pareceu durar um minuto.

– Eu desci para beber a última cerveja por volta das nove. Não vi ninguém.

Lentamente, a cabeça de Meyer descaiu-lhe para os braços e o detetive ficou para ali com os olhos semicerrados, a fitar o rapaz sentado na cadeira.

– De certeza que não voltaste lá mais tarde? – perguntou Lund.

Um momento, uma pausa para ser convincente. E então:

– Tenho a certeza absoluta.

– Ninguém te viu depois das nove e meia. Que estiveste a fazer?

– Eu...

– Pensa, Jeppe – disse Meyer, reprimindo um bocejo. – Pensa antes de responder.

Hald irritou-se. Parecia mais confiante.

– A bola de espelhos deu cabo dos fusíveis. Não havia mais na escola, por isso saí para ir comprar outros. Tive de pedalar bastante para os conseguir.

– Nós vamos verificar isso – murmurou Meyer sem erguer os olhos dos braços.

– Quando cheguei, o Oliver estava a dormir numa das salas de aula. Tinha bebido muito. Acompanhei-o a casa – cruzou os braços, fez um ar de aluno

modelo. – Chegámos a casa pouco antes da meia-noite. Ajudei-o a meter-se na cama. Teve de ser.

– Bem, foram muito cedo para casa! – disse animadamente Lund.

– Eu ia caçar na manhã seguinte.

– Caçar! – disse Lund, impressionada.

Meyer resmungou uma obscenidade qualquer para as mangas.

– Na herdade Sonderris. O nosso clube de caça organizou um grande evento. Passei lá a noite.

– Daqui a pouco também vou caçar qualquer coisa – murmurou Meyer.

Lund rabiscou uma nota no bloco.

– Gostava mesmo de vos ajudar – alegou Hald.

Num guincho agudo, Meyer lamuriou-se:

– Gostava mesmo de vos ajudar.

– Mas não sei mais nada.

Lund sorriu-lhe. Disse:

– Ótimo – escreveu mais qualquer coisa no bloco de notas. – Bem...

Fechou o bloco, encolheu os ombros. Jeppe Hald também sorriu a Lund.

– E pronto – disse Lund. – A menos que... – Estimulou Meyer, que parecia quase em coma. – Queres perguntar alguma coisa?

Cabeça bem erguida, olhos nos do rapaz.

– Não te importas que recolha uma amostra de sangue? – disse Meyer muito alto. E as tuas impressões digitais?

Meyer tocou na mão de Hald. O rapaz encolheu-se.

– Vou ser o mais meigo que conseguir.

Meyer virou a grande orelha direita para Jeppe Hald, à escuta. Mas não ouviu nada.

– Caso contrário – acrescentou Lund – vou prender-te e fazemos a recolha à mesma.

Com voz trémula, Jeppe Hald, o rapaz inteligente, o aluno exemplar, o presidente da associação, respondeu num tom jovial e petulante:

– Não digo mais nada. Quero falar com o meu advogado.

Lund assentiu.

– Um advogado. Está bem, Meyer?

– Claro – Meyer pegou no braço de Hald. – Primeiro fazes o teu telefonema, puto maravilha. Depois deixa-me explicar-te o conceito de cela.

Meia hora mais tarde, Meyer tinha posto pessoal a verificar os telefonemas.

– Estive a investigar o que o Oliver andou a fazer – disse a Lund. – No sábado trabalhou num café. Conheceu uma mulher. Foram sair, ele embebedou-se e levou-a para casa dos pais. Ficaram por lá até segunda-feira.

Um dos paquetes voltou com um embrulho. Meyer gemeu de prazer.

– És um anjo.

Meyer retirou o conteúdo do embrulho. Lund observou. Um cachorro-quente enorme. Cebola frita crocante. Molho *Remoulade*. Pickles de pepino fatiado por cima.

Lund disse:

– Mandas um pacote ao *pølsevogn*⁹ e não dizes nada?

– Pensava que só comias salsichas suecas.

Lund pôs as mãos nas ancas, cravou os olhos grandes em Meyer, que deu outra dentada rápida no cachorro-quente e fez uma careta.

– Sacana – disse Lund. – Qual foi o motivo?

– Estava esfomeado.

Silêncio.

– Ah, isso! O Jeppe e o Oliver estão a mentir. Descubra primeiro a mentira. O motivo não andará longe. Manual de Detecção do Meyer. Página trinta e dois.

Lund ainda parecia irritada com o cachorro-quente e a piada da salsicha. Sobretudo com o primeiro.

– Vou conversar com o Ruivinho e depois dou-te um toque – disse Meyer.

– Não te vai dizer nada. Vai pôr-se a gritar por um advogado, como fez o Jeppe.

– Não – insistiu Meyer. – Não pode exigir isso, a menos que o detenhamos. Se me limitar a falar com ele enquanto testemunha... Eu conheço as leis. E quase sempre as cumpro. Além disso...

– Não.

– Às vezes és uma mulher muito negativa. Só porque eu não te pedi um cachorro-quente...

– Quero cotonetes. Quero amostras de sangue – uma decisão rápida. – Vamos prendê-los agora mesmo.

Meyer parecia dividido.

– Por mais que adore essa ideia, os advogados só vão chegar aqui muitas horas depois de serem chamados. Além disso, vamos ficar a olhar para o boneco até que cheguem.

– Não. Revistamos o apartamento. Lemos os *e-mails* deles. Vemos os registos de chamadas. Encontramos a mulher com quem Schandorff diz ter passado o fim de semana.

Meyer comia e praguejava antes de cada dentada no cachorro.

– Mais alguma coisa?

Outra vez aquele tom de voz. Meyer tinha outros. Lund já os ouvira. Não com muita frequência. Mas estavam lá.

– Porque estás tão zangado, Meyer?

O resto da salsicha desapareceu enquanto Meyer matutava.

– Porque – respondeu – eu tenho sentimentos.

Silêncio.

– Mais alguma coisa? – voltou a perguntar Meyer.

– Não.

Lund pensou naquilo.

– Sim. – Lund aproximou-se de Meyer e espetou-lhe um dedo no peito. – Da próxima vez que mandares um pacote ao *pølsevogn*, pede-lhe que traga um para mim.

Lund decidiu falar primeiro com Buchard. O chefe estava a folhear as fotografias tiradas à rapariga na morgue. Um olho injetado de sangue, um cadáver dobrado, em posição fetal, lesões e feridas. Hematomas. Uma violação violenta e prolongada.

– O que descobriram acerca dos rapazes? – perguntou Buchard. – Conseguiram alguma prova material na tal sala?

– Enquanto os resultados não chegarem não temos nada. Os tipos do ADN deram-nos prioridade.

Buchard folheou mais algumas fotografias.

– Apercebeste-te de quem são os pais deles?

Lund franziu a testa.

– Porque haveríamos de nos preocupar com isso?

Buchard estava de mau humor por algum motivo.

– Já causámos problemas suficientes. Temos de ter cuidado onde pomos os pés.

Meyer enfiou a cabeça pela porta e anunciou:

– O Hartmann quer uma reunião.

– Acerca de quê? – quis saber Lund.

– Não disse. Parecia importante.

– O Hartmann pode esperar – disse Lund. – Vamos ao apartamento.

Quando Lund fez menção de sair, Buchard pegou-lhe no braço.

– O que é que estamos a dizer? Troels Hartmann pode ser o próximo presidente da Câmara de Copenhaga. Nós não chateamos as pessoas da Rådhus sem motivo.

– Temos o apartamento de um suspeito para revistar...

– Eu posso fazer isso – atalhou Meyer. Não te preocupes. Vou-te mantendo informado.

Buchard assentiu.

– Ótimo. Então está resolvido.

O chefe saiu.

– Dá uma apitadela ao Hartmann – disse Meyer, seguindo Buchard pelo corredor sinuoso. – Era contigo que ele queria falar.

Lund esperava ao balcão, sentindo-se estranha e desconfortável. Não saía muito, mesmo com Bengt. Depois dos últimos dias, aquele restaurante para turistas em Nyhavn¹⁰ parecia demasiado normal. Demasiado acolhedor e humano.

Hartmann chegou cinco minutos atrasado, desculpou-se. Enquanto esperavam por uma mesa, perguntou:

– Como estão os pais da rapariga?

Seria o político a falar, interrogou-se Lund. Ou o homem?

– Foi por isso que me convidou para vir aqui? Para falar sobre os pais dela?

– Você realmente não gosta de conversa de circunstância, pois não?

– Não a meio de um caso. De um caso como este.

– Tenho uma conferência de imprensa amanhã. Quero dizer o que for correto.

– Correto para quem?

– Para si. Para mim. Principalmente para eles.

Os homens como Hartmann representavam tão bem a sinceridade. Era difícil detetar quaisquer falhas.

– Diga o que quiser – retorquiu Lund.

– Tem havido tantas surpresas. Haverá mais alguma? – Hartmann nem pestanejou.

– Que eu saiba não.

– Posso dizer que a polícia sabe que não há qualquer ligação entre o crime e nós?

Lund assentiu.

– Acho que sim – acrescentou, observando-o. – Se achar que isso é verdade.

O criado chamou-os. Hartmann tinha reservado mesa.

– Quer mais alguma coisa?

Lund levantou-se.

Hartmann pôs-lhe a mão no braço, muito delicadamente.

– Lamento muito. Sei que dificultei as coisas. As eleições estão à porta. Têm acontecido algumas coisas estranhas. – Por um segundo, Hartmann pareceu estar zangado. – Nunca esperei nada disto – acrescentou, olhando para Lund. – Está com fome?

Um prato com comida passou pela mesa deles. Almôndegas e *pasta*. Tinha muito melhor aspeto do que o cachorro-quente que Meyer nunca chegou a pedir-lhe.

– Acho que vou querer um pouco daquilo – disse Lund. E depois: – Só um momento.

Foi até ao vestíbulo, telefonou para casa da mãe. Recebeu uma saudação ruidosa e amigável de Vibeke como não ouvia há vários meses, depois descobriu porquê. Bengt tinha chegado da Suécia, estaria em Copenhaga durante uma única noite.

– Deviam conversar um com o outro – entoou Vibeke. Depois passou a chamada.

Bem, isto agora é que não, pensou Lund, ouvindo-o falar sobre os progressos de Mark no sueco, a camisa do clube de hóquei de Sigtuna que lhe tinha comprado, a madeira ideal para a sauna perfeita.

Sarah concordou o tempo todo, vendo muito pouco para lá de uma pequena sala imunda na cave de uma escola, um colchão manchado de sangue, uma

mesa pejada de bebidas e droga, um chapéu de bruxa abandonado e uma cabeleira azul brilhante.

– Quando vens para casa? – perguntou Bengt.

De volta àquele inoportuno tempo presente.

– Daqui a pouco – prometeu. – Daqui a pouco.

Uma pausa.

– Quando?

Bengt nunca a pressionava. Nunca parecia chateado, nem zangado, nem indiferente. A natureza agradável e pacífica do namorado era uma das coisas de que gostava nele. Ou talvez aquilo apenas tornasse a vida mais fácil.

– Quando tiver terminado. Desculpa isto ter aparecido. A sério. Mais logo falamos. Tenho de ir.

Regressada à mesa, Lund entregou-se à refeição. Conversaram novamente sobre comunicados de imprensa. Sobre colaboração. Hartmann, visto de perto, interessava-a. Havia nele uma ingenuidade frágil que estava ausente do rosto nos cartazes. Era viúvo. Lund já o apurara nos recortes de jornais do arquivo, ao mesmo tempo que investigara sobre Jan Meyer. A mulher de Hartmann fora vitimada por um cancro dois anos antes. A perda tinha-o afetado. A certa altura, ameaçara levar a sua carreira política – o único emprego que tinha tido – a um fim prematuro.

Lund descobriu que Hartmann estava espedado a olhar para ela, incharacteristicamente despojado das palavras certas.

– Que foi?

– Tem... – Hartmann fez um gesto na direção dela. – Tem comida na cara.

Lund pegou no guardanapo, limpou a boca. Comeu mais um pouco, sempre avidamente.

Era um restaurante agradável. O tipo de sítio frequentado por casais. Ou onde os homens levavam as amantes. Se alguém tivesse entrado naquele momento e a visse com aquele homem...

– Então estamos de acordo? – concluiu.

– Conte a sua história. Nós contaremos a nossa. Tal como ela é.

– Então e a sua vida? – Hartmann sorriu. – Lamento muito. Não sei porque perguntei isto. Não é da minha conta.

– É boa. Vou para a Suécia com o meu filho. O meu namorado vive nos arredores da capital. Arranjei um emprego em Estocolmo. Como funcionária civil a trabalhar para a polícia.

Bebeu uma rápida golada de vinho, desejou que houvesse mais comida.

– Vai correr tudo bem – insistiu Lund.

– Que idade tem o seu filho?

– Doze. E você?

– Eu sou um pouco mais velho.

– O que eu queria dizer era...

– Eu sei, eu sei. Nós não chegámos tão longe. A minha mulher morreu. Passo a maior parte... – Hartmann encolheu os ombros, parecia um pouco envergonhado. – Passo o meu tempo a trabalhar. Mas entretanto conheci uma pessoa. Esperemos que não seja tarde de mais.

– A mulher do seu gabinete – disse Lund, e não era uma pergunta. – Rie Skovgaard.

Hartmann inclinou a cabeça e olhou para Lund.

– Também consegue ver para dentro dos meus bolsos?

Mal tocara na comida ou no vinho. Parecia querer ficar ali a noite toda. A falar sem parar.

– O meu namorado veio hoje da Suécia – disse Lund. – Tenho de ir andando. Isto é para...

Lund tirou algum dinheiro para pagar a sua parte.

– Não, não, não – Hartmann assinalou-lhe rapidamente que o guardasse. – É minha convidada.

– Desde que seja você a pagar, e não os contribuintes.

– Eu é que pago, Sarah – disse Hartmann, abanando um cartão de crédito.

– Obrigado, Troels. Boa noite.

Bengt adormecera imediatamente, como sempre acontecia. Lund saiu da cama, vestiu uma *sweatshirt*, foi até à janela, sentou-se na cadeira de vime, telefonou a Meyer.

– O que descobriste? – sussurrou.

– Nada de especial.

Meyer também falava num tom abafado. A voz dele soava estranha.

– Tem de haver alguma coisa.

– Os técnicos forenses levaram um computador e amostras.

Lund ainda estava intrigada com o jantar com Hartmann.

– Havia alguma coisa no quarto da Nanna que sugerisse que se ia encontrar com alguém?

– Será que isso não pode esperar até amanhã? Estou estoirado.
– De certeza que a Nanna se foi encontrar com alguém.
– Sim, Lund. Com o Oliver. Mas tu não me deixas falar com ele. – Ruídos por detrás da voz baixa de Meyer. Movimento. Um bebé a chorar. – Pronto. Ouve. ConseguiSTE acordar a casa inteira.

Lund saiu para a sala de jantar, acendeu a luz, sentou-se à mesa.

– Os pais lembram-se de alguma coisa nova?

– Amanhã pergunto-lhes, está bem? – um grunhido. – Algum idiota da equipa contou à mãe que a rapariga se tinha afogado no porta-bagagens da carrinha. A mãe está a dar em doida.

Lund praguejou.

– Não precisas de fazer isso. Eu falo com eles.

– Posso desligar?

– Sim – disse Lund. – Claro.

Lund passou pelo quarto de Mark. O filho ainda estava a dormir. Bengt estava acordado, mas não queria dá-lo a entender. Estavam todos bem, pensou Lund. Não precisavam de todo dela.

Quinta-feira, 6 de novembro

A manhã estava escura e húmida. Chuviscava. Tomaram o pequeno-almoço juntos e, depois, Lund levou Bengt à estação. Falou sobre o fim de semana. De quem veriam na Suécia. Do que fariam.

Lund escutou em silêncio. E depois disse:

– A festa de inauguração da casa...

– Esquece a festa. Cancelei-a.

Interrogava-se: teria havido uma vaga nota de desagrado na voz de Bengt? Era difícil dizer. A raiva era-lhe tão estranha.

– Vamos esperar até que o teu caso tenha sido solucionado, Sarah. Então...

– Não preciso de esperar que esteja solucionado. Já te tinha dito isso. Vamos no sábado, aconteça o que acontecer.

Bengt olhou fixamente pela janela, observando o tráfego e os viajantes matinais.

– Não vou estar a convidar uma data de pessoas para depois ligares a dizer que não vens.

Aquela fora propositada. Sem dúvida.

– Claro que vou aparecer! Estou ansiosa por ver os teus pais. E... – o pequeno refrão de Bengt de nomes suecos do outro dia veio-lhe à memória – o Ole e a Missan, o Janne e a Panne, o Hasse e a Basse e o Lasse...

Bengt estava a rir-se à gargalhada. Pelo menos ainda o conseguia divertir.

– É Bosse, não Basse.

– Desculpa. Ainda estou a aprender.

– Bem. Se tens a certeza...

– Absoluta. Está prometido.

Deixou-o ficar na Estação Central e dirigiu-se a Vesterbro.

Lund sentou-se na cama de Nanna, tentando recordar-se de como era ser-se adolescente. O quarto era pequeno e tinha muita luz, estava desarrumado, um caos. Sacos de roupa de marcas baratas, anotações das aulas, livros e revistas, maquilhagem e bijuterias...

Um reflexo da personalidade de Nanna Birk Larsen, da sua vida.

Folheou o diário, não encontrou nada. Nada nos cadernos escolares, nas fotografias afixadas no quadro de cortiça por cima da pequena secretária.

Lund pensou em si própria naquela idade, uma criança estranha e mal-humorada. O seu quarto era mais desarrumado do que aquele. Mas diferente, de algum modo. O quarto existia para ela, era uma expressão interior da sua natureza solitária e introvertida. Ali, pensou Lund, Nanna tinha criado um lugar de preparação. Um camarim privado a partir do qual despontaria para encantar o mundo exterior, para o hipnotizar com a sua beleza, as suas roupas, a sua inteligência brilhante e óbvia.

Tudo o que tinha faltado à Sarah Lund adolescente, aquela rapariga possuía em abundância. Assim como uma mãe extremosa.

E agora estava morta.

Havia um caminho desde aquele quarto até ao fim chocante de Nanna no canal, no Kalvebod Fælled. Havia motivos e os motivos deixavam vestígios.

Procurou no guarda-fatos, examinando cuidadosamente as roupas. As etiquetas de algumas tinham sido cortadas à tesoura, talvez por terem sido compradas numa loja de roupa barata. Outras não. E...

Lund esforçou-se novamente para se lembrar de si própria naquela idade. O que vestia? Praticamente o mesmo que agora. Calças de ganga, camisas, camisolas. Roupa prática para uma vida prática, não para chamar a atenção dos outros. Era natural que uma adolescente atraente se vestisse para dar nas

vistas. Lund era a exceção. No entanto, as roupas que encontrou ao vasculhar por entre os cabides de Nanna pareceram-lhe demasiado boas, demasiado adultas, de uma pessoa muito... vivida.

Depois, Lund afastou os cabides para um lado, olhou para o fundo do roupeiro, onde havia uma pequena montanha de sapatos. Pares e mais pares de sapatos abandonados.

Por detrás deles, algo reluzia. Lund enfiou o tronco no guarda-fatos, sentiu as roupas de Nanna a esvoaçarem contra as suas faces, como asas de traças gigantescas, e pegou no que tinha entrevisto.

Um par de botas castanhas reluzentes de *cowboy*, decoradas com motivos coloridos, brilhantes, tachas e espelhos minúsculos.

Era como se gritassem: «dinheiro.»

Em letras garrafais.

– A minha mulher está em casa – disse bruscamente uma voz masculina por detrás dela. Lund deu um salto, bateu com a cabeça no varão do guarda-fatos.

Era Theis Birk Larsen.

Viu-a a massajar a cabeça.

– Cuidado com o que lhe vai dizer.

* * *

Sentados em torno da mesa, rostos pálidos e duros.

– Lamento muito que lhe tenham contado o que aconteceu – disse Lund.

O dia tinha clareado. As flores estavam a murchar. Ainda assim, a cozinha dos Birk Larsen mantinha o seu doce aroma.

– O agente não devia ter feito aquilo. Foi transferido, por isso não vai voltar a vê-lo.

Theis Birk Larsen, de cabeça baixa, olhos mortiços, murmurou:

– Bem, isso já é alguma coisa.

– Não é nada – disse Pernille. – Quero saber a verdade. Quero saber o que aconteceu. Eu sou a mãe dela.

Lund consultou as anotações.

– Ninguém viu a Nanna depois da festa. Provavelmente foi levada no carro roubado. No carro onde a encontrámos.

Lund olhou pela janela, voltou a olhar para Pernille.

– A Nanna foi violada.

Pernille esperou.

– Foi espancada.

Pernille esperou.

– Achamos que ela resistiu. Pode ter sido por isso que ele a agrediu.

Mais nada.

– No bosque? – perguntou Pernille.

– No bosque. Julgamos que sim – Lund hesitou. – Mas, antes disso, talvez tenha sido mantida em cativeiro nalgum outro sítio. Não sabemos ao certo.

O homem grande foi até ao lava-louças, apoiou-se nos punhos, olhou fixamente para o céu cinzento-pálido.

– A minha filha disse-nos que ia ficar em casa da Lisa – afirmou Pernille.

– A Nanna nunca me mentia.

– Talvez não lhe tenha mentido – uma pausa. – Tem alguma ideia? – Um olhar de relance à forma que estava junto da janela, as costas curvadas, vestida de couro preto. – Lembrou-se de mais alguma coisa?

– Se houvesse algum problema, a Nanna ter-me-ia dito – insistiu Pernille.

– A Nanna ter-me-ia dito. Nós somos... Nós éramos...

As palavras custavam a sair.

– Muito chegadas.

– Quando é que a sua filha deixou de sair com o Oliver Schandorff?

– O Oliver está envolvido?

Uma sombra longa e ampla desce sobre a mesa. Theis Birk Larsen volta-se para ouvir.

– Estou apenas a recolher informações.

– Mais ou menos há seis meses – disse Pernille. – O Oliver era uma espécie de namorado.

– Nanna ficou perturbada por o namoro ter acabado?

– Não. Mas o Oliver ficou.

Lund observou-a.

– A Nanna não queria atender as chamadas dele. A Nanna... – Pernille inclinou-se para a frente, tentou fixar os grandes olhos muito abertos de Lund. – Se alguma coisa não estivesse bem, a Nanna contava-me sempre. Não era, Theis?

O homem silencioso continuou à janela, uma figura gigante enfiada num macacão escarlate e num blusão de couro.

O telemóvel de Lund tocou. Meyer tinha descoberto algo.

– Está bem. Vou já para aí.

O casal olhou fixamente para Lund, expectante.

– Tenho de ir andando.

– O que era? – perguntou Theis num tom grave e brutal.

– Uma chamada, mais nada. Vi um par de botas no quarto da Nanna.

Parecem ter sido caras. Foram vocês que lhas ofereceram?

– Botas caras? – resmungou Theis.

– Sim.

Pernille disse:

– Porque pergunta?

Um encolher de ombros.

– Eu faço muitas perguntas. Talvez demasiadas. Ponho o nariz onde não sou chamada – uma pausa. – É o meu trabalho.

– Não lhe comprámos nenhuma botas caras – disse Pernille.

Sala de interrogatórios. O advogado era brusco e calvo, e tinha a constituição de um jogador de hóquei. Quando Lund entrou, o homem gritava com Meyer, que tinha um ar entediado e estava sentado na borda da mesa, queixo no punho, a sorrir infantilmente.

– Ignorou todos os direitos do meu cliente. Interrogou-o sem um advogado presente...

– Não tenho culpa que você tenha ficado a dormir. Qual é o problema? Levei-o a dar uma volta. Ofereci-lhe o pequeno-almoço. Posso mudar-lhe a fralda fedorenta, se quiser...

– Vem comigo, Meyer...

– Vai haver consequências – berrava o advogado quando Lund estava a entrar no seu gabinete.

Meyer sentou-se, olhou para ela.

– Puseram o Oliver Schandorff na última cela livre que tínhamos. Por isso, fui dar uma volta com o Jeppe e deixei-o aqui às cinco da manhã.

Interrogando-se acerca de qual seria o desfecho daquilo, Lund perguntou:

– Interrogaste-o?

– Viste os *e-mails* dele? Não eram poucos. Além disso, telefonou cinquenta e seis vezes à Nanna numa semana. Se me pergatares...

– Interrogaste-o sem um advogado presente?

– O advogado disse-me que estaria aqui às sete. Só apareceu às nove – Meyer tentou parecer razoável. – Como eu disse, não pude atirar o parvalhão para uma cela. Só estivemos a tomar o pequeno-almoço juntos – Meyer fez um gesto de rapazinho culpado. – Teria sido má educação não falar com ele, Lund.

Buchard entrou. Camisa azul. Rosto cinzento.

– Não tínhamos nenhum sítio onde deter o suspeito ontem à noite – disse logo Lund. – O advogado chegou duas horas atrasado. O Meyer ofereceu o pequeno-almoço ao rapaz.

– O tipo não estava com muita fome – interrompeu Meyer –, mas pareceu-me de bom-tom convidá-lo.

– Talvez o rapaz tenha pensado que estava a ser interrogado, mas...

Lund não terminou a frase. Buchard não se deixou impressionar.

– Talvez o Meyer me possa explicar pessoalmente o que aconteceu.

– O que aconteceu foi o que a Lund acabou de dizer – afirmou Meyer.

– Escreve isso num relatório. Leva-o ao meu gabinete. Vou pô-lo no teu processo, ao pé dos outros que já lá estão – uma pausa estudada. – Depois do interrogatório.

Quando o chefe saiu, Lund sentou-se à secretária, começou a ver as fotografias e a ler as mensagens.

Meyer alegrou-se

– Acho que correu bastante bem. E tu?

A sala da conferência de imprensa estava superlotada. Câmaras. Microfones por todo o lado. Desta vez, Troels Hartmann usava gravata, preta. De manhã tinha ido ao barbeiro que Rie Skovgaard escolheu, sentou-se na cadeira quando ela lho ordenou, enquanto Rie pedia o corte desejado: curto e severo, triste.

Depois veio o guião.

– Tem sido um período turbulento. Mas tenho estado a trabalhar em estreita colaboração com a polícia. O carro foi roubado. Nunca houve funcionários nossos implicados. Os nossos pensamentos estão com os pais da Nanna Birk Larsen, a quem enviamos as nossas condolências. A nossa prioridade foi sempre ajudar a polícia. Nada mais.

– O motorista é suspeito? – perguntou uma mulher.

– O motorista foi contratado através de uma agência. E foi ilibado.

Um mar de vozes, a mais alta a gritar:

– É essa a posição da polícia?

Hartmann olhou e viu a cabeça calva e o sorrisinho trocista e radiante de Erik Salin.

– Não falo pelo Politigården. Mas tenho discutido este assunto com a polícia. As autoridades estão satisfeitas por eu deixar claro que o nosso envolvimento foi uma coincidência lamentável. Não temos nada que ver com este caso. Se quiser saber mais, fale com a polícia.

Hartmann continuou a ser bombardeado com perguntas.

Um político escolhia a que perguntas responder. Cuidadosamente. Hartmann ouviu o clamor, pensou em Bremer, esperou em silêncio até que a pergunta certa aparecesse.

– Vai formar uma aliança com o Partido do Centro?

Uma expressão intrigada, pensativa mas matreira.

– Sabe – respondeu Hartmann –, o mundo da política local raramente é tão dramático como gostariam que os vossos leitores acreditassem. Obrigado.

Hartmann levantou-se e preparou-se para abandonar a sala.

A jornalista tinha-se levantado.

– Vão formar uma aliança?

Nada.

O editor de política de um dos jornais diários lançou-se sobre Hartmann.

– Bremer também está a cortejar a Eller?

O *flash* de uma câmara na cara. Cinge-te ao guião, disse Rie Skovgaard.

– Está – a sala ficou em silêncio, todos os olhos postos nele. – Pessoalmente, porém, acho que Bremer é demasiado velho para ela. Agora...

Risos espontâneos, estridentes.

Um delicado equilíbrio, que pendeu a seu favor. Aqueles tipos odiavam Bremer tanto como ele. Pelo menos, era o que diziam quando estavam com os copos.

Troels Hartmann retirou-se para o seu gabinete, ao lado da sala.

Ali, Rie Skovgaard atarefou-se em torno dele. Compôs-lhe a gravata, o casaco. Estava animada como uma rapariguinha, e satisfeita.

Por instantes, ficara alarmada por causa do desvio em relação ao guião, no final da conferência de imprensa. Mas tinha resultado. Por isso, Rie estava feliz.

– Estou bem – disse Hartmann, fugindo das mãos de Rie. – Ótimo.

– Troels. Tens um monte de reuniões pela frente. E depois a visita a uma escola. As câmaras vão estar lá. E vão querer-te.

Hartmann recuou até à janela como uma criança amuada.

Rie entrou no mesmo jogo. Fez beicinho. Uma expressão estudada. Compôs o cabelo à frente dele. Preto e elegante. Um vestido justo envolvendo o seu corpo esbelto.

Weber entrou de rompante, brandindo umas folhas de papel. O rascunho do discurso da aliança. Queria que Eller lhe desse luz verde.

– Vamos lê-lo no carro...

– Leva o Morten contigo – disse Rie. – Assim, podem conversar os dois. Rever os pontos...

Weber abanou a cabeça.

– Não há nada de novo. Não precisam de mim. Tenho trabalho para fazer aqui...

– Eu aguento o barco enquanto estiverem fora – insistiu. – Vão! – disse Rie com um gesto na direção da porta. – Vão! – um sorriso. – E conversem.

De vez em quando jogavam xadrez juntos. Normalmente ganhava. Porque ela o deixava ganhar? Por vezes, Hartmann interrogava-se se não seria assim.

Às vezes, perguntava a si próprio porque se entregava àquele jogo estranho e infantil.

– Vão, meninos! – gritou Rie Skovgaard como uma mãe a dar ordens aos filhos, acenando com as mãos finas, fazendo reluzir os anéis.

– No sábado à noite – disse Meyer –, Jeppe Hald ligou várias vezes ao Oliver Schandorff.

– Então e a mulher com quem o Oliver estava?

– É uma divorciada que saiu para se divertir um bocado. Disse que o Oliver estava muito infeliz e preocupado com alguma coisa.

Lund fez-lhe uma careta.

– Só isso?

– Não.

Aquele tom petulante estava de volta. A proibição de fumar que Lund tinha imposto no gabinete estava a irritá-lo.

– Então e as impressões digitais na sala da caldeira?

- Metade da escola esteve lá.
- E em relação ao ADN?
- Ainda estou à espera. Estás pronta?

Lund olhou pela porta de vidro, para a sala de interrogatórios do outro lado do corredor. Oliver Schandorff, a cabeça pousada na mesa.

– Eu quero estar ali dentro – disse Meyer. Devíamos trabalhar nisto juntos. Era verdade.

– Está bem. Podes entrar. Mas deixa as perguntas para mim.

Meyer levantou-se de um salto. Uma continência rápida e um bater de tacões.

No momento em que passaram pela porta, Schandorff, com um polo verde sujo, apontou para Meyer.

– Não falo com ele.

– Não – anunciou Lund. – Vais falar comigo – uma pausa. – Bom dia, Oliver. Como estás?

– Mal como a merda.

Lund estendeu a mão. O rapaz apertou-a. Em seguida, o advogado careca que tinham visto anteriormente fez o mesmo. Lund sentou-se ao lado deles. Meyer empoleirou-se ao fundo da sala, num banco iluminado pela luz do dia que entrava pela janela.

– Só queremos fazer-te umas perguntas – disse Lund. – Depois podes ir para casa – nenhuma resposta. – A Nanna disse aos pais que ia ficar em casa da Lisa. Ela ia encontrar-se contigo?

– Não. Já lhe tinha dito isso.

– Sabes com quem é que a Nanna se encontrou?

– Não.

Da pasta, Lund extraiu um par de fotografias das luxuosas botas de couro encontradas no guarda-fatos de Nanna.

– Ofereceste-lhe estas botas?

Oliver olhou para as botas como se nunca as tivesse visto.

– Não.

Meyer recostou-se na cadeira junto da janela, soltou um longo bocejo.

Lund ignorou-o.

– Porque estavas com tanta raiva a ponto de atirar com uma cadeira?

O advogado careca sorriu e disse:

– O meu cliente reserva-se o direito de não responder.

Lund ignorou o homem

– Estou a tentar ajudar-te, Oliver. Se disseres a verdade podes ir-te embora. Se te esconderes atrás desse homem, prometo...

– A Nanna disse que tinha conhecido outra pessoa!

– Basta! – disse o advogado. – Vamos embora.

Os olhos de Lund nunca deixaram o rapaz de cabelo ruivo.

– A Nanna disse quem era essa pessoa?

O advogado levantou-se.

– O meu cliente teve uma noite difícil...

– A Nanna disse mais alguma coisa?

– Eu disse – interrompeu o advogado – que não havia mais perguntas.

Schendorff abanou a cabeça.

– Só lhe perguntei se queria ir à cave conversar comigo. Mas ela não quis.

– Oliver! – gritou o advogado.

– Puto – interrompeu Meyer. Schendorff olhou-o de relance. – Ele não é teu pai. Não vai bater-te porque eu não deixo.

– A Nanna não quis ir comigo.

Lund assentiu.

– E o que é que tu fizeste?

– Chamei-lhe uma data de nomes. Foi a última vez que a vi.

Lund recolheu a sua papelada.

– Obrigada. É tudo.

À porta da sala. A pensar.

– A Nanna tinha um encontro. E botas caras de que ninguém sabia.

– O Oliver pode ter-lhas comprado – disse Meyer. – O tipo está a mentir. Talvez a rapariga tenha ido encontrar-se com ele.

– Não bate certo.

– Não bate certo – resmungou Meyer, pegando num cigarro.

– Não fumes aqui – ordenou Lund. – Já te tinha dito isso.

– Eu digo-te o que é que não bate certo, Lund. Tu. Estás aqui há tanto tempo que já fazes parte da mobília. Julgas-te insubstituível. É isso que não bate certo. Tu.

Então, Meyer ignorou a proibição e acendeu o cigarro. Soprou o fumo. Tossiu. Disse:

– Este gabinete é meu. Meu.

Svendsen enfiou a cabeça pela porta.

– Telefonema dos forenses. As amostras da sala da caldeira foram contaminadas. Hoje não vai haver perfis de ADN para ninguém.

Lund não disse nada. Olhou para as fotografias em cima da mesa. Para as botas.

– OK – disse Meyer. – Vamos voltar ao apartamento dos putos.

Svendsen suspirou.

– Mas passámos lá a noite.

– Não o revistámos como deve ser.

Sáiram. Lund continuou a olhar fixamente para as botas. O telemóvel tocou. Era o patologista forense. Queria encontrar-se com ela.

Pernille esperava no apartamento, sozinha, com as flores, as marcas deixadas pela polícia e as roupas de Nanna.

Ao meio-dia, estava prestes a enlouquecer. Por isso dirigiu-se à escola. Cruzou-se com uma invulgarmente envergonhada diretora Koch e depois com o agradável e calmo professor de olhos tristes, Rama.

Só conseguiu saber uma novidade: a polícia tinha detido Oliver Schandorff e Jeppe Hald durante a noite.

Depois, Pernille esperou num gabinete vazio, escutando as vozes jovens do lado de fora, no corredor, sonhando poder ouvir os tons vibrantes de Nanna entre elas. Esperou até Lisa Rasmussen aparecer, a chorar, a correr para ela, lançando-se nos braços bem abertos da sua gabardina, a tremer de emoção, a soluçar como uma criança.

O cabelo de Lisa era louro como o de Nanna. Pernille beijou-o, embora soubesse que não devia fazê-lo. Aquelas duas raparigas eram amigas. Quase irmãs. Aquelas duas eram...

Pernille largou Lisa, parou de tentar racionalizar algo que estava para lá da compreensão. Uma criança era um breve e feliz interlúdio de responsabilidade, não algo de que nos podíamos apropriar. Não fazia a mais pequena ideia do que Nanna fazia fora do pequeno apartamento por cima da garagem. Não perguntava. Lutava para não pensar nisso.

Mas Lisa sabia. Aquela rapariga baixa, ligeiramente gordinha que se esforçava para ser tão bonita e inteligente como a Nanna, sem nunca verdadeiramente o conseguir.

Lisa limpou os olhos, ficou à sua frente. Parecia pouco à vontade. Como se quisesse ir-se embora.

– Há coisas... – disse Pernille – que eu não consigo perceber.

Silêncio. A pequena rapariga loura ia mudando o peso de um pé para o outro.

– A Nanna estava chateada com alguma coisa? – Lisa abanou a cabeça. – Então e o Oliver? Esteve envolvido?

– Não.

Um toque de petulância adolescente na negação.

– Então, porque é que a polícia está constantemente a falar dele, Lisa? Porquê?

Atrás das costas, as mãos de Lisa não paravam de mexer. A rapariga encostou-se à mesa e, a fazer beicinho, disse:

– Não sei.

Pernille pensou na mulher polícia, na persistente Lund. Naqueles olhos grandes e brilhantes que pareciam nunca parar de procurar.

– Mas vocês foram para a festa juntas. A Nanna disse alguma coisa? Ela não te parecia estar... – palavras. Palavras simples. Perguntas simples. Como as de Lund. – A Nanna pareceu-te diferente?

– Não. A Nanna não disse nada. Estava... igual a si própria.

Não te zanges, pensou Pernille. Não digas o que pensas... És uma vaca mentirosa; tens isso escrito nessa cara gordalhufa.

– Porque é que a Nanna disse que estava contigo?

A rapariga abanou a cabeça como uma má atriz numa peça de segunda categoria.

– Não sei.

– Mas vocês são amigas – disse Pernille, interrogando-se... Estarei a insistir de mais? Será que pareço dura? Que pareço louca?

Apesar das interrogações, perguntou:

– Vocês são amigas. A Nanna não ia deixar de contar-te os planos dela – o tom de voz a subir, o cabelo castanho a ondular. – Se houvesse alguma coisa, a Nanna ter-te-ia dito.

– A Nanna não me disse nada, Pernille. A sério.

Abana a miúda. Grita com ela. Grita-lhe até ela dizer... Até dizer o quê?

– A Nanna estava zangada? – perguntou Pernille. – Comigo?

– Não sei.

– Tens de me contar! – gritou Pernille. A voz começava a quebrar. – É importante.

Lisa não se mexeu, ficava mais calma e mais mal-humorada a cada nota de raiva crescente que ouvia.

– Ela... não... disse... nada...

Mãos nos ombros da rapariga, olhando para aqueles estúpidos olhos desafiadores.

– Conta-me!

– Não há nada para contar – disse Lisa num tom neutro e desprovido de emoção. – A Nanna não estava zangada consigo. Não estava mesmo.

– Então o que foi que aconteceu? – insurgiu-se Pernille.

Abana a miúda. Dá-lhe uma bofetada.

– O que aconteceu?

Lisa continuava desafiadora. Um olhar que dizia: «Então faz lá isso. Bate-me. Não vai fazer qualquer diferença. Não há volta a dar, a Nanna morreu.»

Pernille inspirou, limpou o nariz, saiu para o corredor. Parou junto das flores e das fotografias ao pé dos cacifos. O altar dedicado a Nanna. Sentou-se. O terceiro dia. Pétalas a caírem. *Post-its* a deslizarem do sítio onde tinham sido afixados. Tudo a desvanecer-se numa distância cinzenta perdida para lá da sua visão.

Pegou no papel mais próximo. Um rabisco infantil. Dizia: «Nunca te esqueceremos.»

Mas vão esquecer, pensou. Todos vocês. Até mesmo Lund, passado algum tempo. E também Theis, se conseguir, depositando o seu amor sem limites e sem forma nos meninos, em Anton e Emil. Esperando que os rostos jovens dos filhos apaguem a memória de Nanna, esperando suplantá-la com devoção suficiente para esconder a dor.

Figuras passaram rapidamente a esvoaçar por Pernille, carregando mochilas e transportando folhas de papel, conversando em voz baixa.

Observou e escutou. A filha já caminhara por aqueles corredores cinzentos e despídos. De certa forma, ainda o fazia, na imaginação de Pernille, o que tornava a dor mais pungente. O luto devia ser uma ausência, um vazio, não aquela coisa física que estava a sentir. Perdera Nanna. A filha fora-lhe roubada. Até o ladrão e a ação se tornarem claros, a morte dela marcá-los-ia a todos, como o tumor de uma qualquer doença cruel.

Estavam aprisionados no presente, sem saída. Pernille levantou-se, subiu os degraus, tropeçou, caiu.

Uma mão estendeu-se para ela. Pernille viu um rosto, sorumbático e amável.

– Está tudo bem consigo?

O professor Rama, uma vez mais.

Pernille pegou-lhe no braço, agarrou-se ao corrimão, levantou-se. Todos perguntavam aquilo e nunca queriam saber a resposta.

– Não – murmurou Pernille. – Não está.

Interrogou-se o que pensaria Nanna daquele homem bonito e inteligente. Se a filha gostaria ou não dele. E perguntou a si própria de que falaria com o outro.

– A Lisa disse alguma coisa? – perguntou Rama.

– Pouco, mas disse.

– Se eu puder...

– Ajudar?

Todos diziam aquilo, também. Serviam-se das mesmas palavras. Talvez o professor estivesse a ser sincero. Ou talvez fosse mais um sentimento banal, proferido automaticamente, como uma oração.

Pernille Birk Larsen saiu da escola questionando-se se Theis teria razão. Estava a ser estúpida. A polícia continuava à procura. Certamente que Lund sabia o que estava a fazer.

A mulher da agência imobiliária olhou para o andaime, para as janelas tapadas com a rede de proteção, para os materiais empilhados junto da porta.

– Tem de ser vendida rapidamente. Quero livrar-me dela.

Theis Birk Larsen usava o blusão de couro preto, o gorro, as botas de homem das mudanças e o macacão vermelho. Roupa de trabalho, embora o trabalho, aquilo que parecera ser o mais importante, lhe passasse agora completamente ao lado. O negócio estava nas mãos de Vagn Skaerbaek. Vagn poderia encarregar-se daquilo. Não havia escolha.

– Claro – concordou a mulher.

– Aceito receber o mesmo que paguei. Só quero livrar-me dela.

– Compreendo.

Theis pontapeou o andaime.

– Os materiais estão incluídos.

Crianças a brincar na rua. A chutar bolas de futebol. Risos e gritos.

Theis observou-as, invejoso.

– É uma bela casa – disse a mulher. – Porque não espera alguns meses?

– Não. Tem de ser agora. Acha que vai ser complicado?

A mulher hesitou.

– Não, não é isso. Viu a avaliação?

A vendedora tirou um maço de documentos de uma pasta. Birk Larsen odiava papelada. Isso era com Pernille.

– A avaliação mostra que a casa tem caruncho.

Theis pestanejou, sentia-se doente e impotente.

– O seguro deve cobrir isso.

A mulher não olhou para ele, abanou a cabeça.

– Não. Lamento mas não cobre.

Levantou-se uma brisa. As folhas de papel agitaram-se com o vento. Passaram duas crianças a pedalar, arrastando papagaios de papel nas mãos.

– Mas...

A vendedora apontou uma unha bem cuidada para o contrato.

– Está aqui. Cobertura contra estragos devido a caruncho não incluída. Lamento – um suspiro profundo e envergonhado. – Se a vender agora vai perder muito dinheiro. Nestas condições...

Birk Larsen fitou a casa, pensou em todos os sonhos perdidos. Nos miúdos nos seus quartos. Em Nanna a olhar pela janela de cima, agora coberta com rede de proteção negra.

– Venda-me esta maldita coisa – disse Theis Birk Larsen.

* * *

Troels Hartmann estava de gatas, a pintar com as crianças do jardim-de-infância.

Morten Weber agachou-se ao lado dele.

– Troels – disse. – Detesto interromper o teu divertimento, mas os fotografos já se foram embora. E temos de ir a mais sítios.

Hartmann desenhou uma galinha amarela infantil no papel, recebeu gritos de alegria das crianças à sua volta.

Sorriu.

– Também são sítios divertidos, Morten?

– São necessários.

Hartmann apontou o dedo para os miúdos no chão.

– Estes são os eleitores de amanhã.

– Bem, então voltaremos amanhã. Estou mais interessado em quem possa votar hoje.

– Fizeram um bolo.

Weber franziu a testa.

– Um bolo?

Dois minutos mais tarde, estavam os dois sentados a uma mesa longe dos professores e das crianças.

– Prova o bolo, Morten.

– Desculpa. Não posso.

– A diabetes é uma fachada. Não ias tocar no bolo à mesma. És tão bem comportado.

Eram suficientemente íntimos para uma piada daquelas, pensou.

– E o tal jornalista? – perguntou Hartmann.

– Estás a falar do Erik Salin?

– O tipo anda a ver se me caça, Morten. Porquê? Quem é ele? Como é que soube da carrinha?

– É um oportunista que está a tentar ganhar algum. Encara isso como um elogio. Não iria desperdiçar o tempo dele se tu não tivesses hipóteses de ganhar.

– Como é que ele soube da carrinha? – Weber contorceu-se.

– Achas que alguém do escritório lhe disse, não achas? – perguntou Weber.

– E tu?

– Já me tinha passado isso pela cabeça. Mas não consigo imaginar quem poderia ter sido.

Hartmann afastou o bolo e o copo de plástico com sumo de laranja, ouviu as crianças a dar risadinhas ao contemplarem as pinturas que tinham feito.

– Tenho toda a confiança na nossa equipa – disse Weber um tanto pomposamente. – Em todos eles. Tu não?

Hartmann estava prestes a responder quando o telemóvel tocou. Escutou, olhou para Weber.

– Temos de ir.

Avançando a passos largos pelos compridos corredores que ecoavam, em torno do pátio central, Hartmann estava lívido.

– Onde raio é que ela se meteu?

– Vai ligar daqui a um minuto.

Rie Skovgaard tinha ido ter com Hartmann à porta da frente e esforçava-se para manter-se ao seu lado enquanto marchavam em direção ao gabinete, Weber seguia-os logo atrás, em silêncio, à escuta.

– A Eller diz que Poul Bremer lhe fez uma oferta melhor. Ainda não a aceitou. Quer saber a nossa reação.

– A nossa reação é que se engasgue com a tal oferta.

Skovgaard suspirou.

– Isto é política.

– Não é não. É um concurso de beleza. E nós não participamos nele.

– Ouve-a. Ouve o que ela tem a dizer. Podíamos entrar em acordo quanto a algumas coisas...

Rie parou Hartmann à porta do escritório.

– Troels. Tens de acalmar-te.

Hartmann deitou os olhos ao interior da Rådhus. Às vezes parecia uma prisão. Uma prisão muito confortável.

O telemóvel de Skovgaard tocou.

– Olá, Kirsten. Só um segundo. Já te ligamos.

Quando Eller desligou, Rie olhou para Hartmann e disse:

– Sê educado. Mantém a calma.

Hartmann já estava em movimento. Rie descontrolou-se. Deu-lhe uma palmada no ombro, gritou:

– Ouve lá!

A voz de Skovgaard era dura e estridente.

– Cala a boca e ouve-me para variar, está bem? Se tivermos a Eller do nosso lado, ganhamos. Caso contrário, somos mais uma minoria a implorar migalhas à mesa de Poul Bremer. Troels...

Hartmann começou novamente a andar. A mão de Rie agarrou-o pelos colarinhos azuis, arrastou-o de volta para as sombras.

– Percebes o que estou a dizer? Sozinho não consegues uma maioria. Não tens apoios – Rie acalmou-se um pouco. – Já não podemos fazer nada para mudar isso. É um facto.

Hartmann estendeu a mão para que Rie lhe desse o telemóvel.

– Tem calma – aconselhou a assessora, passando-lhe o aparelho.

Troels ligou a Eller. Trocaram umas trivialidades e depois:

– Ouvi aquilo acerca de ti e do Bremer. Bem, a vida tem destas coisas. Não adianta ficar chateado com isso.

Hartmann fechou os olhos e escutou. Uma conversa acerca de portas que permaneciam abertas, de ofertas que não eram completamente definitivas. O tom insistente e expectante nunca mudava.

– Acho que afinal não vai haver aliança – disse Hartmann. – Temos de ir tomar café um dia destes. Fica bem, Kirsten. Adeus.

Skovgaard estava lívida de fúria. Weber tinha desaparecido.

– Pronto. Estive calmo, não estive?

O patologista forense era um homem exuberante, com um rosto bronzeado e uma barba branca. Falou acerca do fabrico de cidra durante todo o caminho até à morgue.

– Na Suécia há boas maçãs. Vou dar-lhe a receita.

– Obrigada. É muito simpático da sua parte.

Entraram, ambos calçaram luvas e dirigiram-se à mesa.

– Este caso é fora do vulgar – disse o patologista, levantando o lençol branco.

Lund olhou para o cadáver de Nanna Birk Larsen. Agora limpo e apresentando as marcas da autópsia.

– O sangue no cabelo coagulou muito antes de ela ter caído à água. Tem contusões nos braços, nas pernas e por toda a parte inferior direita do corpo.

Lund olhou. Achava que já tinha visto o suficiente.

– Venha cá – ordenou o patologista, apontando para a coxa direita.

– Já vimos isso.

A perna estava coberta de cortes.

– Abrasões?

– Não. Apalpe a pele.

Lund apalpou. Pelo tato, não percebeu onde o homem queria chegar.

– Há vermelhidão em torno das feridas – assinalou o patologista. – Desaparece depois de um cadáver ter estado na água. Mas volta passados alguns dias.

Lund abanou a cabeça.

– São chagas – disse o homem. – A vítima foi mantida em cima de uma superfície áspera. Talvez sobre um piso de betão.

– O piso da cave da escola é de betão.

Lund tocou nas lesões. Pensou no quarto escondido com o colchão ensanguentado e as drogas.

– Quanto tempo esteve a rapariga assim?

– Entre quinze a vinte horas.

Lund debateu-se com aquela informação, tentou imaginar o que significava.

– Tem a certeza?

– Absoluta. Houve uma série de violações com um intervalo de várias horas entre si. Mas até agora não encontramos ADN. O autor do crime deve ter usado um preservativo. Não há nada sob as unhas ou em qualquer outro lugar.

– Por causa da água?

O patologista abanou a cabeça.

– Isso foi o que eu pensei. Mas ela estava no porta-bagagens da carrinha. Olhe para as mãos dela.

O patologista levantou os dedos, um a um.

– Alguém lhe cortou as unhas.

Deixou cair as mãos de Nanna no lençol branco. Lund pegou numa de cada vez, lançou-lhes um olhar mais atento.

– Há vestígios de éter no fígado e nos pulmões – disse o patologista, lendo aquilo num relatório. – Quer dizer que foi drogada. Talvez várias vezes. Isto foi tudo planeado. O tipo sabia o que estava a fazer. Eu não ficaria... – O patologista fez uma pausa, como se não estivesse seguro de si próprio. – Esta não é a minha área, mas não ficaria surpreendido se descobrissem que ele já tinha feito isto antes. Foi feito... metodicamente.

Lund tirou-lhe o relatório das mãos.

– Isso ajuda?

Lund encolheu os ombros.

– Bem – disse o patologista. – Depois envio-lhe qualquer coisa que apareça. Ah... – o homem sorriu. – É a tal receita de cidra.

Lund regressou ao gabinete. Buchard estava à porta, a discutir com o advogado careca. A lutar para manter Oliver Schandorff e Jeppe Hald sob custódia.

Em breve, o advogado estaria à frente de um juiz para conseguir que fossem libertados. Pelo olhar de Buchard, Lund viu que o chefe não tinha muita esperança de levar a melhor naquela discussão.

Eller fechou a porta depois de entrar. Sentou-se, pôs as grandes mãos nas amplas ancas e disse:

– Foi um *bluff* e peras, Hartmann, deixa que te diga.

– Não foi *bluff*, Kirsten.

– Espero que não.

Hartmann manteve o silêncio.

– Eu disse que não a Bremer. Não penses que foi uma decisão fácil. Não é uma palavra que ele goste de ouvir.

– Acredito.

– Para ser franca, não tinha muita escolha. Nós somos parceiros naturais. Bremer é apenas... – Eller sorriu. – O sacana que puxa os cordelinhos todos.

– Hartmann continuou calado. – Espero que estejas à altura das nossas expectativas – acrescentou Eller. – É o meu pescoço que está no cepo.

– O teu grupo...

– Vai fazer o que eu disser. Agora... vamos ao que interessa?

Cinco minutos mais tarde, em volta da mesa de reuniões perto do gabinete de campanha, as negociações começaram. Políticas e cargos. Estratégias de financiamento e estratégias mediáticas. Rie Skovgaard tomou notas e fez sugestões.

Hartmann e Eller eram aliados.

* * *

Meyer tinha regressado depois da nova busca ao apartamento dos alunos.

– Libertaste os miúdos? – perguntou.

– Sim.

– Vamos ter que trazê-los de volta.

Lund inspecionava algumas das fotografias sobre a mesa. Os ferimentos de Nanna. As botas.

– Não acho que tenham sido eles a fazer isto.

– Pois eu tenho a certeza de que foram eles.

Meyer tinha trazido um leitor de cartões de memória. Pousou-o sobre a secretária de Lund e ligou o cabo ao computador.

– Vê isto.

O computador reconheceu o que lhe estava a ser dado, lançou uma janela.

Um vídeo tremido apareceu no ecrã. A festa de Halloween. Adolescentes mascarados. A beber cerveja. A gritar. A fazer o que os adolescentes costumavam fazer quando sabiam que ninguém os estava a observar.

Lund observou. Jeppe Hald, o brilhante e calmo Jeppe, aluno exemplar, presidente da associação. A gritar para a lente, bêbado ou drogado, ou ambas as coisas.

Lisa Rasmussen, num vestido curto e justo, a andar afetadamente em estado semelhante ao de Jeppe.

– Onde foi que conseguiste isto?

– No quarto de Jeppe Hald. Gravou este vídeo no telemóvel e depois passou-o para um cartão de memória – Meyer olhou para Lund. – Para poder vê-lo no computador.

Lund assentiu.

– Não acho que Jeppe seja tão brilhante como os tipos da escola dizem – acrescentou Meyer.

– Para!

Meyer fixou a imagem.

Nanna com o chapéu de bruxa preto. Nanna viva e a respirar. Linda, tão linda. Tão... *velha*.

– Não parecia estar bêbada. Não estava a gritar. Parecia... Atarantada. Como um adulto repentinamente cercado por um bando de crianças.

– Continua – disse Lund.

Meyer pôs o vídeo a passar em câmara lenta. A imagem passou de Nanna para Oliver Schandorff, cabelo revoltado, olhos selvagens. Oliver Schandorff a olhar avidamente para Nanna enquanto bebia um gole de cerveja de uma lata.

– Não havia festas destas na minha escola – disse Meyer. – E na tua, havia?

– Mesmo que houvesse, não me teriam convidado.

– Acredito. Bem, aqui vamos nós. – Meyer deixou escapar um longo suspiro de desagrado e sentou-se ao lado dela. – Vai começar o espetáculo.

A imagem mudou. Outro cenário. Um sítio mais escuro. Algumas luzes. Bebidas sobre a mesa. A sala na cave, claro.

Alguma coisa a mover-se ao fundo, a aumentar à medida que a lente se aproximava.

Lund inclinou-se para a frente, olhou com atenção, sentiu o coração a acelerar.

Ouviu-se um ruído. Alguém a arfar, ofegante. Oliver Schandorff nu, a cabeça ruiva a oscilar enquanto se contorcia sobre a figura por baixo dele, também ela nua, de pernas abertas e imóvel.

O contraste entre Oliver e a rapariga era gritante. Schandorff, todo ele energia maníaca e desespero. Ela...

Bêbada? Inconsciente?

Não se conseguia perceber. Mas havia qualquer coisa que não batia certo.

A imagem aproximou-se dos corpos.

As mãos de Schandorff apareceram e agarraram-lhe as pernas, fizeram-na colar-se a ele. Os dedos dela ergueram-se, como que para o tentar afastar. O rapaz parecia possuído, empurrou-os para baixo, grunhiu, gritou.

Lund observava.

A lente deslocou-se para trás deles, para as costas de Schandorff. As pernas da rapariga estavam em torno dele. Sexo à adolescente. Como se algures houvesse um cronómetro em marcha que dissesse: «Façam-no imediatamente e façam-no depressa, ou nunca mais terão hipótese de o fazer.»

Mais grunhidos, mais avanços selvagens.

A imagem aproximou-se ainda mais. O chapéu de bruxa preto que tinham visto anteriormente, caído sobre os olhos, sobre o rosto. Cabelo louro. O chapéu move-se...

– Merda – disse Lund.

Algo acontecera. A câmara deixara o casal. Tinham-no ouvido a filmá-los às escondidas. Palavrões e movimentos rápidos. Mal se conseguia ver a rapariga, a cobrir-se à pressa. Cabelo louro, chapéu de bruxa, seios nus. Pouco mais.

– Acho que vou buscá-los outra vez – disse Meyer.

Nos degraus da Câmara Municipal, Troels Hartmann e Kirsten Eller estavam lado a lado, a piscar os olhos sob as luzes brilhantes das câmaras, a sorrir, a trocar apertos de mão.

À espera de Meyer, Lund assistia àquilo tudo no canal de notícias, no computador. Depois voltou ao vídeo. À escola.

Um segmento que tinha saltado anteriormente.

Nanna no seu vestido de festa. De chapéu posto. A fazer um sorriso rasgado para o telemóvel de Jeppe Hald. Erguendo um copo do que parecia ser Coca-Cola. A sorrir. Sóbria. Tão elegante e natural. Não parecia de todo uma miúda. Não era como os outros.

E, poucos minutos mais tarde...

Nua na cave, Oliver Schandorff a penetrá-la como um animal.

– Espero que estejas certo, Meyer – sussurrou.

O encarregado da escola estava a abrir o portão a Lund quando Meyer telefonou.

– Já tenho os dois.

– Não os interrogues ainda.

Uma pausa.

– Da última vez que verifiquei, os nossos galões eram iguais.

– Deixa-me ver uma coisa primeiro.

Um longo suspiro.

– Não te preocupes, Lund. Tu é que vais ficar com os créditos.

Os passos de Sarah ecoavam por corredores escuros e vazios.

– Espera vinte minutos – disse, desligando logo em seguida.

As flores no altar de Nanna, ao lado dos cacifos, pareciam mortas, as velas tinham ardido até não passarem de cotos. Lund desceu as escadas frias para a cave, apontando a lanterna, tateando em busca de interruptores de luz que não conseguia encontrar.

Passou a fita que dizia «Não Atravessar». Entrou no quarto secreto. Linhas e marcadores por todo o lado. Garrafas vazias com círculos em volta, cobertas de pó para detetar impressões digitais.

Olhou para o colchão manchado de sangue. Havia uma única grande mancha ao fundo e depois um fio de vermelho na tubagem, perto da borda. Não havia muito sangue. E não estava espalhado.

Meyer não esperou, não via porque havia de fazê-lo. Oliver Schandorff estava no gabinete de Lund, sentado à frente do computador, a assistir contra

vontade ao vídeo. A abóbora com olhos, boca e nariz. Os adolescentes bêbados. A droga. O álcool.

Sozinho, livre para agir como quisesse, Meyer estava mais descontraído. Sentou-se ao lado do rapaz, observou-o a olhar para o computador, cabelo ruivo despenteado, rosto contorcido de medo e dor.

– Tens duas opções, Oliver – disse Meyer numa voz calma e inexpressiva.
– Ou confessa agora... – Nanna. De chapéu de bruxa na cabeça. A sorrir. Feliz. Linda. – Ou então vemos o resto. E esperamos que o teu advogado apareça amanhã da manhã. Se é que se vai dar ao trabalho de sair da cama.

O telemóvel movia-se, desde o átrio, escadas abaixo. Em direção à cave. Ao quarto secreto.

Duas figuras nuas à distância, sob uma única lâmpada, a lutarem uma com a outra.

Schendorff não conseguia tirar os olhos do ecrã.

– Eu tenho a noite toda – disse-lhe. – Mas sei que foram vocês que a mataram e vocês também sabem, portanto, vamos acabar com isto, está bem?
Silêncio.

Meyer sentiu a raiva a agitar-se levemente, tentou sufocá-la.

– Oliver? *Oliver?*

Lund tirou da mala as fotografias que tinha trazido. Grandes planos do cadáver de Nanna. Pormenores das chagas, das lesões nas costas.

Por algum motivo não havia luz, por isso, viu as fotografias à luz da lanterna. Ergueu-as enquanto olhava para o colchão, para as manchas de sangue no chão.

Selecionou a fotografia das mãos de Nanna. Unhas cortadas.

Moveu a lanterna em redor da sala.

Verificou o inventário.

Não havia qualquer sinal de uma tesoura.

Pegou no telemóvel, olhou para o ecrã. Não havia rede naquele túmulo subterrâneo.

Oliver Schendorff estava rígido frente ao ecrã. Dois corpos a copularem. O seu próprio cabelo ruivo a subir e a descer. O rapaz agarra-lhe as pernas, faz com que ela lhe aperte o corpo com elas. Afasta-lhe as mãos quando estas o tentam agarrar.

A lente sobe, está mesmo atrás do casal. As costas dele, o seu corpo a investir contra o dela num ritmo louco, frenético. Depois, a confusão. A imagem a mover-se em todas as direções quando o rapaz se afasta dela, quando confronta o intruso que os filma às escondidas.

De lábios caídos como uma criança desobediente, rosto cheio de vergonha e de raiva, Schandorff estava sentado no gabinete de Homicídios, recusando-se a falar.

– Talvez o Jeppe abra a boca primeiro – disse Meyer.

Lá estava Hald no ecrã. Bêbado. Descontrolado.

– Sabes que o Jeppe pode estar na porta ao lado – Meyer deu uma palmadinha no braço de Schandorff. – Pode estar a dizer que tu é que fizeste tudo. Sozinho. Não ia ser nada agradável, pois não?

Meyer pôs-lhe a mão no ombro.

– Ele não é teu amigo, Oliver. Pensa nisso. Eu sei que gritei contigo, filho. Lamento muito. Mas...

Schandorff estava imóvel como uma pedra.

– Aquelas imagens de Nanna depois de a termos tirado do canal – Meyer observou-o. – Não consigo tirá-las da cabeça. Não me obrigues a mostrá-las. É melhor para ambos que eu não faça isso.

* * *

Lund não estava preparada para ir até lá fora em busca de rede. Ainda tinha que fazer por ali. Tirou um par de luvas forenses e pegou num copo de cerveja rachado que repousava dentro de um círculo de giz.

Apontou-lhe a lanterna.

Batom na borda. Laranja e brilhante. Berrante.

Extraiu a fotografia de Nanna do conjunto de fotos tirado na escola. Nanna com o chapéu de bruxa, a única coisa nela que parecia jovem.

Esticou-se para o cinzeiro. Procurou por entre as pontas de cigarros e de charros. Retirou de lá um pequeno embrulho cilíndrico feito com papel de alumínio. Abriu-o com os dedos enluvados. Não tinha droga. Um brinco.

À luz da lanterna, Lund viu três diamantes falsos numa base prateada. Voltou às fotografias. Nanna e os outros jovens. Lisa Rasmussen.

Tinham passado quatro dias desde que retiraram o cadáver de Nanna Birk Larsen do canal gélido junto do aeroporto. Durante todo esse tempo tinham

trabalhado praticamente sem pistas. Perseguindo sombras fugidias. Um puzzle que prometia respostas. Contudo...

Aquele caso era diferente de todos aqueles em que tinha trabalhado. Tinha camadas e texturas. Mistérios. Enigmas. As investigações nunca eram preto no branco. Mas nunca se deparara com uma tão cinzenta e insubstancial.

Lund olhou para a fotografia. Nanna e Lisa, a sorrir, felizes.

Então ouviu um ruído por cima dela. Passos na escuridão.

– Talvez a ideia não tenha sido tua – disse Meyer. – Jeppe planeou tudo e tu foste na onda.

Meyer inclinou-se, tentou chamar a atenção de Schandorff.

– Oliver?

Nada. Apenas um rosto infeliz que não tirava os olhos do computador.

– Isso faria a diferença. Se nos contasses. Então, como é que vai ser?

Meyer recostou-se na cadeira, pôs os braços atrás da cabeça.

– Ficamos aqui sentados a noite inteira a ver mais algumas fotos? Ou acabamos com isto de uma vez por todas?

Nada.

– Muito bem – havia ansiedade na voz de Meyer, para mal dos seus pecados. – Estou com fome. Não tenho dinheiro para dois...

– Não é ela, seu idiota – rosnou Schandorff.

Meyer pestanejou.

Outra vez aquela voz petulante e torturada de adolescente. Mas, finalmente, Oliver Schandorff estava a olhar para ele.

– A rapariga na sala da caldeira. Não é a Nanna.

Lá em cima, no corredor, frente ao altar de Nanna. Um coto de vela tremeluzia no escuro.

Lund olhou para o telemóvel. Havia rede.

Ouviu alguma coisa, passos perto da porta. Não pensou em esconder-se. Voltou a lanterna para a fonte dos passos.

– Lisa?

A rapariga ficou paralisada no feixe branco e brilhante da lanterna, na mão uma jarra de vidro com algumas rosas.

– Como é que conseguiste entrar? – perguntou Lund.

Lisa pôs as flores no altar.

– Estavam a murchar. As pessoas esquecem-se.

– Como é que entraste?

– A porta do ginásio está aberta. A fechadura está estragada. Toda a gente sabe isso.

Lisa atirou o longo cabelo louro para trás, olhou para as fotografias e para as flores.

– Quando é que conheceste a Nanna?

– Na escola primária. No nosso último ano. A Nanna escolheu Frederiksholm, por isso eu também escolhi – Lisa mudou as rosas de lugar. – Nunca pensei que ia conseguir entrar. A Nanna é inteligente. O pai dela teve de arranjar o dinheiro. O meu pai tem dinheiro. Mas eu... sou burra.

– Quando é que se zangaram uma com a outra?

Lisa não olhou para Lund.

– Nós não nos zangámos.

– Temos o telemóvel da Nanna. Tu não lhe telefonaste nem lhe mandaste nenhum SMS ultimamente.

Silêncio.

– A Nanna ligou-te.

– Não foi bem uma discussão. A sério.

– Foi acerca do Oliver?

Resposta pronta:

– Não me lembro.

– Acho que foi por causa do Oliver. A Nanna não estava interessada nele. Mas tu estás apaixonada por ele, não é?

Lisa riu-se.

– Faz perguntas bem estranhas.

– Por isso foste à sala da caldeira.

– Já posso ir-me embora?

Lund mostrou-lhe o brinco.

– Esqueceste-te de uma coisa.

A rapariga olhou para o saco para recolha de provas, praguejou, virou-se e preparou-se para se ir embora.

– Podemos perder muito tempo a procurar o vestido – disse Lund nas costas dela. – Ou então tu podias simplesmente dizer-me onde está.

Lisa Rasmussen parou, abraçou-se no seu reduzido casaco vermelho.

– Isto é importante – disse Lund. – A Nanna estava na sala? Ou eras só tu e os rapazes?

Apanhada entre a infância e a idade adulta.

– Eu estava zangada com ela! Está contente?

Lund cruzou os braços e esperou.

– A Nanna é que decidia tudo. Tratava-me como se eu fosse uma criança. Eu estava bêbada. Então, aquele sacana do Jeppe entrou e começou a filmar-nos. O Oliver passou-se. Eu tentei parar o Jeppe. Tropecei numas garrafas.

Lisa arregaçou as mangas. Pensos rápidos e marcas de arranhões. Feridas profundas, talvez pontos.

– Cortei-me.

– O que aconteceu?

– O Oliver levou-me ao hospital. Estivemos lá a noite toda.

Lisa sentou-se no parapeito de uma janela, o rosto jovem e vulgar iluminado pelas luzes da rua.

– O Oliver ainda estava louco pela Nanna. Pensei que talvez eu pudesse...

– A rapariga puxou uma manga para baixo, abraçou-se novamente. – É um estúpido. A Nanna tinha razão.

– Onde estava a Nanna?

– Não sei.

– Lisa...

– Não sei! – berrou a rapariga. – Deviam ser nove e meia... A Nanna apareceu no átrio, pôs-me o chapéu dela. Deu-me um abraço. E disse-me adeus.

Lisa olhou Lund nos olhos.

– E pronto. Foi-se embora.

Lund assentiu.

– O meu pai tem de saber? Se souber disto, mata-me.

* * *

Hartmann e Rie Skovgaard ouviam rádio a caminho da receção. As eleições já eram notícia de abertura. A aliança tinha mudado o jogo. Uma mudança no sistema político há muito estabelecido não andava longe.

O caso Birk Larsen parecia uma história do passado. Adiante estava o trabalho duro da campanha. Reuniões e conferências de imprensa. Apertar

mãos, ganhar votos.

E os conclaves privados do núcleo duro da política dinamarquesa, nos salões cintilantes onde a direita, a esquerda e o centro se reuniam para esgrimir cortesmente com sorrisos e promessas ocas, trocar insultos educados, fazer avisos discretos disfarçados de conselhos.

À noite, exausto e não querendo mais nada do que levar Rie Skovgaard para a cama, Hartmann deu de caras com o pai dela. Um deputado de longa data do Partido Liberal. Kim Skovgaard era um homem corpulento, afável e com influência. Não muito diferente de Poul Bremer, que conversava amistosamente com os seus inimigos no salão.

As gargalhadas roucas do presidente da Câmara ressoavam, sobrepondo-se ao barulho das conversas.

– Não sabia que o Bremer fazia parte da sua lista – disse Hartmann.

– Mantém os amigos perto e os inimigos ainda mais perto – respondeu Kim Skovgaard com um sorriso matreiro. – No fundo, estamos todos a lutar pela mesma coisa. Uma vida melhor. Apenas discordamos quanto aos meios.

Hartmann sorriu.

– Ainda estás implicado no caso? – perguntou Skovgaard.

– Está a referir-se ao homicídio da rapariga?

– Há outros casos?

– Nós nunca estivemos implicados. Foi uma coincidência. Não vai ouvir mais do que isto.

Skovgaard ergueu o copo.

– Ainda bem. Teria sido difícil apoiar-te com esse tipo de manchetes.

– Pai – interveio Rie. – Agora não.

Kim prosseguiu:

– O primeiro-ministro... e outros interrogam-se se não estarás por detrás de tudo?

– A campanha está sob controlo. Vamos ganhar – um sorriso. Perdido no meio de um mar de outros. – Se me dá licença...

Hartmann avançou até ao salão seguinte, tocou no braço de Poul Bremer, pediu para lhe dar uma palavra. Caminharam os dois a passos largos até um espaço vazio perto da lareira.

– Com que então acabaste por conquistar a Dona Eller, Troels – disse Bremer. – Parabéns. Espero que o preço não seja demasiado alto.

– Sei o que andas a tramar.

Bremer pestanejou por detrás dos óculos de mocho, abanou a cabeça.

– Se te apanho com mais joguinhos... – Hartmann aproximou-se do presidente, falou num sussurro rude e determinado. – Ponho-te em tribunal. Percebeste?

– Nada – respondeu Bremer. – Não sei que diabo estás para aí a dizer.

– Como queiras – disse Hartmann, preparando-se para se ir embora. – Depois não digas que não te avisei.

– Troels! Volta aqui.

Bremer caminhava ao lado de Hartmann, procurando ler-lhe o rosto.

– Sempre gostei de ti. Desde que deste os primeiros passos nesta casa e fizeste aquele primeiro discurso saído a ferros. Hoje...

Hartmann tentou julgá-lo, ver alguma sinceridade nos seus modos histriónicos, mas não conseguiu.

– Hoje derrotaste-me. Isso não acontece frequentemente. E quando acontece... eu não gosto nada. Nem gosto quando, num acesso de paranoia me acusas de coisas que ignoro completamente.

Hartmann ficou sem reação, tentando não se sentir como um aluno a quem tinham repreendido.

Bremer ergueu a grande mão, esfregando as pontas do polegar e do indicador.

– Se eu quisesse esmagar-te, não achas que já o teria feito há muito? – Deu uma palmadinha no ombro de Hartmann. – Pensa nisso – o sorriso de Bremer transformou-se numa careta. – Deste cabo da minha boa disposição, Troels. Agora vou-me embora. Espero que te sintas culpado. – Bremer olhou para ele.

– Culpado. Sim. É mesmo essa a palavra.

Libertaram Schandorff e Hald. Lund conseguiu que Lisa Rasmussen assinasse uma declaração, certificou-se de que a rapariga seria levada a casa em segurança, de carro.

À saída, perguntou-lhe novamente:

– Não sabes mesmo com quem é que a Nanna se ia encontrar?

Lisa parecia exausta. Aliviada, também. Aquele segredo tinha-lhe pesado.

– A Nanna estava feliz. Vi isso na cara dela. Era como se estivesse ansiosa por alguma coisa. Alguma coisa especial.

Quando Lisa se foi embora, Meyer marchou gabinete adentro, brandindo uns papéis.

– Vou acusá-los de perjúrio. De fazerem a polícia perder tempo.

– Achas que vale a pena?

– Porque é que não me ligaste a contar isto, Lund? Porque é que não me disseste nada? Sinto-me um idiota.

Lund ergueu o telemóvel.

– Cave. Sem rede. Eu tentei.

– Não tentaste não.

Meyer parecia um daqueles adolescentes petulantes.

– Vives no teu pequeno mundo. Na terra de Lund. O problema é que vives lá sozinha.

– OK. Desculpa lá.

– E não posso fumar. Nem comer, nem gritar com os suspeitos.

– Não te preocupes. Falta pouco para me ir embora.

Meyer sacou o maço de cigarros. Brandiu um, acendeu-o, soprou-lhe o fumo para cima.

Lund suspirou.

– Não temos nada de nada – resmungou Meyer.

– Errado.

– Estás a falar a sério?

Lund apercebeu-se de que estava a levantar a voz. Devia ser por causa do cigarro. Estava louca por fumar um.

– Temos muita coisa. Se ao menos conseguisses ouvir.

Meyer cruzou os braços, disse:

– Agora estou a ouvir.

Cinco minutos mais tarde, com Buchard. Cara de buldogue-anão, ar sério.

Lund examinou os documentos e as fotografias que tinha juntado, pacientemente, pouco a pouco.

– Sabemos coisas acerca da pessoa que fez isto. Sabemos que drogou a vítima com éter. Que a manteve em cativeiro nalgum sítio e que abusou dela durante quinze a vinte horas. Depois disso...

Mais fotografias do corpo. Braços, mãos, pés, coxas.

– Lavou-a. Cortou-lhe as unhas. Em seguida, levou-a para o bosque, onde sabia que não seriam incomodados.

Fotografias do trilho através da Floresta de Pentecostes. Cabelos nas árvores mortas.

– A seguir fez um jogo. Brincou com ela. Deixou-a fugir e depois apanhou-a. Se calhar... – Lund andava a pensar naquilo há algum tempo. – Se calhar mais do que uma vez.

– Jogou às escondidas com ela – disse Meyer, e deu uma passa no cigarro.

– Encontrámos umas botas caríssimas no armário da Nanna – prosseguiu Lund. – Os pais não sabiam que ela as tinha.

Sarah passou-lhes a fotografia: couro castanho e metal reluzente.

– A Nanna não poderia tê-las comprado. Demasiado caras. O colar...

O coração negro numa corrente dourada barata.

– Ainda não sabemos quem lhe ofereceu isto. Talvez tenha sido um presente da mesma pessoa que lhe deu as botas. Só sabemos que é de pechisbeque. E não é novo.

Lund pôs-lhes à frente a fotografia de Nanna e de Lisa na festa de Halloween. Lisa parecia bêbada, a adolescente típica. Nanna, elegante e sorridente, com o chapéu de bruxa preto na cabeça como se fosse uma piada indesejada.

– Mas o mais importante é que a Nanna tinha um encontro secreto. Mudou de roupa e deixou o fato de bruxa na escola. Ia encontrar-se com alguém. E nem a melhor amiga dela sabia quem era essa pessoa.

Buchard gemeu.

– Não vais dizer-me que era um professor, pois não? – Lund olhou para o chefe, não disse nada.

– Certo – disse Meyer. – Amanhã vamos começar tudo de novo.

– Ouçam-me! – ordenou Buchard. – As escolas estão sob a alçada de Troels Hartmann. Ele tem de saber o que estamos a fazer.

– Tudo bem – Lund concordou. – Amanhã ligo-lhe.

– E preciso que fiques por cá mais um tempo – acrescentou Buchard.

Meyer fechou os olhos, soprou um pouco de fumo para o teto.

– Estou cá até sábado. Mark começa a escola na segunda-feira. Fiz tudo o que...

– Com todo o respeito – interrompeu Meyer. – Não acho que ela deva ficar. Eu já me oriento bem por aqui. E... – franziu a testa. – Vamos ser francos. Não tem havido propriamente muito trabalho de equipa entre nós. Acho que a Lund deve seguir o plano dela.

Depois, Meyer levantou-se e saiu.

Lund estava a olhar para as fotografias. Nanna com o chapéu de bruxa. Distante dos adolescentes em seu redor.

Buchard examinou-a.

– O Meyer não comeu nada – disse Lund. – É por causa disso que está rabugento. Não... – abanou um dedo, corrigiu-se. – Mais rabugento.

– A escola...

– Temos de procurar. Temos de procurar muito bem.

[9](#) Designação dos postos de venda móveis de cachorros-quentes na Dinamarca. (*N. do T.*)

[10](#) Pitoresca e animada zona ribeirinha situada no centro de Copenhaga, parte da qual se situa junto de um canal. (*N. do T.*)

Sexta-feira, 7 de novembro

Lund estava a vestir a camisola preta e branca e a fazer malabarismos com uma torrada quando a mãe disse:

– Pensei que íamos esta noite?

– Não. Vamos amanhã à tarde.

– Amanhã à tarde? Isso é quando chegam os convidados.

– Há de correr tudo bem.

– Não posso ficar muito tempo na Suécia. Tenho coisas para fazer – Vibeke olhou para o vestido. – A data deste casamento está a aproximar-se.

– Há de haver sempre algum casamento a aproximar-se. Pensámos que podias ficar connosco uma semana. Para conheceres a família do Bengt.

Uma gargalhada amarga.

– Para levar o teu filho à escola enquanto vais trabalhar, queres tu dizer!

– Pronto, esquece – Lund bebeu um gole de café da caneca, fez uma careta.

– Era só uma ideia. Não há café quente?

Lund foi até à cafeteira elétrica. Não havia.

– Foi para seres uma mãe assim que te eduquei? – perguntou Vibeke, abanando a cabeça. – Nem sequer falaste com o Mark enquanto estiveste aqui. Fazes ideia do que...

– Tem sido uma semana agitada. Pensava que tinhas reparado.

Rapidamente, sem um espelho, sempre a pensar em Nanna e na escola, Sarah tirou um elástico do bolso das calças de ganga e atou os compridos cabelos castanhos num tosco rabo-de-cavalo.

– O Mark tem doze anos e...

– Eu sei a idade dele.

– Não sabes nada sobre ele! Ou da vida dele.

– Tenho de ir andando.

– Sabes, por exemplo, se o Mark tem namorada?

Lund parou. Debateu-se por um momento.

– O Mark é como eu – disse Lund. – É muito independente. Não andamos constantemente em cima um do outro. E, sim... por acaso sei que tem uma namorada. Obrigada.

– Vou sair – disse uma voz por detrás dela que a fez saltar.

Mark, de blusão azul, pronto para ir para a escola.

Lund seguiu-o escadas abaixo.

Um dia pardacento e seco. Mark tinha trazido a trotineta, começou a impulsioná-la assim que chegou à rua.

– Mark! Não tomaste o pequeno-almoço.

O rapaz abrandou, saiu da trotineta.

– Não tenho fome.

– Desculpa esta semana complicada. Depois compenso-te. Está prometido.

Mark voltou a subir para a trotineta. Caminhando pelo passeio, Sarah tentava acompanhá-lo.

– A avó disse que tinhas uma namorada.

Mark parou, não a olhou nos olhos.

Lund sorriu.

– Isso é bom.

Tentou não se irritar com o brinco do filho. Mark nem sequer lhe pedira autorização para furar a orelha. O serviço tinha sido feito por um miúdo idiota da escola dele.

– Como se chama a tua namorada?

– Não tem importância.

– Podes convidá-la para ir à Suécia.

– Vou chegar atrasado à escola.

– Mark? Eu interesso-me pelo que acontece na tua vida.

– Ela já acabou comigo. – Doze anos e tanta dor naquele rosto jovem. – E tu estás-te nas tintas. Só te interessas por pessoas mortas.

Lund ficou espedada no passeio. A ver o filho aos quatro ou cinco anos. Com oito anos. Com dez. Esforçando-se por separar a criança do rapaz triste e mal-humorado que agora a fitava com ar...

Qual era a palavra?

Dececionado.

Era essa a palavra.

Mark virou-lhe as costas e impulsionou-se a si e à trotineta rua fora.

Hartmann chegou às nove da manhã. Lund levou-o para o seu gabinete.

– Tinha-me dito que não ia haver mais problemas!

– Eu não disse isso...

– Nunca mencionou nenhum professor.

– É uma das linhas da investigação.

– E onde pretende chegar ao certo?

Meyer enfiou a cabeça pela porta, disse:

– Então, vamos?

Hartmann não se mexeu.

– Qual é a sua ideia, desta vez?

Lund abanou a cabeça.

– Não posso dizer.

– São as minhas escolas, os meus professores. Vai ter de dizer-me.

– Assim que puder...

– Não. Não!

Hartmann estava a ficar irritado. Lund já o tinha visto assim. Na televisão, quando se aproximara bruscamente do jornalista. E agora estava a fazer o mesmo com ela.

– Tenho de saber quem ele é! Caramba! Tenho de tomar precauções.

– Não é possível...

– Já fez de mim parvo uma vez, Lund. Isso não vai voltar a acontecer.

– Lamento muito. Não posso pôr as eleições acima da investigação de um crime. Não seria correto...

Hartmann estava lívido.

– Será que não percebe os prejuízos que pode causar? Aos professores? Aos alunos? Aos pais? Andou a espalhar suspeitas como um agricultor a espalhar estrume. E está-se nas tintas se...

– Não se atreva a dizer isso! – retorquiu Lund, também aos gritos. Hartmann calou-se, surpreendido pelo aumento repentino do volume da voz.

– Nunca mais diga isso – repetiu Lund mais calmamente. – Não sou política, Hartmann. Sou polícia. Não tenho tempo para pensar em todas as consequências. Só tenho de... de...

– De quê? – exigiu saber Hartmann, uma vez que Lund não chegara a terminar a frase.

– Continuar a procurar – Sarah pôs o saco ao ombro. – Seremos discretos. Não vamos despoletar quaisquer rumores. Não temos interesse nem desejamos prejudicar ninguém que esteja inocente. Só queremos descobrir quem matou a rapariga, está bem?

A raiva súbita de Hartmann tinha desaparecido. Aquelas explosões, pensou Lund, eram violentas e inesperadas, tão indesejadas para Troels Hartmann como para aqueles que as ouviam.

– Muito bem – disse Hartmann, abanando a cabeça. Olhou para Lund. – Vai-me deixar ajudar?

Lund não disse nada.

– Eu quero ajudar, Lund. Vou pedir no escritório para fazerem cópias dos processos. Dos professores. De todos os funcionários.

– Envie-os para o meu gabinete. Vou pôr alguém a consultá-los.

– Eu quero ajudar. Acredite em mim.

O telemóvel de Hartmann tocou. A máscara do político, sem emoção, distanciada, impassível, desceu novamente sobre ele, de repente. Lund deixou-o entregue ao seu telefonema.

Havia uma mulher sorridente no corredor sinuoso de mármore negro. Tinha cabelo louro e carregava um saco de supermercado.

Perguntou a Lund:

– Jan Meyer está?

– Deve estar a chegar.

Lund voltou ao que estava a fazer: consultar as mensagens no telemóvel.

– Sou Hanne Meyer, disse a mulher. – Tenho uma coisa para ele.

A mulher dele. Lund lembrou-se da chamada daquela noite. *Ouve. Conseguiste acordar a casa inteira.* Um bebé a chorar. Meyer tinha uma vida para além da esquadra. A ideia surpreendeu-a.

– Sarah Lund – disse, apertando-lhe a mão. – Trabalho com ele.

– Então você é assim!

A mulher de Meyer era muito bonita, tinha um lenço em volta do pescoço e um vestido florido sob o casaco de lã castanho.

– Já ouvi falar muito de si.

– Pois, calculo que sim.

– Ah. – Hanne lançou-lhe um olhar matreiro. – O Jan é boa pessoa. Às vezes não parece – uma pausa. – Mas ele acha que você é... fantástica.

Lund pestanejou.

– Fantástica?

– Jan tem de tomar dois destes por hora – disse Hanne Meyer, entregando-lhe um frasco de comprimidos. – Se isto não ajudar, tem de tentar as bananas – tirou um par de bananas da mala e passou-as a Lund, que estava de olhos arregalados.

– Diga ele o que lhe disser, Jan *não* deve beber café nem comer queijo ou batatas fritas – disse com ar reprovador. – Faz-lhe mal ao estômago.

A mulher esfregou as mãos: estava tudo tratado.

– A adaptação a um novo emprego custa sempre um bocado. Espero que desta vez corra tudo bem.

Meyer apareceu à esquina. Blusão verde usado, camisola à marinheiro, expressão envergonhada no rosto.

– Mas que...

– Olá, querido! – disse alegremente Hanne Meyer.

Radiante, alheio a tudo o resto, Meyer aproximou-se, beijou-a na boca.

– Que raio estás aqui a fazer?

Hanne indicou as bananas e os comprimidos nas mãos de Lund.

– Deixaste isto tudo no carro.

– Ah...

Meyer encolheu os ombros.

Hanne acariciou-lhe a barba rala, disse:

– Tem cuidado contigo. Espero que o dia vos corra bem.

Meyer não tirava os olhos da mulher que se afastava, sorrindo, em transe.

Quando Hanne ficou fora do alcance visual do marido, o rosto deste fechou-se e Jan Meyer pôs um ar muito sério.

Tirou os frutos e os comprimidos das mãos de Lund e enfiou uma banana em cada bolso, como se fossem armas. Sacou uma, apontou-a para o fundo do corredor e fez:

– Bumm!

– Fantástica – disse Lund.

– O quê?

– Nada, nada. Vamos.

A equipa de campanha estava a postos para a reunião preparatória da manhã. Oito funcionários, Rie Skovgaard a comandar as tropas. Hartmann

deixou o caso Birk Larsen para o fim.

– Os média talvez apanhem alguma coisa – concluiu. – Mas serão apenas conjecturas. Vamos enviar os dados pessoais a Lund. Não vamos distrair-nos com isto. Temos trabalho mais importante a fazer.

– Esperem, esperem! – Skovgaard acenou-lhes para que continuassem sentados. – Estás a dizer que a polícia pensa que foi um professor que a matou?

Hartmann arrumou a sua papelada na pasta.

– É uma das hipóteses.

– Sabes o que isso significa, Troels? Ficamos outra vez a fazer parte desta história. Os média vão acabar por envolver-te.

– Isto é um assunto para a polícia...

– És o vereador da Educação. Se o culpado for um professor é a ti que vão responsabilizar.

Rie nunca desistia. Nunca desistiria.

Hartmann voltou a sentar-se, olhou para ela e perguntou:

– Então, o que sugeres?

– Temos de agir antes deles! Vamos analisar os dados antes de a Lund os receber. Para nos certificarmos de que não metemos a pata na poça.

– Como é que poderíamos ter metido a pata na poça?

– Não sei. Só não quero que haja surpresas. Além disso... Imagina que lhes dávamos informações que os ajudava a encontrar o homem. Recebíamos algum crédito em vez de arcarmos com as culpas.

Hartmann olhou fixamente para Skovgaard.

– Troels – acrescentou Rie –, se a escolha for entre perder votos e ganhá-los, não há escolha.

– Está bem. Faz lá isso.

Quando a equipa saiu, Skovgaard deu a Hartmann a agenda para o dia, reviu-a linha a linha, ponto por ponto. O último evento era uma boa oportunidade para uma fotografia sobre a integração social. Acerca da aproximação das minorias estrangeiras da comunidade. Sobre cidadãos exemplares – os imigrantes que a equipa de Hartmann tinha escolhido para dar a cara pela iniciativa.

– A seguir queres ir jantar? – perguntou Rie.

– Claro – respondeu Hartmann sem pensar.

– Consegues tirar algum tempo para mim?

- Claro.
- Troels!
- Ah!

Havia tão pouco tempo para tudo. Hartmann abraçou-a, gostou de ver o rosto dela a alegrar-se. Estava prestes a beijá-la quando se ouviu uma batida na porta. Um dos funcionários da Câmara Municipal. Um homem jovem. Parecia constrangido ao aproximar-se deles.

- Pediram uns dados? Acerca das escolas?
- Tratas tu disto – disse Hartmann, saindo logo a seguir.

Skovgaard fez sinal ao funcionário para se sentar à sua frente, indicou os dados que pretendia. Dados acerca do pessoal da Escola Secundária Frederiksholm. Contratos. Avaliações. Eventuais queixas.

O homem ouviu-a, não disse nada.

- Há algum problema?
- Os arquivos da autarquia são para sua utilização enquanto funcionária? Não são para fins... políticos? Peço desculpa. Tenho de perguntar isto.

– Não – disse Skovgaard. – Não tem.

– Mas...

– Hartmann quer isto feito. Hartmann é o vereador da Educação. Portanto... – O homem continuava impassível. – Como se chama?

– Olav Christensen.

– Acha isto complicado, Olav? Se achar diga-me. Calculo que tenha visto as sondagens. Sabe que Troels Hartmann vai ser o próximo presidente da Câmara, não sabe?

Um sorriso ténue, sarcástico.

- Não me compete envolver-me na política.
- Não. Mas compete-lhe fazer o que lhe é pedido. Portanto, ao trabalho, antes que eu encontre outra pessoa para fazer isto.

Numa pequena arrecadação junto da biblioteca, rodeados de livros de inglês, de física e de arte, Lund e Meyer começaram a falar com os professores, um a um. Acerca de Nanna, de Lisa Rasmussen, de Oliver Schandorff e de Jeppe Hald. Mas, sobretudo, acerca dos próprios professores. Do que tinham feito no fim de semana anterior, uma pergunta que Meyer fazia enquanto Lund observava, a pensar, à escuta. À caça de alguma falha.

Meyer comeu uma banana. Bebeu duas garrafas de água, fumou constantemente. Consumiu dois pacotes de aperitivos de queijo, contra as ordens dela. Olhou para ela por entre a procissão interminável de professores. Disse pouca coisa. Não precisava de dizer muito.

Não havia nada a apontar àquelas pessoas normais, decentes e dedicadas. Eram professores. Nada mais. Pelo menos, assim parecia.

Pernille Birk Larsen sentou-se na cozinha gelada, as mãos sobre a mesa que ambas tinham construído. Olhou para a porta do quarto de Nanna, para as marcas que lá havia, para as setas.

Percebeu que aquilo tinha de ser feito.

Ouviu-o lá em baixo, a falar com os homens. Voz áspera e grave. O patrão.

Pernille entrou no quarto da filha. Faltava tanta coisa. Os livros e os diários de Nanna. As fotografias e as notas tinham desaparecido do quadro de cortiça que havia na parede. O quarto tresandava aos produtos químicos que tinham sido utilizados. O cheiro era tão forte que se sobrepunha à fragrância das flores, agora quase indistinta. As canetas, pincéis e marcadores manchavam as paredes.

Pernille debateu-se para se lembrar do *antes*.

A filha, ali, tão cheia de vida e de energia.

Sentou-se na cama, a pensar.

Isto tem de ser feito. *Isto tem de ser feito.*

Pernille foi até ao pequeno guarda-fatos, olhou lá para dentro.

O cheiro de Nanna permanecia. Um perfume suave e exótico. Mais sofisticado do que o cheiro que Pernille recordava.

Aquele pensamento persistente afligiu-a novamente... *Nunca chegaste realmente a conhecê-la.*

– Mas conheci-te – disse Pernille em voz alta. – Conheço-te.

Nessa manhã tinham telefonado do Instituto de Patologia Forense. O corpo podia ser reclamado. Era preciso uma missa. Um funeral. A última cena da sombria cerimónia alargada daquela morte violenta e prematura.

No quarto, profundamente embrenhada nas fragrâncias do guarda-fatos, Pernille esforçava-se por recordar a última vez que escolhera a roupa que Nanna ia vestir. Ainda criança, na escola primária, com sete ou oito anos, já Nanna tomava essa decisão sozinha. Tão viva, tão bonita, tão autoconfiante...

Mais tarde, Nanna andava pela casa a escolher a própria roupa. Tirava peças das gavetas de Pernille. Das malas de Lotte, quando a tia ficava lá em casa.

Nada a constrangia. Nanna era ela própria. Tinha-o sido desde que dissera a primeira palavra.

E, agora, uma mãe tinha de escolher a última roupa que a filha ia usar. Um vestido para o fogo e as cinzas.

Os dedos esticaram-se e adejaram por entre os tecidos delicados. Por estampados floridos e camisas, por entre combinações e calças de ganga. Pousaram num vestido comprido branco, plissado, indiano, com botões castanhos à frente. Comprado barato nuns saldos de fim de verão, já que ninguém o ia querer para o inverno frio.

Ninguém exceto Nanna, que usaria aquelas roupas brilhantes quer fizesse chuva ou sol. Que nunca tinha frio. Que nunca chorava muito. Que nunca se queixava.

Nanna...

Pernille agarrou-se ao tecido macio e encostou-o ao rosto.

Olhou para a blusa florida ao lado do vestido. Podia enfrentar tudo no mundo menos aquilo.

Theis Birk Larsen estava sentado no escritório com a agente imobiliária, a olhar para números e esboços. A palavra Humleby soava-lhe agora a maldição, a humor negro. A casa era uma partida maldosa que a vida lhe pregara.

– Vai perder muito dinheiro – disse a mulher. – O caruncho. O estado...

– Quanto?

– Não sei a quantia exata.

Pernille estava a aproximar-se deles, de olhos muito abertos, cabelo castanho desgrenhado, olhar vazio, rosto pálido e profundamente infeliz. Nas mãos trazia dois vestidos: um branco, outro às flores.

– Talvez até meio milhão de coroas – disse a agente imobiliária. – Ou então podia avançar com a remodelação. Demora mais tempo, mas depois talvez conseguisse...

Theis estava a olhar para a rua pela porta de vidro. Não a ouvia.

A mulher calou-se. Observou. Levantou-se, envergonhada. Emitiu os sons que ambos já sabiam de cor. Palavras apressadas, condolências balbuciadas.

E depois apressou-se a sair do escritório.

Pernille ficou a vê-la ir-se embora, viu o marido a tirar um cigarro do maço que estava sobre a mesa, a acendê-lo ansiosamente.

– Algum problema, Theis?

– Não. Era sobre a venda da casa. Está tudo sob controlo – Theis vasculhou por entre os papéis.

Pernille mostrou-lhe os vestidos.

– Tenho de decidir

Ergueu o branco, em seguida o florido, como se aquilo fosse o prelúdio para uma saída à noite. Uma daquelas ocasiões sociais a que nunca iam. Um jantar. Um baile.

– Qual?

Birk Larsen olhou para os vestidos durante um segundo, não mais.

– O branco é bonito.

Chupou o cigarro, olhou para a secretária.

– O branco?

– O branco – disse novamente Theis.

Rama, o professor com quem tinham falado no início da semana, estava a meio da lista. As mesmas perguntas. As mesmas respostas que nada acrescentavam. O homem tinha trinta e cinco anos. Há sete que trabalhava na escola.

Lund e Meyer faziam a mesma pergunta a todos: Que opinião tem de Nanna?

– Extrovertida, feliz, inteligente... – respondeu Rama.

Meyer rolou um dos comprimidos sobre a mesa, olhou fixamente para ele.

– Tinham um bom relacionamento? – perguntou Lund.

– Sim, excelente. A Nanna era uma rapariga muito inteligente. Trabalhadora. Madura.

– Dava-se com ela fora da escola?

– Não. Não socializo com os alunos. Estou sempre demasiado ocupado.

Meyer engoliu o comprimido com um gole de água, lançou a garrafa vazia para o caixote do lixo.

– A minha mulher está grávida – acrescentou Rama. – Quase a ter o bebé. Também trabalha aqui na escola. Agora em *part-time*, porque está no termo da gravidez.

– Isso é bom – disse Lund.

Meyer interrompeu-os, perguntou:

– Viu a Nanna na festa?

– Não. Fiz o primeiro turno. Saí às oito da noite.

Lund disse:

– É tudo, obrigada. Pode mandar entrar a próxima pessoa? – Riu-se. – Pareço uma professora a falar.

Meyer olhou para as cascas amarelas sobre a mesa.

– Comeste as minhas bananas? – quis saber Meyer.

– Uma.

Meyer levantou-se, foi a praguejar até à janela, acendeu um cigarro.

O professor deixou-se ficar na sala.

– Há uns tempos aconteceu uma coisa. Há uns meses, a Nanna escreveu um ensaio. Para um teste de avaliação.

Lund esperou.

– A Nanna escreveu um conto.

– Porque acha que isso é importante? – perguntou Lund.

– Talvez não seja – Rama olhou para Sarah. – Era sobre uma relação secreta. Entre um homem casado e uma jovem. Era muito...

O professor procurava a palavra certa.

– Era muito explícito. A Nanna escreveu-o como obra de ficção. Mas aquilo perturbou-me.

Meyer voltou para a mesa, olhou para Rama, perguntou:

– Porquê?

– Já li um monte de ensaios. Pareceu-me que a Nanna estava a falar sobre ela própria. A falar sobre algo que tinha feito.

– Explícito? – perguntou Lund.

– Eles tinham encontros. Tiveram relações sexuais.

– Porque não mencionou isso antes?

Rama contorceu-se.

– Não sei se é importante ou não.

– Temos de lê-lo – disse Meyer.

– Deve estar no depósito, juntamente com os outros. Era um teste de avaliação. Nós conservamo-los. – Lund e Meyer esperaram. – Posso ajudar-vos a procurá-lo, se quiserem – disse Rama.

O funcionário do departamento de Educação voltou com uma pilha de pastas azuis debaixo do braço. Skovgaard agradeceu-lhe. Sorriu.

– O que dizem?

– Escola modelo. Privada. Nada barata – o homem folheou algumas pastas. – Os professores parecem ser bastante qualificados e estar motivados. As médias são boas.

Skovgaard olhou para a pilha de documentos.

– Não há queixas?

– Que eu tivesse visto, não. Mas não sei o que procura. – Olav esperou por uma resposta. – Se soubesse...

– É apenas rotina. Queremos saber se está tudo em ordem.

Olav Christensen parecia maleável, disposto a ajudar, apesar de Rie o ter ameaçado há pouco.

– Geralmente, tudo o que tem que ver com Troels está em ordem – disse Olav. – Quem dera... – acenou com a cabeça na direção do gabinete de Poul Bremer – que fosse assim em todo o lado. Talvez já não falte muito.

Skovgaard interrogava-se por que motivo o homem estava subitamente a ser tão prestável. Ergueu uma pasta. Agradeceu.

Lund e Meyer passaram uma hora e meia a vasculhar os arquivos. O professor teve de deixá-los para ir dar uma aula. Então, a diretora Koch entrou, fez uma careta para o cigarro de Meyer, perguntou:

– Já o encontraram?

– Não está aqui – respondeu Meyer.

– Tem de estar – insistiu Koch.

– Não... está... aqui... Já demos volta a isto tudo.

Lund tinha consigo uma caixa arquivadora.

– Esta estava aberta quando chegámos.

Koch verificou na etiqueta os nomes das pessoas que tinham consultado o arquivo e as respetivas datas de consulta.

– Um dos nossos professores é linguista. Está a escrever um artigo sobre as tendências da linguagem. Sobre a utilização das palavras. Dei-lhe autorização para consultar tudo o que precisasse.

– Nome? – exigiu saber Meyer.

Houve uma pausa, um olhar inquieto no rosto da mulher.

– Henning Kofoed. Custa-me a acreditar que não o voltasse a pôr no lugar. Henning costuma ser muito meticoloso. É muitíssimo inteligente e...

– Porque é que não falámos com ele? – interrompeu Lund.

– Não era professor da Nanna. Só trabalha da parte da manhã. Henning é...

Lund pegou no telemóvel, no bloco de notas e na mala.

– Precisamos da morada dele – disse.

* * *

Madeira maciça e assentos de palhinha. Velas. Cruzes douradas. Luzes mortijas. Um crucifixo.

Pernille e Theis Birk Larsen estavam sentados lado a lado, em silêncio.

Pernille agarrava-se ao vestido branco. Lavado, acabado de engomar, cheirava a flores e a verão.

Das janelas com caixilhos de chumbo, acima deles, chegava o matraquear constante da chuva de inverno.

Passado algum tempo surgiu um homem. Fato preto, barba branca, um rosto bondoso, um sorriso firme, profissional. Pegou no vestido, congratulou-os pela escolha. Disse:

– Dez minutos. E depois saiu.

Pareceu muito mais tempo. Theis e Pernille mudaram várias vezes de cadeira, fitaram as paredes. Birk Larsen tirou o gorro de lã preto e rodou-o nos dedos. Pernille olhou para o gorro e depois desviou o olhar, tentando não ver aquele movimento mecânico.

Então, o agente funerário regressou. A porta estava entreaberta. Para lá dela havia uma luz pálida e suave. Acenou-lhes para que entrassem.

Depois, na carrinha vermelha, enquanto seguiam devagar pelas ruas reluzentes da cidade, Pernille disse:

– A Nanna estava linda.

Theis Birk Larsen olhou fixamente pelo para-brisas, para a chuva cinzenta.

A mão de Pernille vagueou até ao rosto de Theis, tocou nas suíças do marido, sentiu o calor áspero e familiar da cara dele.

Theis sorriu.

– Temos de ir buscar as garrafas-termo – disse Pernille. – Podemos pedir duas emprestadas à Lotte.

Theis deu uma pancadinha numa luz do painel.

– Preciso de comprar líquido para limpar os para-brisas.

Um pequeno posto de abastecimento de combustível. Carros e carrinhas. Homens e mulheres. A vida comum, o trânsito, a rotina diária. Tudo aquilo pairava em torno deles como se nada tivesse acontecido. Nada mudara, nem se quebrara ou se perdera.

Theis não pegou na mangueira quando chegou à bomba de gasolina. Não fez nada além de avançar loja adentro e precipitar-se para a casa de banho.

Ali, naquele lugar anónimo, trancado na casa de banho, envergando o blusão e o gorro de lã pretos, Theis Birk Larsen curvou-se sobre o lavatório, a soluçar, a tremer, a chorar como uma criança.

Pernille esperou vinte minutos. Ninguém se aproximou. Ninguém foi falar com ela. Então, Theis saiu, com os olhos raiados de vermelho, as faces rosadas. Pedacos da toalha de papel tinham ficado agarrados à barba quando limpava a cara. As lágrimas ainda espreitavam, a dor permanecia.

Nas mãos tinha uma pequena garrafa de plástico. Azul.

– Toma – disse Theis, pondo-lhe a embalagem de líquido para limpar o para-brisas no colo.

Henning Kofoed vivia num apartamento com uma assoalhada por detrás da estação. Lund nunca vira uma casa de solteirão mais sórdida do que aquela. Havia livros no chão por todo o lado, comida putrefacta em pratos sujos na cozinha. Kofoed era um quarentão com ar manhoso, barba rala castanha e cabelo despenteado. Chupava um cachimbo malcheiroso e olhou-os com desconfiança assim que chegaram.

– Porque é que eu haveria de ter esse trabalho?

– Porque o trouxe da escola – disse Meyer. – Para o seu... Como é que lhe chama? Investigação linguística. Isso tem que ver com o modo como as pessoas falam, não é?

– Dito de uma forma muito rudimentar...

– De uma forma muito rudimentar, deixe-me dizer-lhe isto... Encontre a merda do trabalho, Henning.

– Se calhar arrumei-o no sítio errado. Peço desculpa.

Havia um computador no quarto. Meyer entrou e começou a meter o nariz em tudo. Kofoed seguiu-o, cada vez mais nervoso.

– Leu o que a Nanna escreveu? – perguntou Meyer.

– Eu... Eu... leio montes de coisas.

– Fiz-lhe uma pergunta simples. Não precisa de ser formado em linguística para compreendê-la. Leu a história da Nanna?

Silêncio.

– Eu sou especializado na linguagem. Olho para as palavras. Não tanto para as frases. Sabia que a palavra *ciabatta*¹¹ nunca existiu?

– Meyer fechou os punhos e praguejou.

– Esqueça lá a *ciabatta*, está bem? Procure o raio do ensaio.

– Certo, certo.

Kofoed serpenteou para a divisão contígua, começou a vasculhar por entre um amontoado de ficheiros e documentos espalhados por toda a parte. A casa de Henning parecia uma repartição pública que tivesse sido atingida por uma bomba.

Meyer olhou de relance para Lund, sorriu, apontou para o chão.

– Será que o deitou fora?

– Eu nunca faria uma coisa dessas.

Kofoed curvou-se sobre uma série de gavetas caídas no chão. Retirou uma pasta de plástico de uma delas.

– Ah! Eu sabia que o tinha.

Kofoed entregou a pasta a Meyer.

– Desculpem. Eu acompanho-vos à porta.

Kofoed caminhou até à porta, abriu-a. Lund ficou onde estava.

– Acho que precisamos de conversar – disse.

– Acerca de quê?

Meyer mostrou-lhe uma das revistas que encontrara no chão, por baixo do computador.

Adolescentes Quentes.

– Acerca de rapariguinhas.

O professor sentou-se no quarto, na cadeira junto do computador, observando Meyer a vasculhar as revistas, a abrir as páginas desdobráveis com fotografias.

Kofoed transpirava abundantemente e Lund tinha-lhe tirado o cachimbo.

– Onde esteve na sexta-feira? – perguntou Lund.

– Numa conferência na cidade. Sobre a linguagem da juventude.

– A que horas acabou?

– Às dez da noite.

– E depois?

– Vim para casa.

Meyer debruçou-se na ombreira da porta, franzindo a testa ora para as revistas, ora para Kofoed.

– Há testemunhas?

– Não. Vivo sozinho. Estou quase sempre a trabalhar.

– Quando não está a brincar sozinho – resmungou Meyer. – Ou a olhar para as suas meninas.

O professor irritou-se.

– Não gosto do seu tom de voz.

Meyer abanou a cabeça.

– Não gosta do meu tom? Eu podia prendê-lo por causa disto.

– Essas revistas não são ilegais. Comprei-as aqui. Qualquer pessoa pode comprá-las.

– Então não se importa que levemos o seu computador. Também tem ali um disco rígido portátil. Que diversões e jogos é que lá vamos encontrar?

Kofoed calou-se. Continuou a transpirar.

– Oh, Henning – Meyer entrou e sentou-se à frente do professor. – Tem alguma ideia de como os tipos como você são tratados na prisão?

– Eu não fiz nada. Não foi a mim que apontaram o dedo...

– Eu estou a apontar o dedo!

– Meyer! – Lund olhou para o professor que tremia. – Que quer dizer com isso, Henning? A quem é que apontaram o dedo? – Silêncio. – Estamos a tentar ajudar – disse Lund. – Se alguém esteve sob suspeita, temos de saber.

– Não fui eu...

– Sim, já nos disse isso. Quem foi?

O homem estava assustado. Mas teimava em não dizer o que sabia.

– Não me consigo lembrar...

– Vou levar o computador – disse Meyer. – E você vai para a cadeia. Acaba-se o trabalho. O ensino. E as hipóteses de estar ao pé das raparigas nos corredores...

– Eu não faço dessas coisas! Não fui eu. A rapariga retratou-se de tudo o que tinha dito... – Henning estava à beira das lágrimas. – Ele foi ilibado. É bom tipo.

Meyer pegou numa revista, abanou-a junto do rosto do homem.

– Quem?

– Rama – disse Kofoed.

Parecia envergonhado consigo mesmo. Mais envergonhado do que quando Meyer pegara na revista pornográfica.

– A rapariga inventou tudo. Rama é boa pessoa. Simpático para todos.

– Tal qual como você, Henning – disse Meyer, atirando-lhe a revista à cara.

* * *

Pernille sentou-se à mesa, tentando sorrir para o professor, Rama. O professor bonito e educado da escola. Tinha trazido flores, fotografias, mensagens do altar dedicado a Nanna. Sentou-se na cadeira à frente de Pernille com ar sério e triste.

– Estão um bocado murchas. É pena.

Pernille pegou nelas, sabendo que iriam para o lixo assim que Rama se fosse embora. E que Rama também sabia disso.

– Alguns colegas de turma da Nanna gostavam de ir ao funeral. Se puder ser, claro.

– Claro que podem ir.

Rama sorriu, um breve sorriso melancólico.

– O professor também pode vir. Se faz favor.

Rama parecia surpreso. Será que achavam que Nanna não gostaria que um estrangeiro estivesse presente?

– Obrigado. Estaremos todos lá. Não a incomodo mais...

– Não se vá embora.

Rama queria ir-se embora, pensou Pernille, que estava numa fase em que já não se preocupava com o que os outros queriam.

– Pode dizer-me alguma coisa sobre ela?

– Como por exemplo?

– Algo que a Nanna tenha feito.

Rama refletiu sobre a pergunta.

– Filosofia. A Nanna sempre adorou filosofia. Gostava muito de Aristóteles.

– De quem?

– Era grego. A Nanna fazia parte do nosso grupo de teatro.

– Teatro?

Nanna nunca mencionara aquilo. Nem uma vez.

– Eu disse-lhes o que Aristóteles escreveu sobre o teatro. A Nanna estava muito interessada no tema. Pensava que as nossas peças deviam durar desde a madrugada até ao anoitecer. Como as peças dos gregos antigos.

– A Nanna ainda era uma miúda – disse Pernille, subitamente irritada. – Tinha uma vida. Aqui. Uma vida real. Não era um sonho. Não precisava de inventar coisas.

Um erro. Rama parecia envergonhado.

– Acho que ela estava a brincar quando disse aquilo – o professor consultou o relógio. – Peço imensa desculpa. Tenho de ir andando. Trabalho num clube de jovens. Temos uma coisa combinada. E não posso faltar.

Pernille olhou para o rosto calmo e sombrio. Gostava daquele homem. Olhou para a mesa. Correu os dedos sobre a superfície irregular e envernizada, contemplando as fotografias e os rostos.

– Fizemos isto juntas. Aplainámos a madeira. Colámo-la. Dispusemos as fotos.

A madeira era suave, agora, e estava gasta. Mas nem sempre fora assim. Houvera lascas. Lágrimas, às vezes.

– Está sozinha – disse o professor. – É por isso que...

– O Theis está lá em baixo. No escritório. A fazer...

Estava escuro lá dentro, quando Pernille fora abrir a porta depois de Rama ter tocado à campainha. Nem uma única luz.

Que estava ele a fazer?

A fumar. Agarrado a uma garrafa de cerveja. A chorar.

– A tratar da papelada – disse Pernille.

Theis não estava a tratar da papelada.

Birk Larsen estava sentado, imóvel e em silêncio, no escritório escuro. A porta abriu-se. Vagn Skaerbaek entrou, ligou a luz fraca junto do quadro de avisos. Tinha as chaves na mão. Verificou a fila de ganchos na parede. Encontrou o lugar certo. Mantinha as coisas em ordem.

Não viu o homem de blusão preto debruçado sobre a secretária, cigarro na mão, garrafa em punho, até Birk Larsen resmungar algo ininteligível.

– Merda! Assustaste-me.

A figura não se moveu.

– Estás bem, Theis?

Ligou o candeeiro do teto. Avançou, olhou.

– Vou chamar a Pernille.

Uma mão forte foi estendida e agarrou-o.

Os olhos de Birk Larsen estavam vermelhos e húmidos.

Bêbado.

Theis disse:

– Há uma semana tinha uma filha. Saiu daqui. Foi a uma festa.

– Theis...

– Voltei a vê-la hoje – os olhos estavam fechados sob o gorro preto, as lágrimas escapavam-se por entre as pálpebras. – Não era realmente ela. Era como se alguma coisa... Alguma coisa...

– Vou buscar a Pernille. E tu não vais beber mais.

– Não!

A voz de Theis era forte e feroz. Vagn Skaerbaek sabia que não devia ignorá-la.

– Theis. Tenho um amigo chamado Jannik. Ele ouviu uma coisa.

Skaerbaek hesitou. Sentiu os olhos de Birk Larsen sobre ele.

– Ouviu o quê?

– Talvez não seja nada.

Birk Larsen esperou.

– A mulher do Jannik trabalha na escola. Jannik disse que a polícia voltou lá – as mãos brincavam com a corrente prateada. – Começaram a interrogar o pessoal. Todos os professores da Nanna.

Outro cigarro. Outro gole de cerveja. Theis olhou para Vagn Skaerbaek.

– Talvez ela saiba mais do que o Jannik me disse – Skaerbaek lambeu os lábios. – Os polícias são uns sacanas inúteis. Eu e tu devíamos...

– Não te ponhas com ideias – rosnou Birk Larsen. – Esses dias acabaram.

– Então não queres que eu fale com a mulher de Jannik?

Birk Larsen permaneceu sentado, olhando o vazio.

– Theis...

– Sim, fala com ela.

As eleições jogavam com ideias. Temas. Ícones. Marcas. Por isso, nessa noite, Troels Hartmann deu por si a calçar sapatos de ténis e, em seguida, a

caminhar em traje de escritório para o pavilhão de desportos, Rie Skovgaard a seu lado.

O basquetebol era um desporto jovem. Troels era o candidato jovem. Aquele era um momento propício para ser fotografado. Uma boa ocasião para distribuir apertos de mão.

– Frederiksholm é uma escola modelo – disse Rie. – Não há nada contra nenhum dos professores. Já consultei todos os dados. A Lund já os tem. Estamos safos.

O cheiro a suor, o som de uma bola a tabelar no chão de madeira.

– Tens uma sessão de fotos. E depois vamos encontrar-nos com alguns dos cidadãos exemplares. Temos juventude, temos entretenimento e temos comunidade. Um lançamento, três cestos.

Hartmann despiu o casaco, puxou a camisa para fora das calças, arregaçou as mangas.

– A que horas é que os funcionários da Câmara vão para casa?

– Concentra-te no motivo da nossa presença aqui. Estas pessoas são importantes para nós.

Entraram no salão. Figuras a jogar. Figuras pretas e brancas. Movendo-se rapidamente, ruidosamente.

– Morten disse-me que reparou em alguns funcionários a trabalharem até tarde. Porque seria?

– Não sei!

– O Morten disse que temos de ter cuidado com eles.

– O Morten é pago para gerir a tua campanha. Não para te dar conselhos como esse.

– E se o Bremer tiver alguém cá dentro? A prejudicar-nos. A divulgar *e-mails*. A ler o meu diário.

– Deixa que seja eu a preocupar-me com isso. Tu és o candidato. A face pública. Eu consigo lidar com o resto.

Hartmann não se mexeu.

– Dei tudo por tudo para te conseguir esta oportunidade – acrescentou Rie Skovgaard. – Lá fora estão todos os meios de comunicação que importam. Tenta sorrir-lhes, está bem?

Hartmann entra em campo. Apertos de mão vigorosos. Saudações calorosas. Fala com todos, um a um. Com iranianos e chineses, sírios e iraquianos. Dinamarqueses agora, a trabalharem no seu programa de

integração. Cidadãos exemplares sem vencimento, um exemplo para as comunidades à sua volta.

Duas equipas. Uma delas com um lugar vago para Hartmann.

O político apertou os atacadores, olhou para os opositores, perguntou:

– Preparados para serem humilhados?

Durante dez minutos preciosos, aquilo era a única coisa que importava. Correu pelo piso polido, lançando a bola. Passando-a. O esforço físico. Sem pensamentos. Sem estratégias. Sem planos. Nem o *flash* das máquinas fotográficas o incomodava. A Rådhus. O Partido Liberal. Poul Bremer. Kirsten Eller. Até mesmo Rie Skovgaard. Todos tinham desaparecido.

Uma pausa no jogo. Depois recebe a bola. Sai disparado, finta, tabela, lança.

Observou a bola a girar lentamente pelo ar, a descer na direção do cesto, a passar por ele.

Um rugido. Hartmann deu um soco no ar. Pura emoção. A cabeça completamente esvaziada de pensamentos.

As máquinas fotográficas crepitaram como relâmpagos. Sorrindo, Hartmann virou-se, bateu com a mão aberta na mão do jogador mais próximo.

O momento capturado para sempre: dois homens a sorrir de contentamento um para o outro. Troels Hartmann de camisa azul, vitorioso. O professor, a quem chamavam Rama, a apertar-lhe a mão.

«Ela avança pelo corredor do hotel e descobre o quarto que procura. Está prestes a bater à porta. Interroga-se se estará a proceder bem. Será que devia ter vindo? Estar com ele é tão diferente. Tão diferente de tudo o que há em casa. A garagem onde brincara quando era pequena, com o cheiro característico a gasolina. O quarto dela e todos os seus pertences. Demasiados, porque não era capaz de deitar nada fora. A cozinha, onde passara horas com a mãe, o pai e dois irmãos, onde celebraram aniversários, o Natal e a Páscoa. Em casa seria sempre uma rapariguinha. Mas agora... ali, no corredor do hotel... é uma mulher. Bate à porta. Ele abre-a.»

Com os pés em cima da secretária, Lund lia a história de Nanna. Meyer entrou com um monte de comida.

– Se tens amor à vida, diz-me que há aí um cachorro-quente para mim.

– Não. *Kebab*.

– De quê?

Um encolher de ombros.

– De carne, de que é que havia de ser. É um *kebab*, Lund.

Meyer pôs uma caixa de plástico branca sobre a secretária de Lund e, depois, um par de copinhos de plástico com molho.

– Não há nenhum nome – disse Lund. – Nenhuma descrição. Apenas um homem secreto com quem a rapariga se encontra em vários hotéis.

Abriram as tampas das caixas e começaram a comer.

– Tudo o que temos – prosseguiu Lund – é um par de botas, um ensaio antigo e os mexericos sobre o tal professor.

– Não são só mexericos – Meyer sacou o bloco de notas. – Falei com a diretora Koch. Rama... ou melhor Rahman Al Kemal, esteve envolvido em alguma coisa há uns anos. Uma aluna do terceiro ano disse que o professor a apalpou.

– Em que é que isso ficou?

– A rapariga retirou a queixa. Koch acha que a miúda tinha uma queda por Rama. Que inventou aquilo por ele não ter alinhado.

Lund esvaziou o copo inteiro de molho quente no *kebab* e deu-lhe uma dentada. Meyer assistiu, horrorizado.

– Tem cuidado com isso.

– Não tenho nenhum problema de estômago. Se fosse ele o culpado, porque nos haveria de falar do ensaio?

– Acabávamos por encontrar o ensaio à mesma. Vamos conversar com ele. Rama disse que estava em casa com a mulher. Podemos verificar a tal história.

Lund folheou os processos do pessoal da escola.

– Este incidente deve constar no processo dele.

– De certezinha – concordou Meyer.

Lund estava a vasculhar por entre os documentos que tinha em cima da secretária.

– Não desperdices o teu tempo, Lund. Não chegámos a receber o processo dele. O pessoal de Hartmann enviou-nos os processos todos menos o de Rama.

Lund estava a pensar.

– Nós interrogámo-los a todos, não foi? – perguntou Meyer.

– Claro que sim.

Lund pegou nos restos do *kebab* e no casaco.

– Demoras muito?

* * *

Ao chegarem ao prédio de Rama, em Østerbro, Lund ligou para casa. A chamada foi atendida por Mark. Lund falava ao telemóvel com o filho na rua calçetada, Meyer estava à escuta, sem qualquer descrição.

Havia uma festa. Lund emitiu instruções. Mark devia ir direitinho para casa depois da festa. Que lhe telefonasse se fosse preciso.

– Vamos embora amanhã – disse Lund. – Sábado à noite. Vou reservar os bilhetes.

Lund olhou para o telemóvel.

– Mark? Mark?

Guardou o aparelho no bolso.

Meyer perguntou:

– Que idade tem o teu filho?

– Doze anos.

– Queres um conselho?

– Nem por isso.

– Tens de ouvir o teu filho. Um miúdo dessa idade tem muita coisa em que pensar. As miúdas e tudo o resto. O cérebro dele... – a voz de Meyer assumiu um tom diferente, um tom que Lund não reconheceu. – Está num determinado estágio de desenvolvimento. Só tens de ouvir o que ele tem para dizer.

Lund caminhava apressadamente à frente de Meyer, tentando não se irritar.

– O meu filho diz que só me interessa por pessoas mortas.

Meyer parou, balbuciou algumas palavras que Lund não percebeu.

– Deve ser do cérebro dele – disse Lund. – Número quatro, não é?

Encontraram o apartamento de Rama e tocaram à campainha.

* * *

Uma mulher loura, muito grávida, muito cansada, abriu-lhes a porta e deixou-os entrar sem protestar.

Rama não estava em casa. A mulher disse que Rama tinha um compromisso no clube de jovens.

– Também é professora? – perguntou Meyer.

Viviam num apartamento agradável e moderno, apenas meio remodelado. Paredes descascadas e nuas. Quase inabitável.

– Sim. De momento, apenas em *part-time*. O bebé...

Enquanto Meyer falava, Lund deambulava pelo apartamento, observando. Tinham entrado facilmente naquela rotina, sem combinarem nada. E aquela divisão de tarefas parecia funcionar.

– Conhecia Nanna Birk Larsen? – perguntou Meyer.

Uma breve hesitação.

– Não era minha aluna.

Latas de tinta, rolos de alcatifa à espera de serem colocados. Não havia fotografias. Nem um único objeto pessoal.

– Esteve na festa de sexta-feira passada?

– Não. Canso-me com muita facilidade.

Lund não encontrou nada de interesse, regressou ao quarto principal, onde Meyer falava com a mulher de Rama.

– Quer dizer que estava em casa? – perguntou Meyer.

– Sim. Bem, na verdade, não estava em casa – a mulher ficou-se por ali.

Meyer respirou fundo e perguntou:

– Então *não* estava em casa?

– Temos um pequeno chalé num terreno nos arredores de Dragør. Passámos lá todo o fim de semana.

Dragør. A sul de Kastrup. A pouco mais de dez ou quinze minutos de carro do local onde Nanna foi encontrada.

– A nossa casa está um caos – acrescentou. O chão ia ser lixado. Não podíamos cá estar.

– Ah – Meyer assentiu. Lund pensou que as orelhas dele pareciam maiores quando estava curioso. Mas isso era impossível, claro. – Portanto, estavam lá os dois?

– Rama veio buscar-me às oito e meia. E depois fomos até lá de carro.

– Deixe-me ver se percebi bem... – Muito maiores, apercebeu-se Lund. – A senhora e o seu marido passaram o fim de semana no vosso terreno?

– Sim. Porque pergunta?

– Por nada em especial. Pensei que talvez pudesse saber alguma coisa acerca da festa na escola.

– Desculpe, não sei de nada.

Lund dirigiu-se à janela. Sentiu a ponta do sapato a bater em alguma coisa. Um rolo de alcatifa. E o que parecia ser persianas.

Havia uma braçadeira de plástico preto no chão. Lund baixou-se, apanhou-a. Pensou em Nanna no porta-bagagens da carrinha. Tornozelos amarrados. Pulsos amarrados. Com coisas como aquela.

Meyer disse que eram utilizadas em jardins. E também para prender materiais de construção. Para uma quantidade de coisas.

Lund tirou um saco de provas da mala, deixou cair a braçadeira lá para dentro.

– Querem falar com ele outra vez? – perguntou a mulher.

– De momento não – disse Meyer, guardando o bloco de notas.

Lund regressou e perguntou:

– Posso usar a casa de banho?

– É por ali. Eu mostro-lhe...

– Não é preciso. Eu consigo encontrá-la sozinha.

– É o vosso primeiro filho? – perguntou Meyer.

– Sim. – Lund continuou a andar. Ainda os ouvia. – É uma menina.

Meyer animou-se.

– Uma menina! A sério! Isso é excelente. E teve curiosidade em saber o sexo do bebé, não foi? Eu por mim gosto de surpresas...

Película protetora de plástico por todo o lado. Um conjunto de cabides. Um quadro.

– Se quiser, posso dar-lhe umas dicas – disse alegremente Meyer. – Nos primeiros meses... Tem de obrigá-lo a trabalhar.

Lund ouviu o riso da mulher.

– Não conhece o meu marido. Ele vai fazer tudo e mais alguma coisa. Nem vou precisar de pedir-lhe.

Muito discretamente, Lund entrou no quarto. Roupa. Fotografias. Rama mais jovem, em tronco nu, a sorrir no meio do que parecia ser uma equipa de natação. Distintivo do Exército por detrás do grupo. A piscina de um quartel, talvez. Um homem bonito. Em forma e musculado. Um calendário. Um horário escolar.

Lund procurou na casa de banho do quarto. Lavatório novo, casa de banho nova. Paredes nuas. Havia um outro quarto. A placa na porta dizia «Quarto do bebé».

Estava escuro. Só a fraca luz que vinha da rua lhe permitia ver alguma coisa. Tralha a um canto. Brinquedos de homem. Um papagaio desportivo. Uma lancha a motor.

Junto da janela, um par de botas de montanhismo de homem. Lund pegou-lhes, olhou para a sola, apalpou a lama que lá havia, esfregou-a entre os dedos.

Pensou no canal e nos bosques. E em Dragør, tão perto.

Havia uma garrafa numa caixa virada ao contrário. Etiqueta branca, vidro castanho. Lund pegou-lhe, tomou nota.

Uma voz irritada por detrás dela disse:

– Já passou pela casa de banho.

A garrafa voltou à caixa. Quanto ao saco com a braçadeira, Lund fê-lo deslizar para dentro do bolso.

– Obrigada – disse Lund, dirigindo-se logo para o vestíbulo. Depois conduziu Meyer para fora do apartamento.

* * *

A diretora Koch estava no escritório de Hartmann. Rie Skovgaard e Morten Weber escutavam.

– Suspeitam de um dos nossos professores – disse Koch. – Tem de dizer-me o que fazer.

– Como assim? – perguntou Hartmann.

– Acabam de telefonar-me. Fizeram-me perguntas. Parecem saber...

– Saber o quê? Temos um acordo com a polícia. Vão falar connosco primeiro.

– A polícia parece saber de alguma coisa – a diretora contorceu-se no assento. – Não quero mais problemas. Já tivemos publicidade suficiente como as coisas estão. Acha que o devo suspender?

– A polícia já interrogou alguém?

– Vão interrogar. Um professor em particular. Por causa de um incidente ocorrido há uns anos.

– Que incidente? – interrompeu Skovgaard. – Eu consultei os processos. Não havia lá nada.

– Não se descobriu nenhuma... prova – insistiu Koch. – Mas o caso constava do processo. Fui eu própria a acrescentá-lo. Uma acusação absurda

feita por uma rapariga estúpida. O professor estava inocente, tenho a certeza. A polícia só começou a reparar nele porque era diretor de turma da Nanna.

Hartmann perguntou:

– Então é por isso que a polícia está interessada?

– Que outra razão poderia haver? – Nenhuma resposta. Koch olhou para os dois. – Eu expliquei-lhe a situação. Cumpri o meu dever. A responsabilidade é sua, se a polícia ou os jornais vierem tentar descobrir...

– Não se preocupe com isso – disse Hartmann, abanando a mão. – Dê-me o nome dele. Vou falar com a polícia. Tenho a certeza de que isso não é nada.

Hartmann pegou numa caneta.

– O professor chama-se Rama. Chamamos-lhe assim. O nome completo dele é Rahman Al Kemal.

A diretora soletrou o nome. Hartmann começou a escrevê-lo. Parou.

– E é professor na Frederiksholm?

– Acabei de dizer-lhe isso.

– E a polícia está a fazer perguntas sobre ele? – um suspiro impaciente.

– Sim. É por isso que estou aqui.

Hartmann olhou para Skovgaard. Franziu a testa e abanou a cabeça.

– Há algum problema? – perguntou Koch.

– Não. Eu só queria ter a certeza. Importa-se de... – Hartmann olhou para Koch. – Importa-se de esperar um pouco lá fora, por favor. Sirva-se de café. Já vou ter consigo.

Hartmann fechou a porta. Skovgaard levantou-se.

– Que está a acontecer aqui? – perguntou Morten Weber.

– Acabei de apertar a mão a um cidadão exemplar chamado Rama – disse Hartmann. – No clube de jovens.

– O quê?

Weber olhou com raiva para Skovgaard.

– Troels encontrou-se com um professor daquela escola? E tu não sabias?

– Não vi o nome de nenhum professor na lista. E eu própria li todos os processos. Troels não teria estado na mesma sala que ele se eu achasse que havia chatice.

– Mas há chatice! – gritou Weber.

– Vi todos os processos, Morten!

Hartmann observou-os, dividido, sem querer tomar partido.

– Quem te deu os processos? – perguntou Weber.

Skovgaard praguejou em voz baixa.

– Um dos funcionários administrativos.

Weber ergueu as mãos, exasperado.

– Eu avisei-te!

– Eles deram-me os processos. Eu olhei para eles. Que mais havia de fazer? O que...

Weber estava de pé, com o rosto corado, aos gritos.

– Podias ter falado comigo, Rie. Podias fazer uma pergunta de vez em quando. Em vez de avançares sem pensar, de fazeres tudo o que te passa por essa cabecinha insípida.

– Morten – interveio Hartmann. – Acalma-te.

– Acalmo-me? Acalmo-me? – Weber apontou para a porta. – Passei vinte anos a calcorrear estes corredores. Esta tipa vendia detergente em pó, passa aqui dez minutos e acha que sabe tudo...

– Morten! – a voz de Hartmann silenciou-o. – Acabou.

– Sim, Troels. Acabou. – Weber pegou no saco. Encheu-o de papelada com a mão trémula. – Convenhamos, se estas eleições vão ser geridas a partir da vossa cama, não há muito espaço para mim.

Hartmann avançou para Weber, furioso, o punho apontado ao rosto do diretor de campanha.

– Não me importo há quanto tempo te conheço. Não vou aceitar uma coisa destas. Sai daqui. Vai para casa.

Foi o que Weber fez. Sem mais discursos. Sem mais insultos. Pôs o saco a tiracolo e saiu.

Rie Skovgaard observava.

Então, depois de Weber ter saído, agradeceu a Hartmann.

– Mas eu devia ter-lhe dado ouvidos – disse Hartmann. – Não devia?

– Acho que sim – concordou Skovgaard.

No carro, de regresso de Østerbro.

– Temos de verificar o passado dele – disse Lund. – Rama nem sempre foi professor. Vê por onde andou e verifica o álibi dele.

Lund tirou da mala o saco de plástico para provas.

– Isto vai para o laboratório. Tem uma garrafa de éter. Anotei o nome da marca. Descobre se é do mesmo tipo que foi encontrado no corpo da

rapariga.

Meyer não estava satisfeito. Para variar.

– Com todas essas provas, porque é que não esperámos que ele chegasse a casa? Agora pode livrar-se de tudo.

O telemóvel de Lund estava a tocar. Hartmann já estava na lista de contactos, por isso, Lund viu que era ele.

Passou o telemóvel a Meyer.

– É o Rapaz do Cartaz. Fala tu com ele. Provavelmente quer queixar-se.

– Não é o único, Lund. A que horas é o teu avião amanhã? – Precisas de boleia para Kastrup?

Histórias para adormecer. Pernille a lê-las. Os rapazes nos seus pijamas, peitos contra os edredões suaves, cotovelos pousados na cama, pés a abanar.

– A Nanna está no caixão? – perguntou Anton quando a mãe fechou o livro. Pernille concordou, tentou sorrir.

– Ela vai transformar-se num anjo?

Uma longa espera.

– Sim. Vai.

Rostos sagazes e admirados a olharem para Pernille.

– Amanhã vamos dizer adeus à Nanna. E depois...

– Andam a dizer coisas na escola.

Os pés de Anton mexiam-se um pouco mais depressa.

– Que tipo de coisas?

– Dizem que alguém a matou.

Emil acrescentou:

– E houve um homem que lhe fez maldades.

– Quem disse isso?

– Uns miúdos da nossa turma.

Pernille pegou-lhes nas mãos, apertou suavemente os dedinhos dos filhos, olhou para os olhos brilhantes deles. Não conseguia pensar em nada para dizer.

Cinco minutos mais tarde, Anton e Emil estavam aconchegados e sossegados. Pernille ouviu os passos de Theis, desceu as escadas. A garagem estava cheia de móveis. Mesas e cadeiras alugadas. Theis empilhou umas e mudou outras de sítio. Pegava em mais móveis com uma mão do que a maioria dos homens com as duas.

– Os miúdos queriam dizer-te boa noite.

Theis levou uma mesa em peso para o lado oposto da garagem.

– Tive de continuar com isto.

– Têm ouvido coisas na escola.

Silêncio.

Pernille levou a mão ao pescoço.

– Eu disse que era o papão.

Uma mesa de treliça. Mais cadeiras.

– Theis. Não tenho a certeza se é boa ideia levá-los ao funeral. Quer dizer...

O marido não ouviu, não se virou para olhar para Pernille.

– Sei que se devem despedir da Nanna. Mas vai estar lá tanta gente.

Uma caixa de pratos e talheres de plástico. Theis limpou a testa.

– Não sei como é que tu e eu vamos...

Theis voltou a pôr no mesmo lugar a mesa que acabara de mudar da direita para a esquerda.

– Importas-te de parar de fazer isso?

Birk Larsen pousou a mesa, olhou para Pernille sem dizer nada.

No bolso da camisa azul aos quadrados, o telemóvel de Theis vibrou.

Birk Larsen escutou.

– O Jannik vai dizer-me mais coisas amanhã – disse Vagn Skaerbaek. – A mulher não ouviu nada de novo. Vou eu tentar saber.

– OK.

– Então, precisas de alguma ajuda esta noite?

– Não. Até amanhã.

Quando terminou a chamada, a garagem estava vazia. Birk Larsen viu Pernille a subir as escadas. Depois continuou a mudar mesas, a empilhar cadeiras.

Mark parecia animado. Como se tivesse visto uma oportunidade.

– Então, se não vamos...

– Mas vamos – insistiu Lund. – O Bengt vai dar uma festa de inauguração.

A mãe estava a engomar roupa. Lund estava a arrumar roupa, a atirá-la para uma mala vazia, a pressioná-la com as palmas das mãos e os cotovelos, preparada para se sentar nela, se fosse necessário.

– E se...

– Mark! Não há ses. Vamos para a Suécia amanhã. A avó vai connosco e fica por lá alguns dias. É isso que...

O telemóvel tocou. Bengt. Com voz ansiosa.

– Está tudo bem – disse-lhe Lund. – Tudo sob controlo. Vemo-nos amanhã à noite. As malas estão quase prontas...

Sarah tapou o microfone do telemóvel, sussurrou para Mark: «Vai acabar de fazer as malas!»

Depois ficou à escuta, ouviu bater à porta. Vibeke foi abri-la. Lund olhou. Troels Hartmann estava ali, de sobretudo preto, um político dos pés à cabeça.

Bengt disse algo que Lund não chegou a ouvir.

– Claro que estou a ouvir – disse.

Ao telemóvel, Lund foi até ao outro quarto, viu que Vibeke tinha posto Hartmann a dobrar uma comprida toalha de mesa para a casa nova.

Na Suécia.

A nova vida.

– Bengt – disse Lund. – Agora tenho de desligar.

Quando regressou à sala, Vibeke estava a perguntar-lhe:

– Então o senhor é o médico-legista?

– Não – respondeu Hartmann, segurando as pontas da grande toalha de algodão.

– Nunca tinha dobrado uma toalha das boas – disse Vibeke, abanando a cabeça. – Dá para perceber isso. Veja...

– Mãe. Não me parece que Troels Hartmann tenha tempo para isso.

Vibeke abriu a boca de espanto.

– Hartmann? – a mãe de Lund olhou para ele de alto a baixo. – O senhor é diferente nos cartazes.

Na cozinha, só os dois, Hartmann abanou a cabeça para expressar o seu desapontamento.

– Prometeu que ia manter-me informado.

– Eu não prometi nada.

Lund pegou numa fatia de pão, barrou-a com um pouco de manteiga e queijo, deu-lhe uma dentada enquanto Hartmann discorria irritadamente.

– Agora está a investigar um dos meus professores. E só soube disso porque mo disseram da escola.

Com a boca meio cheia, Lund perguntou-lhe:

– Porque é que disse à sua gente para não nos dar o processo de Kemal? Isso é que é colaboração? – Hartmann abanou a cabeça, não disse nada. – Pedimos todos os processos. De todos os professores, Hartmann. Porque não recebemos esse?

– É a primeira vez que estou a ouvir falar disso. Acredite.

– Como assim? Você não é o chefe?

Lund acabou o queijo, pôs o prato no lavatório.

– Pronto, está bem, realmente a coisa não tem boa cara. Que quer que eu faça?

Lund levantou uma sobrancelha, limpou alguns pratos com um pano.

– Que colabore.

– Estou a tentar! Não sei porque é que não recebeu o processo dele – e depois, um tom abaixo: – Não sei o que se está a passar. Há algo, alguma coisa, alguém do meu escritório...

Lund parecia interessada.

– Que está a fazer o quê?

– Não sei – respondeu Hartmann. – A meter o nariz. A ver coisas que não devia. É tempo de eleições. É natural que haja porcaria a voar. Mas não... – Hartmann olhou para Lund. – Se alguém entrou no nosso sistema, isso é um crime, certo?

– Se...

– Passa-se alguma coisa. Será que podia dar uma vista de...

– Eu sou detetive da equipa de Homicídios – interrompeu Lund. – Ando a tentar descobrir quem violou e assassinou uma rapariga. Não faço trabalho administrativo. E quero esse processo.

– Muito bem – Hartmann parecia furioso. Desesperado, também. – Eu arranjo-lhe o processo. Deve haver uma cópia. Algures.

– Há algum dado especial acerca de Kemal? – perguntou Lund.

– É um dos nossos cidadãos exemplares. Ajuda jovens imigrantes que se meteram em sarilhos. E, por causa disso, ficámos com os dados dele no partido. Ele é...

– Quer dizer que, se esse professor for o culpado, você vai ficar malvisto? O problema é esse, não é? – Hartmann fez-lhe uma careta. – Isso prejudica a sua campanha – Lund pegou numa maçã, pensou, pegou antes num pacote de batatas fritas. – Fá-lo perder votos.

– Não me tem em grande conta, pois não?

Lund ofereceu-lhe uma batata frita.

– Se este for o seu homem, nada mais interessa – disse Hartmann. – Ninguém no meu escritório se vai pôr no seu caminho. Eu só quero saber.

– Era só isso que me queria dizer?

Hartmann animou-se um pouco.

– Sim. Era só isso. Agora é a sua vez.

Lund riu-se.

– Que é isto? Um jogo? Eu não tenho nada para lhe dizer. Kemal é uma das pistas de investigação. Há perguntas que precisamos de ver respondidas. Onde é que ele estava...

– Muito bem. Vou fazer com que o suspendam.

– Não pode fazer isso. Não temos provas suficientes para o prender. – Lund tirou uma garrafa de leite do frigorífico, cheirou-a, serviu-se de um copo. – Não pode – repetiu Lund. – Sei que quer um sim ou um não. Mas ainda não posso dizer.

– Quando?

Lund encolheu os ombros.

– Amanhã vou passar este caso a um colega.

– E ele é de confiança?

– Ao contrário de mim?

– Ao contrário de si.

– Lund brindou. Vai adorá-lo.

Onze da noite no gabinete privado de Hartmann. Sob a luz azul da placa de néon do hotel, encontrou-se com Rie Skovgaard, que olhou para ele e perguntou:

– É assim tão mau?

Hartmann atirou o sobretudo para cima da secretária.

– Não sei ao certo. A Lund só me diz o que quer dizer. Parecem pensar que foi Rama. Mas a Lund não mo confirma.

Skovgaard olhou para o computador portátil.

– As fotos que tiraram esta noite estão a ser divulgadas. Não posso travar isso. Mas ninguém sabe que o professor é suspeito, assim como tu não sabias quando lhe apertaste a mão.

– Quem é que reteve esse processo?

– Estou a investigar.

Skovgaard atirou um conjunto de maquetas de anúncios para cima da secretária. Rostos estrangeiros ao lado de rostos brancos. A sorrir. Juntos.

– A próxima fase da campanha estava focada na integração. Na ideia do cidadão exemplar. Vou retirá-los da campanha. Vamos parar de utilizar esse termo. Concentrar-nos noutras questões até isto acabar.

– O debate de amanhã...

– Eu tiro-te do debate. É um presente para o Bremer. Deixa-me fazer algumas chamadas.

Skovgaard caminhou até à sua secretária, pegou no telefone.

– Não. – Hartmann observava-a. Ainda a marcar o número. Aproximou-se dela, voltou a colocar o telefone no descanso. – Eu disse não. O debate mantém-se.

– Troels...

– Estamos a falar de um homem. Um suspeito. Não foi considerado culpado e, mesmo que não seja quem diz ser, isso não tem nada que ver com todos os outros cidadãos exemplares. Têm feito um trabalho excelente. Não vou deixar que sejam caluniados por causa disto.

– Oh! Belas palavras – gritou-lhe Rie. – Espero que te soem bem quando perdermos.

– Isto é o que nós somos. O que eu sou. Tenho de defender aquilo em que acredito.

– Tu tens de ganhar, Troels. Se não ganhares, o resto não tem a mais pequena importância.

Troels estava a ficar zangado. Antes tivesse gasto um pouco daquela indignação com Lund, a observá-lo o tempo todo com aqueles olhos cintilantes enquanto mastigava uma sanduíche e bebia leite.

– Devemos algo a estas pessoas. Trabalham com aquelas crianças diariamente. Fazem coisas que tu nem sonhas. Nem eu.

Hartmann pegou numa pilha de papéis, empurrou-os na direção de Skovgaard.

– Temos as estatísticas. A prova de que funciona.

– Os jornais... – começou Rie.

– Que se lixem os jornais!

– Vão crucificar-nos se o professor for culpado! – Rie levantou-se, aproximou-se de Hartmann, pôs os braços sobre os ombros dele. – Vão crucificar-te. Como fizeram ao teu pai. Isto é política, Troels. Guarda as tuas

belas palavras para os discursos. Se eu tiver de ir para a sarjeta para tu te sentares naquela cadeira é mesmo isso que vou fazer. É para isso que me pagas.

Hartmann virou-se, olhou para a noite, para lá da janela.

A mão de Rie tocou-lhe no cabelo.

– Vem comigo para casa, Troels. Podemos falar sobre isto lá.

Um momento de silêncio entre os dois. Um instante de indecisão, de dúvida.

Depois, Hartmann beijou-a na testa.

– Não há nada para falar. Vamos fazer tudo como estava planeado. Tudo. Os cartazes. O debate. Não alteramos nada.

Olhos fechados, dedos nas têmporas pálidas.

– O funcionário que te trouxe os processos da escola... – disse Hartmann.

– O que é que tem?

– Deixa algum tempo livre na minha agenda. Amanhã. Quero falar com ele.

Sábado, 8 de novembro

Lund ia afixando fotografias de Kemal no quadro enquanto ouvia Meyer ler o que tinha descoberto. Dez agentes na sala, Buchard de pé, à cabeceira da mesa.

– Nascido na Síria. Damasco. Fugiu com a família quando tinha doze anos. O pai é imã e frequenta a mesquita de Copenhaga.

Meyer olhou em redor.

– Aparentemente, Kemal cortou os laços com a família. Pensam que está demasiado ocidentalizado. Mulher dinamarquesa. Sem religião. Depois da escola e do serviço militar obrigatório tornou-se soldado profissional.

Fotos de Rama, a sorrir com uma boina azul na cabeça.

– Depois foi para a universidade e terminou o mestrado. Entrou para a escola há sete anos. Há dois casou com uma colega. A escola diz que o tipo é popular. Muito respeitado...

Buchard interrompeu-o, abanando a cabeça.

– Não parece ser o tipo de homem que...

– Foi acusado de molestar uma rapariga – disse Lund. – Na altura ninguém quis acreditar.

O chefe ainda não parecia convencido.

– O que disse a rapariga?

– Não conseguimos falar com ela. Anda de mochila às costas pela Ásia.

Meyer ergueu o saco para provas com a braçadeira de plástico.

– Lund descobriu isto no apartamento de Kemal. É idêntico ao que foi utilizado para prender a rapariga.

– E também recolheram éter? – perguntou Buchard. Coçou a sua cabeça de buldogue-anão. – Há muita gente que utiliza essas braçadeiras. Agora éter... Não sei. Isto não me parece ser suficiente.

– Vamos rever o álibi dele – disse Lund. Retirou o selo do primeiro de uma série de envelopes. Fotografias de Nanna. – Quero estas imagens distribuídas por todos os hotéis da cidade. A rapariga foi a algum lado.

– Põe uma equipa a vigiar Kemal – ordenou Buchard. – Para sabermos o que ele anda a fazer. Não muito perto. O funeral é hoje. Não queremos perturbar a família.

O chefe percorreu a mesa com os seus olhos redondos.

– As coisas já estão más assim. Não vamos piorá-las.

Vinte minutos mais tarde, Lund e Meyer sentaram-se para falar com Stefan Petersen, um atarracado canalizador reformado que possuía uma das pequenas casas que povoavam os terrenos nos arredores de Dragør.

– Eu tenho o número doze. Ele tem o catorze. Daqui a um ano, terei lá passado tempo suficiente para poder viver nela durante todo o ano – disse Petersen com orgulho. – Não podemos escolher os vizinhos. Mas, apesar disso, é um local muito agradável.

Meyer perguntou:

– Na sexta-feira viu Kemal e a mulher chegarem?

– Oh, sim – a atenção de Petersen estava completamente focada em Meyer, não em Lund. Gostava de conversar com um homem. – Deviam ser umas oito ou nove da noite. E mais tarde também vi qualquer coisa.

Parecia satisfeito consigo mesmo.

– É que eu fumo cigarrilhas. – Petersen sacou um maço de pequenos charutos. – Importa-se que eu?...

– Claro que me importo, caramba – vociferou Meyer. – Tire-me essas coisas da frente. Que foi que viu?

– Fume à vontade – disse Lund, tirando um isqueiro da mala e estendendo-o a Petersen.

O canalizador gordo sorriu e acendeu a cigarrilha.

– Como eu estava a dizer... sou fumador. Mas a patroa não me deixa fumar dentro de casa. Por isso vou para o pátio. Faça chuva ou faça sol. Tem um alpendre, por isso estou sempre protegido.

Lund sorriu-lhe.

– O árabe saiu da casa dele. E foi-se embora de carro.

– Está a referir-se a Kemal?

O canalizador olhou para Meyer como se Lund fosse burra.

– A que horas foi isso? – perguntou Lund.

O homem refletiu, envolto numa nuvem de fumo fedorento.

– Quando entrei em casa vi o boletim meteorológico, por isso deviam ser nove e meia.

– Viu o carro regressar?

– Não fico lá fora a noite toda. Mas o carro estava lá na manhã seguinte.

Lund levantou-se, deu-lhe um aperto de mão, disse obrigada.

Depois de o canalizador ter saído, Meyer marchou para a frente e para trás no gabinete, como que a reclamar a sua posse.

Lund apoiou-se na porta, observando.

– Porque é que a mulher de Kemal ia mentir sobre o paradeiro dele? – perguntou Lund.

– Vamos descobrir.

– Vamos esperar até depois do funeral.

– Porquê? Queres que eu ligue ao Hartmann a pedir-lhe autorização?

Buchard estava à porta.

– Lund – disse o chefe, sacudindo o polegar na direção do seu gabinete.

– E eu? – perguntou Meyer.

– Tu o quê?

Lund foi até ao gabinete de Buchard para fugir ao fumo da cigarrilha do canalizador.

– A resposta é não – disse Sarah antes de Buchard ter conseguido proferir uma palavra.

– Ouve...

– Posso ajudá-lo por *e-mail*. Ou por telefone. Talvez apareça por aqui de vez em quando.

– Deixa-me falar – implorou o velho. – Não é isso. Tu investigaste o pai?

– Claro que investiguei o pai!

– Que foi que descobriste?

Lund franziu a testa, tentando recordar-se.

– Pouca coisa. Nada de interessante. Pequenos delitos. Furto de bens. Brigas de bar. Foi há vinte anos. Porquê?

Buchard serviu-se de um pouco de água. Parecia cansado e doente.

– Recebi um telefonema de um inspetor reformado. Estás a ver o género, não estás? Não tem nada melhor para fazer do que ler os jornais. – Buchard passou-lhe uma nota. – O tipo diz que o Birk Larsen era perigoso. Muito perigoso.

– Há algum delito de natureza sexual?

– Que ele tenha ouvido, não. Mas disse que não sabíamos da missa metade.

– E então? Nós verificámos. O Larsen tem um álibi. Não pode ter sido ele.

– Tens a certeza?

Certeza.

Era uma daquelas palavras! Toda a gente queria ter a certeza. Ninguém a tinha realmente. Porque as pessoas mentiam. Aos outros. A si próprias, às vezes. Até ela própria já o tinha feito.

– Tenho a certeza – disse Lund.

Na cozinha, os rapazes corriam de um lado para o outro, com os pequenos carros de Vagn nas mãos. Theis Birk Larsen vestido de preto, camisa branca engomada, gravata de enterro. A falar ao telemóvel. Sobre garrafas térmicas e mesas, sobre sanduíches e o que beber.

Anton tropeçou, derrubou uma jarra. As últimas flores oferecidas em memória de Nanna. Rosas, mais caule do que pétalas.

Ficou junto do irmão, ambos de cabeça baixa. Esperando que a tempestade começasse.

– Esperem lá em baixo na garagem – disse Birk Larsen. Sem severidade.

– Eu não fiz de... – começou a dizer a criança.

– Esperem lá em baixo na garagem! – as coisas deles estavam sobre a mesa. – E não se esqueçam dos casacos.

Quando saíram, Birk Larsen ouviu o locutor na rádio. Notícia de abertura: O funeral de Nanna na Igreja de São João. Como se, agora, Nanna pertencesse a todos. Não à família que costumava comer em volta daquela

mesa, sob a luz brilhante que vinha da janela, pensando que nunca nada mudaria.

«Muitas pessoas vieram prestar a sua homenagem», prosseguiu o locutor. «Lá fora há...»

Birk Larsen desligou o rádio. Tentou afastar os pensamentos. Chamou:
– Amorzinho?

Uma palavra antiga. Uma palavra que utilizava desde os tempos em que Pernille era uma adolescente desbocada e provocadora à procura de excitação. De um vislumbre do mundo duro que existia fora da classe média a que pertencia.

Recordou-a claramente. Viu-se igualmente a si próprio. Um arruaceiro, um ladrão. Que estava a fartar-se daquela vida. À procura de uma rocha a que se agarrar. Tentando ser ele próprio um rochedo.

– Amorzinho?

Sempre ela, desde o início. Salvava-o. Em troca...

Uma família. Uma casa. Uma pequena empresa de mudanças construída a partir do nada, o nome deles escrito por todo o lado. Parecia muito. O máximo que Birk Larsen podia oferecer. Tudo o que tinha para dar.

Mas Pernille não respondia. Entrou no quarto. Pernille estava nua, sentada na cama com as costas curvadas. No antebraço esquerdo, ainda viva e azul como no dia em que a fizera, havia uma rosa tatuada. Lembrou-se de quando descera ao salão *hippie* em Christiania. Tinham estado a fumar. Ele estivera a traficar, não que Pernille soubesse disso. Era a maneira que ela tinha de dizer: «Agora sou tua. Parte dessa vida que é a tua. Parte de ti.»

Birk Larsen detestava aquela rosa mas nunca o dissera. O que queria dela eram as coisas que Pernille tomava como certas. A sua decência, a sua honestidade, a sua integridade. A sua capacidade infinita para o amor cego e inexplicável.

– Vens ou não?

O vestido preto estava pousado na cama juntamente com a roupa interior. Uma mala preta. *Collants* pretos.

– Não consigo decidir o que vestir. – Theis olhou para as roupas sobre o edredão. – Eu sei... – continuou Pernille.

Voz embargada, lágrimas a formarem-se nos olhos.

Birk Larsen ouviu-se a gritar por dentro.

– Não importa, pois não, Theis? Nada importa.

As mãos de Pernille subiram-lhe até ao cabelo castanho escovado.

– Não posso fazer isto. Não posso ir.

Theis pensou, o melhor que pôde.

– Talvez a Lotte possa ajudar.

Pernille não ouviu. Os olhos estavam fixos no espelho: uma mulher nua de meia-idade, o corpo a ficar flácido, os seios descaídos. A barriga saída por causa dos filhos que tivera. Marcada pela maternidade. Como devia ser.

– Espero que as flores estejam bem... – murmurou Pernille.

– Estão, de certeza. Havemos de ultrapassar isto.

Birk Larsen baixou-se, pegou no vestido preto, ergueu-o.

– Havemos de ultrapassar isto – disse Theis. – Está bem?

* * *

No andar de baixo, Vagn Skaerbaek estava sentado na companhia dos rapazes. Tinha tirado o macacão vermelho. Usava camisa preta, corrente prateada, calças de ganga pretas.

– Foi só uma jarra, Anton. Não te preocupes.

Birk Larsen ouviu aquilo enquanto caminhava por entre as mesas redondas e as cadeiras, olhou para os pratos de porcelana brancos que tinham alugado, os copos, os alimentos embrulhados em folha de alumínio, ao lado.

– Uma vez parti uma garrafa – disse Skaerbaek. – Fiz montes de coisas estúpidas. Todos fazemos.

– Temos de ir para o carro – ordenou Birk Larsen. – Vamos sair agora mesmo. Os rapazes moveram-se rapidamente, cabisbaixos, calados.

Skaerbaek olhou para Theis.

– Então e a Pernille?

– A irmã leva-a.

– A mamã não vem? – perguntou Anton, subindo para o carro.

– Não vem conosco.

Quando os rapazes se foram embora, Skaerbaek disse:

– Olha, Theis, estive a pensar... A mulher da escola. É melhor eu não falar com ela.

– Porque não?

Skaerbaek encolheu os ombros.

– Já tens muita sarna para te coçares. Talvez ela não saiba de nada. Apenas boatos.

– Não foi isso que disseste ontem à noite.

– Eu sei, mas...

Birk Larsen enfureceu-se, olhou para Skaerbaek, um homem mais baixo. Um homem mais fraco. O relacionamento deles sempre fora assim. Um relacionamento cimentado pela violência, pelos punhos, nos primeiros tempos.

Com o dedo apontado à cara de Skaerbaek, Theis disse:

– Eu quero saber.

O funcionário chamado Olav Christensen estava no gabinete de Hartmann, a olhar para os cartazes de campanha. Sobre cidadãos exemplares. Integração. O futuro.

Tinha vinte e oito anos, mas parecia mais novo. Rosto fresco. Obediente.

Estava a transpirar.

– Temos um pequeno problema – disse Hartmann. – Os dados que nos forneceu acerca dos professores.

Um sorriso desconcertado.

– Qual é o problema?

– Falta um processo.

Uma pausa.

– Falta um?

– Isto não tem boa cara, pois não, Olav? Quer dizer, nós pedimos, tu entregas. Hartmann olhou fixamente para ele. – É assim que as coisas funcionam, não é?

Christensen não disse nada.

– Daqui a nada vou ser teu chefe, e de toda a gente que manda em ti. Que tal responderes-me?

– Talvez se tenha perdido quando mudámos os arquivos.

– Talvez?

– Foi o que eu disse.

– Isto é a Rådhus. Temos documentos com mais de um século. Todos eles guardados em armários fechados a sete chaves.

Hartmann esperou.

– Sim – concordou Christensen.

– Não há arquivos em falta – intrometeu-se Skovgaard. – Nem relatórios de processos perdidos. Perguntei ao teu chefe. Ele tem a certeza absoluta disso.

– Talvez tenha havido um erro ao arquivá-los. – Esperaram os dois. – Temos uns estagiários. Miúdos. Lamento muito. Às vezes cometem erros.

Hartmann levantou-se, foi até à janela, olhou lá para fora.

– É curioso que tenham perdido o único processo que queríamos. Aquele que nos podia comprometer. A polícia precisa dele, Olav. Acham que eu estou a retê-lo. Acham que tenho algo a esconder.

Christensen ouviu, concordou.

– Vou descobrir o que aconteceu e depois digo-lhe.

– Não – disse Hartmann. – Não te incomodes. – Troels aproximou-se e ficou muito perto de Olav. – Eis o que vai acontecer – disse Hartmann. – Na segunda-feira vamos pedir uma investigação formal. Vamos chegar ao fundo desta questão. Não duvides.

– Uma investigação?

Coelho encandeado pelos faróis. Veados na mira.

– Porém, se o processo aparecer – acrescentou Hartmann –, a investigação não terá qualquer importância, não é verdade?

– Não sei nada sobre isso.

– Bem. Então estamos conversados.

Hartmann e Skovgaard observaram-no a ir-se embora.

– Já estou a lembrar-me dele – disse Hartmann. – Candidatou-se ao cargo de diretor o ano passado. Um sacana arrogante. Nem sequer foi colocado nos primeiros lugares da lista. Está a vingar-se de mim.

– Achas que está a fazer favores ao Bremer?

– Não sei. Ele tem acesso à nossa rede. Manda toda a gente alterar a palavra-chave. Vamos ter mais cuidado.

Hartmann olhou para o gabinete principal.

– Onde diabo se meteu o Morten? Sei que o irritei, mas...

– Meteu baixa por doença. O Morten não é uma pessoa saudável, Troels. Não devia estar a fazer este tipo de trabalho.

– O Morten é diabético. Umás vezes está melhor, outras pior. Tem alterações de humor, por vezes imprevisíveis. Aprende-se a viver com aquilo.

Rie aproximou-se de Troels e sentou-se na beira do sofá.

– Estou aqui há cinco meses. Há quanto tempo é que o Morten trabalha para ti?

Hartmann teve de pensar.

– Intermitentemente? Há uma eternidade.

– E há quanto tempo é que as pessoas te consideram um concorrente sério à presidência da Câmara?

A ambição. Era coisa que nunca lhe faltava. A ambição era uma coisa boa. Nada acontecia sem ambição.

A mão dela desceu para o rosto de Troels.

– Vamos sobreviver sem a ajuda do Morten – disse Rie Skovgaard. – Não te preocupes.

Lá fora estava um dia claro e fazia frio. Um forte sol de inverno. Compradores de fim de semana. Famílias a passear.

Olav Christensen entrou na praça e fez um telefonema:

– Quero que me devolvas esse processo – disse o funcionário.

As coisas estavam a mudar na Câmara Municipal. Ninguém sabia que caminho tomariam.

Silêncio na linha.

– Ouviste o que eu disse?

Estava a ficar zangado, o que talvez não fosse muito boa ideia. Mas não conseguia evitá-lo. Hartmann não era parvo. E também não era um tipo porreiro e ingénuo. Christensen podia ler-lho nos olhos.

Uma investigação...

Os documentos eram rotulados, amontoados, descartados. Demoraria um dia a descobrir que Olav tinha deitado a mão ao processo de Kemal. Vira o problema que poderia causar. Pusera-o de lado, não fosse o diabo tecê-las.

Não havia qualquer saída. Nenhuma mentira que pudesse inventar.

O seu pescoço estaria no cepo num instante. E a carreira iria pelo cano abaixo.

Continuava a não haver resposta.

– Eu fiz-te um grande favor, pá! – um rapazinho que passava com um par de balões vermelhos na mão fitou-o por estar a gritar. – Não me lixes. Preciso de ajuda. Já te tinha dito isto. Se cair, não caio sozinho.

Aquilo era uma estupidez. Soara como um aviso. Olav Christensen sabia exatamente com quem estava a lidar. Com alguém que proferia ameaças, não

com alguém que as recebesse.

– Olha... O que eu estou a tentar dizer-te é que...

Ficou à escuta. Nada. Nem sequer o som lento e ritmado da respiração dele.

– Estou? – disse Olav. – Estou?

Pináculo de tijolos castanhos contra um céu azul-pálido. Sinos a repicar. Máquinas fotográficas e câmaras no exterior. Multidões na rua.

Lund pensou no caso, no trabalho que havia pela frente.

Será que ele também ali estava? O homem que raptara a Nanna, que a violara repetidamente, que a espancara, que atormentara a rapariga durante horas a fio? Os peritos forenses estavam a chegar a algum lado. O sabão na pele dela era recente e diferente de tudo o que havia em casa dos Birk Larsen. Havia sangue por baixo da lama que a rapariga tinha nas unhas, pele cortada desastrosamente por uma tesoura ou corta-unhas. Quantas explicações havia? Apenas uma. Ele dera-lhe banho nalgum lugar, lavara e limpou-lhe a pele ferida e dilacerada, cortara-lhe as unhas das mãos porque a Nanna lutara com ele. A seguir, pusera-a a correr pelo bosque escuro, descalça e na sua reduzida combinação. Até começar a...

Brincar às escondidas.

Meyer tinha dito aquilo e Meyer não era parvo nenhum.

Aquilo era um jogo. Não era bem real. Quando ele a fechara ainda com vida no porta-bagagens da carrinha de campanha de Troels Hartmann e a atirara, enquanto ela gritava, para aquele canal distante, estivera a observar. Como outra pessoa qualquer poderia apreciar um filme. Ou um acidente rodoviário.

Ou um funeral

Um jogo, selvagem e irreal.

Como seria ele?

Vulgar. Os criminosos não são uma raça à parte, marcados por cicatrizes ou estranhas deformidades físicas. Diferentes das suas vítimas. São iguais a elas. Vulgares. Um estranho num autocarro. Um homem numa loja que nos cumprimenta todas as manhãs.

Ou um professor que aparecia na escola, dia após dia, impressionando toda a gente com a sua honestidade, destacando-se apenas pela sua notória decência num mundo onde poucas pessoas se importavam com os outros.

Lund olhava em redor como sempre fazia, olhos brilhantes a vaguear. Observava e imaginava.

Os atos monstruosos não precisavam de monstros. Eram o produto do quotidiano e da mediocridade. Lágrimas cruéis no tecido de uma sociedade que lutava para ser una. Feridas no corpo comunal da cidade, dolorosas e a sangrar.

Lund observou o mar de rostos à sua volta enquanto caminhava, encontrou um lugar na escuridão, junto de um pilar, sentou-se.

Um lugar de onde podia ver sem ser vista.

O órgão começou a tocar. Um hino antigo. Versos de uma canção de Natal de que mal se conseguia lembrar.

Lund não cantava.

Lisa Rasmussen, do outro lado da nave da igreja, não cantava.

Vagn Skaerbaek, o homem de confiança de Birk Larsen, da garagem, rosto sulcado de lágrimas, gorro preto apertado contra o peito, não cantava.

O professor a quem chamavam Rama, sentado num banco com os seus alunos, não cantava.

Perto do altar, junto do caixão branco, Pernille e Theis Birk Larsen não cantavam. Estavam sentados com os filhos, parecendo perdidos, como se tudo – a igreja, as pessoas, a música, mas acima de tudo o caixão branco brilhante a seu lado – fosse irreal.

O padre. Um homem magro com um rosto áspero e triste. Vestido de preto e com um rufo¹² branco, emergiu da escuridão vindo detrás do altar, olhou para o caixão com a sua coroa de flores feita de rosas, olhou lentamente em volta das filas apinhadas e silenciosas à sua frente.

Disse com voz sonante e teatral:

«Despedimo-nos hoje de uma jovem mulher que nos foi tirada demasiado cedo.»

Escondida nas sombras, Lund olhava para os pais. Pernille limpava os olhos. O marido parecia um leão, um velho animal grisalho. Cabeça baixa, rosto rígido, Theis olhava fixamente para o chão de pedra.

«É muito injusto – continuou o padre num tom que lembrou a Lund uma carta para um banco. – Está para lá da nossa compreensão.»

Lund abanou a cabeça. Não. Aquilo não era real. Não podia ser real.

«Por isso, perguntamo-nos: qual é o significado?»

Kemal – Rama. Lund ainda pensava nele dessa forma – estava três filas mais atrás, de fato preto e camisa branca. O cabelo escuro cortado rente.

«Questionamos a nossa fé, a nossa confiança uns nos outros.»

Lund respirou fundo, fechou os olhos.

«E perguntamo-nos: como é que vamos conseguir seguir em frente?»

Ficou rígida perante a frase pavorosa e enganadora. Detestou-a com todo o seu ser. Ninguém seguia em frente. Tinham engolido o seu sofrimento. Esperavam poder enterrá-lo. Mas a dor vivia com eles. Sempre viveria. Uma cruz que tinham de carregar. Um pesadelo constante e recorrente.

«O cristianismo é a paz. A reconciliação e o perdão. Mas não é fácil perdoar.»

Lund concordou. Pensou: aí concordo contigo.

A voz do padre assumiu um tom elevado, etéreo.

«No entanto, quando perdoamos, o passado deixa de nos controlar. E podemos viver em liberdade.»

Lund olhou para o homem de hábito negro, rufo branco. Perguntou a si própria: que diria ele se tivesse estado junto do canal naquela noite sombria e gelada? A observar Theis Birk Larsen aos gritos e enraivecido. A observar as pernas sem vida de Nanna a precipitarem-se do porta-bagagens por entre água nojenta e malcheirosa, ao ver a linha negra de enguias serpenteantes a contorcer-se pelas pernas nuas abaixo.

Será que perdoaria? Poderia perdoar?

O órgão começou a tocar. Reparou em quem cantava e em quem não o fazia. Depois, Sarah Lund saiu da igreja.

Sabiam que o professor estaria no funeral. Por isso, Meyer foi ao apartamento para conversar com a mulher de Rama.

Era meio-dia e ela estava vestida com uma camisa de noite protuberante e um casaco de malha preto.

Não demorou a pô-la a falar sobre a acusação da rapariga, há alguns anos.

– É uma história antiga e estúpida – disse. – Não há nada a acrescentar. – A diretora Koch fez o relatório. – A miúda inventou aquilo. Admitiu-o.

– Conversámos com um homem nos terrenos em Dragør. O canalizador. – A mulher de Kemal fez uma careta. – Ele viu o seu marido a sair cerca das nove e meia na noite de sexta-feira.

– O homem odeia-nos. Nem se dá ao trabalho de pedir o nosso aparador de relva emprestado. Tenho sempre de o pedir de volta.

Meyer perguntou a si próprio: que faria Lund?

– O seu marido saiu?

– Sim. Foi até à bomba de gasolina.

– Quando voltou?

– Cerca de um quarto de hora mais tarde, julgo eu. Fui deitar-me enquanto ele estava fora. Estava muito cansada.

– Acredito. Quando o viu outra vez?

– Por volta das três da manhã. Acordei. Ele estava deitado ao meu lado.

Meyer pensou nas longas pausas de Lund. Naquele olhar fixo e brilhante, implacável.

Meyer despiu o blusão. Os olhos da mulher fitaram a arma à cintura.

– Portanto, não o viu entre as nove e meia e as três da manhã do dia seguinte?

– Não. Mas tenho a certeza de que estava lá. O Rama gosta de ler ou de ver televisão.

A mulher de Rama sorriu-lhe.

– É casado?

– Sou.

– Sabe quando ela está em casa? Não consegue sentir...

Meyer não respondeu. Em vez disso, perguntou:

– Passaram lá o fim de semana inteiro? Enquanto o chão estava a ser lixado?

– Exatamente. Os trabalhadores não estavam a facilitar as coisas.

Meyer levantou-se, começou a andar em volta da sala, verificando os materiais de construção.

Observando.

– Porque é que diz que eles não facilitaram as coisas?

– Não apareceram. Rama teve de lixar ele próprio o chão. No domingo, passou o dia inteiro a colocar azulejos novos na casa de banho.

– Então, o seu marido esteve fora durante todo o sábado e todo o domingo? Saiu logo de manhãzinha?

Enfiada no casaco de malha, a mulher de Rama abraçou o próprio corpo.

– Acho que agora devia ir-se embora.

– Esteve desaparecido entre as seis da manhã e as oito da noite?

– A mulher levantou-se, irritou-se.

– Porque me está a fazer estas perguntas se não acredita numa palavra do que eu lhe digo? Saia. Por favor.

Meyer pegou no casaco. Disse:

– OK.

Perdoai-nos as nossas ofensas.

Pernille mal ouviu o pai-nosso, aquela oração que ouvia e recitava desde criança.

Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.

Só via a madeira branca brilhante. As flores e as notas. O caixão que escondia a verdade. Lá dentro...

Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

Anton acotovelou-a, perguntou numa voz clara, jovem:

– Porque é que o papá não tem as mãos juntas?

Agora e sempre.

– Estejam calados – disse Pernille, pondo um dedo sobre os lábios.

– Porque é que tu também não tens? – perguntou Emil, olhando para as mãos da mãe.

Os rapazes usavam as suas melhores roupas, tinham as pontas dos dedos de uma mão pressionadas contra as da outra.

Os olhos de Pernille encheram-se de lágrimas. A mente encheu-se de memórias...

Ámen.

O som veio primeiro. O som aflautado e suave do órgão. Depois, ergueram-se lentamente formas em seu redor, uma a uma. Flores na mão. Rostos vazios e dormentes. Parentes. Pessoas que Nanna conhecia, bem ou mal. Desconhecidos...

Rosas colocadas sobre o caixão por dedos pálidos e trémulos.

– Nós temos uma coisa – disse Anton. – Mamã. Nós também temos uma coisa.

Anton foi a primeira pessoa da família a pôr-se de pé. Theis, o último, levantando-se movido pelo toque suave de Anton. Juntos, os quatro caminharam na direção dela.

Do seu caixão.

Madeira branca e rosas. Uma fragrância para ocultar um mau cheiro.

Quando lá chegaram, os dois meninos deram as mãos, colocaram um pequeno mapa sobre o caixão. A cidade. Os rios e as ruas de Copenhaga.

– Que parvoíce é essa? – perguntou Theis em voz baixa, furioso. – O que é isso?

– É para a Nanna – respondeu Emil. – Assim, quando ela voar por aqui, pode ver onde nós vivemos.

Junto do caixão, quatro pessoas, ambas ligadas e separadas por emoções que não conseguiam nomear.

Anton, a chorar, perguntou:

– Estás zangado, papá?

Estás zangado?

Não era um homem irritado. Não nos últimos tempos. Não desde que os filhos tinham nascido e preencheram a sua vida.

Pernille sabia disso. Tal como Theis.

E, sobretudo, os rapazes.

– Não – disse Birk Larsen, curvando-se para beijar ambos na cabeça, tomando os ombros dos filhos nos braços amplos, chegando-os para mais perto de si.

Pernille mal notou. Só via o caixão. As lágrimas corriam-lhe, manchas de sal na madeira branca.

A mão de Theis, com dedos ásperos e calejados, estendeu-se e entrelaçou-se na mão dela.

– Theis? – sussurrou Pernille.

Pernille inclinou a cabeça, intrigada por aquela única palavra que a mente estava a formar poder conter tanto significado, tanta vida e mágoa e tristeza.

Olhou para o rosto áspero e grisalho do marido e disse:

– Agora?

Uma pressão dos dedos, um assentimento.

Caminharam pela nave da igreja, passando pelas filas de pessoas. Passando por alunos e professores, vizinhos e amigos. Passando pela mulher polícia curiosa que os observava à porta com olhos brilhantes e tristes.

Em direção à luz pálida do dia, deixando Nanna para trás.

Hartmann estava a ouvir os noticiários hora a hora. Não conseguia evitá-lo. A polícia tinha feito outra declaração, tão absurda como a maioria das

outras. Tinham todos os recursos disponíveis a trabalhar no caso. Buchard, o combativo inspetor-chefe falou, soando brusco e mal-humorado.

– Estamos a seguir uma pista, é tudo o que posso dizer.

Depois veio a informação meteorológica.

Rie Skovgaard entrou, disse irritadamente:

– O meu pai precisa de falar contigo.

Faltava uma hora para o debate com Bremer. Troels tirou uma gravata da gaveta, levantou-se, tentou dar o nó ao espelho.

– Estás ocupado? – perguntou Kim Skovgaard, sentando-se.

– Nunca estou demasiado ocupado para si.

– Então sempre vais ao debate? Vais falar sobre integração? Estrangeiros? Cidadãos exemplares?

– Exatamente.

– A Rie está preocupada contigo, Troels.

– Sim. Eu sei.

– A Rie é uma mulher muito inteligente. Não estou a dizer isto só por ser minha filha. – Kim levantou-se, aproximou-se e pôs a mão no braço de Hartmann. – Devias dar-lhe mais ouvidos. Mas agora deves dar-me ouvidos a mim. Não fales sobre cidadãos exemplares. Hoje não.

– Porquê?

O tom de Skovgaard mudou, tornando-se severo e impaciente.

– Já não basta que um dos teus carros esteja envolvido no caso Birk Larsen. Tudo o que os jornais tiverem sobre ti e os imigrantes será desenterrado dos arquivos e ser-te-á atirado à cara. Guarda a tua paixão por caras escuras para mais tarde. Quando isso te fizer ganhar alguns votos, não perdê-los.

– E hoje à noite?

Skovgaard endireitou a gravata de Hartmann.

– Esta noite vais concentrar-te na habitação. No ambiente.

– Isso não vai acontecer.

Skovgaard já não estava a sorrir, o que era raro.

– Tem de ser. Parece que não percebes. Estou a dizer-te para fazeres isso. Não estou a pedir-te. Há pessoas a ver-te. Aqui. No Parlamento. Vais fazer o que te estou a dizer. – Hartmann permaneceu em silêncio. – Digo isto no teu interesse. No interesse de toda a gente...

– Mas...

– Só estou a tentar ajudar o meu futuro genro. – Kim deu uma palmadinha no braço de Hartmann. Era um gesto condescendente. Propositadamente condescendente. – Terás a tua recompensa, Troels. E não será só no céu.

Hartmann e Rie Skovgaard estavam a caminho do estúdio de televisão. O que começara como uma conversa normal estava a transformar-se numa discussão.

– Sabias que o teu pai vinha cá – disse Troels. – Tramaste isto tudo.

Rie olhou para Hartmann como se ele fosse louco.

– Não. Quem é que achas que eu sou? Maquiavel? O meu pai estava na Rådhus. Apareceu à frente da minha secretária. Que podia eu fazer?

Hartmann perguntou a si próprio se acreditava nela.

– Mas tu concordas com ele?

– Claro que sim. É óbvio. Para todos, exceto para ti. Quando vês um icebergue tentas afastar-te dele. Não...

– Não sou a tua marioneta – interrompeu Hartmann. – Nem a marioneta do teu pai.

Rie parou, ergueu as mãos em desespero.

– Queres que te elejam ou não? Não há prémios para os perdedores. Todos os teus magníficos ideais não significam nada se Poul Bremer for reeleito.

– Essa não é a única questão.

– Então quais são as outras?

O produtor estava a aproximar-se deles.

Skovgaard sorriu-lhe, tornou-se suave e encantadora num instante.

– Agora não, Troels – sussurrou Rie.

Lund foi dar com Meyer no Pátio Memorial, um espaço aberto no rés-do-chão do Politigården. Silencioso e solitário. Uma estátua, o Matador de Dragões, o combate do bem contra o mal. Numa parede, os nomes de cento e cinquenta e sete polícias dinamarqueses mortos pelos nazis. Noutra lista mais curta: os que tinham morrido em serviço mais recentemente.

Meyer olhava para aquela parede, fumando ansiosamente.

– Como era ele? – perguntou Lund.

Meyer deu um salto, surpreendido com a presença dela.

– Quem?

– Schultz.

Olhar ferido. Acusador, também.

– Andaste a investigar-me?

– Procurei informações sobre o Hartmann no arquivo de imprensa. Aproveitei...

Quatro anos antes. Lund lembrava-se vagamente do caso. Um agente à paisana dos Narcóticos fora assassinado em Aarhus por um dos bandos. Meyer era o seu parceiro. Ficou mal no dia em que o colega foi morto. E, desde então, a sua carreira tinha sofrido altos e baixos.

– Foi parvo – disse Meyer. – Foi ter com eles sozinho. Se tivesse esperado um dia, eu já estaria de serviço outra vez.

Lund assentiu na direção da parede.

– Nesse caso, talvez houvesse ali dois nomes em vez de um.

– Talvez. – Meyer encolheu os ombros. – A questão não é essa.

– Qual é, então?

– Nós éramos uma equipa. Fazíamos as coisas juntos. Protegíamo-nos um ao outro. O acordo era esse. Ele quebrou-o. – Lund não disse nada. – E eu fiz o mesmo quando me esqueci de pedir um cachorro-quente para ti. Mil perdões.

– Não é bem a mesma coisa.

– Eu acho que é.

Meyer sacou uma banana meio comida do bolso, deu-lhe uma dentada entre passas no cigarro.

– Buchard quer falar connosco – disse Lund.

De volta ao gabinete. Um pacote de batatas fritas vazio repousava sobre a secretária. Ao lado de um Buchard cético.

– Kemal deixa a mulher para ir encontrar-se com a rapariga. Discutem no apartamento – disse Meyer. – Lund estava ao telefone. – Amarra-a e droga-a. E vai para casa de carro.

Buchard apoiou o queixo no punho, olhando para Meyer com os seus olhos redondos como contas de vidro. Não disse nada.

– No sábado de manhã, afirma que os trabalhadores tinham dito que não iam. Mas, na verdade, foi Kemal quem lhes disse para não irem trabalhar. – Buchard preparou-se para dizer mais alguma coisa. – Os trabalhadores confirmaram – disse Meyer rapidamente. – Eu localizei-os.

A voz de Lund subiu de tom do outro lado do gabinete.

– Temos tempo, mãe. Não estejas em pânico. Eu disse que ia lá estar. Porque é que não acreditas em mim? Está bem?

A chamada terminou. Sacou uma embalagem de *Nicotinell*, olhou para os cigarros em cima da mesa.

– Depois – prosseguiu Meyer –, Kemal regressa ao apartamento e para junto da rapariga. Espera que escureça. Então, pega no carro da escola, regressa ao apartamento, carrega a rapariga para o carro e segue até ao bosque.

Lund aproximou-se, sentou-se, ouviu.

Meyer estava a gostar da sua ideia.

– No domingo, Kemal elimina todas as pistas, lixa o chão e coloca os azulejos.

– Eu vou andando – disse Lund a Buchard. – Depois falo convosco.

Meyer acenou-lhe.

– Espera, espera – gritou. – Qual é o problema? Partilha o segredo aqui com o parvinho do Jan. Por favor. – Ficaram os dois a olhar para ele. – Por favor – repetiu Meyer.

– Como é que Kemal poderia ter levado o carro do Hartmann? – perguntou Lund.

Meyer debateu-se.

– Provavelmente encontrou a chave na escola na sexta-feira à noite.

Meyer observava Lund, à espera. Buchard fez o mesmo.

– Não acho que ele seja assim tão estúpido – disse Lund. – Na verdade, acho que é muito inteligente.

– Exatamente – concordou Meyer.

– Se fosse a ti – disse Lund – não implicava Kemal até encontrar uma prova irrefutável.

Lund sorriu.

– Mas o caso é teu – Lund estendeu a mão. – Obrigada por tudo. Tem sido muito...

A palavra parecia escapar-lhe. – Muito educativo.

Meyer pegou-lhe na mão, apertou-a vigorosamente.

– Acredita que tem, Lund.

– Deixei o meu número de telemóvel em cima da secretária. Se... – Meyer fitou-a. – Tenho a certeza de que não vais precisar dele. Mas...

Buchard estava sentado à secretária com um ar tristíssimo. Antes que pudesse dizer uma palavra, Lund também lhe apertou a mão e despediu-se.

Em seguida, saiu do quartel-general da polícia de Copenhaga. Carreira acabada. Emprego perdido.

Caso ainda em aberto.

O táxi tinha um ecrã suspenso. Com Mark de um lado e Vibeke do outro, Lund assistia ao noticiário da noite. Um debate entre Hartmann e Bremer. Todas as sondagens afirmavam que a luta pela Câmara Municipal era uma batalha entre aqueles dois. Um passo em falso de um deles poderia conceder a vitória ao outro.

– Ainda não comprámos cerveja nem *brandy* – queixou-se Vibeke.

– Temos muito tempo.

– E chocolates para acompanhar o café.

– Tenho a certeza de que também vendem chocolates na Suécia.

– Mas não chocolates como os *nossos*!

O telemóvel de Lund tocou. Olhou para o número.

Skov. O detetive que enviara à caça de informações sobre Theis Birk Larsen depois de Buchard ter recebido a informação do detetive reformado.

Esperou. Pensou em ignorar a chamada. Acabou por atender.

– Então, demoraste tanto tempo a atender! – o detetive parecia animado. –

O agente reformado deu-me o processo.

– Ah!

– Não queres saber o que diz?

– Entrega-o ao Meyer.

Skov hesitou.

– Ao Meyer?

– Foi o que eu disse.

O boletim meteorológico. Lund pegou no controlo remoto, desligou o televisor.

– O que é que diz?

– É um caso de há vinte anos. Uma vingança entre traficantes de droga.

Nunca chegou a tribunal.

Mark olhou em volta, murmurou:

– Esqueci-me do boné. Deixei-o em casa da avó...

– Parece-me que...

– Mãe?

– Eu compro-te um novo.

O detetive continuou a zumbir-lhe ao ouvido:

– É sobre um...

– Não quero um boné sueco.

– Agora não vamos voltar para trás, Mark.

Silêncio ao telefone.

– Estou a ouvir – insistiu Lund.

– A sério? – disse Skov. – Envolveu um estivador de Christianshavn. Foi espancado. Quase morto. Nunca encontraram o responsável. Theis Birk Larsen era o principal suspeito. Interrogaram-no.

– Mark!

O rapaz estava à procura de mais qualquer coisa no chão do carro.

– Esqueci-me...

– Não quero saber do que te esqueceste – retorquiu. – Vamos embora.

– *Brandy*, cerveja e cigarros – resmungou a mãe do outro lado.

– Birk Larsen tinha um motivo – disse o detetive. – O traficante tinha ameaçado revelar alguma coisa que o envolvia. Ia falar connosco.

– Acerca de quê?

– Não sei. Depois da tarefa que levou nunca mais abriu a boca. Parece que ficou cheio de medo de Birk Larsen. O homem tem má reputação. Violência. Mau feitio. Espera... ainda estou a ler isto. Há uma segunda pasta por baixo.

– Então, tão alto que Lund teve de afastar o telemóvel do ouvido, Skov exclamou: – Jesus!

Mark não parava de mexer em tudo, a mãe de Lund continuava a resmungar.

– O que foi? – Silêncio. – O que foi?

– Voltaram lá um mês depois para ver se o traficante tinha mudado de ideias. A Secreta pediu que lá voltassem. Queriam mesmo caçar Birk Larsen.

– E?

– E mais nada. Encontraram-no morto. Eu tenho as fotos aqui. Jesus...

– O que é?

– Isto foi pior do que da primeira vez. O tipo parece uma peça de carne.

– OK – interrompeu Lund. – Tens de dizer isso ao Meyer.

– O Meyer está ocupado.

– Diz-lhe que me ligue imediatamente.

– OK. Até logo.

A garagem estava cheia, o velório tranquilo. Sem discursos. Sem música. Apenas mesas cobertas com toalhas brancas e flores, cadeiras portáteis, comida simples.

Theis Birk Larsen vagueava por entre os convidados, assentindo, dizendo pouca coisa. Observando os filhos, Emil e Anton, a ficarem cada vez mais confusos e aborrecidos.

Pernille andava de mesa em mesa. Ouvia, raramente falava. Deixava que o murmúrio suave de tantas vozes anestesiase a sua alma enlutada e ferida.

Aquilo era um negócio. As pessoas continuavam a telefonar. Os clientes. Não faziam ideia do que tinha acontecido.

Junto à porta, sob o telheiro, Vagn Skaerbaek atendia as chamadas, observando de olhos tristes, enfiado numa camisola e numas calças de ganga pretas.

Café e água. Sanduíches e bolo.

Birk Larsen caminhava como um fantasma entre as mesas, certificando-se de que as chávenas estavam cheias e que os pratos nunca ficavam vazios. Um empregado de mesa sem nada para dizer.

Então, no escritório, junto da cafeteira prateada quente, Skaerbaek encurralou-o.

Theis. Acabei de receber uma chamada.

– Hoje não trabalhamos, Vagn. Estou a fazer café.

– Falei mesmo agora com a mulher de Jannik. A mulher da escola.

Birk Larsen fechou a torneira, pôs a chávena meio cheia em cima da mesa. Avançou para as sombras, para longe das pessoas lá fora.

– Agora não é o melhor momento.

– Não – insistiu Skaerbaek. – Agora é o melhor momento.

– Já te disse. Isso pode esperar.

– Soube uma coisa.

Birk Larsen olhou para ele. Aquele rosto de desordeiro que conhecia desde a infância. Mais alinhado. O cabelo a recuar. Ainda um pouco assustado. Um pouco estúpido.

– Já te disse, Vagn. Estou a fazer café. Skaerbaek olhou para ele. Desafiador. Irritado, até.

– Ele está aqui – disse Vagn.

Birk Larsen abanou a cabeça, coçou o queixo, a face, perguntou a si próprio porque não era capaz de se barbear como devia ser num dia como aquele.

Perguntou:

– Quem?

– O tipo que a polícia acha que fez aquilo à Nanna. – Os olhos escuros e traiçoeiros de Skaerbaek brilhavam. – Ele está aqui.

Um nome. Dito com a aversão selvagem que Skaerbaek reservava aos estrangeiros.

Pelo vidro, Birk Larsen olhou fixamente.

* * *

A sala começou a esvaziar-se. O velório estava a chegar ao fim. Bastante tempo depois, Theis saiu do escritório, atravessou a sala com passos lentos, pesados, tentando pensar nas palavras certas para dizer. No mais acertado a fazer.

Pernille estava a agradecer a coroa de flores ao professor.

Rama, inteligente e bonito, de fato escuro, elegante e apresentável de uma forma que Birk Larsen sabia que nunca conseguiria imitar, disse:

– É da escola. De todos nós. Alunos e funcionários.

O homem olhou para Birk Larsen, esperando algo.

Palavras.

– Precisamos de café.

Pernille fitou-o, afrontada pela grosseria do marido.

– Queres que eu faça café?

Um assentimento.

Pernille saiu.

Palavras.

– Obrigado por nos receberem em vossa casa – disse o professor. Birk Larsen olhou para a mesa. As chávenas, os copos, os pratos com alimentos meio comidos. Acendeu um cigarro.

– Foi muito importante para os colegas de turma da Nanna poderem despedir-se dela.

A voz do professor era suave e doce. Continha apenas um ligeiro toque de exotismo. Não era como as vozes da maior parte deles, desarticulada.

Estranha. Estrangeira.

– E também foi muito importante para mim – disse Rama, estendendo a mão para tocar no braço de Theis.

Algo nos olhos de Birk Larsen o deteve.

* * *

Parques e entretenimento. Tecnologia limpa e empregos ambientais. A entrevista estava a correr bem. Hartmann sabia disso. E o estúdio também. Troels conseguia perceber isso pelo tom das perguntas, das cabeças que concordavam, por detrás das câmaras, no escuro.

E também por causa das respostas duras de Poul Bremer.

– Deve estar satisfeito com todas essas ideias, senhor presidente?

O entrevistador era uma mulher que Hartmann conhecia. Inteligente e atraente.

Um assentimento daquela douta cabeça grisalha.

– Claro. Mas vamos falar sobre outro assunto. Imigração. Sobretudo acerca de cidadãos exemplares.

Bremer olhou para a câmara, depois para Hartmann.

– Francamente, Troels. Não passam de um chamariz.

Hartmann ficou hirto.

– Tenta perguntar isso nos seus guetos.

Uma risada cordial.

– Construímos apartamentos acessíveis a pessoas que, na sua maioria, chegaram aqui sem terem sido convidadas. Eles parecem estar gratos. Não lhes podemos dizer onde viver.

Hartmann estava a começar a ferver.

– Podes tentar resolver as injustiças sociais...

– Vamos voltar aos cidadãos exemplares – interrompeu Bremer. – Pareces tão fascinado por eles. Por esta tua invenção. Porquê tanto interesse? Porque são tão importantes?

– As injustiças sociais...

– Porquê tratar os imigrantes de forma diferente? Não vou tolerar a discriminação das minorias. Mas tu queres conceder direitos às minorias que são negados aos restantes cidadãos deste país. A pessoas nascidas na Dinamarca. Porque não tratá-los como são tratados todos os outros?

Troels Hartmann respirou fundo, estudou o homem do outro lado da mesa. Tinha ouvido aquelas táticas traiçoeiras muitas vezes...

– A questão não é essa e tu sabes disso.

– Não sei não – respondeu Bremer. – Esclarece-me. Qual é a questão? Hartmann procurou febrilmente as palavras certas. Bremer sentiu algo. – Agora não pareces muito orgulhoso dos teus cidadãos exemplares. Porquê?

Poul Bremer sabia de alguma coisa. Estava escrito naquele sorrisinho trocista. As mãos de Hartmann contorceram-se. A boca abriu-se. Para não dizer nada.

Na escuridão, Hartmann ouviu uma instrução em voz baixa.

– Não o larguem. Câmara um.

A carreira de um político podia esfumar-se num instante. Com uma única ação impensada. Uma única palavra descuidada.

– Tenho muito orgulho neles.

– Ai tens? – perguntou amavelmente Bremer.

– Aquelas pessoas trabalham sem remuneração para tornar Copenhaga um sítio melhor. Devemos agradecer-lhes. Não descartá-los como cidadãos de terceira classe

– Isto é maravilhoso.

– Deixa-me responder!

– Não. Não. É maravilhoso.

Um olhar de relance para a câmara. Então, os olhos frios de Bremer caíram sobre o homem do outro lado da mesa.

– Mas não é verdade que alguns dos teus cidadãos exemplares são eles próprios criminosos?

– Isso é absurdo.

– Sê franco connosco. Um deles está envolvido num caso de homicídio.

A entrevistadora interrompeu-os.

– A que caso de homicídio se refere?

– Pergunte a Troels Hartmann – disse Bremer. – Ele sabe.

– Um caso sob investigação? – perguntou a mulher.

– Como eu disse. Um homicídio. Mas... – Bremer franziu a testa como se não estivesse disposto a continuar, por uma questão de bom gosto. Mas tinha trazido o assunto à baila. A bomba fora lançada. – Hartmann é o vereador da Educação. Pergunte-lhe.

– Não – agora era a entrevistadora que estava irritada. – Isto é inaceitável, Bremer. Se não for mais específico terá de deixar cair esse assunto.

– Inaceitável? – Bremer ergueu as mãos. – O que é inaceitável é...

– Para com isso!

Hartmann falou tão alto que um técnico que estava perto da mesa arrancou os auscultadores dos ouvidos.

– Imaginemos que tens razão. Suponhamos que isso é verdade.

– Sim – concordou o velho. – Vamos supor que sim.

– E então? Se um imigrante comete um erro, isso implica todos os imigrantes? Isso é um absurdo e tu sabes. Se assim é, então, o que se aplica a um político deve aplicar-se a todos eles.

– Estás a fugir à questão.

– Não – Hartmann já não se importava com o que aquilo pudesse parecer.

– Estes cidadãos exemplares têm feito mais pela integração em quatro anos do que tu conseguiste durante todo o tempo que ocupaste o cargo. E sem serem remunerados nem receberem quaisquer agradecimentos. Enquanto tu não fizeste nada...

– Não é verdade...

– É verdade!

Hartmann ouviu o eco a devolver-lhe as suas próprias palavras furiosas, vindas do ventre escuro do estúdio.

Bremer relaxava na cadeira, de braços cruzados, presunçoso e satisfeito.

– Eu tenho planos para Copenhaga – começou a dizer Hartmann.

– Vamos ouvir mais acerca deste assunto – interrompeu Bremer. – Julgo que vamos ouvir mais acerca disto muito em breve.

Kastrup. Um quarto de hora para a partida. Os lugares ficavam a meio do avião. Mark à janela. Vibeke no meio. Lund no corredor, de telemóvel na mão.

Meyer tinha ligado.

– Já ouviste aquilo do Birk Larsen? – perguntou Lund, arrumando a mala no apinhado compartimento da bagagem.

– Não. Mas descobrimos a bicicleta da rapariga. O que é que queres?

– Que bicicleta?

– Um carro-patrolha mandou parar uma rapariga que andava numa bicicleta sem luzes. Descobriu-se que era a bicicleta da Nanna.

Uma hospedeira com ar severo aproximou-se de Lund e ordenou-lhe que desligasse o telemóvel.

– A rapariga disse que a tinha encontrado e que a bicicleta estava à porta da casa do Kemal. Vamos buscá-lo. Onde estás?

– No avião.

– Desejo-te um bom voo.

– Meyer. Fica de olho em Birk Larsen.

Lund sentou-se. A hospedeira estava na parte da frente do avião, a chatear outra pessoa qualquer.

– Porquê?

– Lê o processo do caso antigo como eu te disse. Não deixes que o Birk Larsen se aproxime do Kemal.

Lund conseguiu ouvi-lo a puxar de um cigarro.

– Agora é que me dizes isso. Acabaram de deixar o velório juntos. Birk Larsen ofereceu-lhe boleia no carro dele.

– O quê?

– Mandeí um tipo ir buscar o Kemal. Ele estava lá quando o funeral acabou, mas o Birk Larsen já lhe tinha oferecido boleia. Qual é o problema?

– O Kemal já chegou a casa?

– Ouve – Meyer estava a ficar irritado. – O Birk Larsen não sabe de nada. Se soubesse, porque teriam deixado Kemal entrar em casa deles? Porque...

– O Kemal já chegou a casa? – repetiu Lund.

– Por acaso, não. Ouve, Lund, não tenho tempo para isto. Vai voar longe.

– Meyer!

A linha ficou muda.

A hospedeira voltou, mandou Lund apertar o cinto de segurança.

Ainda estavam ligados ao terminal, com a porta do avião aberta. Não por muito tempo.

Lund deu um soco no telemóvel.

– Já a avisei uma vez – disse a mulher. – Desligue o telemóvel e aperte o cinto de segurança. Vamos partir.

Lund fitou o mostrador. Carregou no botão para desligar o telemóvel. Reparou que Mark estava a olhar para ela. A mãe também. Provavelmente já estavam a olhar para ela há algum tempo.

Ouviu-se a voz do piloto. Disse as coisas do costume.

Bem-vindos a bordo do vosso voo para Estocolmo. Vamos deixar o terminal a qualquer momento. Apanharemos bom tempo durante a viagem. Esperamos chegar ao nosso destino à hora marcada...

Lund pensou em Nanna e no professor. Em Meyer e em Theis Birk Larsen.

A hospedeira tinha a mão na porta. Estava a conversar com o homem na extremidade do terminal. A preparar-se para a fechar. A dizer adeus.

– Tragam a nossa bagagem – disse Lund, libertando-se do cinto de segurança.

– O quê? – rugiu a mãe.

Mark deu um soco no ar, gritou:

– *Yes!*

Depois, Lund caminhou até à entrada do avião, acenando com o distintivo da polícia numa mão e apertando o telemóvel contra o ouvido com a outra.

Por entre a escuridão, a carrinha de Theis Birk Larsen acelera. No lugar do passageiro, o professor fala.

Sobre a escola. Sobre Nanna. Sobre famílias e crianças.

Palavras que passam ao lado do homem grande ao volante.

De Vesterbro para o centro da cidade. Passando pelo Parlamento e por Nyhavn. A água. O terreno vazio em redor do Kastellet¹³.

Estradas escuras e compridas, tornando-se estreitas e desertas.

O professor calou-se.

Então disse:

– Acho que já passámos a nossa saída.

Birk Larsen conduzia sem parar, embrenhando-se na noite escura tentando pensar. Desejando conseguir encontrar as palavras.

– Pois passámos – disse Theis. E continuou a conduzir.

No táxi, de regresso do aeroporto, Lund ditava instruções para a sala de controlo do Politigården. Carrinha vermelha com a matrícula UE 93 682. Da empresa de mudanças Birk Larsen. Alerta geral para mandar parar a carrinha e aguardar novas ordens.

Vibeke seguia no banco traseiro, a falar rispidamente com Mark.

– Claro que vais para a Suécia. Não pensavas que um truque disparatado da tua mãe ia impedir que isso acontecesse, ou pensavas?

Quando Lund terminou o telefonema, Vibeke disse numa voz muito baixa e arrastada:

- Coitado. Que vai o pobre homem pensar?!
- Bengt não pensa apenas nele próprio. Compreende-me melhor do que tu. A mãe fez-lhe uma careta.

– Para teu bem, espero que sim – um olhar longo e crítico. – Então e não devias ligar-lhe? Dizer-lhe que já não adianta ir esperar-nos ao aeroporto?

Lund concordou.

– Ia agora mesmo telefonar-lhe. Obrigada.

Svendsen estava à porta da casa do professor quando Meyer chegou. Kemal ainda não tinha chegado. A mulher não sabia dele. Theis Birk Larsen estava desaparecido. Não atendia o telemóvel.

– Onde está o carro de Kemal?

– Ainda está na garagem.

– OK. Vais outra vez fazer a viagem de casa de Birk Larsen até aqui.

O detetive empertigou-se.

– Já fizemos isso.

– Conheces as palavras que acabei de dizer? *Outra vez?*

Svendsen não se mexeu.

– Dou Kemal como desaparecido?

– Para quê? – perguntou Meyer.

– A Lund falou com o Skov antes de se ir embora. Birk Larsen era perigoso.

Meyer atirou uma pastilha elástica para a boca, aproximou-se do homem, olhou em redor, começou a chamar:

– Lund! *Lund!*

Encolheu os ombros. Olhou para o polícia e perguntou:

– Estás a ver a Lund por aqui?

O homem olhou para Meyer, não disse nada.

– A partir de agora fazemos as coisas à minha maneira. Certo? A Lund está noutra dimensão. Está a ordenhar vacas ou algo do género.

O rádio grasnou. Uma mensagem sobre a carrinha de Birk Larsen.

Meyer comunicou com a sala de controlo e disse:

– Daqui 80-15. Não pedi busca nenhuma. Que se passa?

– A busca foi pedida pela *vicekriminalkommissaer* Lund.

Meyer tentou rir-se.

– A Lund está na Suécia. Acabem lá com as gracinhas.

– Ela telefonou para aqui há cinco minutos e pediu uma busca – uma pausa.

– Nós não dizemos gracinhas.

Comunicação terminada.

– Fala Theis Birk Larsen. Deixe o seu nome e número de telefone. Ligue assim que puder.

Pernille estendeu o telefone enquanto a mensagem era reproduzida. Lund ouviu. O táxi tinha ido levar Vibeke e Mark a casa. Lund estava sozinha com a mulher de Birk Larsen, por entre pratos sujos, chávenas sujas, copos sujos e as mesas deixadas como tinham ficado depois do velório de Nanna.

– E não tem ideia de onde o seu marido poderá estar? – perguntou Lund.

– Theis foi levar o Rama a casa.

Pernille parecia pálida, exausta. E curiosa.

– Porquê tanta urgência em encontrá-lo?

– Aconteceu alguma coisa antes de eles saírem? Entre os dois?

– Eu estava a conversar com o professor. Theis aproximou-se. Queria que eu fizesse mais café.

Lund examinou os restos do velório, a garagem vazia.

– Por isso eu fui fazer mais café. Para os convidados. Mas, afinal, o que se passa?

– O seu marido parecia zangado ou perturbado. Ou...

– Perturbado?

Pernille Birk Larsen lançou-lhe um olhar fulminante. Era uma mulher forte, pensou Lund. Quase sempre à altura do marido, certamente.

– Como é que acha que Theis se sente hoje? Como é que acha que eu me sinto? Olhe à sua volta. Além disso, você esteve em todo o lado, não foi?

– Pernille.

– Em todo o lado...

Ouviu-se um ruído vindo do escritório. O homem que parecia estar sempre ali, um dos empregados, estava lá.

Lund sabia o nome dele. Tinham investigado todos os funcionários. Pequenos delitos. Tal como Birk Larsen.

Vagn Skaerbaek.

– O seu marido pode estar prestes a fazer um grande disparate – disse Lund, observando cuidadosamente a mulher. – É importante que eu o encontre.

– Porquê? Que disparate é que Theis poderia fazer?

Ouviu-se uma voz jovem vinda das escadas. Um dos rapazinhos, a chamá-la.

– O meu filho precisa de mim – disse Pernille. E depois saiu.

Lund foi logo para o escritório, mostrou a identificação ao homem.

– É amigo dele?

Vagn estava a mexer nuns papéis. Não olhou diretamente para Lund.

– Sim.

– Onde foi Theis?

Resposta pronta:

– Não sei.

Mais papéis. Lund aproximou-se, tirou-lhos das mãos.

– Ouça. Isto é importante. Se é amigo dele deve ajudá-lo. – Para onde é que eles foram?

Vagn tinha uma corrente prateada e um rosto de rapaz a envelhecer. Lund tinha lidado com uma geração de pessoas como aquele homem. Pouco dinheiro. Poucas perspetivas. Sabia o que podia esperar.

– Não faço ideia.

Ruído à porta. Alguém a mastigar, a pigarrear. Lund já tinha reconhecido a presença dele.

Lund estava a falar ao telefone com a central quando se virou para olhar para Meyer.

– Preciso que localizes dois telemóveis. O de Theis Birk Larsen e o de Rahman Al Kemal. Toma os números. – Passou o telemóvel a Meyer e acenou com a cabeça: – Já!

– Vais pagar bem caro por isto, Lund.

– Agora não temos tempo para essas tretas. Vagn?

O amigo de Birk Larsen estava outra vez ao fundo do escritório, escondido.

– Onde são os vossos armazéns?

Meyer estava ao telemóvel, a tratar de localizar os números.

– Vagn?

Lá fora, junto do cais, a norte da cidade, nas docas desertas, em Frihavnen. Chuva como lágrimas a cair de um céu negro e infinito.

A carrinha vermelha seguiu lentamente até ao fim da estrada. Um pequeno muro de betão. Um caminho junto à água. Sem carros. Sem iluminação. Sem um único sinal de vida.

Theis Birk Larsen bateu com os pneus dianteiros no pequeno muro, puxou o travão de mão.

Tinham estado assim sentados durante quase uma hora enquanto Theis conduzia pela cidade. Para norte. Para lado nenhum. Quase sem trocarem uma palavra.

Theis desligou o motor. Os faróis. Ficou apenas uma luz mortiça por cima do espelho, entre eles.

O telemóvel de Birk Larsen tocou mais uma vez. Tirou-o do bolso. Desligou-o sem responder. Voltou a guardá-lo. Olhou fixamente em frente.

– Que se passa? – perguntou o professor. – Que...

Birk Larsen esticou a mão, abriu a porta, desceu da carrinha.

Aconchegou-se no casaco do fato que vestira para o funeral. Atravessou o vento tempestuoso e a chuva gelada e aproximou-se da margem.

Voltou-se, olhou para a carrinha. Um rosto escuro no para-brisas. Preocupado, cinzento sob a luz fraca.

Birk Larsen tirou um maço de cigarros do bolso, acendeu um com dificuldade no meio da enxurrada. Protegeu-o com o ombro amplo. Avivou a chama.

Sozinho no seu gabinete, Troels Hartmann estava outra vez sintonizado no telejornal. Em tempos quisera ser a notícia principal. Agora não. Não daquela maneira.

«A batalha para o cargo de presidente da Câmara tomou um rumo dramático quando Bremer acusou um dos cidadãos exemplares de Hartmann de estar envolvido num caso de homicídio.»

Rie Skovgaard entrou, entoando o «sem comentários» padrão para mais um dos muitos jornalistas em busca de uma entrevista. Saiu de cena, entregou a Hartmann uma folha de papel.

– O Partido do Centro quer uma reunião. Tive de prometê-la.

Hartmann desligou o televisor. Rie estava a sair do gabinete.

– O que disse a polícia? – perguntou Troels.

Rie parou à porta.

– Não consigo apanhar ninguém. Troels?

Skovgaard nem sequer parecia cansada. Tinha crescido no mundo conflituoso da política da cidade do qual o pai de Hartmann fora excluído. Era como se tudo aquilo fosse completamente natural...

– Apercebeste-te de que tens de suspender Kemal e emitir uma declaração? Caso contrário...

– Não antes de falar com a polícia. Quando me derem uma razão...

– Tens de fazer isso! É importante mostrar que não tens nada a esconder. Trata-se de transparência.

– Não. Trata-se de desistir. De deixar que seja a pressão a ditar o que fazemos. Não aquilo que é mais correto.

Hartmann levantou-se da cadeira, encontrou o casaco. Sentia-se calmo. Satisfeito por ser aquele o caminho a seguir.

– Bremer está a mexer nesta história por algum motivo...

Skovgaard encostou-se à porta, virou a cabeça da esquerda para a direita. O cabelo escuro a mover-se. Como é que Morten dizia? O olhar fúnebre à Jackie Kennedy.

– Devias ter seguido o guião. Sem mencionar os cidadãos exemplares. Só porque Bremer os referiu, não tinhas obrigatoriamente de o seguir.

– Fiz o que estava certo.

– Estragaste tudo.

– Isso é o papá a falar?

Rie perdeu o controlo, atirou-lhe:

– Não, sou eu. Eu quero que tu ganhes. Não que desperdices as oportunidades à toa.

– As oportunidades de quem, Rie? As minhas? As tuas? As do teu pai?

Rie abanou a cabeça, semicerrou aqueles olhos brilhantes, penetrantes.

– É assim que vês as coisas?

– Eu perguntei...

– Sabes uma coisa, talvez eu não seja a melhor assessora para ti. De que adianta? Tu ignoras completamente tudo o que eu digo.

Um ponto de viragem.

– Talvez não – disse Hartmann.

– A verdade é esta, Troels. O professor é culpado. Não importa se o vão ou não condenar.

– Achas?

– Se é isso que a imprensa diz. E eles realmente...

Troels tirou o casaco do cabide.

– Fala com a polícia. Se eles disserem alguma coisa... se prenderem esse homem. Se me disserem que ele é culpado...

– Tarde demais.

– Aí sim, eu atuo.

Rie viu-o a preparar-se para sair.

– Onde vais? – perguntou Skovgaard. – Troels? Onde?

– Já terão localizado os telemóveis?

Meyer não respondeu. Ainda estava a fazer uma chamada.

Lund consultava os documentos na parede, a tentar localizar as instalações da empresa, vigiado por um Skaerbaek silencioso e mal-humorado.

Lund ditou-as para a sala de controlo. Um armazém em Sydhavnen. Um depósito em Valby. Um armazém em Frihavnen, sem morada.

– Em que zona de Frihavnen? – perguntou a Skaerbaek.

– Nunca lá fui.

Havia um armário cheio de chaves. Lund inspecionou-as atentamente.

– E esta oficina? Será que Theis pode estar lá?

– Já lhe disse que não sei de nada.

Meyer desligou o telemóvel.

– Temos um registo captado pela antena de uma operadora de telemóveis. Kemal está em Frihavnen.

Área do porto. Não é muito usada à noite. É fácil esconder alguma coisa, pensou Lund.

– Ele está em Frihavnen – disse ao controlo. – Mandem lá um carro.

Agora já não chovia. Apenas se ouvia a água escura do Øresund a correr, a Suécia ficava na margem oposta, a distância incerta. As ondas refletiam-se nas luzes do outro lado do canal. Birk Larsen estava na borda, iluminado pelos faróis da carrinha. De regresso ao mundo.

Um som. Theis virou-se. O professor tinha saído da carrinha. Não estava a correr. E podia fazê-lo. Era mais jovem e estava em melhor forma. Podia fazer todo o caminho de volta à cidade. Esquivar-se de Birk Larsen e da carrinha.

Em vez disso, Rama caminhou até ao canal. Fitou as ondas.

– Lamento...

Nunca perdiam completamente o sotaque. Nunca se importavam que isso se notasse.

– A minha mulher está à minha espera. – Palavras. Onde estavam as palavras? – Está grávida. Não quero que ela se preocupe. Talvez eu devesse telefonar-lhe e dizer-lhe...

Outro cigarro na mão de Birk Larsen. Mal lhe tocara. Mas agora ergueu-o até aos lábios, arrastou o fumo áspero para os pulmões. Desejou que o fumo se espalhasse a partir deles, que preenchesse o seu corpo maciço. Que o transformasse em nada. Que o tornasse invisível. Que o fizesse desaparecer.

Palavras.

Deviam ser acerca dela. Acerca de mais ninguém. Sempre.

– A Nanna nasceu a olhar para as estrelas. Sabia disso?

O professor abanou a cabeça.

– Dizem isso quando olhamos para cima quando nascemos. E quando, nos olhos da nossa mãe, vemos também outra coisa diferente. O céu.

Tantas lembranças. Um emaranhado de imagens e sons. Uma criança é uma criança. A sua vida flui como um rio, sem nunca parar, sem nunca se fixar.

– Nós dissemos que ela seria astronauta. Os pais dizem... – Theis deu mais uma passa no cigarro. – Dizemos coisas tão estúpidas. Fazemos promessas estúpidas que nunca vamos cumprir.

O professor concordou. Como se soubesse.

Birk Larsen atirou o cigarro para o canal. Encolheu os ombros. Voltou a olhar para a carrinha.

– A Nanna gostava de ir à escola, não gostava?

– Sim, muito.

Bateu com os pés para tentar afastar o frio húmido.

– Eu não era bom na escola. Metia-me em sarilhos. Mas a Nanna era...

Memórias.

– A Nanna era diferente. Melhor do que eu.

Havia uma expressão no rosto escuro do professor. A que os professores mostravam aos pais.

– A Nanna era uma aluna muito capaz.

– Capaz?

– Trabalhadora.

– E ela gostava de si, não era?

Memórias. Queimavam como ácido.

O homem ficou em silêncio.

– A Nanna falou-nos das suas aulas.

Birk Larsen deu um passo em direção a Rama.

– As pessoas estão a falar de si, professor.

Rama estava a transpirar. Não era chuva.

– Independentemente do que tenha ouvido... – Rama abanou a cabeça. Não se mexeu. – Posso assegurar-lhe. A Nanna era minha aluna. Eu seria incapaz de...

Birk Larsen esperou.

– Seria incapaz de quê, professor?

– Seria incapaz de a maltratar.

Mais perto. O hálito de Rama era doce. E não cheirava a pastilhas de mentol. Era algo exótico.

– Então porque é que as pessoas falam?

Rapidamente:

– Não sei.

Birk Larsen abanou a cabeça.

Esperou.

Muito tempo. Depois, o professor disse, com alguma raiva na voz:

– Eu não lhe toquei. Nunca faria isso. Isto é tudo um mal-entendido.

– Um mal-ent...

– Vou ser pai!

Dois homens junto da massa fria do Øresund.

Um deles caminhou até à carrinha. Ligou o motor. Olhou para a figura alta e arqueada apanhada pelos faróis à beira do canal.

* * *

Meyer estava pendurado ao telefone, sem conseguir chegar a lado nenhum. Skaerbaek estava a fazer cara feia a um canto. Pernille Birk Larsen estava farta.

– Será que se excita com isto? – atirou-lhe a mulher. – Foi ao funeral da minha filha. Eu não sei o que é que julga, mas...

Olhos perspicazes e inteligentes focados em Lund.

– O Theis não fez nada.

Skaerbaek encostou-se à porta do escritório, acendeu um cigarro.

– Eu acho que fez – disse Lund.

Meyer desligou o telemóvel.

– Não há ninguém no porto. Procuraram por toda a parte.

– Eles que tentem nos outros armazéns.

– Fez o quê? – exigiu saber Pernille Birk Larsen. – Vocês são...

Ouviu-se um som. Lund olhou, perguntou a si própria onde estava a arma de Meyer. Tinha-a sempre com ele.

A porta de correr estava a mover-se para cima. Meyer ainda estava ao telefone.

Theis Birk Larsen entrou. Fato preto elegante. Camisa branca engomada. Gravata preta.

Olhou para eles. Primeiro para os detetives. Skaerbaek. Depois para Pernille.

– Os miúdos estão a dormir? – perguntou.

Lund não conseguia parar de olhar fixamente para ele.

– Onde está Kemal?

A cabeça enorme de Birk Larsen oscilou de um lado para o outro. Havia algo nos olhos estreitos e astutos que Lund não conseguia interpretar, por mais que se esforçasse.

– Julgo que apanhou um táxi.

Lund olhou de relance para Meyer. Apontou para o telemóvel dele.

Birk Larsen dirigiu-se para as escadas. A mulher intercetou-o, perguntou:

– Por onde andaste, Theis? Duas horas...

– Ainda não é muito tarde. – Theis acenou com a cabeça na direção do apartamento. – Gostava de lhes ler uma história.

– Espere. Espere! – chamou Lund.

Birk Larsen afastou-se, deixou de estar visível.

Meyer desligou o telemóvel.

– Kemal acaba de ligar à mulher. Vai a caminho de casa.

Pernille Birk Larsen olhou com raiva para os dois, abanou a cabeça, praguejou, abandonou o depósito com passos pesados. Apenas Skaerbaek permanecia. Corrente prateada ao pescoço. A lançar-lhes um olhar de *punk* adolescente que dizia: «Vão-se foder.»

– Cancelem a busca – gritou Meyer ao telefone. – Tragam Kemal à esquadra assim que puderem.

Meyer guardou o telemóvel no bolso. Seguiu Lund até à rua.

– Bem – disse Meyer. – Que raio foi aquilo?

Lund telefonou para a Suécia.

«Fala Bengt Rosling. De momento não posso atender a sua chamada. Deixe o seu nome e número e eu ligo-lhe assim que puder.»

Com uma voz apazível, tentando não parecer que estava a pedir desculpa. Porque na verdade não queria pedir-lhe desculpa.

«Olá, sou eu. Deves estar ocupado a dar as boas-vindas aos convidados.»

Lund dissera tudo isto enquanto despiu o casaco, o atirava para uma cadeira ao canto do gabinete e inspecionava os documentos que tinha sobre a sua secretária.

A sua secretária?

A secretária de Meyer?

Não sabia. Não importava. Os documentos é que importavam. Nada mais.

«Quem me dera poder aí estar, Bengt.»

Não tinha havido grandes novidades desde a tarde.

«Sabes, é que... surgiu um dado novo em relação ao caso.»

Meyer entrou.

«Lamento mesmo muito. Por favor dá cumprimentos meus a todos, e...»

Lund sentou-se à secretária. Ainda sentia que lhe pertencia. Procurou freneticamente as suas canetas, os seus documentos. O seu lugar naquele edifício.

«Diz-lhes que...»

Meyer tinha mudado coisas de lugar. Coisas dela. Sentiu um lampejo de contrariedade.

«Tenho muita pena. Mas, enfim...»

Meyer tinha as mãos nas costas da cadeira em frente. Olhava para ela, de boca aberta.

«Depois ligo-te. Até logo.»

Pousou o telefone, continuou a vasculhar por entre os papéis.

– Ele está pronto para o interrogatório? – perguntou Lund.

– Então, então. – Meyer parecia mais surpreendido do que zangado. – Não podes fazer isto. Não sei o que é que pensas que...

– Acho que tens razão, Meyer.

– A sério? – disse animadamente Meyer. – Fantástico.

– Isto não está a dar resultado. Por isso decidi ficar até o caso estar resolvido.

– O quê?

– Não faz sentido estar a ir e vir entre aqui e a Suécia. É uma trapalhada. A polícia sueca diz que...

– Para com isso, Lund.

Com aquelas grandes orelhas saídas e aqueles olhos magoados e brilhantes, Meyer parecia repentinamente muito jovem.

– Este caso agora é meu. Não vais cá ficar. Fim da história. Acabou. A rapariga visitou-o na noite de sexta-feira. Assim que o professor o admitir, acuso-o.

Lund deu uma última olhadela aos ficheiros, pegou nuns quantos, levantou-se.

– Então vamos esperar que ele confesse. Vamos?

– Oh, não.

Meyer barrou-lhe o caminho.

– Vou interrogá-lo.

– Não me obrigues a falar com Buchard, Meyer.

Meyer enfureceu-se.

– Estou a ser simpática. Se quiseres podes assistir.

Kemal estava sentado à mesa, gravata preta alargada no colarinho. Exausto. Nervoso. Meyer sentou-se à sua esquerda. Lund em frente.

– Quer um café ou um chá? – perguntou Meyer, atirando os seus ficheiros para cima da secretária.

Meyer fazia todas as vozes de polícia possíveis. Ameaçador. Compreensivo. E agora neutro e calmo.

O professor serviu-se de um copo de água. Lund inclinou-se, apertou-lhe a mão, disse:

– Olá.

– O senhor não está preso – recitou Meyer de memória –, mas tem os mesmos direitos de uma pessoa que tenha sido acusada. Tem direito a um advogado.

– Não preciso de um advogado. Vou responder às vossas perguntas. – O professor olhou para Lund. – Há algo que devia saber.

Observaram Rama. A transpirar. A tentar encontrar a coragem para dizer alguma coisa. Aquilo não acontecia muitas vezes, pensou Lund.

– Na sexta-feira passada estava a supervisionar a festa de Halloween na escola. O meu turno acabou às oito e meia. Fui a casa buscar a minha mulher.

Lund perguntava-se o que teria acontecido na carrinha com Birk Larsen. Que diferença poderia ter feito.

– Fomos para a nossa casa no lote de terreno. Cerca das nove e meia apercebi-me de que me tinha esquecido de trazer café. Por isso fui até à bomba de gasolina.

A inventar, pensou Lund. Estás a inventar isso.

– No caminho de regresso lembrei-me de que os trabalhadores iam lá no sábado. Voltei ao apartamento para acabar de desimpedir as divisões.

Meyer arrastou os pés debaixo da mesa.

– Passava pouco das dez quando a campainha tocou. Era a Nanna.

Esperaram os dois.

– Queria devolver alguns livros que eu lhe emprestara. Não estive lá mais do que dois minutos.

Meyer recostou-se na cadeira, pôs as mãos atrás da cabeça.

– Foi isto que aconteceu – disse Kemal, acabando de beber o copo de água.

– A Nanna foi a sua casa para devolver alguns livros? – perguntou Meyer.

– Livros escolares? – aventou Lund.

– Não, eram livros meus. Karen Blixen. A Nanna parecia querer devolvê-los naquele momento. Não sei porquê. Fiquei surpreendido – Rama encolheu os ombros. – Limitei-me a ficar com eles.

– Numa noite de sexta-feira? – perguntou Meyer. – Às dez horas?

– A Nanna estava sempre à procura de alguma coisa para ler – Rama fechou os olhos por alguns instantes. – Sei que vos devia ter contado isto antes.

– E porque é que não contou? – perguntou Lund

Rama olhou para as mãos, não para eles.

– Houve um incidente com outra aluna. Há alguns anos. Uma falsa acusação. Fiquei com medo que pensassem...

– Que pensássemos o quê? – perguntou Lund.

– Que pensassem que eu tinha algum tipo de relacionamento com a Nanna.

Os olhos escuros de Rama encontraram os de Lund.

– Não tinha – disse o professor

– Era isto? – perguntou Lund.

– Sim, era. É tudo o que tenho a dizer.

O carro de Hartmann percorreu os bares durante algum tempo, com ele sentado no banco traseiro, telemóvel desligado, rádio desligado.

– Tem de ser algures por aqui – disse ao motorista.

Um letreiro de que Hartmann se lembrava. Um nome.

– Ali! Ali!

Era um bar antigo. Barulhento. Apinhado. Cheio de homens que tinham bebido demasiada cerveja. Garrafas sobre a mesa. Nuvens de fumo de cigarros no ar.

Hartmann percorreu o bar escuro. Por fim, encontrou Morten Weber, cabeça novamente enterrada nos ombros, cabelos encaracolados e sujos.

Havia seis homens em redor da mesa. A levantarem constantemente as suas bebidas. Sem dizerem nada.

Hartmann pôs-se à frente deles, levantou o saco de plástico. Weber gemeu, levantou-se, aproximou-se.

A insulina era entregue na sede de campanha. O sítio onde Weber parecia viver.

– Vi-te na televisão – disse Weber, pegando no saco.

O copo na mão de Weber era de *whisky*. Hartmann conseguia sentir o cheiro. O mais recente de uma longa fila, pensou.

– Não tens tempo para brincar aos médicos, Troels.

– A Rie pensa que estás doente. Ela não te conhece tão bem. Ainda.

Com os olhos turvos, Morten Weber tentou sorrir.

– Estou autorizado a embebedar-me uma vez por mês. Está no meu contrato, não está?

– Qual é o motivo desta bebedeira?

– Gritaste comigo.

– Estavas a pedi-las.

– Porque estava a precisar de algum tempo fora daquela prisão de mármore. Para pensar sem ti, sem ela ou sem um maldito parasita qualquer a chatear-me. Além...

Havia uma expressão que Hartmann não reconhecia no rosto triste e simples de Weber. Amargura, apercebeu-se Hartmann.

– Não importa, pois não? Tu já não ouves o que eu digo. Ela sabe que estás aqui? A tua nova consorte?

Engoliu a bebida. Foi sentar-se numa mesa vazia com as mãos em torno do copo. Hartmann sentou-se no banco em frente.

– Ainda nem sequer suspendeste o professor, pois não? – disse Weber. – Pelo que soube, tens razão. Mas o que é que a Kirsten Eller pensa disso? – Hartmann não disse nada. – Já te deu com os pés, Troels? Ou está à espera de amanhã para o fazer? Qual é o conselho de Rie quanto a isso? Ir a correr para ela? Mendigar? Dar-lhe o que ela quer? A cabeça do professor numa bandeja?

– Preciso que vocês os dois trabalhem juntos.

– Ah, a sério? Só porque me trouxeste um pouco de insulina não quer dizer que... – o discurso de Weber era arrastado. Os seus pensamentos pareciam claros. – Não quer dizer que fique tudo bem.

Hartmann pôs o casaco em volta dos ombros, pronto para sair.

– Estava a tentar fazer as pazes. Desculpa se desperdicei o teu tempo.

– Pobre Troels. Sempre a querer fazer o mais acertado. Mas ele dá ouvidos às pessoas erradas. Pobre...

– Preciso que voltes para o escritório amanhã. Preciso que acabes com estas bebedeiras até as eleições terem terminado. E que te dês bem com a Rie.

Weber concordou.

– Pois. Acredito que precisas. Agora que estás na merda. – Uma risada curta, ébria. – Sabes que isto ainda agora começou, não é? Todos esses parasitas que acham que viram a faísca da oportunidade. Vão voltar para te cobrarem, Troels. Quando acharem que os desapontaste. Cuidado com os funcionários públicos. Cuidado com a tua própria gente. Bigum.

Henrik Bigum, uma das figuras mais velhas do partido, um académico sisudo.

– Que é que tem o Bigum?

– Odeia-te e é uma pessoa conflituosa por natureza. Vai ser ele que vai segurar no punhal. Mas vai arranjar alguém para dar o primeiro passo, claro. Não fazes ideia...

Hartmann nunca tinha visto uma fúria tão sombria no rosto de Morten Weber. Pelo menos, não dirigida a ele.

– Quando a tua mulher morreu, Troels – Weber bateu com o punho na mesa –, tu estavas sentado aqui. E eu estava sentado aí. Lembras-te?

Hartmann não se mexeu, não falou, não queria pensar naquilo.

Música *pop* barata e estúpida a tocar. Vozes altas. Homens no prelúdio de uma briga.

– Devias dar-me ouvidos, Troels. Eu mereço isso. Que mais tenho eu?

Um último olhar de fúria e, em seguida, Weber deixou a mesa e cambaleou de volta para o bando de bêbados.

Hartmann tinha uma chamada não atendida. Rie Skovgaard. Ligou-lhe.

– Descobriram a bicicleta da rapariga, disse. – Estava ao pé do apartamento do professor na noite em que ela desapareceu.

A música subiu de volume. A briga estava apenas a uma palavra, a um empurrão de distância.

– Já caiu nas mãos dos jornalistas. Vai ser capa amanhã. Fotos tuas e do Kemal. Dizem que o professor é suspeito.

Silêncio.

– Troels – disse Rie. – Neste momento estou a preencher os documentos necessários para a suspensão. Vou convocar uma conferência de imprensa para daqui a uma hora. Preciso que estejas presente.

Buchard entrou de rompante no gabinete.

– Porque é que o nome do nosso suspeito apareceu na televisão? Lund?

– Não há problema – interrompeu Meyer, acenando com a cabeça para a figura na sala de interrogatórios, para lá do vidro. – Está ali sentado. Temo-lo bem seguro.

– Quando o comissário me telefona, isso é um problema. A Lund saiu daqui durante uma hora ou duas e olha o resultado.

– O Meyer não tem culpa – disse Lund.

– O que diz o professor? – quis saber Buchard

Meyer fez um sorriso trocista.

– Uma treta qualquer acerca de se ter encontrado com a rapariga no apartamento dele. Disse que ela queria devolver-lhe uns livros.

O rosto enrugado de Buchard contorceu-se de perplexidade.

– Livros?

Lund mal ouvia, continuava a passar os ficheiros mais recentes no computador.

– É uma treta – disse Meyer. – Kemal lixou o chão. Tirou tudo das divisões.

– Eles estão a remodelar o apartamento – ressaltou Lund. – Essa parte é verdade. – Dê-me duas horas com ele, chefe – implorou Meyer. – Eu vou descobrir. – Buchard não parecia convencido.

– Tal como fizeste com aqueles rapazes?

– Vou interrogá-lo como testemunha. Eu posso...

– O tipo está a mentir – disse Lund, o que fez com que os homens se calassem. – Buchard cruzou os braços, olhou para Lund. – O tipo está a mentir – disse novamente.

– Façam uma busca ao apartamento – ordenou Buchard. – A cave, o terreno em Dragør, tudo. Localizem o lixo do edifício. Ponham o telefone dele sob escuta.

Meyer parecia não fazer parte da conversa. Buchard observava Lund a escrevinhar o que lhe ia dizendo.

– Digam ao Hartmann o que estamos a fazer. E não metam outra vez a pata na poça em relação aos média.

Buchard estava a sair do gabinete. Meyer disse:

– Por falar em meter a pata na poça, tenho de falar consigo em privado.

– Amanhã – disse bruscamente Buchard. – Agora quero-te a trabalhar, não a lamentares-te.

– Então o que é que fazemos com ele? – perguntou Meyer.

Buchard esperou por Lund.

– Obrigamo-lo a ficar em casa da mulher. Ou num hotel – respondeu Lund.

– Kemal tem de ficar longe do seu apartamento e da casa no lote de terreno. Vamos revistá-los. Precisamos do passaporte dele. Precisamos que ele seja vigiado.

Algo a incomodava, mas Lund não conseguia perceber o que seria.

– Kemal diz que utilizou o seu próprio carro na sexta-feira. Precisamos de o relacionar com o carro do Hartmann. Kemal era um dos cidadãos exemplares, não era?

* * *

Faltava um quarto de hora para a conferência de imprensa. Skovgaard estava a lançar a linha.

– A suspensão tem efeito imediato. Tenho a papelada. Já informei a administração.

Hartmann olhou para os documentos que Rie lhe tinha posto à frente.

– Tens de te distanciar disto tudo. Diz que lamentas o teu erro ao considerá-lo um cidadão exemplar. Que apoias os esforços da polícia.

Hartmann leu o depoimento na diagonal, apercebendo-se da linguagem apologética e autossuficiente.

– Quando fizerem perguntas acerca dos cidadãos exemplares, diz que não podes comentar. Se alguém...

Hartmann levantou-se da secretária e deambulou pelo escritório, mãos bem enfiadas nos bolsos, camisa azul manchada de suor.

– Quando a atenção do público está virada para nós e se comete um erro, é importante pedir desculpas imediatamente. Pôr a coisa toda em banho-maria e seguir em frente. Há roupa lavada no guarda-fatos. E tu precisas dela.

Hartmann olhou para o matutino que estava em cima da secretária. O professor, Kemal, a apertar-lhe a mão no jogo de basquetebol. Ambos a sorrir.

– Não percebo isto. Parecia ser um tipo porreiro. Ninguém tem nada de mal a dizer sobre ele. Consultei alguns dados acerca de Kemal. Há um rapaz por aí que agora se porta bem e é uma pessoa decente. Teria sido preso se não fosse ele.

As três primeiras páginas eram dedicadas à história.

– Joguei basquetebol com ele. Grande coisa!

Skovgaard estava a observá-lo com olhos cansados, preocupados.

– E, no fim de semana anterior, pode ter violado e assassinado uma das suas alunas.

Skovgaard parecia profundamente aborrecida com aquela conversa.

– Eles estão à tua espera, Troels. Temos de resolver a questão da iluminação. De tratar do teu aspeto.

– Achas que ele é culpado?

– Não sei nem me interessa. O que me interessa é salvar-te. Nunca pensei que fosse tão difícil.

Ouviu-se uma pancada na porta. Lund estava ali, à espera.

– O que quer? – gritou-lhe Skovgaard.

Lund entrou, o mesmo casaco velho. O mesmo camisolão preto e branco. O mesmo rabo-de-cavalo, com o cabelo castanho comprido e liso desajeitadamente atado na nuca.

Aquela mulher parecia ter-se colado à vida dele como uma lapa.

– O Hartmann disse que queria ser informado – disse Lund, parecendo confusa.

Um encolher de ombros. Olhos brilhantes apontados a Hartmann.

– Como tal, aqui estou.

– Não devia estar na Suécia? – perguntou Hartmann.

Lund sorriu perante a pergunta.

– Hei de estar. O Kemal admite que se encontrou com a rapariga no apartamento dele. Diz que ela saiu, mas ninguém a viu desde então. Estamos...

– Resuma lá isso – interrompeu Skovgaard. – Temos uma conferência de imprensa.

Novamente aquele sorriso, um pouco diferente, desta vez.

– O resumo: Kemal pode tê-la mantido cativa nalgum sítio. Não vamos acusá-lo até termos feito uma busca a casa dele. Talvez não o acusemos depois disso.

– Nós lemos os jornais – disse Skovgaard. – Sabemos disso tudo.

– Vou precisar de registos de quilometragem e de documentação de todos os motoristas que utilizaram os vossos carros nos últimos dois anos.

– Para quê?

– Kemal deve ter levado o carro onde a Nanna foi encontrada. Tem de haver uma ligação...

Hartmann parou.

– O Kemal não conduziu aquele carro.

– Está nos vossos registos – insistiu Lund. – Os cidadãos exemplares têm acesso aos carros.

– Não têm acesso à frota de campanha. Os carros da frota de campanha são todos novos. Alugados por algumas semanas. Rie? – Skovgaard estava a olhar para ele, de braços cruzados, tentando não ser arrastada para aquilo. – Rie!

– Os carros de campanha são novinhos em folha – disse Skovgaard. Temos de passar a nossa mensagem. Os cidadãos exemplares ficam com a sucata que mais ninguém quer conduzir.

– Espere um minuto – disse Hartmann. – Vai acusá-lo?

– Eu disse que o faremos se encontrarmos mais provas...

– Mas se Kemal nunca conduziu o carro, como poderia saber que era um dos nossos?

– Talvez... – Lund estava perdida e Hartmann nunca tinha visto aquilo antes. – Talvez... Não sei.

Hartmann pressentiu algo.

– Nós só tínhamos aqueles carros há duas semanas, mais dia, menos dia. Talvez ele não seja culpado. Convocámos uma conferência de imprensa por causa disso daqui a cinco minutos. Que diabo é que vamos dizer?

– Eu não dirijo as suas conferências de imprensa, Hartmann.

– Se não fosse por sua causa não teríamos necessidade destes malditos imprevistos! Já se enganou antes. Quem nos garante que também não está enganada desta vez? Acha que devo suspender este homem quando não tem qualquer prova contra ele.

– Só preciso de alguma colaboração. Você deixa-me fazer o meu trabalho. Eu deixo-o fazer o seu.

Dito aquilo, Lund saiu. Skovgaard estava a olhar para Hartmann. O político ouvia os jornalistas a montar o seu equipamento na sala ao lado.

Hartmann foi buscar o fato novo, a camisa lavada, começou a mudar de roupa.

– Troels? – disse Skovgaard. – Nem penses em recuar. Temos os documentos para a suspensão. Por amor de Deus...

– O Kemal não fez aquilo – Hartmann sorria enquanto se debatia com a roupa nova. – Não foi ele.

Theis junto do lavatório, de costas largas voltadas para Pernille, a beber uma cerveja. Pernille à mesa, a observá-lo, a tentar obrigá-lo a conversar.

– A polícia suspeita do professor – disse. – Deu no telejornal.

Bebeu um pouco mais de cerveja e fechou os olhos.

– Onde foste? Porque demoraste tanto tempo?

– Não sei.

Cartas sobre a mesa. Contas. Segundas vias.

– Amanhã vou para a casa. Trabalhar um pouco.

Pernille pestanejou.

– Para a casa?

– Tenho de fazer umas obras. Não posso vendê-la sem as fazer.

Theis dirigiu-se à gaveta que mantinha sempre trancada com uma chave que Pernille não conseguia encontrar. Um hábito do passado. E não era o único sítio assim.

Lá dentro havia papéis. Esboços feitos por um arquiteto.

– Estes eram os projetos. Desculpa. Devia ter-te contado.

– Ele esteve aqui – murmurou Pernille.

Projeções a lápis. Sonhos mortos.

– Conversámos acerca da Nanna.

Theis dobrou outra folha, alisou-a com o cotovelo.

– Agradeci-lhe as flores que puseram na igreja.

Birk Larsen passou o dedo sobre os desenhos, não disse nada.

– Ele tocou no caixão dela.

Pernille olhou para os dedos. A velha aliança. As rugas. As marcas do trabalho.

– Eu toquei nele.

Um restolhar de papéis. Nada mais.

Num tom calmo e implorante, Pernille perguntou:

– Porque não falas comigo? Os olhos de Theis ergueram-se das medidas, dos ângulos e dos desenhos de vigas.

– Não temos a certeza absoluta.

– Achas que foi ele que a matou, não achas?

Um dia longo. Nunca se barbeava bem. Mas agora, Theis parecia um urso infeliz que se tinha afastado da floresta.

– Vamos deixar que seja a polícia a resolver isso.

As mãos de Pernille voaram sobre a mesa, varreram os documentos da casa que nunca veria.

– A polícia?

Lágrimas nos olhos. Fúria no rosto.

– Sim. A polícia.

As chamadas para o telemóvel de Bengt continuavam a ser atendidas pelo gravador de chamadas. Vibeke regressara à máquina de costura, cosendo outro vestido perfeito para mais um casamento perfeito.

Uma expressão no rosto que dizia: «Já sabia que isto ia acontecer.»

– Olá – disse Lund atirando a mala para a cadeira mais próxima.

A mãe desligou a máquina, retirou o tecido branco sedoso. Empurrou os óculos até à ponta do nariz comprido e afilado.

– Se queres uma família, Sarah, tens de fazer por isso.

– Tentei ligar ao Bengt. Tem o telemóvel desligado. Eu tentei.

A mãe disse:

– Enfim.

– É por causa da festa. O Bengt não consegue ouvir o telemóvel.

Vibeke aproximou-se da filha e sentou-se ao lado dela. Uma inesperada expressão de desculpa no seu rosto.

– Eu sei que julgas que eu afastei o teu pai antes de ele morrer.

– Não.

– Sei que é isso que pensas. Posso não ter sido o melhor exemplo para ti...

– Nós não acabámos, mãe.

– Não. Mas nunca o deixas aproximar-se, não é? Ele está como nós todos. Fora da tua vida.

– Isso não é verdade. Tu não sabes como é a nossa relação.

Vibeke tirou o vestido meio feito do cabide, examinou as costuras.

– Eu só quero que sejas feliz. Não quero que tenhas uma velhice solitária.

– A mãe não se sente solitária, pois não?

Vibeke parecia ter ficado desconcertada com a pergunta.

– Eu não estava a falar de mim.

– Eu não vou ficar sozinha. Eu não estava sozinha antes do Bengt. Por que haveria de...

Nesse momento, a mãe fez uma expressão que Sarah reconhecia. Resumia-se numa palavra: *exatamente*.

Lund ligou o televisor e viu as notícias. Uma única peça. Troels Hartmann na conferência de imprensa, a afirmar que não ia suspender Kemal, o professor.

– Valha-me Deus, mas porquê? – sussurrou.

Na televisão, Hartmann respondia.

«Rahman Al Kemal não foi acusado nem condenado. Não vou participar num ato de assassinio de carácter. Bremer pode estar completamente determinado a fazê-lo, portanto, que faça o que a sua consciência lhe ditar.»

A mão direita de Hartmann ergueu-se, um gesto que os políticos faziam em toda a parte.

«Só se houver provas concretas é que haverá suspensão.»

Hartmann inclinou-se para frente, um rosto sério para a câmara.

«Condenar criminosos é o trabalho da polícia. Não dos políticos. Não devemos intrometer-nos a não ser para oferecer toda a ajuda que pudermos dar à polícia. E é isso que farei. Obrigado.»

Uma multidão ergueu-se, lançando perguntas. Lund observou, desejava ter apanhado aquilo no gravador, poder reproduzir cada palavra, apanhar cada

inflexão, cada expressão no rosto de Hartmann.

– E se ele assassinou a rapariga? – gritou um jornalista.

– Tanto quanto sei – respondeu Hartmann –, neste país, um homem é inocente até se provar que é culpado. É tudo...

– É tudo? – murmurou Lund.

E, depois, aquilo acabou. Seguiram-se outras notícias. O Médio Oriente. A economia. Sarah desligou o televisor. Apercebeu-se de que a sala estava escura e vazia. Vibeke tinha ido para a cama sem dizer nada.

Lund estava sozinha.

Domingo, 9 de novembro

Manhã sombria. Lund entrou no quartel-general e foi informada pelo chefe de equipa do turno da noite. Uma câmara de videovigilância do posto de abastecimento de combustível mostrava Kemal a comprar café às vinte para as dez da noite de sexta-feira, noite em que Nanna desaparecera. Rama recebeu uma chamada de um telefone público de uma lavandaria mais ou menos à mesma hora. A lavandaria ficava perto do apartamento do professor na cidade. Vinte minutos antes de Nanna ter aparecido.

Ainda não tinham encontrado nada comprometedor no apartamento de Rama. No entanto, se pudessem provar que o professor tinha marcado encontro com ela, isso dava cabo da versão de Rama. Uma mentira.

A outra chamada que Rama fez foi para o empreiteiro a cancelar o serviço. Lund estava a pensar nisso quando lançou uma olhadela ao seu gabinete.

Bengt estava lá sentado.

Um sorriso breve. Lund fechou a porta, tirou um pouco de café da cafeteira.

– Como é que conseguiste aqui chegar? – perguntou Lund.

– Vim de carro ontem à noite.

Sarah entregou-lhe uma chávena de café, ainda a interrogar-se sobre as chamadas telefónicas. Porque estaria Nanna numa lavandaria? Porque não usara o telemóvel?

– Como correu a festa de inauguração da casa?

– MUITÍSSIMO bem. – Bengt parecia cansado e um pouco amachucado depois de ter conduzido durante tantas horas. Pela primeira vez havia um

toque de raiva nos seus calmos olhos cinzentos. – Mandei as pessoas para casa às nove da noite.

Lund usava a camisola preta e branca das ilhas Faroé do dia anterior. Se soubesse que Bengt ia aparecer... – passou a mão pelo cabelo desalinhado e pensou: tinha-a vestido à mesma.

Bengt aproximou-se e pôs-lhe as mãos nos ombros. Ar profissional. Muito sério. Paternalista.

– Ouve, Sarah. Não é difícil. Basta saíres por aquela porta, entrares no carro e vamos para casa. Tu não conheces essas pessoas. Então e a tua família? E Mark? As aulas estão a começar.

Lund foi até à secretária, pegou numa pasta.

– Quero que leias o dossiê. Está aqui o relatório do patologista forense. Está aqui o que encontrámos ao pé do canal...

– Não!

Tinha sido o mais aproximado de um grito que Lund ouvira da boca dele.

– Preciso da tua ajuda – disse calmamente Sarah.

– Tu precisas? Então e todas as outras pessoas?

Lund não estava a ouvir.

– Ele deu-lhe banho e cortou-lhe as unhas. Que tipo de pessoa é que faz uma coisa destas? O tipo removeu todos os vestígios, com cuidado. Ou então há outra razão que eu ainda não descobri. Olha...

Lund pegou em algumas das fotografias tiradas na morgue. Feridas. Contusões. Sangue.

O patologista forense acredita que, provavelmente, ele já tinha feito isto antes. Mas eu não consigo encontrar nada semelhante.

– Não estou interessado no teu caso. Estou interessado em ti. – Bengt apontou para a porta. – O carro está lá fora.

Ouviu-se uma batida. Meyer entrou. Camisa à marinheiro, com o colarinho aberto. Parecendo mais desperto e limpo do que o habitual.

– Vou falar com o Birk Larsen – disse. – Mas tu não precisas de...

– Já vou.

Lund pegou no casaco.

Bengt Rosling era um homem bonito. Não era por causa disso que gostava dele. Que o amava. Bengt era calmo, paciente, inteligente.

– Por favor, Bengt, não te vás embora. Lund aproximou-se do namorado, pegou-lhe na mão, sorriu, olhou-o nos olhos. – Era muito importante para

mim que ficasses.

Bengt vacilava.

Lund pegou nas pastas, empurrou-as na direção dele.

Depois beijou-o rapidamente e saiu para ir ao encontro de Meyer.

Rie Skovgaard estivera a consultar os arquivos dos veículos. Os cidadãos exemplares não tinham utilizado os carros.

– Isso é uma boa notícia – disse Hartmann.

– Se Morten não vai voltar precisamos de um novo gestor de campanha.

– Morten não volta.

– Tenho de encontrar alguém para o substituir. O Knud Padde está cá. Quer falar contigo. A sós. Está no teu gabinete.

Padde presidia ao grupo do Partido Liberal, ocupava um lugar intermédio no aparelho partidário. Influente, importante até, por vezes. Maçador.

– Não podias...

– Não. Vai falar com ele.

Delegado sindical, Padde parecia um urso desajeitado, usava um fato de mau corte e tinha óculos grandes e cabelo selvagem e despenteado.

– Viste os jornais? – queixou-se, assim que Hartmann entrou.

– Claro que vi.

– Os eleitores estão preocupados, Troels. O grupo quer uma reunião. Hoje. À uma da tarde.

– Knud. Agora não. A Kirsten Eller chega daqui a dois minutos.

– Porque não suspendeste o professor? Parece que o estás a encobrir.

Hartmann olhou-o nos olhos.

– De acordo com a polícia, quase de certeza que o professor está inocente.

– Não é o que dizem os jornais.

Padde estava a sentir-se extraordinariamente corajoso, pensou Hartmann.

– Não sei bem se vamos conseguir aguentar esta pressão, Troels.

Hartmann pensou na conversa da noite anterior com Weber.

– Eu trato disto. Não precisamos de uma reunião à uma...

– Mas vai haver reunião. Está marcada. – disse Padde. – E é melhor estares lá.

– Nunca me tinhas dito que ele trata malucos – disse Meyer.

Estava outra vez a deixá-lo conduzir. Isso impedia-o de atulhar a boca com batatas fritas, doces e cachorros-quentes. A maior parte das vezes.

Lund não respondeu.

– Não é que haja algum problema em saíres com o teu terapeuta.

Lund suspirou.

– Bengt é psicólogo criminal.

Meyer ergueu uma sobrancelha, como se dissesse: «E então?»

– É o homem mais inteligente que conheço.

– Conheceste-o através do trabalho, não foi?

Silêncio.

– E presumo que o teu ex-marido também era polícia, não era?

Silêncio.

– Não és a única pessoa a conseguir investigar passados, Lund.

Meyer abanou a cabeça. Olhou fixamente para Lund ao descrever a curva.

– Atenção à estrada – ordenou Lund.

– Conheces alguém fora da polícia?

– Claro que sim! Bengt...

– É psicólogo criminal.

– Conheço montes de pessoas.

– Claro que conheces. Pedi ao Buchard uma reunião. Sobre nós.

Lund olhou para Meyer. Orelhas grandes. Olhos bulbosos. Barba por fazer e aquele corte de cabelo arrogante.

Meyer começou a assobiar. Depois virou para a rua dos Birk Larsen.

– Onde está o seu marido? – perguntou Lund.

Pernille Birk Larsen estava a limpar a mesa da cozinha. O sítio parecia demasiado limpo. Como se a mulher estivesse a tentar passar uma esponja sobre a memória da filha desaparecida.

O tampo da mesa era original. Havia fotografias e relatórios escolares colados à superfície, que tinha sido envernizada depois. Rostos e palavras. Nanna em criança, na caixa da bicicleta *Christiania* vermelha de três rodas com um menino indiano. Os filhos quando eram bebés.

Uma passagem pelo tampo, que já estava impecável.

– Theis também trabalha aos fins de semana.

– Precisamos de informações – disse Lund. – Precisamos de perceber se a Nanna conhecia o assassino ou não. Importa-se de...

A passagem obsessiva da mão, o pano que não removía nada, porque não havia nada para remover.

– Importa-se de fazer isso mais tarde, por favor? – disse Lund.

Pernille Birk Larsen não olhou para ela. Continuava a esfregar a mesa.

Meyer rolou os olhos.

– Pode ser alguma coisa que a Nanna tenha dito – prosseguiu Lund. – Das vezes que não estava em casa. Qualquer coisa. Presentes, livros que pedia emprestados...

Pernille Birk Larsen deixou de movimentar o pano, apoiou-se em ambas as mãos, olhou com raiva para os dois.

– Sabia que aquele professor era suspeito. E deixou-o ir ao funeral. Deixou-me recebê-lo em minha casa.

Meyer estava a abanar a cabeça.

– Ele pegou na minha mão. E você não disse nada!

Lund encolheu os ombros, levantou-se, olhou em volta.

– E agora vêm-me fazer perguntas! – gritou-lhes Pernille. – Agora é tarde de mais.

Lund e Meyer continuaram calados.

– O que vão fazer com ele?

– Vamos revistar-lhe a casa – interrompeu Meyer. – Assim que soubermos de alguma coisa eu ligo-lhe.

Um olhar de perplexidade nos olhos inteligentes e penetrantes da mulher. Uma ligação que Pernille nunca tinha feito.

– A Nanna estava lá?

Não houve resposta.

– A Nanna esteve em casa dele naquela noite?

Lund abanou a cabeça, começou a dizer:

– Não podemos entrar em pormenores...

– Sim – interrompeu Meyer. – A Nanna esteve lá naquela noite.

Lund fechou os olhos, furiosa.

– Ninguém a viu depois disso – acrescentou ele.

Ainda furiosa, Lund disse:

– Isso não prova nada. Precisamos de informações que relacionem os dois. Precisamos...

O quê? Nem ela sabia bem.

– Precisamos de um motivo – disse Lund um pouco para si própria.

Pernille Birk Larsen pegou no pano, limpou a mesa limpa mais uma vez.

– Tudo o que sei é que a Nanna gostava dele como professor – acenou na direção do quarto da rapariga. – Vá lá revolver tudo outra vez. Sirva-se. Mas não há nada em que ainda não tenham metido o nariz.

Pernille olhou para os detetives.

– Mas mantenham-me informada. Ouviram?

– Claro – disse Meyer.

Theis Birk Larsen e Vagn Skaerbaek tinham ido buscar algumas vigas de madeira acabadas de cortar na serração. Estavam na garagem a empilhá-las na carrinha. Havia serviços que precisavam de ser feitos. Mas a casa em Humleby estava primeiro.

– Eu ajudo-te nas obras, Theis – prometeu Skaerbaek. – Basta dizeres-me o que queres.

Birk Larsen carregou mais algumas vigas na carrinha, não disse nada.

Skaerbaek esquivou-se de uma viga.

– Ainda bem que não tocaste nele. Com a quantidade de polícias que anda por aí! – Vagn pegou em mais algumas tábuas, atirou-as para a carrinha. – Como é que um macaco como aquele pode ser professor? Este mundo está perdido.

Birk Larsen tirou o gorro preto, olhou para a madeira. Foi buscar mais.

– Sabes uma coisa? – Skaerbaek olhou em redor, certificou-se de que ninguém estava a ouvir. – O tipo está arrumado. Prometo-te. Ouve...

Vagn pôs a mão no casaco preto de Birk Larsen. Deteve-o.

– Vamos esperar – disse Skaerbaek. – Já fizemos isto antes. Sabemos como se faz.

Uma fúria repentina apoderou-se do rosto empedernido de Birk Larsen. Pegou no homem mais baixo pelo macacão e atirou-o contra a parte de trás da carrinha. Apertou-lhe o pescoço.

– Não voltes a dizer isso. Nunca mais.

Skaerbaek permaneceu imóvel, desafiador, quase a fazer-lhe frente.

– Theis. Sou eu. Lembras-te?

Uma forma na periferia da sua visão. O detetive magro e áspero apareceu, com o telemóvel a tocar. Birk Larsen soltou Vagn.

– Fala Meyer – disse o detetive.

A tal Lund estava com ele, a cirandar por ali como sempre fazia. A olhar para todo o lado, como se pudesse gravar tudo com aqueles olhos que nunca pestanejavam.

Birk Larsen acabou de carregar a carrinha e fechou a porta. Vagn reduzira-se à sua insignificância e não emitia um som. Um talento que possuía desde os tempos em que ambos eram miúdos da rua.

Lund aproximou-se de Birk Larsen.

– Se há alguma coisa que eu possa fazer...

– Sabe bem o que é que pode fazer – retorquiu Theis.

Kirsten Eller chegou, um leve olhar de indignação no rosto macilento.

– Este vosso cidadão exemplar é o principal suspeito. Num caso de homicídio.

– O homem pode ser inocente.

– Não o suspender é uma loucura.

– Essa pode ser a tua opinião, mas não é a minha. Não deixes que isto arruíne o nosso acordo.

– O nosso acordo?

Hartmann esperou. Rie Skovgaard contemplou as unhas.

– Palavras num papel – disse Eller. – É tudo o que são. Nada mais.

Havia café na mesa e *croissants*. Mal tinham sido tocados.

– Estás a querer dizer-me que queres sair?

– É uma questão de credibilidade.

– É uma questão de princípios.

– Dos teus princípios. Não dos nossos. Eu não vou cair contigo. Não vou ser responsabilizada. Não vou...

– Que estás tu a dizer? – interrompeu Hartmann.

– Se não resolveres este problema, vou afastar-me de ti. Nós temos de...

Uma batida na porta. Morten Weber entrou. Parecia ter ido às compras. Um casaco novo elegante, camisola vermelha, camisa branca.

Hartmann e Skovgaard olharam fixamente para ele.

– Aqui está o documento que me pediste para encontrar – disse Weber, aproximando-se de Hartmann com uma folha de papel na mão.

Ninguém falou.

Weber perguntou:

– Mais café?

Como não obteve resposta, sorriu e saiu.

Hartmann olhou para a folha de papel impressa a cores. Era uma página do *site* de Kirsten Eller.

– Como é que vamos fazer isto, Troels? – Hartmann leu cuidadosamente o documento. – Muito bem – prosseguiu Eller.– Não vou ser vista contigo. Todos os compromissos conjuntos estão cancelados, incluindo os desta noite.

Eller arrumou os papéis, fê-los deslizar para a pasta juntamente com a caneta. Preparou-se para sair.

– Então e a tua credibilidade?

– Que queres dizer com isso?

Hartmann passou-lhe o papel por cima da mesa.

– Tens andado a ficar com os louros por causa dos meus cidadãos exemplares. Está aqui. Na tua página inicial.

Eller arrancou-lhe o papel da mão, leu-o.

– Gostavas tanto da nossa iniciativa conjunta que escreveste sobre ela. Hartmann recostou-se na cadeira, pôs as mãos atrás da cabeça. – Não me importo de partilhar o sucesso, Kirsten. Mas o problema é que... se houver culpas a serem imputadas, também tens de as partilhar. – Hartmann inclinou-se para a frente, sorriu-lhe, acrescentou: – Ser responsável é isto.

– Isso é chantagem.

– Não é não. O *site* é teu, não é meu. A responsabilidade é tua. É do domínio público. Pendura-me para secar e vais dar por ti a balançar na mesma corda. Mas...

– Obrigada pelo café – rosnou Eller.

– Foi um prazer. Até logo à noite. Como estava combinado.

Observaram-na a ir-se embora e depois regressaram ao escritório principal.

– Ela não gostou disto – disse Skovgaard.

– Estou-me nas tintas que tenha gostado ou não. Recuso-me a levar sermões sobre responsabilidade de uma carreirista aventureira que vai para a cama com o primeiro que apareça.

Morten Weber estava à sua secretária. Hartmann aproximou-se. Weber não tirou os olhos do ecrã do computador.

– Julgava que nos tinhas abandonado.

Weber consultou a sua caixa de correio. Linha após linha de mensagens.

– Sozinho, aborreço-me.

Hartmann pôs-lhe a página do *site* de Eller à frente.

– Como é que sabias?

Weber olhou para ele como se a resposta fosse óbvia.

– Eu teria colhido os louros, se estivesse a gerir a campanha dela. Às vezes tens de pensar como as outras pessoas. Ajuda.

– Estou contente por teres voltado, Morten – disse Skovgaard.

Weber deu uma gargalhada, olhou para ela.

– Eu também.

* * *

O apartamento de Kemal em Østerbro. A equipa forense tinha inspecionado atentamente cada centímetro de cada divisão. Tudo que tinham conseguido eram duas impressões digitais de Nanna Birk Larsen na porta da frente.

Meyer queria mais.

– Ouve – disse o chefe da equipa forense. – Fizemos tudo o que podíamos. Não há mais nada.

Lund leu os relatórios preliminares.

– E as botas? – exigiu saber Meyer.

– Analisámos a lama. Não é do local do crime.

– Então e o éter? – Ninguém guarda éter em casa, porra!

– As pessoas que têm helicópteros, sim.

Um dos técnicos forenses mostrou-lhe um helicóptero telecomandado.

– Brinquedos de rapazes – disse o técnico forense. – O tipo gosta de pô-los a voar. Esta coisa funciona com uma mistura de óleo, parafina e éter.

– E os vizinhos? – perguntou Lund. – O que dizem os vizinhos?

– Houve uma festa no terceiro andar. Um vizinho viu-o a levar lixo para o contentor à uma e meia da manhã. E é tudo.

Lund olhou fixamente para o técnico. O homem definhou.

– Lixo. À uma e meia da manhã?

– Foi o que o tipo disse.

Vinte minutos mais tarde, Kemal chegou para a reconstituição. Não parecia um homem que esperava ser preso. Casaco elegante, cachecol cinzento.

Professor mesmo a um domingo.

– A Nanna nunca foi muito além da porta? – perguntou Lund. – É isso que me está a dizer?

– Abri-lhe a porta lá em baixo. Tinha tocado à campainha.

– E depois?

– Ela sentia-se culpada por ter demorado a devolver-me uns livros que eu lhe tinha emprestado.

– Não entraram?

– Não. Falámos aqui. À porta.

– Então porque é que há impressões digitais dela numa fotografia na sala de estar?

– Eu ia lixar o chão. Os móveis estavam todos aqui à entrada. Era a fotografia da turma dela. A Nanna pegou-lhe antes de se ir embora.

– Porquê?

– Não sei. Apeteceu-lhe vê-la por alguma razão.

– E depois?

– Depois foi-se embora.

– Viu-a sair do prédio?

– Não. Limitei-me a fechar a porta. Isto é um sítio seguro. Não havia motivo para... – Rama calou-se. – Pensava que era seguro.

– Porque é que desistiu dos tipos que vinham lixar o chão? – perguntou Meyer.

– Porque o trabalho ficava muito caro. Pensei que podia fazê-lo sozinho.

– Por isso telefonou-lhe? À uma e meia da manhã?

– O homem tem gravador de chamadas. Porque não?

Lund inspecionou a porta, entrou e saiu novamente.

– Recebeu uma chamada minutos antes de a Nanna chegar.

Os olhos escuros do homem saltitaram de Meyer para Lund.

– Era engano. Isso foi quando eu estava na bomba de gasolina.

Meyer disse:

– O quê? Esteve a falar durante noventa segundos com alguém que lhe ligou por engano?

– Sim... – ambos observaram Rama a debater-se. – O homem queria falar com a pessoa que tinha este número antes de mim.

– A chamada foi feita de uma lavandaria ao virar da esquina. Uma coincidência e tanto, não?

– Não sei.

Lund disse:

– Foi pôr o lixo ao contentor.

– No sábado – concordou Rama.

– No sábado à uma e meia da manhã. O que estava no saco preto?

– Um tapete velho.

– Um tapete?

– Levei-o para os contentores antes de regressar ao lote.

Silêncio.

– Se não precisam de mais nada...

Silêncio.

– A minha mulher deve estar a chegar. Gostava que já cá não estivessem quando ela chegar.

– Não fuja – disse-lhe Meyer.

De volta à sede, Buchard ouviu o que Lund e Meyer tinham para dizer.

– Quer dizer que não encontraram nada de nada?

– Kemal está a mentir – disse Lund.

– Não encontraram nada no apartamento.

– O tipo limpou tudo. Levou-a para outro lado qualquer.

O chefe andava pesadamente de um lado para o outro pelo gabinete como um cão raivoso.

– Para onde? Vocês verificaram em toda a parte. Apartamento, carro, cave, terreno, clube de jovens...

– Caso se sinta pressionado pela campanha de Troels Hartmann, chefe, interrompeu Lund – diga-nos. Apenas por delicadeza.

Buchard parecia prestes a explodir.

– Estou-me a marimbar para a política. Não temos nada que faça deste homem um violador e um assassino.

– Kemal está a mentir – disse novamente Lund. – De certeza que tem um sítio...

– Então encontrem-no – ordenou Buchard.

A mulher de Kemal andava pelo apartamento, a olhar para as paredes cobertas de pó carmesim para revelar impressões digitais. Havia marcadores por todo o lado.

Rama permaneceu no vestíbulo, não a seguindo quando percorreu o apartamento a ligar as luzes em cada divisão, agarrando-se à barriga grande, rosto zangado e confuso.

– O que estavam eles a procurar? – nenhuma resposta. – Que é que a polícia pensa que tu lhe fizeste?

– Em breve vão ver que estão errados. Não te preocupes.

– Não percebo porque não lhes disseste isso antes.

Rama encostou-se à parede, não a olhou nos olhos.

– Não te queria preocupar.

Pôs os braços em torno dela, persistiu mesmo quando a mulher o tentou afastar.

– Já te disse que estou arrependido. Não posso desfazer o que foi feito. Nós...

A mulher afastou-se. Ainda furiosa. O telefone tocou.

– Fala Rama.

Rama caminhou até à sala de estar recentemente lixada, com o chão vazio e as marcas da equipa forense da polícia por todo o lado.

Detestava quando o marido falava árabe. Um idioma que não conseguia de todo dominar.

Também detestava quando Rama se zangava. Era tão raro. Rama era um homem plácido e decente. No entanto, quando ouvia o marido a enfurecer-se e a voz dele a subir de tom numa língua estrangeira, perguntava a si própria até que ponto o conhecia realmente. O que permaneceria ainda oculto na vida dele.

A escuta ao telefone de Kemal captou a troca de palavras raivosas e em voz alta. Quarenta minutos mais tarde, uma mulher de *chador*¹⁴ creme estava sentada frente a um computador a ouvir o que tinha sido gravado.

A tradutora de serviço. Anotou o original, olhou para o que escrevera.

– O que foi que ele disse? – perguntou Meyer.

– Disse: «Tem calma. Não vás à polícia ou vais arrepender-te para o resto da vida.»

– Já localizaram a chamada? – perguntou Lund.

– Foi feita de um telefone fixo. Algures a nordeste.

Ouviram novamente a gravação. Ouviu-se um som de fundo. Um grito prolongado. Meyer passou-o outra vez, mais lento mas com a mesma fidelidade. Volume no máximo.

A tradutora escutou, assentiu.

– É a *Isha* – disse. – A oração da noite.

Meyer estava a trabalhar ao computador.

– O telefone pertence a Mustafa Akkad. Não tem antecedentes criminais. Tem um pequeno negócio de aluguer de garagens perto da Estação Nørreport.

– Diz ao Svendsen para trazer cá Akkad – disse Lund, pegando no casaco.

* * *

As garagens ficavam por baixo de um viaduto. Era um sítio sujo e desolado. Portas metálicas cobertas de graffiti. Lixo espalhado na estrada. Canos entupidos.

Jansen estava à porta, com proteções de plástico azuis a envolver-lhe os pés grandes e o cabelo ruivo encharcado por causa da chuva. Uma equipa de três técnicos estava a trabalhar na porta.

– Só uma das garagens é que não está alugada – disse Jansen. – Pensámos começar por essa.

Calçaram luvas e proteções de plástico azuis para os sapatos. Depois, os técnicos rebentaram os cadeados da porta e fizeram-na deslizar para cima.

Meyer foi o primeiro a entrar, seguido por Lund, ambos empunhando lanternas acima das cabeças.

Sob os feixes de luz errantes e perscrutadores, o local não parecia muito mais do que um ferro-velho. Mesas, motores meio desmontados, prateleiras para armazenar artigos de escritório, tendas de campismo, canas de pesca, móveis...

Lund caminhou até às traseiras da garagem. Havia filas de pinturas emolduradas de ambos os lados, assim como alguns modelos de navios e estátuas de gesso.

Contra a parede do fundo da garagem, que corria paralelamente à rua, havia várias telas de grandes dimensões. Pinturas baratas, do tipo das que um restaurante poderia utilizar para decoração. Estavam armazenadas de forma estranha. Encostadas umas às outras, duas molduras em cima de outras

duas, formando um ângulo de cerca de trinta graus em relação à parede de alvenaria.

Lund olhou e pensou.

Aproximou-se, retirou todas as quatro molduras. Havia uma porta por detrás.

As mãos enluvadas caíram sobre a pega. Estava destrancada, abriu-se facilmente. Lund permaneceu no limiar por um momento, a verificar cuidadosamente o interior, procurando uma figura a tentar esconder-se no escuro.

Aquela parte era mais pequena. Mais organizada, também. Havia duas cadeiras de metal juntas, nada sobre os assentos, como se tivessem sido utilizadas recentemente. Um candeeiro de pé estava ao lado delas, o cabo a correr para uma tomada ao canto.

A lanterna de Lund inspecionou mais uma vez as paredes. Depois entrou, apontando o feixe de luz para o chão.

Descobriu um colchão de casal usado e manchado, com um saco-cama azul e laranja amarrotado por cima, junto de um cinzeiro.

Mais perto. Havia um urso de peluche ao lado da cama improvisada. Lund desceu, começou a olhar mais de perto.

– Lund? – Meyer tinha entrado e Sarah mal reparara. – Lund?

Sarah olhou. Tinha encontrado um *top* de rapariga com o fecho corrido. Tinha uma mancha de sangue à frente.

Era antiga, escura e grande.

Era um *top* amarelo. O tipo de roupa que uma adolescente usaria. Era até algo infantil, pensou Lund.

Uma da tarde. Hartmann observou os membros do comité a juntarem-se na sala de reuniões.

– Os abutres estão a voar em círculos, Troels – disse Weber. – Toma cuidado.

– A polícia disse alguma coisa? – perguntou Hartmann.

– Nada de nada.

– Vamos lá despachar isto.

Quando entrou, estavam espalhados pela sala, a conversar em grupos fragmentados.

Cabalas e grupinhos. Havia-os em todos os partidos.

Duas mulheres, os restantes eram homens, principalmente de meia-idade, envergando fatos com aspeto profissional. Funcionário do partido.

– Esta reunião foi convocada sem a devida antecedência – disse Hartmann, sentando-se numa cadeira à cabeceira da mesa. – Portanto, vamos tentar que não demore muito.

Knud Padde agitou nervosamente o cabelo encaracolado, olhou de relance por cima da mesa, disse:

– Foi marcada em cima da hora, Troels. Por outro lado, a situação face à imprensa. A publicidade...

– Muito bem, Knud. Será que podíamos ir diretos ao assunto, por favor?

– O assunto és tu.

A previsão de Morten Weber revelara-se certa, como de costume. Tinha sido Henrik Bigum a falar. Um magro e sisudo professor de economia da universidade, calvo e com o rosto grave e ascético de um padre. Bigum tinha-se chegado à frente em diversas ocasiões em eleições para a Câmara Municipal e para o Parlamento. Nunca passara da lista de candidatos. Um homem inteligente e empenhado, mas cáustico em privado e viciado em esquemas.

– Henrik. Que bom teres aparecido por cá.

A sala estava mergulhada num silêncio tenso.

Hartmann pousou a caneta, recostou-se na cadeira.

– OK. Vamos lá ouvir isso.

– Nós gostamos todos muito de ti – prosseguiu Bigum, como se pronunciasse uma sentença de morte. – Apreciamos o trabalho que fizeste.

– Estou a ouvir um mas, Henrik.

– Mas, ultimamente, a tua capacidade de discernimento e a tua honestidade têm sido postas em causa.

– Tretas. Postas em causa por quem? Por ti?

– Pelos acontecimentos. As provas sugerem que o professor é culpado. Ao não o suspenderes, dás a impressão de estar a proteger um inocente, quando na verdade te estás a proteger a ti próprio.

Morten Weber perguntou:

– Onde está isso na agenda?

– Já passámos a fase das agendas. Em segundo lugar, o dossiê de Kemal não foi inicialmente entregue à polícia.

Bigum olhou em redor da mesa, dirigindo-se agora a todos os presentes, não a Troels Hartmann.

– Porque não? Será que Troels tem algo a esconder? Em terceiro lugar, houve uma fuga de informação a partir deste gabinete. De informações muito privadas. Entregues a pessoas que podem prejudicar-nos. Estamos a perder votos. Estamos a perder credibilidade. O nosso apoio no Parlamento é fragmentado e está a decrescer. Será que pareces ter a situação sob controlo, Troels? A mim não. Nem a ninguém.

Hartmann fitou-o sobre a mesa reluzente, riu-se e perguntou:

– Era isso?

– Como assim?

– Não espero que possuas os talentos de assassino de Poul Bremer, Henrik. Mas, francamente... Abandonaste os teus alunos para isto?

– Não é verdade? Tudo isto: o processo, a polícia, a fuga de informação a partir daqui?

– Não. Tudo que dizes foi tirado do contexto. Esses problemas já foram resolvidos. Não precisas de te preocupar...

– Se Troels não retirar a sua candidatura voluntariamente – interrompeu Bigum –, proponho que seja marcada uma reunião para uma moção de confiança.

– Estás a falar a sério? – perguntou Hartmann.

– Estou.

– E quem tomaria o meu lugar? – Hartmann olhou fixamente para Bigum, esperando uma resposta. – Tens alguma sugestão, Henrik? Pergunto-me se...

– Trataremos disso quando for necessário. Troels, estás a destruir o que nos esforçámos tanto para...

– Essa decisão não te cabe a ti, Henrik! – gritou uma voz solitária de mulher. – Não te compete tomá-la.

Elisabet Hedegaard, uma educadora de infância de Østebro.

Bigum esperou um momento para responder. Aquilo era uma facada oportunista nas costas. Baseada na esperança e no momento.

– Está na Constituição – disse Bigum. – Knud?

– Segundo os regulamentos – disse Padde, puxando uma cópia dos mesmos do bolso –, uma maioria dos votos permite-o.

– Então e o eleitorado? – perguntou Hedegaard. – Foram os eleitores que escolheram Troels. Devem ter uma palavra a dizer.

Um velho que Hartmann mal reconhecia rosnou-lhe:

– Estamos aqui reunidos para encontrar uma solução para o problema. Alguns de nós trabalham para o partido há décadas. Não desde ontem...

Hartmann voltou a sentar-se, permaneceu em silêncio.

– O eleitorado tem uma voz – prosseguiu a mulher. – O que tu sugeriste só vai piorar as coisas.

– As coisas ainda podem piorar? – perguntou Bigum – Temos um candidato a presidente da Câmara que está envolvido numa investigação de homicídio. Houve fugas de informação a partir do seu gabinete. Numerosas decisões altamente questionáveis...

– Os eleitores... – insistiu Hedegaard.

– Os eleitores decidem se Troels está apto a permanecer como vereador – interrompeu. – Cabe-nos dizer quem lidera a campanha.

– Proponho... – começou a dizer Henrik Bigum.

Theis e Pernille Birk Larsen apareceram no quartel-general da polícia pouco depois das duas da tarde. Lund extraiu algumas fotografias dos objetos encontrados na garagem. Meyer estava por detrás dela, a observar atentamente.

– Preciso que me digam se reconhecem alguma destas coisas – perguntou.

Uma mochila caqui.

Nada.

Um bloco de notas vermelho com um original padrão de folhas na capa e uma caneta com ponta de feltro.

– Não – disse a mãe.

O colchão com o urso de peluche e o saco-cama azul.

Theis Birk Larsen fitou os objetos.

Lund olhou para Birk Larsen, olhou para a fotografia. Ao lado do colchão estava um copo meio cheio com sumo de laranja. Um biscoito intacto num prato. Uma tigela com os restos do que parecia ser caril. Um cinzeiro com várias pontas de cigarro.

– A Nanna não fumava – disse Theis. – Estava sempre a chatear-me por eu fumar.

Lund passou-lhe mais um grande plano do urso de peluche e de um porta-chaves. Com duas chaves e decorado com folhas de trevo e flores, de plástico.

- Já têm as chaves dela, não têm? – disse Pernille.
- Pensámos que poderia haver um segundo conjunto.
- Nunca vi nada disto.

Depois o *top* amarelo com a mancha de sangue e o logótipo de uma marca. Os olhos de Pernille Birk Larsen arregalaram-se muito, não deixavam a fotografia.

– Acho que a Nanna tem um assim – disse Pernille, ainda a fitar o tecido amarelo e a mancha de sangue no lado esquerdo, perto do fecho de correr, na cintura.

- Tem a certeza? – perguntou rapidamente Lund. – Tem a certeza absoluta?
- Tem um como esse – disse Pernille, abanando a cabeça.
- Obrigada.

Lund guardou as fotografias.

– Onde está ele agora? – perguntou Birk Larsen. – O professor?

– Está sob custódia – disse Lund. – Está sob prisão até termos terminado a nossa investigação.

Theis levantou-se. Casaco preto, macacão vermelho.

- O que é que sabem? – persistiu Pernille.
- Não podemos entrar em pormenores – começou Meyer a dizer.
- Eu sou a mãe dela – gritou a mulher – Tenho o direito...
- Não podemos entrar em...

Lund interrompeu-a.

– Aparentemente, a vossa filha foi ao apartamento do professor depois de ter estado na festa. Talvez eles tivessem um relacionamento. Não temos a certeza. Foi levada para algum lado. Talvez para este sítio. E depois levaram-na para a floresta.

Meyer estava a resmungar algo indistinto por detrás dela.

- Obrigado – disse Birk Larsen.
- Obrigada – repetiu a mulher.

Não havia mais nada. Os pais de Nanna saíram. Meyer sentou-se ao canto do gabinete, a fumar.

Passado algum tempo, disse:

– Lund?

Sarah estava novamente a olhar para as fotografias. Tinham uma identificação potencial de uma peça de vestuário. Era a informação mais sólida que possuíam.

– Lund?

Sarah olhou para Meyer. Barba de dois dias, orelhas grandes, olhos redondos vidrados.

– Aquilo – disse Meyer, abanando a cabeça, infeliz – foi má ideia.

Buchard ouviu o relatório de Lund e abanou a cabeça.

– A mãe identificou o *top* – disse Lund.

– É um *top* de rapariga – queixou-se Buchard. – Há milhões iguais a esse. Os forenses não encontraram nada a sugerir que fosse da Nanna.

– O sangue...

– Ainda não temos os resultados.

– Temos provas suficientes.

Meyer observava em silêncio.

– O quê? – perguntou Buchard.

– Uma testemunha que viu Kemal a levar algo para o carro.

– Não – disse Buchard. – A única prova que têm é um telefonema inconclusivo.

– E o facto de o professor ter mentido!

– Se acusássemos toda a gente que nos mente, metade da Dinamarca estaria na cadeia. Qualquer juiz minimamente competente vai fazer-nos em pedaços se lhe apresentarmos esta merda. Encontrem Mustafá Akkad. Resolvam-me isto, seja de que modo for. Senão tenho de encontrar alguém que o faça.

Theis Birk Larsen saiu para ir tratar de um orçamento de uma mudança a fazer na semana seguinte. Pernille deixou-se ficar nas arcadas, do lado de fora do quartel-general da polícia, e depois, quando o marido se afastou na carrinha, pediu que a deixassem entrar de novo.

Pernille confrontou Lund no seu gabinete.

– Porque é que não o prenderam?

– Não temos provas suficientes.

– De que provas é que precisam mais? – gritou Pernille. – Há bocado disse que a Nanna esteve no apartamento dele. Na festa. Na garagem.

– Ainda estamos a trabalhar no caso.

– E se não encontrarem mais provas? Depois de tudo...

– Já lhe disse – repetiu Lund. – Ainda estamos a trabalhar no caso. Estamos a fazer progressos. Compreendo...

– Não me diga que compreende – Pernille ficou para ali, rígida, determinada, a mão direita levantada, dedo em riste, como uma professora, como uma mãe. – Não faça isso. Não me diga que compreende.

De regresso a casa. De volta ao lava-loiças, a passar mecanicamente por água loiça que não precisava de ser lavada, a limpar superfícies que já estavam limpas.

Theis tinha voltado, sentou-se à mesa, não dizia nada. No pequeno bairro deles, em Vesterbro, Birk Larsen era uma espécie de rei. O homem a quem os vizinhos pediam ajuda quando havia problemas com ladrões. Mesmo os imigrantes iam bater-lhe à porta, às vezes a pedir conselhos. Quando Nanna era pequena, com cinco, seis ou sete anos, tinha caçado um rapazinho indiano e fez do pequeno vagabundo de olhos brilhantes o seu primeiro namorado.

Amir.

Pernille recordou os dois juntos, de mãos dadas, a dar risadinhas enquanto ela os transportava rua abaixo na caixa de carga da *Christiania*. Lembrou-se da forma como Theis tratara dois bandidos locais que também tinham importunado Amir. Não o fizera com gentileza. Não era o seu estilo. Mas resultara.

Defendeu Amir. O menino também estava numa das fotografias da mesa, na caixa vermelha da bicicleta *Christiania*.

Nanna...

– A polícia vai acabar por apanhá-lo – disse Theis. – No fim.

– Tu percebes destas coisas, não é?

Pernille olhou irritadamente para o marido enquanto empilhava os pratos.

– Eles nunca encontraram provas suficientes contra ti, pois não? Não para tudo...

A cabeça de Theis descaiu, tornou-se feroz.

Birk Larsen levantou-se da mesa, confrontou-a.

– Alguma vez te deixei ficar mal? Sou mau marido? – os olhos de Theis tinham novamente uma expressão matreira, mas estavam repletos de dor. – Mau pai?

– Eu não disse isso. Disse que tu, mais do que ninguém, sabes que a polícia não encontra tudo o que devia encontrar. Não me peças para acreditar neles.

Theis pôs-lhe as mãos na cintura. Pernille contorceu-se para se livrar dele. Birk Larsen praguejou, pegou no casaco de couro, vestiu-o.

– Vou até à casa.

– Fazes bem.

Pernille recomeçou a lavar os pratos dos filhos.

– Volta para a tua estúpida casa e esconde-te.

– O quê?

– É o que fazes quando as coisas se complicam. Não é? Fugir.

Pernille pôs os pratos, tirou as luvas, enfrentou-o, descobriu uma emoção selvagem na sua ousadia, encontrou palavras que nunca se atrevera a proferir antes.

– Foi isso que fizeste com a Nanna.

– Que raio é que isso significa?

– Quando ela queria falar. Nunca tinhas tempo. E depois ias-te embora. Para a garagem. Falar com o Vagn. Não é?

– Não – Theis deu um passo em direção a Pernille. – Não é.

Pernille pegou nos pratos que estavam em cima da mesa, arrumou-os. Os rapazes estavam com Lotte. Ainda bem, pensou.

– Porque é que a Nanna tinha tantos segredos? Porque é que não sabemos a vida que fazia?

– Porque ela tinha dezanove anos! Querias que os teus pais soubessem o que fazias quando tinhas a idade dela? Além disso... Vocês eram unha com carne...

– Porque tu não estavas presente.

Theis rugiu como um leão, todo ele fúria e dor.

– Eu estava a trabalhar. Para pagar a escola dela. Para pagar isto tudo. Tu é que a deixavas fazer o que queria. Sair à noite, voltar sabe-se lá a que horas, sem nunca dizer porquê ou com quem tinha estado.

– Eu não, eu não.

– Tu, sim. Estavas-te nas tintas.

Lágrimas nos olhos. A raiva no rosto.

– Como é que podes dizer isso? Como é que tens *coragem* de dizer isso? Eu não conseguia dormir enquanto ela não chegasse a casa.

– Isso ajudou muito.

– Pelo menos não descarreguei nela.

– Pois, e vê como estamos agora. – Theis fez um gesto com a mão, abarcando a cozinha vazia. – Olha para isto – disse Theis Birk Larsen. – Para esta...

Mas Pernille já se tinha ido embora, para o quarto, depois de bater com a porta ao sair.

Theis comeu as suas sanduíches sentado à secretária. Não queria deixar a garagem. Não queria trabalhar.

Vagn Skaerbaek entrou. Boné preto, macacão escarlate, o andar descontraído habitual, corrente prateada ao pescoço.

– Rudi e eu vamos para a casa. Também vens?

Birk Larsen aconchegou-se na cadeira junto da secretária, ao lado da comida intacta, de cigarro na mão. Abanou a cabeça.

– Posso fazer alguma coisa, Theis?

Birk Larsen apagou o cigarro no pão. Skaerbaek puxou uma cadeira, pôs os cotovelos sobre a mesa.

– Sabes o que a Nanna significava para mim, não sabes? – disse Vagn. – Tu e Pernille. Os miúdos. Nanna. Vocês têm sido a minha família. Odeio ver-vos assim.

Birk Larsen observou-o.

– Não é justo, Theis.

– Não quero falar sobre isso.

Skaerbaek disse:

– OK.

Vagn não se foi embora. Sentou-se. Esperou.

– Que hei de fazer? – acabou por dizer Birk Larsen.

– Não sei.

Birk Larsen levantou-se. Era uma cabeça mais alto do que Skaerbaek. Um ano mais velho. Mais forte, de longe. Rei do quartirão. Em tempos, pelo menos.

– Isto nunca nos deixa – disse Birk Larsen.

– O quê?

– As coisas que fizemos. Aquilo que somos. – Birk Larsen acenou com a cabeça na direção da chave da carrinha na parede. – Não vás à casa, Vagn –

disse ele. – Diz ao Rudi para ir sozinho.

– OK.

– Tenho uma ideia melhor – disse o homem grande.

Os homens de Svendsen encontraram Mustafá Akkad quando este regressava às garagens em Nørreport e foi cair nos braços da equipa que por lá ficara a trabalhar. Às cinco da tarde desse domingo, Akkad estava numa sala de interrogatórios com a intérprete. Lund observava a cena pela porta entreaberta enquanto falava ao telefone com Mark, dizendo-lhe para ir lanchar. Meyer saiu e Lund terminou a chamada.

– O tipo não vai dizer nada – disse Meyer.

– Isso é o que vamos ver – murmurou Lund, encaminhando-se para a sala.

– Meyer não a seguiu. Sarah parou. – O que se passa? – perguntou Lund.

– Temos a certeza de que ele está envolvido?

– Sim. Porquê?

– Não tem cadastro. O tipo trabalha. Tem quatro filhos. Reza cinco vezes por dia.

– E então?

– Isto não bate certo.

– Ah, por amor de Deus. De onde é que tu saíste? Achas que eles usam um distintivo ou quê?

– Isto não bate certo! Se quisesse, o tipo podia ter levado tudo da garagem.

– Mas não fez isso.

– E voltou. Ao local de um crime. Por favor...

– Vê e aprende – disse Lund, e entrou na sala.

Akkad era um homem moreno de trinta e cinco anos. Blusão de couro. Cabelo preto brilhante em desalinho. Rosto assustado que parecia demasiado jovem para a sua idade.

Lund sentou-se, atirou algumas folhas de papel para cima da mesa, disse:

– Ora bem, se não falares vou atirar-te para uma cela. Com um par de *motards* que apanhámos a passar droga em Christiania. Eles não estão numa de integração, Mustafá. Ou não sabias disso?

De repente, o homem parecia preocupado.

– Quer dizer que não há nenhum problema de linguagem – Lund apontou para a porta. – Então, como é que vai ser? Vais para a cela ou vais falar? Está nas tuas mãos.

A intérprete continuava a traduzir.

– Ele não precisa disso – disse Lund. – Não traduza uma palavra que seja. Ele vai falar comigo em dinamarquês. Ou então vai ter com os seus novos amigos *motards*. Ouve.

Akkad tinha os olhos postos na mesa.

– Ouve! – gritou Lund na cara do homem. – O tribunal não se importa com o que prometeste ao Kemal. E eu também não. Consigo uma ordem de expulsão em três dias. E nunca mais vês o Sol. Enfiámos-te num avião e mandamos-te direitinho para o sítio de onde vieste.

Dedo apontado à cara do homem. O gesto despertou alguma atenção.

– Direitinho para o sítio de onde vieste, Mustafá. E vamos certificar-nos de que a polícia vai ter contigo ao aeroporto quando chegares – Lund esperou um momento. – Como são os polícias lá na tua terra? São sorridentes, como nós? São simpáticos?

A tradutora não parara de traduzir. Lund deixou-a continuar com a sua cantoria. Ajudava a criar ambiente.

– E depois – disse Lund, sobrepondo a voz à da mulher de *chador* – faço uma visita à tua mulher e aos teus filhos. Verifico os documentos deles, para ver se os posso mandar fazer-te companhia.

O homem deixou cair a cara nas mãos.

– Consegues sustentá-los a partir da prisão, lá na tua terra? E eles podem ir à escola? Podem ir para o hospital de graça? Ficar em casa a receber pensões enquanto toda a gente tem de ir trabalhar? Se calhar vão mendigar para as ruas, como todos os outros.

– Eu trabalho! – rugiu o homem. – O polícia fardado e armado que estava à porta deu um passo em direção à mesa. – Trabalho cada hora que posso.

– E também falas muito bem dinamarquês – disse Lund, cruzando os braços e recostando-se como se se preparasse para ouvir. – Porquê o silêncio de há pouco?

– Não é o que pensa.

Meyer puxou uma cadeira.

– Então é o quê? – perguntou o detetive.

Mustafá Akkad abanou a cabeça.

– O Rama é bom tipo. Têm de acreditar em mim – Akkad olhou fixamente para Lund. – Nunca seria capaz de fazer mal a ninguém.

Recostou-se na cadeira, fechou os olhos.

– O Rama fez uma coisa estúpida.

– O quê? – perguntou Lund.

– Fui a casa dele naquela sexta-feira à noite. Sabia que a rapariga ia passar por lá. Eu disse que não queria ter nada que ver com aquilo – um encolher de ombros. – Mas o Rama precisava de um sítio. Quando cheguei, a rapariga estava ferida. Tinha sido espancada. Mal conseguia andar. Levámo-la para o carro e depois para a minha garagem. Para que se pudesse esconder da família. Depois fui-me embora...

– A família dela? – perguntou Lund. – De que estás a falar?

– A rapariga. Estão constantemente a fazer-me perguntas acerca da rapariga. Eu estou a dizer-lhe... a rapariga que o Rama ajudou.

– Que rapariga?

Mustafá Akkad olhou para Lund como se ela fosse imbecil. E disse, muito pausadamente:

– A rapariga da congregação do pai dele. Aquela por quem estão constantemente a perguntar. A filha de Abu Jamal. Leyla. Os pais queriam que ela casasse com um tipo da nossa terra para que ele pudesse vir para a Dinamarca. Por isso, a rapariga tentou fugir.

– Merda – murmurou Meyer.

– Se a encontrassem, não sei o que lhe fariam – Akkad lançou um olhar de raiva aos detetives. – E vocês não iam ser de grande ajuda, de certeza. Por isso, o Rama levou-a para longe deles. Escondeu-a na minha garagem. E depois noutra qualquer, no domingo. Não sei onde.

Meyer praguejou novamente. Depois levantou-se e saiu da sala. Acendeu um cigarro no corredor escuro. Olhou para o fundo.

A mulher de Kemal apareceu. Enorme, num velho blusão caqui. Telemóvel na mão. Perguntou:

– O Rama não voltou para casa. Onde está ele?

– Não sei. Não sou a *babysitter* dele.

– Rama foi fazer umas compras. Não atende o telemóvel.

Lund chegou à porta, escutou.

– Deixei-lhe várias mensagens. Nunca me respondeu – a mulher de Kemal mostrou o telemóvel a Meyer. – Ele telefona-me sempre.

Lund entrou no gabinete de Svendsen. O detetive estava lá sentado, com ar relaxado e uma caneca de café na mão.

– Onde está o Theis Birk Larsen? – perguntou Lund.

- Da última vez que soube dele estava em casa.
- Eu disse-te para o manteres sob vigilância.
- Se me deres um milhão de homens talvez eu possa fazer um quarto do que tu pedes.
- Descobre onde está o Kemal – ordenou Sarah.
- Svendsen pegou na caneca de café, brindou-lhe.

Às seis e um quarto, a carrinha escarlata estacionou junto da porta da frente do armazém deserto. Skaerbaek foi o primeiro a sair, olhou em volta.

Quase ninguém ia àquela zona da cidade ao domingo à noite. Olhou para a direita, depois para a esquerda. Lembrou-se dos bons velhos tempos, quando ele e Theis trabalhavam nas ruas. Era uma boa equipa. E também eram bons camaradas, a maior parte das vezes.

– Tudo bem – disse Skaerbaek, batendo com o punho na porta do condutor. Depois, tirou o cartão de segurança do bolso, abriu as fechaduras, subiu a porta de correr, ajudou Theis a estacionar a carrinha dentro da garagem. Ficou para trás a observar como Birk Larsen manobrava lentamente o veículo para o interior meio vazio.

Passou um comboio. Uma buzina soou. No interior da garagem, os pombos levantaram voo, batendo ansiosamente as asas quando voaram em direção à porta.

Skaerbaek ligou as luzes, em seguida desceu novamente a porta.

Os bons velhos tempos.

Birk Larsen tinha trazido uma marreta. Skaerbaek o cabo de uma picareta. Detiveram-se ambos por uns momentos junto da carrinha, balançando-a preguiçosamente, recordando.

– Theis...

– Pouco barulho.

Skaerbaek calou-se. Observou. Imaginou.

Foi Birk Larsen quem se dirigiu à parte de trás da carrinha, destrancou as portas e abriu-as de par em par.

O professor agachou-se junto das paletas, ainda a fingir que era branco. Casaco preto elegante. Cachecol formal. Sapatos engraxados.

Skaerbaek tinha uma lanterna. Apontou-a aos olhos do homem.

Kemal levantou-se, saiu, abriu os braços, olhou para ambos.

Meio zangado, meio apavorado.

– Ouça-me – implorou o professor. – Eu não fiz nada. Disse-vos tudo o que sei. Eu disse à polícia...

Birk Larsen virou a marreta, pegou nela pela cabeça de ferro, balançou o cabo de um lado para o outro, deixou-o cair na barriga de Kemal.

Kemal caiu, aos gritos. Birk Larsen assentou-lhe um pontapé na cabeça, ficou a vê-lo rebolar pelo chão, arrastou-o pelo casaco de couro, lançou-o contra a carrinha.

Ficou ali, ao lado de Skaerbaek, esperou.

– A sua filha esteve um minuto no meu apartamento – disse Kemal, limpando o sangue da boca. – Foi lá para me devolver uns livros. E depois saiu.

Birk Larsen virou novamente a marreta, deixou a cabeça de ferro deslizar para o chão, balançou-a como um pêndulo.

– Havia lá outra rapariga naquela noite. Alguém que eu estava a ajudar. Não podia dizer-lhe. Não podia dizer à polícia.

Skaerbaek limpou o nariz com a manga da camisa, bateu com o cabo da picareta na carrinha.

– Sei que devia ter-lhes dito, mas não podia – berrou Kemal. – É verdade. Birk Larsen assentiu. Olhou para Skaerbaek.

– Dá-me o telemóvel dele – disse Theis.

– Theis... – começou a dizer Skaerbaek.

– Liga-lhe – ordenou Birk Larsen, entregando-lhe o telemóvel.

O professor ficou na parte de trás da carrinha, curvado, rígido, com dores e com medo.

– Vá lá – ordenou Birk Larsen. – Liga à rapariga.

Dedos trémulos martelaram os botões. Rahman Al Kemal fez a chamada.

Assim que soube, Lund saiu no seu próprio carro. Agora ia na estrada, a ouvir a rádio.

Do controlo, ouviu-se:

– Temos um possível sequestro. Estamos à procura da matrícula PM 92 010. Trata-se de uma carrinha vermelha da empresa de mudanças Birk Larsen. Saiu da garagem por volta das dezoito horas.

Meyer estava a formar uma equipa. Lund gostava de estar sozinha, a tentar pensar.

– Theis Birk Larsen mede um metro e noventa e cinco. Tem cerca de quarenta e cinco anos. Há que ter cuidado ao aproximarem-se dele. Pode ser violento. Detenham-no imediatamente e...

Lund inseriu o auricular ao telemóvel, ligou a Meyer.

– Novidades?

– Onde raio é que tu te meteste? Não te podes ir embora assim sem mais nem menos.

– Mas foi o que fiz.

– Os negociadores de sequestros estão à espera de ordens.

– Isto não é um sequestro, Meyer. Ele vai matá-lo. Que novidades tens?

– Encontrámos o carro de Kemal perto da casa dele. Parece que houve uma briga. Birk Larsen levou uma carrinha.

Lund ia na direção de Vesterbro. Aquele era o território de Birk Larsen. Certamente que...

– Sítios – exigiu Lund. – Diz-me os sítios.

– Onde diabo é que tu estás?

– Sítios!

Meyer suspirou.

– Inspecionámos a garagem e o armazém ao lado. O problema é que Birk Larsen tem arrecadações por toda a cidade.

– Não há um armazém em Teglholmen?

Havia uma grande zona industrial a sul de Vesterbro. A área deserta da cidade mais próxima da casa de Birk Larsen.

Lund ouviu Meyer a mexer em papéis.

– Sim, mas Theis não a utiliza há seis meses.

– O que diz a Pernille?

– Trouxe-a para cá. Mas ela não quer falar comigo.

– Pergunta ao melhor amigo dele, Skaerbaek. A pedir ajuda a alguém, de certeza que Theis o escolheria a ele.

– Sim – disse Meyer. – Eu também reparo nas coisas. Skaerbaek não está em casa. Ambos têm os telemóveis desligados.

– Merda.

– Utilizou o cartão de crédito numa bomba de gasolina na Enghavevej há cerca de uma hora e meia. A Enghvevej fica em Vesterbro, a três ruas da casa de Birk Larsen.

Lund desviou o carro para a berma da estrada. Estava perto do desvio para Vesterbro, pelo centro comercial Fisketorvet. Várias estradas convergiam naquele ponto. Lund podia dirigir-se a qualquer zona da cidade.

– Espera – ordenou Meyer. – OK. Temos um registo de uma chamada feita do telemóvel de Kemal na P. Knudsens Gade. Deixa-me ver no mapa.

Lund sabia onde aquilo ficava.

– Birk Larsen está a dirigir-se para sudeste, para Valby – disse Meyer.

– Não – disse Lund. – Não está. Eu já verifiquei esse endereço em Valby.

– Por amor de Deus, Lund. Talvez Birk Larsen esteja a ir pela autoestrada. Que tal Avedøre? Eles têm lá um depósito.

Lund voltou à estrada.

– Será que Birk Larsen ia utilizar um dos seus depósitos?

– Os meus poderes psíquicos abandonaram-me. Tens alguma ideia melhor?

– Birk Larsen não é estúpido. Sabe que temos a lista dos depósitos dele.

– Boa! – berrou Meyer. – Além dos depósitos não temos mais nada. Podias pensar em alguma coisa, não? Eu estou completamente bloqueado.

– De onde é que disseste que foi feita a chamada?

– Da P. Knudsens Gade.

– Vou dar uma vista de olhos. Diz à mulher de Birk Larsen que, se quer ver o marido outra vez, é melhor falar contigo.

– Está bem.

A rua ficava a cinco minutos do sítio onde Lund estava. Paralela à autoestrada, tinha duas largas faixas de rodagem e era bordejada por árvores despidas.

Casas e escritórios. Iluminada.

Não era o lugar ideal para um homicídio.

* * *

Birk Larsen olhou para o relógio.

Kemal tinha tentado o número repetidamente. A rapariga nunca atendeu. Agora estava sentado na porta traseira da carrinha, a carregar nos botões, a não chegar a lado nenhum.

– Eu não podia revelar o paradeiro da rapariga – disse o professor, cada vez mais desesperado a cada minuto que passava. – Era um casamento arranjado. Compreende? Está a perceber o que lhe estou a dizer?

Vagn Skaerbaek estava encostado à parede, de olhos fechados, parecendo entediado.

– Eu não podia contar a ninguém. Se os pais a encontram vão espancá-la outra vez – Kemal hesitou. – Matá-la, talvez.

– E? – perguntou Birk Larsen, balançando a marreta de um lado para o outro, como o pêndulo de um relógio a abrandar e depois a parar.

– Estava com medo que fossem atrás dela. A rapariga tinha fugido de casa. Skaerbaek abriu os olhos, olhou para ele, disse:

– Pareces um homem a cavar a própria sepultura.

– Porque é que a rapariga ainda não te ligou? – perguntou Birk Larsen.

– Não sei! Como posso saber? A Nanna passou lá para me devolver uns livros. Foi a última vez que a vi.

– Eu disse para calares a boca – gritou Skaerbaek, dando-lhe um murro na cabeça.

– Não existe nenhuma rapariga – disse Birk Larsen. – Estás a mentir.

– Não! Deixei-lhe uma mensagem. Deve estar quase a ligar.

– Falta o quase – lamuriou-se Skaerbaek.

Então, o telemóvel tocou. Kemal olhou ansiosamente para o ecrã. Um nome: *Leyla*. Um número.

Kemal respondeu, levantou-se, mostrou-lho.

Birk Larsen aproximou-se, tirou-lhe o telefone. Respondeu.

Uma voz.

Devolveu o telemóvel a Kemal, que o pôs em alta-voz. Escutaram os três.

– Leyla? Fala Rama.

– Rama? – a rapariga parecia sonolenta. – És tu?

– Não tenhas medo – disse Kemal. – Vai correr tudo bem – aclarou a garganta. – Precisava mesmo da tua ajuda, agora, Leyla. Preciso que digas o que aconteceu na sexta-feira em que foste ter comigo.

Silêncio.

– Estou? – disse Kemal.

– De onde estás a ligar?

– Não importa. Lembras-te da rapariga que conheceste? A minha aluna? O pai dela está comigo. É importante que lhe digas o que aconteceu. Diz-lhe que ela me trouxe uns livros...

– Não lhe digas o que deve dizer, idiota! – gritou Skaerbaek.

A rapariga começou a falar árabe. Kemal respondeu no mesmo idioma.

– Então! Então! Bin Laden! – gritou Skaerbaek. – Estamos na Dinamarca. Fala dinamarquês. Não percebes?

Birk Larsen arrancou-lhe o telemóvel, levou-o ao ouvido.

Disse:

– Estou? Estou?

Olhou para o telefone morto. Olhou para Kemal, com os olhos a brilhar na escuridão.

Um momento.

Uma decisão.

O professor correu para trás da porta da carrinha. Skaerbaek gritou e foi atrás dele. Pondo a mão no metal escarlate, Kemal atirou-lhe a porta contra a cara, agarrou no cabo da picareta de Vagn, lançou-a com força contra o peito de Birk Larsen quando o homem grande foi atrás dele.

Correu para salvar a vida.

Ofegante.

Pombos assustados a bater as asas por cima deles.

Sentiu algo a agarrar-lhe as pernas e a fazê-lo cair.

No chão, o peito a arfar. Acima dele, na pálida luz fluorescente, Birk Larsen ergueu a marreta, balançando a cabeça num arco lento e certo.

Sentou-se à frente de Meyer sob a luz fraca do gabinete.

– Pernille – disse Meyer. – Tem de ajudar-nos. O Kemal não matou a sua filha. Ele não teve nada que ver com isso. O Theis raptou-o. Percebe...

– Não – gritou Pernille. – Não acredito! Primeiro disseram que tinha sido aquele miúdo, Schandorff. Depois o professor. É demais!

– Se o Theis maltratar o Kemal vai para a prisão. Percebe?

Pernille ficou em silêncio por um momento.

– Theis não era capaz de lhe fazer mal.

– Tem a certeza? – perguntou Meyer.

Meyer pegou no ficheiro das fotografias que estava sobre a mesa. O cadáver ensanguentado em Christiania.

– Há vinte anos, um traficante de droga foi assassinado.

Pernille olhou para as fotografias horríveis, não se encolheu.

– Pensaram que tinha sido o Theis a fazer isto – Meyer olhou para Pernille.

– Calculo que tenha sido na época em que começaram a namorar. Não suspeitou de...

– Somos todos diferentes quando somos jovens. Mas depois deixamos essas coisas para trás. – Pernille fitou-o. – Não lhe aconteceu o mesmo?

– Talvez. Mas isto está a acontecer no presente e o Theis está a cometer um grande erro.

Pernille pegou nas fotos, olhou para elas, voltou-as.

– Já lhe disse. Ele nunca faria uma coisa dessas.

– Sempre pensei que tinha sido o Vagn a inventar os álibis.

– Vá-se lixar.

– O Vagn também está com ele. Desta vez não se vão safar – Meyer inclinou-se para a frente na penumbra. – Ajude-me. Ajude o Theis.

Pausadamente:

– O Theis nunca faria uma coisa dessas.

Sirenes na rua. Carros a sair para a noite.

– Sei que perdeu a sua filha. Mas o Kemal está inocente. A mulher dele está prestes a ter um bebé. Kemal é um homem bom. Não piore as coisas. Tem de ajudar-me. Preciso de saber onde está o Theis.

Meyer observou-a

Silêncio.

– Podemos ficar aqui a noite toda – disse Meyer. – Tenho todo o tempo do mundo. Você também?

Pernille olhou com raiva para Meyer. Odiavam-nos mesmo quando tentávamos ajudá-los, pensou o detetive.

– Pern...

– Há um sítio que ele utiliza às vezes. Não sei porquê. Um armazém abandonado.

– Qual é a morada?

– Não me lembro. É algures em Tegllholmen.

Lund avançava, subindo e descendo a rua, observando sempre.

Por fim, na escuridão, perto do fim da rua, viu uma placa vermelha meio escondida por detrás de uma cerca de arame.

Mudanças Birk Larsen.

O telemóvel tocou.

– Estamos a caminho de Tegholmen – disse Meyer. O Theis está algures por lá. Tenho uma unidade de intervenção a caminho.

– Já cá estou – disse Lund.

– O quê?

– Birk Larsen tem um armazém na zona industrial. As luzes estão acesas.

Pernille deu a Meyer o número do armazém e uma rua para referência.

– Tenho a Pernille comigo – disse Meyer. – Estamos aí daqui a dois minutos. Espera por nós. Lund? Lund?

Lund guardou o telemóvel no bolso, saiu do carro, apontou a lanterna para as cancelas de segurança.

Estavam abertas.

Entrou.

Noite escura e fria. Nuvens esparsas. Meia-lua. Não havia vento. Nenhum som ou sinal de vida.

À exceção das luzes a toda a volta do edifício.

Havia uma porta lateral coberta de *graffiti*. Aberta. Lund avançou, apontando a lanterna para a frente.

Um pequeno corredor. Luzes ao fundo.

Um homem gritou. Um grito alto e cristalino repleto de agonia e de medo.

Lund começou a correr.

Não queria matá-lo. Ainda. Queria ouvir. A marreta tinha desaparecido. Agora, Theis tinha o cabo da picareta de Skaerbaek e balançava-a continuamente sobre o ventre, o peito e os membros de Kemal.

Havia sangue no chão. Um dos braços do homem pendia numa posição absurda, partido no cotovelo. Birk Larsen balançou novamente o cabo, atingiu-o naquela cara morena e bonita.

Outro grito e nenhuma palavra.

– Theis – disse Skaerbaek.

Estava para ali, a arrastar ora um pé, ora o outro. Não tinha apenas interferido, observava e resmungava.

Birk Larsen andava em volta do corpo ensanguentado no chão, pensando num novo ponto onde o podia magoar. Pontapeou Kemal na cabeça.

– Chega, Theis – disse Skaerbaek.

Outro golpe com o cabo de madeira, outro grito.

– Theis, por amor de Deus! O tipo já levou o suficiente. Talvez...

Birk Larsen olhou para Vagn, uma expressão de animal feroz e assustador.

– Talvez o quê?

– Talvez ele esteja a dizer a verdade.

Birk Larsen praguejou, girou novamente o cabo, atingiu Kemal nas costelas.

Foi buscar a marreta.

– Theis! – implorou Skaerbaek.

Uma voz vinda da escuridão.

– Theis Birk Larsen. Sou a Sarah Lund.

Skaerbaek encheu-se de coragem, colocou-se entre Birk Larsen e o homem, disse:

– Vamos. Não temos mais nada a fazer aqui.

– Foge, Vagn – rugiu o homem grande e, com uma mão enorme, afastou-o para o lado como uma boneca de trapos, fazendo-o chocar contra a carrinha.

A marreta subiu, acariciou o pescoço de Skaerbaek, recuou por um momento.

Depois, Vagn Skaerbaek desapareceu.

Uma mão em torno de um pescoço ensanguentado, arrastando Kemal pelo chão.

– Levanta-te – ordenou Birk Larsen. – Levanta-te! Põe-te de joelhos.

Tal qual como apareciam na televisão. Nos vídeos de execuções. Homens vendados em lugares distantes. À espera da morte.

– Theis! – a voz era agora mais alta, estava mais perto e era mais aguda. – Pare. Pare imediatamente.

Mas Birk Larsen tinha um fogo a arder dentro dele e estava cheio de raiva. E aquela inquietação nunca diminuía facilmente.

Theis conseguia ouvi-la a correr pelo chão de betão. Olhou. Sob as cruas lâmpadas fluorescentes viu umas calças de ganga e uma camisola preta e branca.

– O Kemal está inocente! – gritou-lhe Lund. – Ouça o que lhe estou a dizer. Kemal não tem nada que ver com o que aconteceu à Nanna.

O professor estava de gatas, a boca ensanguentada a pingar sangue espesso para o chão. Birk Larsen pontapeou-o com força nas costelas, agarrou-o pelo cabelo.

– Eu disse-te para te sentares – rosnou Birk Larsen, e olhou para o rosto contundido e ferido do professor.

A cabeça da marreta acariciou o pescoço de Kemal. Um único golpe. Num homem ajoelhado. Justiça.

– Senta-te! – gritou.

Na luz que jorrava dos faróis da carrinha, sombras recortavam-se contra a parede. Aquele era o sítio certo, a posição certa. Aquele era o ponto onde a dor acabava.

Outra figura a correr vinda da porta.

– Theis! Largue a arma. Não foi o Kemal que matou a Nanna.

O detetive desbocado de olhos esbugalhados e orelhas grandes.

A marreta. Um único balanço, longo e forte.

Theis ouviu uma arma a ser engatilhada, viu pelo canto do olho que o detetive chamado Meyer tinha uma arma apontada a ele nesse momento e que a arma estava pronta a disparar.

Um tiro. O som ecoou pelo armazém vazio como um balão a rebentar. Birk Larsen pestanejou, hesitou. Perdeu-se.

Depois, uma terceira forma. Uma gabardina bege. Cabelo comprido. Um rosto, o rosto precioso.

Pernille estava ao lado deles, fitando-o de boca aberta.

Este sou eu, pensou Birk Larsen. O eu que sabias que existia mesmo que nunca tenhas ousado perguntar.

Este sou eu.

Levou a marreta atrás mais uma vez.

– Theis! – gritou Meyer, arma bem visível, cano apontado a Birk Larsen. – Ouça. Baixe isso. Dou-lhe um tiro antes de lhe conseguir tocar. Juro por Deus.

Pernille passou por eles, direita a Theis e ao corpo ensanguentado no chão encardido.

– Largue isso! – gritou o detetive. – Não faça nenhum disparate.

Birk Larsen hesitou e foi quanto bastou. Quando estava novamente pronto, tinha mais três agentes com as pistolas negras apontadas à cara.

Como se isso bastasse para...

Mas também havia Pernille, a um passo de distância, o rosto pálido e atormentado pela luz crua dos focos brilhantes. Pernille a fitá-lo como se dissesse: eu sabia, mas nunca quis acreditar.

– Theis – disse Pernille. – Pousa isso.

E Theis assim fez.

Rie Skovgaard e Morten Weber acabaram os telefonemas. Hartmann ligou pessoalmente a mais algumas pessoas. Telefonou para o quartel-general da polícia e, depois, às oito em ponto, entrou na reunião.

Knud Padde começou:

– É indesejável mas necessário que aprovemos uma moção de censura contra Troels Hartmann. Posso...

– Estamos a perder tempo – disse Henrik Bigum com cansaço. Pela expressão do político, parecia que o resultado já tinha sido anunciado. – Todos sabemos aonde isto nos vai levar.

– Não te preocupes, Henrik – disse Hartmann. – Não vai ser necessário votar.

– Lamento, Troels. Mas tem de ser. Decidimos votar.

– Se quiserem eu retiro a minha candidatura. Não precisam de votar. Exceto para... – Hartmann sorriu para Bigum. – Decidir quem toma o meu lugar.

– Não, Troels! – protestou Elisabet Hedegaard. – Porquê? Porque é que vamos fazer isto? Henrik fala por ele, sempre...

– Retirar a candidatura também é uma opção – concordou Bigum. – Se for essa a tua escolha.

Tirou uma caneta do casaco. Ofereceu-a a Hartmann.

– Não tens visto o teu telemóvel, Henrik? Não há mensagens privadas? Nenhuma sugestão do escritório de Bremer? E também não tens visto as notícias?

Bigum riu-se, abanou a cabeça.

– Pensava que ias fazer isto com um pouco de dignidade. Demite-te e acaba com esta situação.

– Acabei de falar com o chefe da polícia encarregado do caso Birk Larsen – disse Hartmann. – Surgiu um dado novo a provar, para lá de qualquer dúvida, que o professor é inocente. O chefe da polícia vai falar na televisão daqui a uns minutos. Se queres livrar-te de mim por defender um homem inocente, estás no teu direito. Agora que efeito é que isso vai ter nas perspetivas do meu sucessor...

– Tu é que decides, Knud – berrou Bigum.

Padde estava boquiaberto, incapaz de decidir qual o caminho a tomar.

– Talvez devêssemos refletir sobre isto – acabou por dizer. – E não votar, afinal de contas. Se o que Troels diz é verdade, precisamos de conhecer os

factos.

– Os factos! Bigum ficou furioso. – Os factos são que Hartmann meteu a pata na poça do princípio ao fim. Se caíres num truque como este...

Hartmann estava a dar toda a atenção a uma chávena de café. Olhou para ela. Fê-los esperar.

– Na minha opinião – disse – todos nós devemos ponderar acerca disto e conversar novamente amanhã de manhã. Afinal, não são umas quantas horas que vão fazer a diferença, pois não? Concordam?

Um longo silêncio. Quebrado apenas quando Henrik Bigum praguejou, levantou-se, saiu intempestivamente da sala. Em seguida, Elisabet Hedegaard apertou a mão a Hartmann, dirigiu-lhe um sorriso rasgado, inclinou-se, sussurrou:

– Muito bem.

Dez minutos mais tarde, sozinho no gabinete, frente ao televisor.

«É agora evidente que o cidadão exemplar de Hartmann foi ilibado de quaisquer suspeitas», disse o pivô.

Um jornalista perseguia Poul Bremer por um corredor da Câmara Municipal, empurrando um microfone na direção da cara do presidente.

– Estou satisfeito por o caso ter terminado desta forma para Hartmann – disse Bremer sem convicção. – Mas viram o modo como ele se comportou. Ficou paralisado pela indecisão. Troels Hartmann não está apto para ser presidente da Câmara. Não está à altura do cargo.

Weber entrou, todo sorrisos, para variar.

– Telefonaram montes de pessoas, Troels. Os média adorariam falar contigo. Toda a gente ficou satisfeita com o resultado.

Rie Skovgaard estava por detrás de Weber.

– Até no Parlamento – acrescentou. – As pessoas gostam de um vencedor.

Kirsten Eller apareceu no ecrã, presunçosa, à porta do seu gabinete.

– Este é um momento feliz – disse. – Prova que Troels Hartmann é uma alternativa de confiança a Bremer. Foi por isso que confiámos nele desde o início.

Hartmann inclinou a cabeça para trás e deu uma gargalhada para o teto.

Depois desligou o televisor.

– Os média – disse Skovgaard.

– Não quero falar com eles até amanhã. Emite uma declaração a dizer que estou satisfeito por ter sido feita justiça. Morten?

Weber pegou no bloco de notas.

– Acelera os cartazes da campanha. Vamos concentrar-nos na nossa política de integração. Faz questão de mencionar os cidadãos exemplares. O sucesso que têm tido. Ah...

Hartmann pegou no casaco, vestiu-o.

– Quero outra reunião do grupo amanhã. Não telefones a ninguém antes de amanhã de manhã. Só nessa altura é que os convocas. Diz-lhes que todos os que estiveram aqui hoje têm de comparecer.

– É um bocado em cima da hora – disse Weber.

– Para mim também foi.

Weber afastou-se.

Troels Hartmann pegou no casaco de Rie Skovgaard, levou-lho. Rie já não parecia assim tão feliz há vários dias. Nem tão bonita, embora estivesse exausta. Hartmann levara-os a todos ao limite.

– Estou com fome – disse. – E temos de conversar.

* * *

Theis Birk Larsen estava sentado numa sala com dois agentes uniformizados a tratar dos pormenores burocráticos. Lund assistia à cena do lado de fora, junto de Pernille.

– O que vai acontecer agora?

– Vamos acusá-lo – respondeu Lund.

– Para onde é que o Theis vai?

– Para uma cela.

Os homens de uniforme acenaram com a cabeça na direção do homem grande de casaco preto. Este levantou-se, saiu com eles da sala.

– Quando é que o Theis vai poder voltar para casa? – Lund não respondeu.

– Nós temos dois filhos. Quando é que ele pode voltar para casa?

– Vai depender da acusação.

– Será que o Theis vai para a cadeia?

Lund encolheu os ombros.

– Isto é tudo culpa sua, Lund. Se não fosse você...

– Desculpe.

– Agora pede desculpa?

– Vou requisitar um carro para a levar a casa. Alguém vai entrar em contacto consigo depois da audiência.

– E pronto?

– Pernille... – Lund interrogava-se se valeria a pena dizer aquilo. Se poderia fazer a diferença. – Nós não somos especiais. Somos exatamente como qualquer outra pessoa. Se nos mentem, não gostamos. Não sabemos se as razões de quem está a mentir são boas ou más. Tudo o que sabemos é que... estão a mentir.

Pernille Birk Larsen estava no gabinete de Lund no Politigården, rígida de fúria.

– Acha que lhe estou a mentir agora?

– Acho que há muita coisa que ainda não sabemos.

Lund esperou.

– Muito bem – disse Pernille, afastando-se.

Meyer estava sentado à secretária, a rever os documentos mais recentes.

– A rapariga muçulmana fez uma declaração – Meyer parecia um miúdo da escola cansado, enfiado no seu colete e na sua *T-shirt* às riscas. – Confirmou o álibi de Kemal. Disse que foi o *top* dela que encontrámos. Eu falei com o Kemal.

Lund limitava-se a ouvir. Estava sobretudo a olhar para as fotografias na parede. A carrinha. O canal. A Floresta de Pentecostes.

– Os médicos dizem que o Kemal vai recuperar – acrescentou Meyer. – Não quer apresentar queixa.

– Não é ao Kemal que cabe decidir isso.

– Podes não voltar a fazer aquilo, Lund?

– Fazer o quê?

– Desaparecer sem me dizeres nada.

– Birk Larsen vai ser acusado de sequestro e lesões corporais graves. Para começar.

Meyer acendeu um cigarro, soprou o fumo para o teto.

– Fizemos o que estava certo – insistiu Lund.

– Nós não fizemos nada. O pai vai para a prisão. O Kemal está no hospital. Jesus...

Bateram à porta. Svendsen. Parecia satisfeito consigo mesmo.

– Buchard quer uma reunião com os dois amanhã de manhã.

– Obrigado por manteres Birk Larsen debaixo de olho – disparou Lund na direção do detetive. – Como eu te pedi.

Svendsen olhou irritadamente para Lund.

– Se pedires demasiadas coisas, Lund, vais obtê-las por ordem alfabética. Já conversei com o chefe sobre isso. Buchard já esclareceu as coisas.

– Uma reunião sobre o quê? – perguntou Meyer.

Svendsen riu-se.

– O comissário vai dizer-lhe das boas esta noite. Julgo que quer partilhar um pouco da dor. Boa-noite. Durmam bem.

Svendsen fechou a porta atrás dele.

Meyer ficou para ali sentado, com expressão chocada e preocupada, as grandes orelhas a moverem-se para a frente e para trás enquanto mascava uma pastilha elástica. Noutras circunstâncias, aquilo teria parecido cómico.

Lund não parava de examinar as fotografias na parede.

– Não vou pagar pelo que aconteceu – disse Meyer. Levantou-se, pegou no blusão. – Recuso-me.

Lund ficou contente por Meyer ter saído. Era mais fácil estar sozinha.

De volta às fotografias. Nanna Birk Larsen. Dezanove anos, embora passasse facilmente por vinte e dois ou vinte e três. Cabelo louro encaracolado. Habilidade para se maquilhar. Sorria com à vontade para a câmara, com confiança. Não era de todo como as adolescentes comuns.

Ainda não conheciam aquela rapariga. Faltava algo.

Lund foi buscar as suas coisas, murmurou boa noite, saiu para o corredor.

Passos atrás dela. Meyer a correr, ofegante, de olhos arregalados.

– Lund – disse Meyer. Lamento muito.

– Porquê?

– Houve um acidente.

[11](#) Tipo de pão italiano confeccionado com azeite e farinha de trigo e sem fermento. (*N. do T.*)

[12](#) Gola pregueada que remonta ao século XVI e continua a ser usada pelos sacerdotes nórdicos. (*N. do T.*)

[13](#) Cidadela de Copenhaga, outrora parte das muralhas da cidade, construída no século XVII. (*N. do T.*)

[14](#) Peça de vestuário que pode cobrir todo o corpo, incluindo o rosto, usado pelas mulheres muçulmanas e hindus. (*N. do T.*)

Segunda-feira, 10 de novembro

Dormiu numa cadeira ao lado da cama no quarto de hospital. Bengt tinha uma ligadura na cabeça, soro no braço direito, gesso no esquerdo.

Não acordou. Nem mesmo quando Lund se aproximou do rosto do namorado e sussurrou o nome dele, muito baixo.

Quando a luz da manhã começou a entrar pelas janelas poeirentas, Lund olhou em redor. Tinham trazido alguns dos bens que Bengt levava no carro quando chocara, a caminho da ponte para Malmö.

Um casaco. Um cachecol e uma camisola.

Uma pasta de couro preto. Alguns documentos despontavam da parte de cima. Ostentavam o carimbo da polícia.

Lund observou-o. Ainda estava a dormir. Depois, começou a examinar os documentos.

A pasta era grossa, cheia de relatórios oficiais. Autópsias e pormenores de crimes. Fotografias e material forense.

Lund sentou-se, espalhou-os no chão à sua frente e começou a consultá-los um a um.

Uma voz perturbou-lhe a concentração.

– Tens razão – disse Bengt com voz rouca e dolorida. – Ele já tinha feito aquilo antes.

Lund pôs os documentos para um lado, aproximou-se da cama de Bengt e inclinou-se ligeiramente para o namorado.

– Como te sentes? – Bengt não respondeu. – Os médicos disseram que tens um traumatismo craniano e um braço partido. O carro é para esquecer. Tiveste sorte.

– Sorte?

– Sim. Sorte. Não dormias há vinte e quatro horas...

– Estava tão chateado contigo. – Lund não disse nada. – Decidi regressar a casa. Estava farto.

Lund perguntou a si própria se estaria prestes a chorar. Sentiu picadas nos olhos. A mente vagueava.

– Não sei porque sou assim – disse suavemente. – Desculpa. Não consigo controlar-me. Às vezes...

A mão de Bengt saiu debaixo das cobertas e pegou na mão dela. Dedos entrelaçados. Calor. Proximidade.

– Li o processo. Não foi um crime passional. Não foi o habitual.

– Podemos falar sobre isso mais tarde – disse Lund, questionando a sinceridade das suas palavras.

– Talvez ele siga uma espécie de método – prosseguiu Bengt, de olhos fechados, a pensar.

– Nós demos atenção a isso. Não conseguimos encontrar ligação com nenhum caso anterior.

– O que não significa que não haja ligação. Ele atirou a Nanna ao canal. Viste como aquilo era. Selvagem. Remoto. Provavelmente há mais coisas que desconheces.

– Mais tarde, Bengt.

– Não – disse Bengt, irritado. Tinha os olhos abertos e a pestanejar. – Mais tarde não. Não sabes o que essa palavra significa. Acredita. Excita-o saber que só ele e a rapariga sabem como e onde isto vai terminar. Para ele, isso é intimidade. Como um caso amoroso.

– Mais tarde – repetiu Lund, ligando o televisor.

Assistiram juntos ao noticiário. Buchard tinha emitido um comunicado a ilibar Kemal. O professor tinha-se tornado suspeito por causa de uma trágica coincidência, afirmou o chefe. Nada disse acerca do erro cometido pela polícia.

As coisas eram assim. Ou se estava certo e se era um herói, ou se estava errado, passando imediatamente a vilão. Não havia meio termo, nenhuma área cinzenta. Não aos olhos dos média. Preto ou branco. Nada mais.

Acontecia o mesmo na política, pensou Lund, observando a repetição da discussão entre Hartmann e Bremer no último debate televisivo em que tinham participado.

Nada era diferente nas suas palavras, gestos, expressões. Mas antes era Bremer quem parecia ter a vantagem, óbvia a sua sensação de superioridade,

evidente o brilho da vitória nos olhos. Agora, aquele mesmo debate tinha um tom diferente, oposto. O ar de estadista de Bremer parecia presunçoso e superficial. A defesa incauta e aparentemente insensata do professor, a que Hartmann se entregara, parecia corajosa e perspicaz.

Era o contexto que fazia a diferença. Mas, para entender o contexto, eram precisos factos, marcos, posições fixas de onde se podiam avaliar perspectivas.

E tudo isso faltava no caso Birk Larsen.

– Disseram que posso sair mais logo – disse Bengt, desligando o televisor.

– Vou falar com a minha mãe. Podemos ficar em casa dela.

– Não vale a pena incomodarem-se. Vou regressar à Suécia.

Um lampejo de algo que podia ser pânico.

– Porquê? – perguntou Lund.

– Tu estás ocupada. Temos gente a trabalhar lá em casa. A tua mãe ia sentir-se pouco à vontade.

Bengt fechou os olhos por um momento. Lund observou os hematomas no rosto do namorado. Perguntou quanto tempo levariam a desaparecer.

– Não é vergonha nenhuma enganarmo-nos – disse Bengt.

– Queres água?

Lund levantou-se. A mão de Bengt estendeu-se para a deter.

Bengt olhou para Sarah e disse:

– Não te preocupes. Vão encontrá-lo. Sê paciente.

Lund sentou-se na beira da cama.

– E se não o encontrarmos?

– Mas vão encontrá-lo.

– Estamos num beco sem saída. Já não tenho mais ideias.

– Elas estão aí e hão de aparecer. Insiste. Que sabes ao certo?

– Nada.

– Para. Sabes que isso não é verdade.

– OK. Na sexta-feira, dia trinta e um de outubro, Nanna Birk Larsen vai a uma festa na escola. Mais cedo no mesmo dia, um motorista vai à escola entregar material de campanha de Troels Hartmann.

Lund levantou-se, andou pelo quarto, tentando refletir acerca daquilo.

– O motorista sente-se mal. Perde a chave do carro e vai para o hospital. Cerca das nove e meia, a Nanna abandona a festa, de bicicleta. Alguém que encontra a chave do carro segue-a.

– Espera, espera – interrompeu Bengt. – Para aí. Isso não pode ter sido um caso espontâneo. Ele não encontrou a chave por acaso e depois cometeu um crime.

Lund abanou a cabeça.

– Mas deve ter sido o que aconteceu.

– Ele não é impulsivo. Planeia os atos e, em seguida, encobre-os.

– Bengt! O carro estava à porta da escola. Foi o que aconteceu. Ninguém podia prever que o motorista ia adoecer.

– Não se encaixa no perfil com que me deparei.

– E se o teu perfil estiver errado? Sei que estás a tentar ajudar, mas...

– E se tudo estiver errado? O modo como estamos a tentar olhar para o caso. A ideia de que há um padrão. Algum tipo de lógica.

Lund bebeu um pouco de água.

– Uma rapariga de dezanove anos é raptada, mantida em cativeiro e violada repetidamente. Pavorosamente. Normalmente há um tipo de lógica. Mas este...

– Esquece o que sabes. Esquece tudo o que eu te disse. Regressa ao princípio. Depois recua ainda mais. Há aqui um método, Sarah. Um modo de trabalho que ele estabeleceu na própria mente.

Lund esperou.

– A tesoura, o sabonete, o ritual... – Bengt abanou a cabeça. – Não posso acreditar que a Nanna tenha sido a primeira. Recua mais. Até encontrares alguma coisa.

– Recuar mais – sussurrou Lund.

No Kalvebod Faelled, junto da Floresta de Pentecostes. Uma forma negra a emergir da água. Uma enguia a deslizar pelas pernas nuas de uma rapariga morta.

Acontecimentos que tinham dado forma a tudo o que veio depois. Acontecimentos que não a deixavam pensar em mais nada.

Sarah beijou-o cuidadosamente na face, evitando as contusões. Depois, com uma breve palavra de agradecimento, foi-se embora.

O *Ford* preto estava numa garagem utilizada pelo departamento forense. Situava-se na cave do quartel-general e o acesso fazia-se por uma rampa que conduzia ao pátio junto da prisão onde Theis Birk Larsen estava agora sob custódia.

O veículo parecia mais sujo, agora que estava seco. Sujo de lama e coberto de folhas. Tinha todas as portas abertas e estava assente numa rampa.

O técnico forense entregou-lhe os relatórios mais recentes enquanto Lund ligava as enormes lâmpadas fluorescentes verticais que rodeavam o carro. Havia marcadores numerados por todo o lado, colados às janelas, às portas, à carroçaria.

Lund olhou para a papelada. Nada de novo.

Despiu o casaco, deu a volta à carrinha com o agente de serviço. Havia um sinistro contorno a giz no porta-bagagens onde Nanna fora encontrada. Lund sentiu que tinha olhado para aquilo um milhão de vezes. Calçou luvas descartáveis de plástico, sentou-se no assento do condutor, no do passageiro. Verificou os retrovisores, o porta-luvas, os forros das portas. Sentou-se no assento traseiro, repetiu as operações.

O homem ficou sentado num banco fora da carrinha, a observá-la com ar entediado.

Lund pediu-lhe que erguesse a carrinha, inspecionou-a por baixo. Lama e galhos do canal. Nada mais.

– Como eu disse – afirmou o agente. – Não há nadinha. O tipo tirou tudo o que havia no interior. A água fez o resto.

O agente acabou o café, atirou o copo de plástico para um caixote do lixo.

– Estive aqui a noite toda à procura de alguma coisa. Está a perder o seu tempo. Não há nada de novo.

Lund regressou à papelada.

– Prometi à minha mulher que hoje ia recordar-lhe o meu aspeto – disse o agente forense, vestindo o casaco. – Pode ser?

Lund tinha o relatório técnico à frente.

– Diz aqui que havia cinquenta e dois litros de gasóleo no depósito quando a carrinha foi encontrada. Tem a certeza disso?

O agente suspirou.

– Sim. Faltam cinco ou seis litros para estar atestado.

– Tem a certeza?

– Absoluta. Desligue as luzes quando tiver acabado. Adeus.

– Tem a certeza? – gritou Lund quando o agente ia a sair.

– Quantas vezes é que...

– Isto é importante. Será que se pode ter enganado? O carro estava dentro de água...

– Não, não há engano nenhum. Verificámos esse carro mais de mil vezes. Faltam cinco ou seis litros para o depósito estar atestado. Qual é o problema? Onde foi que nos enganámos?

– Não disse que se tinham enganado – Lund abanou um documento da Câmara Municipal na direção do agente. – De acordo com os registos, o depósito tinha sido atestado pela última vez uma semana antes. Se fosse esse o caso, deveria estar quase vazio.

O agente aproximou-se, olhou para o registo.

– Ah! Desculpe. Devíamos ter...

– Então, quem é que o encheu? – interrogou-se Lund.

Estava um dia soalheiro, embora as nuvens cinzentas estivessem a juntar-se. Meyer esperava-a no pátio, à porta do departamento forense. Usava um blusão de couro reluzente que Lund nunca lhe tinha visto e uns óculos escuros cheios de estilo.

Que fixe, pensou Lund. Meyer pertencia ao departamento de narcóticos, aos tipos dos assaltos ou ao esquadrão de combate ao banditismo. Não aos homicídios. Levava tudo muito a peito. E isso era sempre um erro.

– Como está o Bengt? – perguntou Meyer enquanto lhe passava um copo de café.

– O quê?

– Como...

– Sim.

– E tu?

– Temos de procurar relatos de mulheres jovens que desapareceram nos últimos dez anos.

– Porquê?

– Na cidade. Em todo o país. Descobrir se algo as relaciona com o Kalvebod Faelled. Ou com qualquer outra zona de Vestamager.

Meyer tirou os óculos de sol e olhou para Lund.

– Como está o Bengt? Como é que tu estás?

– Já te disse.

– Não, não disseste.

– O Bengt está bem. Então, podemos começar a trabalhar?

Havia uma sala para reuniões com advogados no edifício principal do Politigården, perto do tribunal. A mulher chamava-se Lis Gamborg. Birk Larsen olhou para o elegante fato profissional, para o colar de pérolas, o cabelo impecável e perguntou a si próprio como iria pagar aquilo.

Theis envergava o traje prisional azul, tinha a barba por fazer, estava sujo, com fome.

– Sente-se – disse a advogada.

Um guarda ficou a assistir, de arma à cintura.

Parecia estar um dia soalheiro do lado de fora da janela gradeada.

– Sou a sua advogada oficiosa. Hoje há muito movimento por aqui. Só vamos conseguir a audiência daqui a algumas horas.

Birk Larsen sentou-se, girando os polegares, limitando-se a ouvir. Duas décadas atrás, quando casara com Pernille, tinha prometido a si mesmo que não voltaria a estar naquela situação. Não que o tenha mencionado a Pernille. Aquilo fazia parte de um acordo tácito entre eles. Theis seria um homem diferente. Não teria mais chatices com a lei. Não voltaria a faltar a encontros por razões que nunca lhe revelasse. Nessa altura era jovem. Sentia raiva e estava determinado a marcar o seu lugar no mundo, com a sua força, com os punhos, se necessário fosse.

Mas depois viera a família e Theis tentou esquecer o que em tempos fora. Enterrou o jovem Theis. O Theis duro. Theis, o bandido que não voltaria a ser necessário.

– Contudo – prosseguiu a advogada –, isso dá-nos tempo para falar sobre o seu caso.

– O que há a dizer?

– O Ministério Público vai acusá-lo de tentativa de homicídio, sequestro e ofensas corporais graves.

Birk Larsen fechou os olhos.

Tinha de dizer alguma coisa. Tinha de perguntar.

– Como está o professor?

A advogada olhava para Theis como se ele fosse um espécime raro. Um animal de jardim zoológico preso numa jaula.

– Vai recuperar. Diz que não vai apresentar queixa.

Birk Larsen observou-a.

– Isso não é suficiente. Não faz com que seja absolvido. Não com acusações desta gravidade.

– A polícia disse-nos que tinha sido ele. Os jornais diziam que era ele. E ninguém fazia nada.

A advogada respirou fundo.

– O juiz pode decidir que há circunstâncias atenuantes.

– Eu confesso-me culpado. Basta dizer-me o que tenho de declarar.

Theis não queria proferir as palavras, com medo da resposta que se seguiria.

– Só quero ir para casa, para junto da minha família.

A advogada não disse nada.

– Preciso de ir para casa.

– Compreendo. Nestas circunstâncias, é de esperar alguma indulgência.

A mulher juntou as mãos finas, inclinou-se sobre a mesa, olhou para o rosto de Theis.

– Vou tentar convencer o juiz de que não precisa de ficar sob custódia. Já confessou. Entregou-se prontamente. Não vai fugir. Tem uma família. Um negócio para gerir...

– Gostava de falar com a minha mulher.

A advogada abanou a cabeça.

– Tem de esperar até depois da audiência. – A cabeça de Theis descaiu. – Lamento – acrescentou. – É o seu amigo? Vagn?

– O Vagn não teve nada que ver com isto. Tentou impedir-me. Não o envolvam.

– Já está envolvido. Foi acusado de cumplicidade.

– Isso é injusto!

– É uma acusação menor. Ele continua em liberdade. Não me parece que...

Theis esperou.

– Não lhe parece o quê?

– O Vagn não vai para a cadeia. Gostaria de poder prometer-lhe o mesmo.

– Silêncio.

– Tem alguma pergunta? – disse a advogada.

Quando percebeu que Theis não ia responder, a advogada olhou para o guarda.

Parte do processo. Parte de um sistema que quase o engolira uma vez. Theis Birk Larsen estava de volta ao ventre de uma besta que odiava e que o odiava a ele. Sem ninguém a quem culpar além de si mesmo.

Pernille estava a atender o telefone. Lotte tinha chegado para ajudar. Lotte aparecia sempre na altura certa. De minuto a minuto havia um cliente em linha a exigir algo para ontem.

– Neste momento não vai ser possível – disse Pernille ao cliente mais recente. – Eu volto a ligar. Está prometido.

Lotte esperou que Pernille desligasse o telefone, depois perguntou:

– Vão acusá-lo de quê?

Outra chamada.

– Mudanças Birk Larsen. Um momento, por favor.

Mão sobre o bocal.

– Não sei. Podes tomar conta dos miúdos por umas horas?

– Claro. O que é que o Theis fez?

Pernille voltou ao telefone e desculpou-se. Lotte ainda ali estava, e começava a ficar irritada.

– O Theis fez alguma coisa ao professor, não foi?

– A culpa é toda minha. Influenciei-o.

A mão de Pernille percorria o cabelo desganhado. Estava com péssimo aspeto, mas não se importava.

Olhou para as marcações, interrogou-se como tudo aquilo funcionaria.

Um dos homens apareceu, a pedir instruções. Pernille fez o melhor que pôde. O telefone não parava de tocar. Lotte foi atender.

– Faz primeiro o serviço em Østerbro – disse-lhe Pernille. – Faz tudo como o Theis teria feito. Pergunta ao Vagn.

O homem fitou-a.

– Onde está o Vagn? – perguntou Pernille.

– Não faço ideia.

– Olha... – Pernille fez um gesto com a mão na direção do homem. – Faz o que achares melhor. Desculpa...

– Pernille?

Lotte aguardara que o empregado se fosse embora.

– Diz?

– Ligaram do banco quando saíste. Disseram que precisam de falar contigo.

Buchard usava a sua melhor camisa, acabada de engomar. O melhor fato. O uniforme apropriado para um sermão do comissário.

Tinha a certeza de que era isso que ia acontecer e não lhe agradava nada.

Debruçado sobre os jornais da manhã, a lê-los à luz acinzentada que fluía pela janela do escritório de Lund. De lábios descaídos, a abanar a cabeça.

A dizer muito sem proferir uma palavra.

Lund e Meyer sentaram-se um ao lado do outro, inquietos como crianças desobedientes perante o professor.

Meyer rompeu o silêncio.

– Sabemos que as coisas não têm corrido tão bem como deviam.

Buchard não disse nada, limitou-se a mostrar-lhes outra manchete: «Cidadão Exemplar de Hartmann Ilibado.»

– Se Kemal nos tivesse contado a verdade... – começou a dizer Lund.

Buchard calou-a com um único relance cáustico.

– Eu disse-lhe que a nossa relação de trabalho não era das melhores – acrescentou Meyer. – Não é que eu seja pessoa de culpar alguém.

– O Kemal mentiu! – disse novamente Lund. – Teve todas as oportunidades para provar que estava inocente e não o fez. Se tivesse...

Buchard abanou novamente o jornal na direção dela.

– As pessoas só dão importância a isto – rosnou. – Estão-se marimbando para as vossas desculpas – uma pausa. – O comissário quer-te fora do caso. Não precisamos deste tipo de notoriedade. Sermos apanhados no meio de uma campanha eleitoral... é constrangedor. E agora o pai é acusado de homicídio.

– O Kemal não quer que Birk Larsen seja processado! – gritou Meyer. – Será que isso não significa nada?

– Isso é com os advogados, não com o Kemal. Vocês erraram. Os dois.

Ambos cravaram os olhos no tapete.

– Deem-me uma boa razão para não vos expulsar imediatamente daqui para fora?

– Só uma? – retorquiu Lund sem hesitação. – Podia dar-te...

– Então podes começar.

– Nós sabemos mais acerca disto do que qualquer outra pessoa. Uma equipa nova ia demorar uma semana a ler a papelada.

– Prefiro esperar uma semana e ver isto resolvido como deve ser do que deixar-vos meter novamente a pata na poça e dar azo a que o comissário me venha chatear a cabeça outra vez.

– Nós sabemos trabalhar melhor do que trabalhámos ontem.

– Tenho um compromisso na escola – acrescentou Meyer. – Posso esclarecer as coisas por lá. Vamos controlar isto. A Lund tem razão; se arranjares outros tipos, eles vão começar do zero.

Buchard refletiu durante um longo momento.

– Se este caso ainda estiver em ponto morto amanhã, estão os dois fora dele.

Buchard levantou-se, dirigiu-se à porta.

– Mantenham-se bem longe da Rådhus. E do Troels Hartmann. Não quero mais merdas vindas daquela direção. Entendido?

– Claro – disse Meyer.

Buchard saiu. Lund ficou em silêncio, a pensar, braços firmemente cruzados sobre a camisola preta e branca.

Meyer saiu para o corredor, conversou com a equipa que estava de serviço durante o dia.

– Temos de voltar a encarrear este caso – ordenou. – Regressem à escola. Falem com toda a gente. Funcionários, empregadas de limpeza. Todos.

Lund levantou-se e começou a vasculhar por entre os sacos de plástico com as provas, encontrou o que queria.

– Entreguem uma foto de Nanna a todos os taxistas – disse Meyer.

– Já fizemos isso – gemeu Svendsen.

Meyer irritou-se...

– A todos os taxistas de Copenhaga? Todinhos, sem exceção? Não, pois não? Bem me parecia. Descubram quem estava a trabalhar perto do prédio do Kemal. Descubram se a rapariga apanhou por lá um táxi. Qualquer coisa!

Meyer regressou ao gabinete, a resmungar.

– Caramba! Será que isto é assim tão difícil?

Lund tinha aberto o registo de veículos da Câmara Municipal.

– Envia uma foto do carro a todas as bombas de gasolina da cidade – disse Lund. – Pergunta se a viram na noite de trinta e um de outubro.

– Porquê?

– Deixámos escapar uma coisa. – Sarah passou-lhe o registo. – De acordo com isto, não devia restar muito gasóleo no carro. Mas o depósito está quase atestado. Se ele foi a uma bomba de gasolina...

– Foi apanhado por uma câmara de videovigilância. Sim. Eu sei. Não sou estúpido.

– Ainda bem! Vamos começar pelas bombas de gasolina perto da escola da Nanna.

– Lund. Se estivesse a conduzir um carro roubado com uma rapariga raptada no porta-bagagens ias tu própria atestar o depósito? O registo pode não estar correto.

Lund concordou.

– Talvez tenhas razão. Investiga isso junto dos seguranças da Rådhus.

Meyer riu-se.

– Essa é boa! Não ouviste o que Buchard disse. Manda-mos cortar se eu me aproximar da Câmara Municipal!

Lund olhou para Meyer. Mãos nas ancas. Olhos brilhantes muito abertos. Expectantes. Tenazes.

– Não olhes assim para mim – queixou-se Meyer. – Não gosto disso.

Lund não se mexeu um centímetro que fosse.

– Não vou à Câmara Municipal, Lund. Nem pensar. Faz o que quiseres. Eu não vou.

Meyer voltou para o corredor.

– Disseste ao pai que ias apanhar quem quer que tenha feito aquilo, Meyer.

Meyer parou, voltou-se, fez um esgar.

– Disseste aquilo só por dizer?

– Também disse à minha mulher que ia manter-me num emprego por mais de três semanas. Qual das duas promessas é que achas que tem mais importância?

Lund ia dizer qualquer coisa.

– Não – atalhou Meyer. Não digas nada. Eu sei a resposta. A sério. Não vale a pena.

As mesmas pessoas, a mesma sala. No entanto, agora tudo era diferente. A reunião do grupo ia começar e a tensão da noite anterior tinha desaparecido. A sorrir, a dizer graçolas, a agir como se nada tivesse acontecido, todos se sentaram à espera. Knud Padde era o mais radiante.

Já tinha falado ao telefone com Rie Skovgaard. Para saber que lugares estavam disponíveis na comissão. A fazer-se a uma promoção.

Troels Hartmann sentou-se à cabeceira da mesa, ao lado de Elisabet Hedegaard. Os restantes serviam-se de *croissants* e bolos. Hartmann ficou-se por uma única chávena de café.

– Bom dia – disse Hartmann, entregando-se às habituais cortesias preliminares. Agradeceu a presença de todos. Desculpou-se por ter marcado a reunião tão em cima da hora.

Bigum sentou-se no extremo oposto da mesa, afundado na sua cadeira, tentando sorrir.

– Não há necessidade de nos alongarmos muito – começou por dizer Hartmann.

– Troels.

Era Bigum. O sorriso parecia cada vez mais forçado.

– Por favor. Gostava de dizer uma coisa.

Hartmann fingiu-se surpreendido.

– Claro, Henrik. Se queres falar, fala.

Bigum respirou fundo.

– Devo a todos um pedido de desculpas. Pelo infeliz desenrolar dos acontecimentos.

Ninguém falou.

– Tem sido um período difícil para todos nós.

Padde sentou-se ao lado de Elisabet Hedegaard, que fitava Bigum com o queixo apoiado na mão.

– Espero que todos nos apercebamos de que as nossas discordâncias só surgiram por causa de um interesse mútuo no sucesso do partido – Henrik Bigum olhou de relance para Hartmann. – Por mais nada, Troels. Por nenhum motivo pessoal. Como tal...

Uma tentativa de riso. Um movimento deferente da mão direita.

– Gostaria que todos enterrássemos o machado de guerra e seguissemos em frente.

– Obrigado, Henrik – disse cordialmente Hartmann.

– É um prazer...

– Mas tinhas razão. Isto não pode continuar.

Bigum contorceu-se na cadeira.

– Troels. Já não há qualquer motivo para retirares a tua candidatura. O eleitorado e o grupo apoiam-te. A tua posição acerca dos cidadãos exem...

– Sim, sim, sim – disse Hartmann, fazendo sinal a Bigum para que não se alongasse sobre o assunto. – Não te preocupes. Não vou retirar a minha candidatura. – Hartmann olhou para cada um deles à vez, dirigindo a todos

um sorriso modesto e discreto. – Não entrem em pânico. O nosso objetivo comum é mudar o sistema aqui na Câmara Municipal. Certo?

Todos assentiram, Bigum mais vigorosamente do que qualquer um dos outros. Hartmann tamborilou na mesa.

– Não podemos fazer isso se estivermos a lutar entre nós.

Um murmúrio de aprovação.

Hartmann incitou-os.

– Não vos estou a ouvir! – disse, rindo-se. – Tenho razão ou não?

Novo murmúrio de aprovação, agora mais alto. Henrik Bigum também se riu, e disse:

– Tens razão, Troels. Sempre tiveste razão.

Hartmann olhou fixamente para Bigum sobre a comprida e brilhante mesa de reuniões da comissão.

– Eu sei, Henrik. Por isso estou a oferecer-te a mesma escolha que me ofereceste ontem.

O sorriso de Bigum congelou.

– Desculpa?

O rosto de Hartmann tinha mudado novamente. Estava agora sério. Com a expressão que utilizava quando enfrentava Bremer.

– Ou renuncias ao cargo... – Hartmann fez uma pausa. – Ou votamos o assunto.

Bigum abanou a cabeça.

– O quê?

A sala ficou em silêncio. Hartmann tinha mantido Weber fora daquilo. Weber nunca gostara de conflitos. Rie Skovgaard estava de pé junto da mesa, sorrindo, expectante. Tinha estado ao telefone desde as seis da manhã. Todos sabiam exatamente qual era a posição de Hartmann.

Bigum estava a enfurecer-se.

– Isto é um absurdo. Trabalho para este partido há vinte anos. Há tanto tempo quanto tu, Troels. Agi unicamente em prol do nosso partido.

– Foste falar com Bremer, Henrik. Ofereceste-lhe um pacto.

O rosto ossudo e ascético do professor corou.

– Estava apenas a medir o pulso a Bremer. Nada mais. Não conseguimos vencer sozinhos. Há compromissos que temos de fa...

– Como é que vai ser, Henrik? A tua renúncia ou uma votação?

Bigum olhou para cada um deles. Ninguém o olhou nos olhos. Nem mesmo Padde.

– Estou a ver.

Levantou-se, inclinou-se sobre a mesa, lançou um olhar raivoso a Hartmann, disse:

– Vai-te lixar, Troels. Nunca vais ser presidente da Câmara. Não tens... Não tens...

– Estômago para a coisa? – perguntou Hartmann.

Rie Skovgaard abriu a porta, sorrindo abertamente.

– Vão-se todos foder – murmurou Bigum, saindo da sala.

Hartmann cruzou os braços e voltou a recostar-se na cadeira.

Por fim, Knud Padde disse:

– Bem. Está feito. Como presidente, vou agora dar a palavra a Troels.

Hartmann pegou na cafeteira e serviu-se de mais uma chávena de café.

– Isto também vale para ti, Knud. Podes ir andando.

Padde riu-se como uma criança nervosa.

– Então, Troels. Eu sei que meti a pata na poça. Mas esforcei-me muito pelo partido. Sou um fiel...

Hartmann bebeu um gole de café.

– Estás fora – disse. Nada mais.

Ninguém olhou para ele. Ninguém disse uma palavra que fosse.

Rie Skovgaard abriu novamente a porta e continuava a sorrir.

– Foi para isto que me arrastaste até aqui? – disse Padde. – Para me humilhares?

– Knud – chamou Rie, batendo na porta com os nós dos dedos. – Temos de começar a reunião. Importas-te...

Padde resmungou o primeiro palavrão que Hartmann alguma vez lhe ouvira e depois cambaleou para fora da sala.

– Ótimo – disse animadamente Hartmann. – Vamos lá começar isto.

Troels sorriu para os rostos em torno da mesa. Agora eram seus. De mais ninguém.

– Elisabet. Vais assumir o lugar de Knud como presidente. Está bem?

A mulher concordou, sorriu.

– Agora gostava que conhecessem duas pessoas.

Skovgaard chamou para o corredor.

– Sanjay? Deepika? Podem vir, se fazem favor?

Um jovem e uma jovem. Asiáticos. Elegantemente vestidos, com ar profissional. Vindos diretamente do programa de cidadãos exemplares.

– Talvez conheçam Sanjay e Deepika, da juventude do nosso partido – anunciou Hartmann. – Sentem-se. Sejam bem-vindos. Sanjay e Deepika são os dois novos membros da comissão do nosso grupo.

Hartmann esperou. Em seguida, perguntou:

– Têm alguma pergunta a fazer?

Não houve nenhuma.

A meio da reunião, Hartmann saiu para pedir algumas fotocópias. Morten Weber e Rie Skovgaard estavam a implicar um com o outro junto da fotocopiadora.

– Não me disseste que iam rolar cabeças – queixou-se Weber.

– Tu não terias gostado da ideia.

– Não é boa altura para começar a despedir pessoal.

– Eles estavam a pedi-las, Morten – disse Skovgaard. – Como é que podíamos ter uma cobra como Bigum sentada no meio de nós?

– E Knud? – perguntou Weber. – Que foi que ele fez, além de se comportar da mesma maneira de sempre? De ir ao sabor do vento?

– Knud é um exemplo – respondeu Hartmann. Weber abriu a boca, fingindo-se espantado.

– Um exemplo? Estarei realmente a ouvir isto da boca de São Troels? Quando é que aprendeste a brandir adagas na noite?

– Desde que quero fazer cair Poul Bremer. Bigum e Padde estão fora. Assunto arrumado.

Hartmann deu uma palmadinha em algumas folhas de papel que estavam na máquina.

– Quero cópias disto e mais café.

– Vai tu buscar o maldito café! Bigum não vai deixar isto ficar assim. Vai arranjar-te problemas no partido.

– Ouve, Morten – disse Hartmann. – Somos os bons da fita há demasiado tempo. Andamos a jogar à defesa. Eu tinha de agir. Tinha de mostrar que podia ser forte.

– Sim, lá isso mostraste. Espero que tenhas falado com a Kirsten Eller acerca disto. Bigum é amigo dela, para o caso de não saberes.

Silêncio.

– Ah! – exclamou Weber. – Não sabias. Se tivesses perguntado...

Hartmann lutou para controlar a sua impulsividade.

– Eu trato da Kirsten. Não precisas de te preocupar com isso.

– O problema – disse o gerente do banco – é que estão a pagar dois empréstimos diferentes.

Tinha ido ter com Pernille ao depósito. Sentou-se no escritório, enfrentou um misto de vergonha e de raiva. Pernille teve vontade de perguntar-lhe: porquê agora? Será que ele não lia os jornais? Será que não percebia que não era o melhor momento para tratar daquilo?

Mas o homem era o gerente de um banco. Um tipo de fato elegante que tinha indubitavelmente uma grande casa num dos subúrbios mais na moda. O trabalho dele era perseguir pequenas empresas com dificuldades em Vesterbro. As circunstâncias não importavam. Apenas as coroas no banco.

– Essa situação não vai manter-se por muito tempo.

– Nem pode manter-se. Não têm recursos financeiros para a sustentar. Por isso...

– Por isso, o quê?

– Quando é que vão conseguir vender a casa?

Um dos homens entrou e disse:

– O monta-cargas do camião grande está emperrado.

Que faria Theis? Que diria Vagn?

– Faz duas viagens com o camião pequeno. Não podemos cancelar.

– Se fizermos isso atrasamos o trabalho seguinte.

Pernille olhou para ele, não disse nada. O homem saiu.

– Posso prolongar o período de carência do vosso empréstimo – disse o gerente do banco. – Isso significa que não pagam a prestação deste mês. Mas...

Pernille estava a pensar em camiões, serviços e compromissos. Se as pessoas se esforçassem o suficiente, o dinheiro acabava por aparecer. Era o que Theis sempre dizia.

– Pernille? Têm muito crédito a descoberto. Há o custo do funeral. Precisamos de algum tipo de...

– Dinheiro? – perguntou Pernille. – Garantia colateral? – Pernille olhou para o escritório, para o depósito, para os homens que estavam lá fora. – Assim como assim, isto já é tudo vosso. Que mais posso eu oferecer?

– Precisam de um plano. Caso contrário...

– Não tarda nada, o Theis vem para casa – disse Pernille com firmeza. – Ele vai encontrar uma solução. O meu marido consegue sempre encontrar uma solução.

– Pernille...

– Pode esperar que Theis chegue, não pode? Ou quer que trate da papelada no cemitério, quando estiver a enterrar o caixão da Nanna?

O gerente não gostou daquilo. Tinha sido cruel, pensou Pernille.

– Estou a tentar ajudar.

O telemóvel de Pernille estava a tocar.

– Há de receber o seu dinheiro. Desculpe. Tenho de atender esta chamada.

Era Theis, a telefonar da prisão.

Pernille dirigiu-se a um canto sossegado da garagem para falar.

– Olá.

– Estás bem, Theis?

– Estou.

Pernille tentou imaginá-lo na prisão. Será que o tinham obrigado a vestir um uniforme? Teria comida suficiente? Não iria armar nenhuma confusão? Com aquele feitio dele...

– Como estão os miúdos?

Pela voz, Theis parecia envelhecido e abatido.

– Estão bem. À espera que voltes para casa.

Ouviu-se um suspiro longo, entrecortado, na linha. Depois, Theis disse:

– Não vou voltar para casa hoje.

– Quando é que te deixam sair?

– Querem manter-me sob custódia.

Alguns trabalhadores estavam a olhar para um dos camiões. Também tinha um problema qualquer.

– Durante quanto tempo?

– De hoje a oito dias volto ao tribunal. Talvez nessa altura.

Pernille não conseguia pensar em nada para dizer.

– Tenho muita pena...

Antes da morte de Nanna, Pernille nunca tinha visto Theis chorar. Nem mesmo quando a mãe morreu. Tudo o que tinha que ver com os sentimentos do marido acontecia dentro dele, às escondidas, enclausurado em silêncio no

seu íntimo. As emoções ficavam lá. Pernille tinha aprendido a senti-las, a pressenti-las. Nunca esperava que Theis as expressasse abertamente.

– Agora tenho de ir, amor – disse Theis.

Pernille continha as lágrimas, sufocando-as por ele, por si própria, por Nanna e pelos rapazes. Por todo o mundo cinzento e triste.

E também não tinha palavras, e essa parecia a pior coisa, o maior pecado de todos.

– Adeus – disse Theis.

Lund dirigiu-se à fortaleza de tijolos castanhos que era a Rådhus, encontrou o local na cave onde tratavam dos carros. Ficou ali, enfiada no seu casaco preto, calças de ganga e camisola de lã, a falar com um velho rabugento de uniforme que achava que tinha coisas mais importantes para fazer.

O estacionamento era gerido por um posto de segurança situado perto da saída. Havia um painel de vidro entre o homem e ela, por razões que Lund não conseguia sequer imaginar. Monitores de um sistema de TV em circuito fechado cobriam o exterior do edifício, os corredores do átrio central da câmara, que se assemelhavam aos corredores de uma prisão, os gabinetes dos funcionários, a cave, a garagem.

– Estamos ocupados – disse o segurança.

– Isto não demora muito. Preciso de perceber como funciona o vosso sistema.

O guarda parecia trabalhar ali desde que o edifício fora construído, há um século ou mais atrás. Era um homem sisudo com cerca de sessenta e cinco anos, óculos em meia-lua nos quais gostava de mexer, quase calvo, mas com uma franja de cabelo grisalho. Arrogante na sua camisola oficial azul-marinho, como se o brasão da cidade, três torres douradas a sair da água, fosse uma patente. Mais interessado nas suas chaves, câmaras e arquivos do que em olhar para as pessoas em seu redor.

– Isto é uma garagem – disse o homem. – Como é que havia de funcionar? Eles entregam as chaves quando estacionam os carros. Vêm buscá-las quando vão sair.

Havia um quadro atrás do segurança. Cheio de porta-chaves. Um motorista chegou e pediu um carro. O guarda levantou-se, deslocou os óculos em meia-

lua com a mão esquerda para conseguir ler os números. Um longo caminho. Até ao final do seu nariz afilado.

– Precisa de um oftalmologista – disse Lund, tentando ser amigável.

O homem entregou um porta-chaves ao motorista, olhou com raiva para ela, sentou-se, não disse nada.

– Portanto, a chave do carro roubado devia estar aí pendurada?

– Se não tivesse sido roubada.

– Quem é o responsável por pôr combustível nos carros?

– A pessoa que estiver a conduzi-los, julgo eu. Não trato dessa parte.

– E esse dado é sempre registado?

O segurança não gostou da pergunta.

– Não posso falar pelos candidatos. Fale com eles.

Lund hesitou, olhou para o homem. Ficou onde estava.

– Estou a falar consigo.

Então, Lund entrou no escritório, pôs-lhe o registo dos veículos à frente.

– Este foi o registo que levámos daqui. Explique-me. Isto significa que ninguém encheu o depósito?

– Tem de ficar do lado de fora do vidro.

– É funcionário da Câmara. Tem obrigação de ajudar a polícia. Fale-me acerca do registo.

– Não significa nada – disse o homem. – Os motoristas não os preenchem logo. Só quando têm tempo. Às vezes nem sequer chegam a preenchê-los.

O homem examinou as entradas do registo.

– Esse motorista nunca aqui voltou. Por isso nunca preencheu o registo. Não vejo onde está a surpresa? E agora, já posso voltar para o meu trabalho?

O homem mexeu novamente nos óculos, examinou Lund.

– A menos que tenha mais perguntas?

Sarah saiu do escritório, foi até à porta. Olhou para fora, para o dia monocromático de inverno.

Ninguém ajudava muito a polícia. Era um inimigo de estimação. Mesmo nas entranhas da Câmara Municipal.

Lund recuou e ficou do outro lado do vidro, como dissera o homem, que ainda estava a brincar com os óculos. Nervosamente, pareceu-lhe.

– Como é que os motoristas pagam o combustível?

O segurança premiu o botão do microfone.

– O quê?

– Como é que os motoristas pagam o combustível?

O homem refletiu.

– Há um cartão de crédito no carro. Olhe. Isto não tem nada que ver conosco...

– Não encontramos nenhum cartão de crédito. É de que tipo?

– Não sei. Nós tratamos da segurança. Não lidamos com dinheiro. Agora vai desculpar-me...

– Já percebi essa parte. Mas pode procurar um cartão. Para ver que bombas de gasolina é que costumam utilizar.

– Quer que eu procure um cartão?

– Sim – Lund sorriu. – E depois deixo-o voltar ao seu trabalho.

O homem sentou-se na sua pequena cadeira, com um ar infeliz e o rosto pálido, os dedos sem pararem de mexer nos óculos.

– Prometo – disse Lund.

Os dados estavam num livro à frente do homem. Rabiscou-os num pedaço de papel e passou-o por baixo do vidro.

– Mais alguma coisa? – perguntou.

– De momento não, obrigada.

Meyer e os seus homens estavam na escola, de capacetes na cabeça, a olhar para as fundações do que viria a ser o novo pavilhão.

– Falem com todos os trabalhadores – ordenou. – Descubram a que horas chegaram. Quando se foram embora. Tudo o que viram. Quando terminarem, falem com o pessoal da limpeza. E depois...

O telemóvel tocou.

Lund.

– Vens para a escola ou o quê? Temos muito que fazer por aqui.

– A carrinha tinha um cartão de crédito para o combustível. Não tenho o cartão, mas tenho o número.

Uma pausa. O som do tráfego. Meyer quase a podia ver a fazer malabarismos com o telefone, a mexer em papéis e a tentar conduzir, tudo ao mesmo tempo.

– Naquela sexta-feira, o cartão foi utilizado às sete e vinte da tarde. Na bomba de gasolina da Nyropsgade.

– Onde?

– A dois minutos da Câmara Municipal.

Meyer não disse nada.

– Vamos deitar a mão às gravações das câmaras de videovigilância – disse Lund.

– Devíamos fazer o que o Buchard disse.

Lund não respondeu.

– Podes tratar tu disso? – perguntou Meyer, sentindo-se mal assim que acabara de dizer aquilo.

– Claro – respondeu Lund naquele tom cantado e cadenciado que conseguia ligar e desligar a seu gosto. – Se quiseres.

E depois desligou.

Os homens estavam a olhar para ele.

Meyer atirou o capacete ao que estava mais próximo.

– Sabem o que têm de fazer – disse.

– Vais a algum lado? – perguntou o agente.

– Se precisarem de mim estou no quartel-general.

Os dias estavam a ficar mais curtos. Escurecia logo depois das quatro.

Pernille Birk Larsen deu por si sozinha no escritório, a lutar contra telefonemas de clientes zangados, dos média, de desconhecidos com estranhas ofertas de ajuda.

O gerente do banco tinha estado ao telefone a pedir informações financeiras. Por isso, Pernille tinha sido forçada a encontrar a chave dos arquivos privados de Theis, para consultar alguns extratos bancários em falta. Havia lá uma fotografia: Theis e Nanna. Tirada provavelmente apenas algumas semanas antes de a Nanna ter morrido, calculou. Theis usava o gorro de lã preto e o sorriso inocente de que Pernille tanto gostava. Nanna estava linda, com o braço em torno dos ombros do pai, como se o estivesse a proteger. E não o contrário. Como devia ser.

Pernille virou a fotografia. Um rabisco no verso, na caligrafia de Nanna:

Adoro-te!

Pernille nunca tinha visto aquela fotografia. Mais um segredo de Nanna. E do pai. Nanna estava sempre a meter o nariz onde não devia. Às vezes tirava roupa a Pernille sem lha pedir. Remexia nas gavetas das outras pessoas, a tentar encontrar coisas que lhe agradassem, o que causava discussões ocasionais. Nunca muito sérias. Não havia disso naquela família. Em alguns

aspectos, Pernille perguntava a si própria se alguma vez tinham estado verdadeiramente ligados a Nanna. Talvez aquela fosse a distância inevitável provocada pela sua morte. Talvez...

Nanna era uma rapariga curiosa, sempre em busca de novidades. Talvez também as procurasse ali, por entre as coisas privadas de Theis.

O marido não ia gostar daquilo, pensou Pernille. Havia um lado dele que Theis gostava de manter para si mesmo. Tinha visto isso na noite anterior. Uma figura enorme, selvagem, a empunhar uma marreta por cima de um corpo ensanguentado no chão daquele armazém distante. Um homem que amava, um homem que quase não reconheceu, naquele momento.

Um barulho na escuridão da garagem sobressaltou-a. Vagn Skaerbaek saiu das sombras. Com ar culpado, furtivo. Tinha um corte no rosto e algumas contusões.

– Olá – disse Vagn.

Pernille guardou a fotografia, olhou para ele. Não conseguiu pensar em nada para dizer.

Vagn ficou para ali, curvado, enfiado no seu macacão escarlate e com o gorro de lã preto na cabeça. O irmão mais novo. Conheciam-se antes de Pernille ter conhecido Theis. Antes de assumir o risco, de sentir a emoção de estar com um homem como ele. A corrente prateada brilhava-lhe no pescoço.

– Foi ideia minha – disse Skaerbaek. – Culpa-me a mim. Não a ele.

Pernille fechou os olhos por alguns segundos, regressou à papelada.

– O Theis ainda está preso?

Havia uma pilha de faturas. Alguns extratos com números a vermelho. Pernille abriu uma gaveta e enfiou-os lá dentro.

– Eu posso gerir isto, Pernille. Deixa-me ajudar-te com o negócio. Com os miúdos. Faço o que puder. Eu só...

Mais papéis. Mais contas. Pareciam estar a crescer à frente dela.

– Eu só quero ajudar.

Pernille avançou a passos largos para Vagn e deu-lhe uma bofetada na cara cortada e com nódoas negras. Com quanta força tinha.

Vagn nem vacilou. Limitou-se a levar a mão à face. A ferida tinha sido reaberta com o golpe. Limpou o sangue.

– Como é que pudeste fazer uma coisa dessas? – perguntou Pernille. – Como é que pudeste?

Vagn limpou mais sangue com a mão, olhou para Pernille de forma estranha.

– O Theis pensava que estava a fazer aquilo por ti.

– Por mim?

– Se tivesse sido ele, Pernille. Se o culpado tivesse sido o professor. Que seria ele agora? O teu herói? Ou um idiota?

Pernille levou a mão atrás novamente. Vagn não se mexeu.

– Não lhe devia ter dito – disse Skaerbaek. – Mas depois fiz todos os possíveis para o impedir. O Kemal teria morrido se eu não tivesse intervindo.

– Pronto. Já chega.

Vagn concordou. Foi até à mesa. Olhou para os serviços do dia seguinte.

Pernille tinha de perguntar-lhe aquilo.

– Vagn. Naquele tempo. Há vinte anos. Antes de eu o conhecer.

– Sim.

– Como é que ele era?

Vagn ponderou a pergunta.

– Imaturo. À espera. Um miúdo. O Theis era como todos nós.

– A polícia mostrou-me umas fotos.

– Que fotos?

– De uma pessoa que foi assassinada. Um homem. Um traficante de droga.

– Ah.

– O que aconteceu? Não me mintas.

– Todos nós fazemos coisas estúpidas, às vezes. Os teus pais pensaram isso quando começaste a namorar com o Theis. Não foi?

– A polícia...

– A polícia está a tentar enganar-te.

Vagn aproximou-se de Pernille e examinou-a. Aqueles dois eram amigos chegados antes de ela o conhecer. Unha com carne.

– O Theis não fez nada, Pernille. Nada de nada. OK?

Kirsten Eller estendeu uma mão flácida, suada.

– Estou tão contente por isto ter acabado bem para ti. Esta confusão tão desagradável veio mesmo em má altura.

– Pois foi. Senta-te.

Eller plantou o seu corpanzil no sofá do gabinete de Hartmann.

– E foi bom teres posto o teu grupo na ordem.

Hartmann sentou-se na cadeira à frente dela.

– Não tive escolha, Kirsten. Tinha de fazer alguma coisa.

Eller tinha uma imagem inconfundível. Casaco comprido para cobrir o corpo pesado. Sorriso permanente. Óculos de coruja colocados no topo de uma cabeça com cabelos pintados de castanho, como se tivesse acabado de chegar de uma movimentada reunião de um conselho de administração. Andava pela Câmara Municipal há tanto tempo quanto Hartmann. De certa forma, tinha conseguido mais. Por meios que Hartmann começava agora a conhecer.

– Pelo menos, agora está tudo terminado – disse Eller. – As sondagens são favoráveis. Os média estão a começar a perceber em que cavalo devem apostar. Portanto, está na altura de colhermos os benefícios.

– Penso exatamente o mesmo.

Eller extraiu um ficheiro da pasta e abriu-o.

– Temos algumas sugestões para conquistar parte do eleitorado flutuante. São os indecisos que vão decidir estas eleições, Troels. Não nos podemos esquecer disso.

Hartmann fez-lhe um sorriso rasgado, abanou a cabeça. Genuinamente divertido.

– O que foi? – perguntou Eller.

– És uma atriz extraordinária. Mesmo muito talentosa. – O sorriso permaneceu. Nenhuma resposta. – O Bigum nunca teria tentado uma manobra daquelas sem antes falar contigo. Falou com o Bremer. Depois foi ter contigo. E tu deste-lhe luz verde.

O sorriso mantinha-se.

– Troels...

– Não. Por favor. Não insultes a minha inteligência a tentar negá-lo.

– Isto é...

– A verdade – atalhou Hartmann. – Conheço a minha gente, Kirsten. Conheço o Bigum. Não é suficientemente importante nem corajoso para fazer isto sozinho. Talvez tenhas sido tu a ir ter com ele. Não quero saber.

Aquilo tinha ficado claro na sua mente. Perguntava a si próprio porque tinha demorado tanto tempo a vê-lo. Eles estavam a agir por medo. Não por força. Nem por coragem. Medo. Acho que se conseguia sentir o cheiro.

Eller ergueu as mãos.

– Troels. Antes de dizeres mais alguma palavra... percebe uma coisa.

– Dou-te duas opções.

Kirsten Eller ficou em silêncio.

– Ou informo os média e eles te pintam como a cabra desleal e conivente que és.

Hartmann esperou, cabeça inclinada para um lado, à escuta.

– E a alternativa?

– Demites-te. Deixas o teu vice-presidente assumir o teu cargo.

Kirsten Eller virou-se para olhar para Rie Skovgaard, que tomava notas alegremente.

– Tu precisas de mim, Troels. Todos vocês precisam de mim. Pensa...

– Não, Kirsten. Eu não preciso nem um bocadinho de ti.

Eller esperou. Nem mais uma palavra. Então, recolheu raivosamente os seus pertences, precipitou-se para a saída. Aí, virou-se e olhou para Hartmann.

– Isto tinha que ver com a vitória nas eleições. Não contigo. Não te tenhas assim em tão grande conta.

– Está bem – prometeu Hartmann.

Eller passou apressadamente por Morten Weber quando saiu. O gestor de campanha ficou a vê-la afastar-se.

– O que aconteceu aí? – perguntou Weber. – Pensava que íamos ter uma reunião.

Hartmann levantou-se.

– Rie! – chamou Hartmann. – Arranja-me algumas entrevistas. Escolhe jornalistas nossos amigos.

– Que raio é que está a acontecer? – perguntou Weber com voz estridente.

– Eu ia dizer-te. Não tive tempo. A Kirsten Eller vai demitir-se.

– Caramba, Troels! Nós lutámos por esta aliança.

– A Eller é que instigou o Bigum. Ela sempre quis que eu saísse.

– Não podes continuar a abanar o barco desta maneira.

– Morten – Hartmann pôs as mãos nos ombros frágeis de Weber. – Bremer tem estado sempre um passo à nossa frente nesta campanha. Está na hora de marcarmos a agenda. Está na hora de sermos mais audaciosos do que o presidente.

– Despedindo toda a gente que nos apareça pela frente?

Hartmann irritou-se.

– A Kirsten estava a conspirar nas minhas costas. Tentou fazer acordos com o Bremer. E depois com o Bigum. Tens de mudar a tua maneira de ver as coisas. Conseguimos derrubar o Bremer do pedestal dele sem os sacanas hipócritas do Partido do Centro.

– Não, Troels! Não conseguimos. Sozinhos não temos votos suficientes. Hartmann abanou a cabeça. Rie Skovgaard permaneceu em silêncio, a sorrir.

– Há quanto tempo é que jogamos a isto, Morten? Vinte anos? Sempre pelas mesmas regras. As deles. A partir de agora vamos jogar pelas minhas. Convoca os líderes dos partidos minoritários para uma reunião hoje à noite. Diz-lhes que tenho uma proposta importante.

– Metade deles odeia-te – disse Weber.

– Não mais do que se odeiam uns aos outros.

– Apoiam o Bremer!

– Não, se tiverem visto as sondagens. Apoiam quem vai ganhar.

Hartmann olhou em redor da sede de campanha. Havia cartazes por toda a parte, o seu próprio rosto. Sorriso modesto. Olhos azuis bem abertos. A vassoura nova preparada para varrer tudo o que era velho.

Hartmann apontou para o retrato.

– Aquele sou eu.

– O tipo encheu o depósito do carro na noite em que a Nanna morreu, há dez dias – disse Meyer.

Estavam no gabinete a olhar para as gravações das câmaras de videovigilância. Imagens a preto e branco, no ecrã dividido em quatro janelas. Data e hora a um canto de cada imagem granulada.

– As câmaras gravam vinte e quatro horas por dia. As hipóteses de o encontrarmos passado todo este tempo são bastante reduzidas, Lund.

Sarah estava mais perto do ecrã, a observar. Os números. As figuras sombrias que se moviam por entre as bombas.

Tudo.

– Além disso – acrescentou Meyer –, os tipos das bombas reutilizam as cassetes. E, como procuramos imagens gravadas há dez dias...

– Esta não é – interrompeu Lund, extraíndo a cassette.

– Resta-nos uma.

– É sempre a última.

Meyer respirou fundo.

– Raramente é a última, Lund.

– Olha para o ecrã. Vê algo que eu não estou a ver. Por favor.

Meyer pegou numa banana com uma mão, num cigarro com a outra. Acendeu o cigarro.

O vídeo começou. A data ao canto das imagens era sete de novembro.

– Merda – murmurou Meyer. – Este é de sexta-feira passada. Eu não disse. Eles reutilizam as gravações. É por isso que estão tão riscadas.

Lund bebeu um gole de café quase frio. Toda a gente tinha já ido para casa. Um empregado de limpeza varria o corredor.

– Isto não significa que tudo o que está aqui gravado seja do dia sete, pois não? – perguntou Lund. – Quando tínhamos gravadores de vídeo com cassetes em casa...

Quando Mark era bebé, no tempo em que Lund era casada, as gravações estavam todas misturadas. Meses diferentes, anos diferentes. Era difícil manter o controlo quando se utilizavam as mesmas cassetes vezes sem conta.

– Passa para a frente mais depressa – disse Lund

Meyer carregou no controlo remoto.

Carros a preto e branco, figuras nebulosas de um lado para o outro.

– Para aí – disse Meyer.

Jan bateu palmas e soltou um grito de alegria. Lund olhou para ele. Orelhas grandes, olhos grandes. Um miúdo grande.

O rosto de Meyer ensombrou-se.

– Estava a tentar animar-te

– É do dia trinta e um de outubro – disse Lund.

– Eu sei. Era isso que eu estava a dizer.

Eram quase oito da noite. Meyer rebobinou a fita, recuou demasiado, começou a avançar mais lentamente.

Chegaram às sete e dezassete da tarde. Quatro imagens. Apenas um carro.

Era um *Carocha* branco.

– Merda – murmurou Meyer novamente.

– O relógio não está certo. Seria pedir muito que o acertassem ao minuto? Continua a avançar.

O *Carocha* partiu. Já não havia nenhum carro. Apenas betão vazio e as luzes por cima das bombas.

Então, vinte minutos e trinta e sete segundos depois das sete, um carro preto entrou no acesso às bombas, dirigindo-se para a bomba que estava na

imagem do canto superior direito, aonde chegou com os movimentos bruscos de um filme de animação em *stop-frame*¹⁵.

Meyer semicerrou os olhos para ler a matrícula.

– Ali está o carro – disse.

Chovia. Lund ainda não tinha reparado nisso. Sabia o que aquilo significava. O que quase de certeza implicava. E era mesmo esse o caso.

A porta abriu-se. O motorista saiu. Envergava um blusão de inverno, comprido e escuro. Tinha o capuz puxado para a frente, tapando-lhe o rosto. O homem avançou até à traseira do carro e à tampa do depósito de combustível.

Por um momento, o rosto quase ficou visível.

– Mer... – começou Meyer a dizer.

Lund pôs a mão sobre a dele.

– Tem paciência.

A figura rodeou a traseira da carrinha e dirigiu-se à bomba. Sempre de cara para baixo.

– Vá lá, por amor de Deus – sussurrou Meyer, dando uma passa ansiosa no cigarro.

Era uma bomba com um leitor de cartões junto da pega da mangueira. Viram a mão dele aparecer, inserir algo, tirá-lo.

Nenhum rosto.

O homem terminou o processo, deu novamente a volta à traseira do carro, até à tampa do depósito de combustível, e depois dirigiu-se para a porta.

– Vá lá. Sorri para o passarinho. Olha para alguma coisa, está bem?

Novamente ao volante. Feições escondidas pelo ângulo da câmara. O *Ford* partiu.

– Merda, merda, merda – murmurou Meyer.

– Espera um minuto.

Lund carregou de novo na tecla para rebobinar a gravação. Olhou para o homem que segurava a mangueira.

Olhou para a mão esquerda dele. A forma como a esticou e a ergueu até à cabeça e depois pegou em alguma coisa quando teve de ler os números do cartão.

– Eu sei quem ele é – disse Lund.

Meyer parecia nervoso.

- A sério?
- Vou à Câmara Municipal. Queres vir?

Cinco minutos através da chuva e do escasso tráfego noturno. O segurança estava prestes a acabar o turno. Começou a guinchar no momento em que Meyer lhe acenou com as algemas.

– Eu não fiz nada. Eu não fiz nada.

– Meu Deus – disse Meyer. – Nunca tinha ouvido essa. Venha conosco, companheiro.

– A única coisa que fiz foi encher o depósito.

Lund seguiu-o, quando Meyer o escoltou até à porta, pensando, ouvindo.

– Antes ou depois de raptar a Nanna Birk Larsen? – perguntou Meyer.

O homem da cidade com a camisa azul olhou para ele, espantado.

– Eu tenho sessenta e quatro anos. Que diabo é que está para aí a dizer? Eu não toquei em ninguém.

– Sente-se naquele banco – ordenou Lund.

– Temos de o levar para a esquadra.

Lund mirou o velho de alto a baixo. Costas dobradas. Visão deficiente. Parecia ter dificuldade em respirar.

– Diga a verdade – disse Lund. – Conte-nos o que aconteceu realmente. Assim talvez consiga manter o seu emprego.

– O meu emprego? *O meu trabalho?* Foi por fazer o meu trabalho que vos tenho agora à perna, seus macacos.

Meyer empurrou-o para o banco de pedra junto do suporte para bicicletas.

– Nunca o vão pôr à frente disto, pois não, velhote? Conte-nos o que aconteceu ou não vai ver a luz do dia durante dezasseis anos.

O segurança olhou para ele com uma mistura de medo e revolta.

– Será que tenho de aumentar o volume do seu aparelho auditivo, avozinho? – gritou Meyer.

– Onde está o cartão de crédito? – perguntou Lund mais suavemente. O homem não disse nada. – Estou a tentar ajudar – disse Lund ao segurança. – Se não falar agora vai dentro.

– Levei o cartão comigo. Ia pô-lo no sítio de onde o tirei quando comecei a trabalhar na segunda-feira. Mas então...

– Então o quê? – perguntou Meyer.

– A polícia estava aqui. Por todo o lado.

– Porque foi à escola?

– Porque é que não havia de ter ido? O meu apartamento fica ao virar da esquina. Caminhei até casa e vi lá o carro. Um dos nossos carros. Abandonado. Não percebi. Eu sabia os horários. Àquela hora, já todos os carros deviam ter regressado.

– E tinha a chave? – perguntou Meyer.

– Não. Ainda estava na ignição. Acho que o motorista se esqueceu dela ou qualquer coisa assim. – O homem abanou a cabeça. – Não podia deixá-la ali, pois não? Com a chave na ignição. Um bandido qualquer deitava-lhe a mão num abrir e fechar de olhos.

Lund estava a ficar impaciente.

– Não. Isso não chega. Podia ter ligado para o escritório de campanha. Tratava-se do carro deles.

– Eu tentei – disse perentoriamente o segurança. – Disseram que a secretária estava em Oslo. O carro pertence à cidade, evidentemente. Não lhes pertence a eles. Somos responsáveis por ele. São os nossos impostos que...

– Acho que conseguia pôr um santo maluco – atirou-lhe Meyer. – A rapariga...

– Eu não conhecia a rapariga. Não fiz nada. A não ser um favor.

– O que fez ao carro? – perguntou Lund.

– Pertence à frota do Hartmann. O tipo é um convencido do caraças, mas isso não é da minha conta. Talvez precisasse dele. Por isso, conduzi-o até à bomba de gasolina, enchi o depósito e regressei. Pus a chave no lugar.

– Regressou. Regressou onde?

O segurança olhou para eles como se fossem idiotas.

– Regressei aqui. Onde é que havia de ser? Há ali um parque de estacionamento, que é onde guardamos a frota. E foi lá que o deixei.

Lund esperou.

– Nunca mais pensei naquilo – disse o homem. – Até ter lido acerca da rapariga morta. E então...

Lund sentou-se ao lado do segurança.

– E então, não fez nada.

O segurança estava outra vez a mexer nos óculos. Lambia nervosamente os lábios. Meyer sentou-se do outro lado, fez-lhe um sorriso diabólico, perguntou:

– Porquê?

– Um funcionário da Câmara tem de se manter fora da política. É muito importante. Nós não tomamos partido. Não nos envolvemos.

– Mas agora está envolvido – disse Lund. – E muito.

– Lembrei-me de ver a gravação para descobrir quem tinha levado a chave. Era a atitude correta.

– E?

– Não estava lá – o homem parecia perplexo. – A única coisa que me ocorre é que quem tirou a chave também deve ter levado a cassete com a gravação. De que outra forma é que...

– Então, por amor de Deus – sibilou Meyer.

– É verdade. Estou a dizer a verdade. Tenho sessenta e quatro anos. Porque haveria eu de mentir? Se eles soubessem que a gravação tinha desaparecido, todos nós estaríamos em sarilhos. Aqueles sacanas lá de cima estão sempre mortinhos para dar-nos um chuto no cu. Daqui a um ano reformo-me. Porque haveria de esconder a porcaria que outra pessoa qualquer fez? Trouxe o carro de volta quando nem sequer estava de serviço. E vocês para aqui a tratarem-me como se eu fosse um criminoso...

– O senhor é um criminoso – disse Meyer. – Desperdiçámos uma semana a caçar fantasmas. Há um homem decente no hospital e o pai da rapariga está na cadeia. Se soubéssemos disto desde o início... Lund? Lund?

Sarah estava de pé, a olhar para a Rådhus. Os elegantes corredores com azulejos. As escadas de madeira brilhantes. Brasões e lustres. Placas e memoriais. Todos os ornamentos do poder.

Alguém tinha descido até ali e levado a chave do carro em que Nanna Birk Larsen morreu. Levava a cassete que teria mostrado quem essa pessoa era.

Tinham estado a procurar no sítio errado o tempo todo.

– Mostre-me. Mostre-me onde estava o carro.

Meyer hesitou.

– O chefe disse-nos para ligar se...

– Buchard pode esperar – disse Lund.

A Câmara Municipal utilizava uma garagem com vários andares do outro lado da rua. Pisos despidos de betão cinzento. O velho segurança estava a ficar assustado.

– Estacionei o carro aqui às sete e meia daquela sexta-feira.

Terceiro piso. Já não havia ali nenhum veículo.

– Tem a certeza das horas? – quis saber Meyer.

– Sim! Depois pendurei a chave no quadro atrás da nossa secretária. A seguir fui para casa.

Lund olhava para o teto, para as paredes, para a configuração da garagem.

– Quem tem acesso ao seu gabinete? – perguntou Meyer.

– Poucas pessoas. Afinal, somos seguranças, não é verdade? Mas houve uma festa naquela noite.

– Na Câmara Municipal?

– Sim – o segurança fez uma careta. – Uma festa das deles. Se é que se pode chamar festa àquilo. – O homem tentou sorrir para Meyer. – Bem, eu pelo menos não aprecio o género. Muita conversa da treta e champanhe barato. Dão sempre uma festa para lançar as campanhas eleitorais. Chamam-lhe a festa do cartaz. Quando os cartazes ficam prontos, vêm e ficam por ali, a convencer-se de que já ganharam.

– E qual é o problema dessas festas? – perguntou Lund.

– Há pessoas a entrar e a sair. Não se consegue controlar tudo. Eles deixam chaves, pedem chaves. Temos de mostrar-lhes onde é a festa, acompanhá-los à casa de banho. – Lund esperou. – Eu não estive lá – disse o homem. – Se tivesse estado, tentaria controlar a situação. Mas não é fácil. Não estamos sempre no nosso sítio. É impossível.

– Quer dizer que qualquer pessoa pode ter entrado e levado a chave?

– E a gravação – acrescentou o segurança.

Meyer deu uma palmadinha na testa e resmungou:

– Lindo.

– Vamos agarrar-nos ao que ainda lá está – disse Sarah.

Lund virou-se para o segurança.

– Que partido é que deu a festa?

O homem olhou para ela como se Lund devesse saber.

– O do Hartmann. Aquele tipo que anda sempre para aí a pavonear-se e que pensa que vai conseguir pôr o velho Bremer na rua. As mulheres adoram-no, bem sei. Tem boa pinta. Mas, para ser franco...

Uma gargalhada breve e amarga.

– São rapazes contra homens.

* * *

Oito e meia. De volta ao quartel-general. Lund e Meyer ficam em frente do computador, a assistir às gravações da câmara de videovigilância. Buchard ao lado deles, de mãos nos bolsos.

– Não temos forma de saber quem tirou a chave – disse Lund. – Alguém levou a cassete. Mas...

Lund estava feliz e confortável, sentada à frente do ecrã a manobrar os botões para avançar e recuar a fita, encaminhando lentamente o vídeo para o momento certo.

– Às sete e cinquenta e cinco, aconteceu isto.

Dois carros deixados no terceiro andar da garagem. O *Ford* preto no extremo da imagem, um *Volvo* prateado perto da câmara.

À direita do ecrã, a dois espaços de estacionamento da carrinha em que Nanna morreu, uma porta que dá para a escada abre-se.

As pessoas começaram a aparecer. Uma família. Recém-chegada da festa.

– Balões – disse Buchard. – Trouxeram-me aqui para ver balões?

– Esquece os balões – disse Lund. – Vê o que acontece ao fundo.

Um homem. Duas crianças pequenas com balões. O *Volvo* era deles. Enquanto caminhavam em direção ao carro, uma figura que mal se via atravessa as sombras e dirige-se para o outro veículo. Pouco mais do que uma sombra. Um borrão no ecrã.

– Como diabo é que vês estas coisas? – perguntou Meyer.

– Observando. É um homem, com cerca de dois metros, julgo. A esta hora, a Nanna ainda está na festa da escola.

O *Ford* preto faz marcha atrás ao mesmo tempo que o homem do *Volvo* e os respetivos filhos entram no carro. Bloqueando a visão.

– Mais tarde, a Nanna passa por casa do professor. E depois...

O *Ford* dirige-se para a saída, à esquerda do ecrã, por detrás do carro que está em primeiro plano.

– Depois, acho que a Nanna encontra este homem – Lund olha para o ecrã, arrebatada pelas imagens, sem se dar conta de estar a sorrir. – Algures.

Lund mudou para uma nova câmara. O *Ford* preto a atravessar a garagem. Em seguida para outra, a um canto. O carro a virar para a rampa descendente. A matrícula aparece nitidamente no ecrã monocromático.

– É o carro – disse Lund. – XU 24 919. O carro onde a Nanna foi encontrada.

De cigarro na boca, olhos brilhantes e cansados, Meyer fez-lhe uma pequena continência.

– Obrigada – disse Lund com um toque de sarcasmo.

– Não, Lund. A sério. Caramba...

– Estávamos a perder o nosso tempo com a escola. Não aconteceu nada na escola. O carro já tinha regressado à garagem da Rådhus e por lá ficou durante todo o tempo em que a Nanna esteve na escola.

– Alguém anda a gozar com... – resmungou Meyer.

– Podemos eliminar o Hartmann e a equipa dele – prosseguiu Lund. – Nós investigámo-los. O que se passa é que... – Os dois homens esperaram. – A Nanna ia a algum lado. O modo como se comportou na festa. Kemal disse que, por algum motivo, a rapariga pegou numa foto da escola em casa dele. É como se...

– Estivesse a dizer adeus? – aventou Meyer.

– Talvez – Lund encolheu os ombros e puxou as mangas da camisola. – Acho que a Nanna tinha um caso com alguém. Os pais também suspeitam disso. Não querem dizer-nos. Talvez não queiram enfrentar os factos.

– O Birk Larsen tem cadastro, chefe. Aquele professor podia estar morto.

– Esqueçam os pais – ordenou Buchard. – Estão atolados em Vesterbro. O que é que iriam fazer à Câmara Municipal?

Lund não conseguia tirar os olhos do ecrã.

– Era alguém que cortejava a rapariga. A Nanna era lindíssima. Parecia mais velha do que realmente era. Alguém lhe terá dito que ela era especial. Deu-lhe presentes caros. Pediu-lhe para não dizer nada. Para esperar.

Lund pensou no quarto apinhado por cima da garagem em Vesterbro, cheio de livros, lembranças e recordações. Nas roupas no armário. Na leve fragrância de um perfume que uma adolescente não teria dinheiro para comprar.

– A Nanna tinha uma outra vida que ninguém conhecia.

– As coisas não funcionam assim, Lund – disse Meyer. – Alguém tinha de ter uma pista.

– A Pernille não. E julgo que o Theis também não.

– Alguém – insistiu Meyer.

– A quem é que falaram disto? – perguntou Buchard. – Desta história de o carro ter regressado à garagem da Câmara?

A pergunta surpreendeu Lund.

– A mais ninguém. Mas vou pôr as coisas a andar imediatamente. Talvez haja algumas câmaras de videovigilância na rua.

Buchard saiu apressadamente do gabinete

– Talvez... – disse Lund, observando o chefe.

Buchard estava no corredor, visível através do vidro. Ao telemóvel.

– Achas que está a ligar à mulher? – perguntou Meyer. – A encomendar uma piza para comemorar?

Lund estava novamente a olhar para o ecrã.

– O que foi?

– Estava só a pensar. Mostramos-lhe uma coisa destas. O tipo não diz uma palavra. Vai-se embora. Telefona a alguém.

Lund abanou a mão para afastar o fumo.

– Quem me dera que parasses com isso.

– Trabalhei numa pequena cidade no sul, antes desta merda toda. Nunca ninguém se queixou do fumo.

– Talvez devesse voltar para lá.

Meyer fez um ar levemente desanimado.

– Não posso – disse Meyer, calando-se logo em seguida.

Buchard entrou novamente no gabinete.

– Verifiquem os horários e os dossiês dos guardas. Insistam com esse velho que tinha a chave...

– Não foi ele – disse bruscamente Meyer.

– Tragam-me tudo o que conseguirem descobrir sobre essa equipa de segurança.

– Não foi ninguém da segurança – disse Lund. – Não são pessoas para mimar uma rapariga bonita como a Nanna. Para lhe oferecer presentes com que não poderia sonhar. Para roubar gravações, para encontrar chaves, descobrir sítios sabe Deus onde...

– Investiguem os seguranças. Tragam-me o que encontrarem – repetiu Buchard.

Lund pensava enquanto falava. Não conseguia parar, mesmo que quisesse.

– Tem de ser alguém mais acima. Alguém que pensa que pode escapar impunemente. Por estarmos abaixo dele. Estamos...

– Isso já foi verificado – interrompeu Buchard.

– O quê? – perguntou Meyer.

Lund teve vontade de rir.

– Já foi verificado? Quem foi que verificou? Nós é que estamos a trabalhar neste caso. Se nós não verificámos...

Buchard explodiu.

– Se eu digo que já foi feito é porque já foi feito. Agora continuem a investigar os seguranças.

Lund voou na direção de Buchard quando este se encaminhou para a porta. Meyer não ia muito atrás.

– Não. Isso não é suficiente, Buchard. A quem ligaste?

Buchard apressou-se para o gabinete, voltando-lhes as costas.

– Não interessa a quem telefonei – disse o inspetor-chefe, não se dando sequer ao trabalho de se virar.

– Espere, espere. – Meyer também estava zangado. – Isto não faz sentido.

Buchard parou, olhou por cima do ombro corpulento.

– Então acho que deves sentir-te em casa.

– Quero saber o que está a acontecer – exigiu Lund.

Buchard virou-se. Peito grande e cilíndrico para fora. Uma expressão infeliz no rosto.

– Vamos – disse Buchard.

Começaram os dois a andar.

– A Lund! – gritou o chefe para Meyer. – Tu não.

Sarah olhou para o homem ao seu lado. Tentou sorrir.

Depois seguiu Buchard, ignorando os resmungos de Meyer, que ia ficando para trás no corredor.

O inspetor-chefe fechou a porta. Dessa vez, Lund sorriu mesmo. Conhecia aquele homem desde que começara a trabalhar. Tinha aprendido com ele. Brigara com ele algumas vezes. Jantara em casa dele. Quando era casada até saíam todos juntos, Lund e o marido, Buchard e a mulher.

– Podes contar-me a mim – disse Lund. – Fica tudo entre nós. Sabes isso muito bem.

Buchard olhou para Lund.

– Também podes contar àquele cretino, se quiseres. Não me importo.

– Meyer é fixe – disse Lund. – É melhor do que ele próprio sabe.

O chefe ergueu as mãos. Assumiu aquela pose arrogante, académica, que utilizava quando dava uma palestra.

– Se eu digo que eles não estão envolvidos – disse-lhe Buchard –, eles não estão envolvidos.

Lund inclinou a cabeça, olhou para ele, incrédula.

– Ouve, Sarah, quero tanto resolver isto como tu.

– Então porque estás a amarrar-me as mãos atrás das costas?

Buchard não gostou de ouvir aquilo.

– Eu sou o teu chefe. Eu é que decido o que tu fazes. Acho que fui bastante claro. Depois, Buchard saiu.

Meyer aproximou-se dela a todo o gás, querendo saber o que tinha dito o chefe.

– Nada – respondeu-lhe Lund. – Quando verificámos as chamadas no telemóvel da Nanna, quanto tempo é que recuámos?

– Não sei. Uma semana, mais ou menos. Não havia nenhuma da Câmara Municipal. Só havia chamadas de miúdos amigos dela e de casa.

– Podes verificar novamente? Recuar mais?

O telefone estava a tocar no gabinete. Lund apressou-se para ir atender. Meyer seguiu-a, lamuriando-se durante todo o caminho.

– Que te disse Buchard? Lund? Lund!

A chamada era de um jornalista da rádio a pedir um comentário sobre o caso e a campanha de Hartmann.

– Ouvimos dizer que a investigação está outra vez centrada na Câmara Municipal – disse o jornalista. – Porquê? Hartmann é suspeito?

– Quem lhe disse isso? – perguntou Lund.

– As minhas fontes.

– Bem, então pergunte às suas fontes o que está a acontecer – disse Sarah, passando o telefone a Meyer.

– O que disse o Buchard, Lund?

O telemóvel zumbiu. Um SMS. Lund olhou para Meyer. Pegou no casaco e na mala. Não sabia o que pensar.

– Tenho de ir andando.

– Para onde?

– Mantém-me informada – disse Lund, ouvindo Meyer a berrar com o jornalista quando ia a sair.

* * *

Sarah deixou o carro no passeio à frente da estação, luzes acesas, portas destrancadas. Deixou o casaco no banco do condutor. Correu escadas

abaixo, de camisola preta e branca e calças de ganga.

Estava outra vez a chover. Não se via a Lua. Algumas pessoas fugiam ao mau tempo e havia dois bêbados mortinhos por uma briga.

O comboio para Estocolmo estava quase a partir. Essa longa jornada sobre o mar pela Ponte de Øresund¹⁶. Uma jornada que Sarah poderia ter feito sozinha. A qualquer momento. Se ao menos...

Cinco horas mais tarde, Estocolmo. A nova vida. Bengt e Mark. Um emprego mais calmo. Um mundo diferente.

Bengt estava junto da plataforma, de chávena de café na mão, braço esquerdo ao peito, rosto ainda ferido e inchado.

Lund parou por um instante. Perguntava a si própria o que havia de dizer. O que havia de fazer. Bengt não a tinha visto. Voltara-se para o comboio. Sarah podia ir-se embora naquele preciso momento e questionou-se se não seria o melhor que tinha a fazer. Em vez disso caminhou na direção dele, disse para as costas do namorado:

– Bengt.

Viu a dor, física e interior, no rosto familiar e áspero quando Bengt se virou.

A primeira coisa que fez foi desculpar-se. Como sempre.

– Surgiu um dado novo. Tenho muita pena. Houve um...

Os olhos de Sarah estavam a ficar marejados de lágrimas. As palavras não saíam como devia ser.

– Coisas a acontecer.

Lund esticou o polegar e apontou-o por cima do ombro.

– Podemos conversar sobre este assunto no carro?

Algo diferente nos olhos de Bengt. Uma expressão que nunca tinha visto. Uma distância. Um olhar que quase parecia de piedade.

– A sério – disse Lund. – Compreendo porque não queres ficar em casa da minha mãe. Acho que não íamos conseguir ficar por lá muito tempo.

Uma esperança. Um plano.

– Vamos ver se encontramos um hotel – disse Sarah. – Isto já não vai demorar muito.

Bengt estava a abanar a cabeça e Lund queria encontrar as palavras que o impedissem de o fazer.

– Apressámos as coisas, Sarah – disse Bengt com uma voz que parecia distante e impessoal. – Talvez seja melhor assim. Mudares-te para a Suécia...

Aquelas picadas pungentes e dolorosas tinham voltado aos seus olhos.

– Não! Não apressámos nada. Que queres dizer com isso? – uma única lágrima escapou-se e desceu-lhe pela face direita. – Eu quero ir contigo.

A manga subiu até ao rosto, como se Sarah fosse mais uma adolescente perturbada da escola de Nanna Birk Larsen.

– Eu quero estar contigo, Bengt. Por favor, fica.

– Não consigo assistir a isto – disse Bengt e, em seguida, de copo de café na mão, abraçou-a uma vez.

Um abraço breve. Como um amigo daria. Lund nem sequer o sentiu como uma despedida.

– Tem cuidado contigo – disse casualmente Bengt. Depois subiu para o comboio.

Da plataforma onde se encontrava, a assistir à partida do comboio, Lund viu as luzes da estação a ficarem baças. Soluçava como já não fazia há muitos anos.

As palavras nunca eram fáceis.

Não as proferir, pelo menos. O que significavam, o que o mundo significava em todas as suas faces estranhas e impenetráveis... eram assuntos que a fascinavam de uma forma obsessiva e constante.

Sarah dissera a Bengt que o amava. Não com muita frequência. Não repetidamente. Isso parecia desnecessário. Importuno.

E, de qualquer maneira, acabou por não fazer diferença. Sarah era como era, e sentia-se feliz com isso. O preço...

A manga de lã passou-lhe novamente pelo rosto, áspera em contacto com os olhos e a pele.

Por um momento, as luzes em seu redor diminuíram de intensidade. Sarah estava outra vez na Floresta de Pentecostes, no meio das árvores mortas com a casca prateada a despegar-se do tronco. A perseguir o homem que perseguira Nanna Birk Larsen. De novo perdida, como Nanna devia ter estado naqueles últimos momentos terríveis.

O bosque escuro...

Nanna a lutar pela vida no meio dos troncos de bétulas. A sua própria luta através das sombras da morte violenta da rapariga, Meyer a debater-se para

se manter a seu lado. Todos eles tinham também desaparecido na floresta. Confrontados com várias bifurcações no caminho. Para a esquerda ou para a direita. Para a frente ou para trás. O caminho direto longe da vista.

Sozinha.

Tal como estivera desde o início.

Talvez tenha sido isso que Bengt captara. Que, quando estava longe da vista de Sarah, estava fora dos pensamentos dela. Que nada importava, exceto o que ela via à sua frente com aqueles olhos brilhantes, penetrantes.

E até isso parecia agora uma mentira, uma piada, um fantasma a flutuar, rindo-se através das sombras.

Não havia um caminho a direito para ela. Nenhuma direção certa, nenhum percurso correto. Apenas a busca de tudo isso. A perseguição, não a conclusão.

O comboio partiu pelo caminho a direito e certo que conduzia à Ponte de Øresund.

Uma bifurcação na estrada que não tinha sido seguida. Um caminho que em breve se perderia, oculto no meio de um matagal.

Estavam todos na escuridão, caçando a presa dentro e fora deles. Meyer a lutar para manter o emprego. Os Birk Larsen a brigarem quanto ao modo de enterrarem a sua dor. Mesmo Troels Hartmann, o Rapaz do Cartaz, o político. Um homem bem-parecido e inteligente, assombrado por um demónio sob a superfície. Disso tinha Lund a certeza.

Portanto, pensou, talvez afinal não estivesse sozinha.

Meyer ligou quando Sarah acabava de regressar ao carro.

– Estou? O gato comeu-te a língua?

– Que se passa?

– Fui aos forenses e obriguei-os a dar outra olhadela ao telemóvel da Nanna. Havia cinquenta e três números na lista de contactos – Meyer fez uma pausa. – Só nos tinham dado cinquenta e dois.

Lund não conseguia falar com Meyer naquele momento.

– Isso pode esperar até amanhã?

– Recuei mais tempo e vi a lista das chamadas que a Nanna fez de há uns meses para cá. Comparei-a com os dados do telemóvel. Anda alguém a lixar-nos por aqui, Lund. A lista não estava completa. A Nanna fez chamadas de que nunca fomos informados.

– De onde estás a ligar?
– Da rua. Achas que sou estúpido, não achas?
– Não. Não acho. Tenho de continuar a repetir isto?
– Ouve a pior parte. A primeira pessoa a ver a lista de chamadas e a dar uma vista de olhos ao telemóvel de Nanna foi o Buchard.

Lund continuava a conduzir.

– Não é possível.
– É possível, Lund. Não gosto disto. Se o Buchard está a encobrir alguém, essa pessoa tem de ser o Hartmann. Tudo aponta para isso.

– Agora não – sussurrou Sarah.

– Se não podemos falar com o Buchard, com quem é que podemos falar? Não é? Quem puxa os cordelinhos. Jesus...

Lund tirou o auricular do ouvido.

– Lund? Lund!

O edifício do quartel-general assomava à sua frente na escuridão, um palácio cinzento e baço, com tantos corredores sinuosos, gabinetes e cantos escondidos que Sarah poderia perder-se por ali se tentasse.

Sarah Lund continuou a andar. Sem desviar o olhar. A caminho do que era, pelo menos por agora, a sua casa.

Havia quatro partidos minoritários representados na Câmara Municipal de Copenhaga: à direita, à esquerda e algures ao centro, todos a brigarem constantemente e depois a curvarem-se perante Bremer para receberem como prémio uns quantos lugares na vereação e cargos pagos.

Às nove e quarenta e cinco da noite, Hartmann tinha-se reunido com os líderes no seu gabinete. Tinha tirado uma camisa nova do guarda-roupa, barbeara-se, e Rie Skovgaard inspecionara-o, penteara-o.

Aquelas pessoas não tinham direito ao sorriso. Faziam parte do jogo. Não precisavam de sorrisos.

– Representamos cinco partidos e cinco tipos muito diferentes de política – disse Hartmann num tom calmo e estudado. – Se pegássemos nas últimas eleições e acrescentássemos os vossos votos aos nossos teríamos obtido uma maioria clara. – Hartmann fez uma pausa. – Uma maioria clara. Pelo que temos visto nas sondagens, o mesmo se vai passar nas próximas eleições. Talvez o resultado até nos seja ainda mais favorável.

Jens Holck, o líder do grupo do Partido Moderado, o maior, o mais duro de roer, suspirou, tirou um lenço do bolso e começou a limpar os óculos.

– Não finjas que estás maçado, Jens – disse Hartmann. – Estamos a olhar para a diferença entre vitória e derrota. O Bremer sabe isso. Porque achas que entra naqueles jogos comigo na televisão?

– Porque tu estás constantemente a pôr-te a jeito, Troels.

– Não – insistiu Hartmann. – Não me pus nada a jeito. O que aconteceu comigo poderia acontecer a qualquer um de nós, se Bremer se sentisse ameaçado. Foi a este estado que a Rådhus chegou. É por isso que precisamos de uma aliança abrangente para expulsar Bremer de uma vez por todas.

Mai Juhl era uma mulher pequena e intensa que tinha criado o Partido Ambientalista do nada. Era alvo de bastante respeito mas de pouca afeição. A política era tudo para ela, o que Hartmann estranhava, uma vez que Mai tinha conseguido muito pouco desde que ocupara o cargo.

– Isso é tudo muito bonito, mas o que temos nós em comum? – perguntou Mai. – Como poderíamos ter...

– Temos bastante em comum, Mai. Educação, habitação, integração. E também o ambiente. Tu não és a única pessoa que se importa com o ambiente, como sabes. Há mais pontos em comum entre nós do que pensas.

– E os cidadãos exemplares? – na maioria dos assuntos convencionais, Juhl virava para a direita. – Farias o que fosse preciso para os manter.

– Pois faria – concordou Hartmann.

– Nisso, estamos a um milhão de quilómetros de distância.

Alguém concordou.

Hartmann olhou para cada um deles, escolhendo cuidadosamente os temas da pesquisa que Morten Weber lhe tinha fornecido.

– Leif. Da última vez, Bremer prometeu que ia reduzir os níveis de CO₂, não foi? Mas isso nunca aconteceu. Que fez ele pelos idosos? Esta não é também uma questão fundamental para ti? E tu, Bistrup? Será que Bremer criou empregos como prometeu? Jens? Costumavas dizer que a cidade precisava de atrair famílias com crianças. Em que é que ficou tudo isso?

Ninguém respondeu.

– O Bremer pegou nas vossas boas intenções quando precisava do vosso apoio e depois deitou-as para o caixote do lixo.

Hartmann empurrou os programas eleitorais dos outros partidos para o lado oposto da mesa.

– Se estivéssemos sentados num estúdio de televisão neste momento, eu arrasava-os por causa disto. Estão a pedir votos mas nunca cumprem as vossas promessas. Porque o Bremer nunca cumpre as promessas que vos faz. Não tem de ser sempre assim. Podemos trabalhar juntos. Podemos chegar a um compromisso.

Hartmann levantou os ombros num gesto de indiferença.

– Todos nós temos projetos que vamos sacrificar. Eu também – Hartmann ergueu o seu próprio programa eleitoral. – Isto são apenas umas folhas de papel, não é a Bíblia. O que importa é ganharmos alguma coisa. Com o Bremer vão acabar de mãos a abanar e todos sabem disso.

Hartmann levantou-se, distribuiu o documento elaborado por Morten Weber em volta da mesa.

– Já fiz um esboço de um acordo de colaboração entre nós os cinco. Obviamente que isto é apenas um começo. Continua tudo em aberto. Vão querer fazer alterações. Que serão bem-vindas, claro.

Hartmann regressou ao seu lugar, viu-os a pegarem nos papéis.

– Sei que é um grande passo. Mas, entre todos, temos o talento, a energia e as ideias para tornar esta cidade melhor. Se não fizermos algo agora, Bremer vai outra vez para o poleiro. E teremos uma administração atolada no marasmo. Sem imaginação. Sem sangue novo, sem...

– Eu acho que o Bremer fez um bom trabalho – interrompeu Jens Holck.

– Eu também! – disse Hartmann. – Há doze anos, Bremer era o homem certo. Mas agora...

– Isto é Copenhaga. Não é o paraíso. Não vi da tua parte nada que possa sugerir que venhas a ser um bom presidente da Câmara. Ultimamente, até tenho visto mais o oposto.

– É justo. Devemos ser francos. Vamos ver o que os eleitores pensam.

– Além disso – acrescentou Holck –, tu não estás de boas relações com o Parlamento. O presidente da Câmara vai lá negociar o orçamento da cidade. Se o Parlamento odiar o presidente, deixa-nos morrer à fome. Portanto, não estou mesmo a ver isto com...

– Para lidar com o Parlamento devemos usar a força. Se tivermos uma aliança abrangente... – a mão de Hartmann abarcou toda a mesa. – Podemos

fazer melhor do que o Bremer. Se o Parlamento nos lixar, está a lixar toda a gente. Será que não veem isto?

Jens Holck levantou-se.

– Não. Eu não. Lamento, Troels. Eu não acredito em ti.

– Nem sequer vais olhar para a proposta?

– Já olhei. Boa noite.

Mai Juhl também se levantou.

– Não poderíamos fazer isto sem o Jens – disse Mai.

Os outros três seguiram-na.

Sozinho no escritório, banhado pela luz azul do anúncio de néon do Hotel Palace, Hartmann perguntava a si próprio se não se teria precipitado.

Nunca tinha havido uma coligação tão abrangente como aquela. Talvez fosse uma loucura. Mas a loucura tinha o seu lugar na política, às vezes. Quando a velha ordem cedia um pouco, era de esperar que se instalasse o caos. E era nessa altura que os corajosos agiam.

E ele não era a única pessoa corajosa por ali.

Morten Weber previra que Holck rejeitaria perentoriamente a oferta e que os outros o seguiriam. Os vaticínios de Weber raramente falhavam. Mas também disse que os líderes ponderariam a proposta. Que não demoraria muito para que alguém telefonasse.

Hartmann serviu-se de um conhaque.

Demorou exatamente sete minutos.

Hartmann olhou para o nome que piscava no telefone e deu uma gargalhada.

Jens Holck estava no pátio ajardinado oculto no coração da Câmara Municipal, a fumar por entre a videira-russa e a hera ao lado da fonte.

– Voltaste a fumar – disse Hartmann, olhando para o cigarro. – É pena.

– Tens razão.

Holck era dois anos mais novo do que Hartmann, tinha mais ou menos a mesma altura e o mesmo físico e em tempos fora líder estudantil. Tinha um ar jovem à primeira vista, mas estava desgastado pelo insucesso. Tinha cabelo escuro, óculos com armação preta modernos, um rosto sombrio de reitor. Holck não tinha sorrido muito, ultimamente. E também não se barbeava há alguns dias. Estava muito desmazelado.

– Será que não me fiz entender na reunião? – perguntou Holck.

– Perfeitamente. Mas porque é que me telefonaste?

A cabeça de Holck oscilou de um lado para o outro.

– Para o caso de ser preciso tornar-me ainda mais claro.

– Jens. Temos de fazer alguma coisa. A cidade está à deriva. A Administração de Bremer é desorganizada. As finanças estão um caos. O Bremer só se ouve a si próprio.

Holck deu uma passa no cigarro, soprou o fumo sobre a fonte.

– O Bremer parece um rei moribundo – acrescentou Hartmann. – Todos sabemos que já não vai estar muito tempo neste mundo. Mas ninguém tem coragem de ser o primeiro a mencioná-lo. Ninguém diz nada, com medo que o velho ouça.

– Então, talvez devêssemos esperar pelo funeral. E apanhar os bocados nessa altura.

Hartmann olhou em redor do pátio. Estavam sozinhos.

– Ouviste falar da viagem dele à Letónia? – perguntou.

Holck levantou a cabeça. Jens fizera parte da comissão de inquérito. Rie Skovgaard também tinha andado por lá a pescar.

– Que é que tem?

– Oficialmente, foi uma visita a uma empresa. Para atrair investimento. Mas o que ele e a comitiva gastaram...

– Com que então andaste a espreitar, Troels? E eu a pensar que eras o bom da fita.

– Com os dinheiros públicos não se brinca.

– Nós vimos as despesas. Não havia nada de errado.

– O que tu viste foi adulterado. Milhares...

– Por amor de Deus. Essa é a tua nova política? Eu estou-me nas tintas se Bremer come um pouco aqui e ali. Está velho e trabalhou como um cão nesta casa. Sempre. Apesar dos salários miseráveis e de não ter horário fixo.

– Então, e deixamo-nos estar como estamos?

– Alguém tem de ser o presidente da Câmara. Tu achas realmente que és diferente dele?

– Dá-me a oportunidade de o mostrar.

– Mas tu e o Parlamento estão *mesmo* de costas voltadas. O problema é esse. Eles não gostam de ti, Troels. Não gostam do modo como te exhibes para as câmaras. Das mulheres a desmaiarem por tua causa. De te armares em santinho. De pensares que és melhor do que todos os outros. – Holck riu-

se, um som curto, áspero. – Eu não. Eu não tenho esse problema. Já te conheço o suficiente para ver para lá do teatro. Diz-me. Concorres por causa de Copenhaga? Ou em benefício de Troels Hartmann? Qual dos dois é mais importante?

– Telefonaste-me só para dizer isso?

– Praticamente – disse Holck, atirando o cigarro para a fonte e afastando-se.

Dez minutos mais tarde.

– Estás a perder o teu tempo com Jens Holck – disse Morten Weber.

– Holck é um cão amestrado do Bremer.

– Então vamos atirar-lhe um osso suculento. Eles estavam interessados, Morten. Estavam a vacilar. Se tivesse conseguido caçar Holck, os outros todos iam logo pôr-se em fila atrás dele. Num abrir e fechar de olhos. Há alguma coisa que se coma?

Weber curvou-se, disse:

– Ao seu serviço.

E saiu do gabinete para tentar encontrar algo.

– Quer dizer que se não aplacarmos o Jens Holck estamos feitos? – perguntou Rie Skovgaard.

Sentou-se na mesa, com os pés na cadeira dele, o queixo apoiado nas mãos. Não parecia infeliz com a ideia.

– Não – insistiu Hartmann. – Nós sabemos quem somos. Somos fortes.

Skovgaard estendeu o braço, fez músculo.

– Também sou forte. Apalpa-me o braço.

Hartmann riu-se, aproximou-se dela, apalpou-lhe o braço.

– Nada mal. Só mais uma coisa.

O político inclinou-se. Rie pôs-lhe os braços em torno do pescoço. Beijaram-se. Dedos a acariciar cabelos. Fato profissional cinzento contra vestido preto profissional.

Rie ficou abraçada a Hartmann e disse com ar sonhador:

– Parece que foi há muito tempo que aquilo aconteceu.

– Quando isto estiver terminado vou levar-te ao sítio que tiver a cama maior, a mais macia, quente...

– Quando isto terminar?

– Ou mais cedo.

– Isso é uma promessa de político?

Hartmann afastou-se dela, sorrindo.

– Não. É a minha. Liga ao teu pai e pede-lhe para falar com o ministro do Interior. Digam-me o que devo fazer. Basta uma palavra do Parlamento. O Holck vai ouvi-la.

Morten Weber regressou com um prato cheio de sanduíches.

– O parque de estacionamento está cheio de polícias – disse.

– Porquê? – perguntou Skovgaard.

Weber franziu a testa.

– Não faço ideia.

Lotte Holst era onze anos mais nova do que a irmã, Pernille, e suficientemente bonita para manter um emprego atrás do bar do Heartbreak Club durante cinco longos e agitados anos. O local recebia empresários, jovens executivos, quem quer que tivesse dinheiro suficiente para pagar duzentas coroas por um *cocktail*. Ficava perto de Nyhavn, perto das hordas de turistas que se dirigiam para as embarcações do canal e para os restaurantes.

Lotte tinha o cabelo apanhado para cima, batom brilhante, um *top* bastante revelador, umbigo à mostra e um sorriso permanentemente entediado quando servia garrafas de champanhe *Krug* e de *vodka* ao som de uma música ensurdecadora.

O salário era bom. As gorjetas ainda melhores. E às vezes havia surpresas.

Por volta das onze da noite, um *barman* foi ter com Lotte para lhe dizer que tinha uma visita.

Lotte dirigiu-se à receção. Viu que Pernille estava lá com a sua gabardina bege e o cabelo revoltado. Pôs uma mão na cabeça, sentiu-se envergonhada, como sempre fazia quando era criança.

Pernille era bonita. Mas Lotte era linda. Toda a gente dizia isso. Ninguém sabia porque tinha sido Pernille e não ela a casar, mesmo que tivesse sido com um homem duro e rústico como Theis.

A irmã balançava para a frente e para trás. Estava com péssimo aspeto. Havia uma pequena despensa ao lado do bengaleiro. Foram para lá, sentaram-se em grades de cerveja. Lotte ouvia.

– Não queria incomodar-te – disse Pernille.

– Então porque... Quer dizer. Não importa. Os miúdos estão com a mãe. Estão bem.

– Eu sei. Telefonei-lhe a perguntar.

– Tenho de trabalhar, Pernille.

– Também sei disso.

– Tiveste mais notícias do Theis? Sabes quando é que volta para casa?

– Não. A advogada está a fazer os possíveis.

Pernille abraçou o seu próprio corpo sob a gabardina manchada de chuva, embora a divisão diminuta fosse sufocante.

– A Nanna disse-te alguma coisa sobre...

As palavras morreram.

– Sobre o quê?

– Não sei. Vocês eram tão chegadas. Como irmãs – havia uma nota acusatória nos olhos de Pernille. – Mais chegadas do que eu e ela.

– Tu eras a mãe dela.

Pernille estava a chorar.

– Ela contava-te tudo! E a mim nada.

A porta abriu-se. Um dos seguranças estava a observá-las.

– Ela não...

– Nanna tinha uma vida que eu desconhecia! Tenho a certeza disso.

– Não sei o que queres dizer com isso, Pernille.

– O que te disse a Nanna? Que tinha problemas em casa? Comigo? Com o Theis?

– Não...

– Às vezes discutíamos. A Nanna nunca parava. Sempre a passarinhar. A levar coisas. A vestir a minha roupa.

– Também usava a minha roupa – disse Lotte. – Nunca pedia.

– Ela... – outra vez as lágrimas, olhos cerrados. Uma agonia que Lotte Holst não queria testemunhar. – A Nanna odiava-nos?

Lotte pôs uma mão no braço da irmã.

– Claro que não. Ela adorava-te. E também adorava o Theis. E os miúdos. A Nanna nunca disse nada.

– Não?

– Não.

– Quer dizer que sou só eu a imaginar coisas?

O segurança estava a fazer sinais. Lotte não devia fazer pausas no trabalho. Pelo menos não devia parar mais do que cinco minutos por hora.

– Alguma coisa aconteceu no verão passado – disse Pernille. – Entre a Nanna e o Theis.

Pernille abanou a cabeça, como que a tentar recordar um incidente específico.

– Quando olho para trás apercebo-me disso. A Nanna sempre foi a menina do papá. Fazia o que queria do Theis. E depois, de repente, deixaram de fazer coisas juntos. A Nanna não me contou porquê.

– O Theis pensava que era demasiado cedo para a Nanna sair de casa. E ela andava um pouco chateada.

Lotte encolheu os ombros.

– Apenas isso. A Nanna tinha dezanove anos. Não era uma criança. Não se passou nada de extraordinário.

– Tens a certeza?

– Tens de parar de pensar tanto. O Theis era um bom pai. E não deixou de o ser. Mesmo que tenha feito uma estupidez.

O *barman* estava à porta, a acenar-lhe.

– Tenho de ir trabalhar. Não quero ser despedida. Ouve. – Lotte apertou as mãos de Pernille. – Amanhã apareço lá em casa e dou-te uma ajuda. Vais conseguir superar isto.

Lotte fez com que Pernille se levantasse, abraçou-a, acompanhou-a à saída. Voltou, preparou bebidas para empresários ricos, sorriu quando lhe lançaram olhares lascivos.

Depois esperou uma hora até à pausa seguinte, entrou na casa de banho, tirou um saquinho de cocaína do bolso, inspirou uma linha comprida e cara, tentando não chorar

Terça-feira, 11 de novembro

Oito da manhã. Lund estava a ver as gravações das câmaras de videovigilância da garagem da Rådhus. Mais uma vez. A família, as crianças com os balões a entrarem no *Volvo* prateado. O *Ford* preto a afastar-se.

Meyer apareceu e deu-lhe a notícia. Não havia nenhum sinal de qualquer ligação entre a Nanna Birk Larsen e a Câmara Municipal. A Nanna nunca lá

trabalhara como funcionária ou como voluntária. Nem sequer parece ter ido à Rådhus numa visita escolar.

– Estive a inspecionar as coisas dela outra vez – acrescentou Meyer. – Aquele porta-chaves que encontramos.

Meyer mostrou-lhe um saco de provas.

– Que é que tem o porta-chaves?

– As chaves não são dela. Pelo menos não são as chaves de casa.

Lund tinha empurrado aquela questão para o fundo da sua mente.

Tirou-lhe o saco. Eram chaves *Ruko*. Utilizadas vulgarmente.

– Não se parecem com as chaves da Câmara Municipal – comentou Meyer.

– Há para lá uma data de fechaduras antigas. Não sei...

– Depois tratamos disso – retorquiu Lund. – Podemos melhorar a imagem? Aumentá-la, para ver como é o motorista?

– Teoricamente.

– Então vamos fazer isso.

Meyer hesitou.

– O Buchard diz que essa gravação já foi vista e revista.

Sarah apontou para os relatórios.

– Não vi aqui nada que confirme isso.

– Ouviste o que ele disse. Não quero ter nada que ver com isso. – Meyer aproximou-se de Lund e sentou-se ao lado dela. Parecia quase humilde. – Até tenho medo de dizer isto. Mas esta... – Meyer olhou em torno do gabinete. – Esta é a minha última oportunidade. As coisas não correram muito bem no sítio onde estive antes.

– No sítio ou nos sítios?

– Bem, seja como for, tenho de manter este emprego. É fundamental.

– Foi por isso que o Buchard não nos afastou do caso? – Porque nos tem na mão?

Meyer fitou-a com os seus grandes olhos tristes.

– Se eu fosse o Buchard já nos tinha despedido – acrescentou Lund.

– Da próxima vez que fores dizer uma coisa dessas, por favor avisa-me. Para eu poder tapar os ouvidos.

– As tuas orelhas são demasiado grandes. Não ia resultar.

– Obrigada. Se o Buchard diz que isso já foi visto...

– Ninguém olhou para isto. E tu também não acreditas nisso. – Meyer tinha as mãos sobre os ouvidos.

Bruscamente, Meyer afastou as mãos e disse:

– Ele vem aí.

O chefe entrou de rompante no gabinete.

– Querias falar comigo?

Lund sorriu.

– Queria pedir desculpa por ontem. Estávamos ambos cansados.

Meyer concordou.

– Cansados – repetiu.

– Não há problema – disse Buchard. – Desde que se façam progressos.

– E estamos a fazer progressos – disse Lund, assentindo.

– Ótimo.

Buchard preparou-se para sair.

– Quem verificou os contactos e a lista de chamadas no telemóvel da Nanna? – perguntou Lund.

Buchard ficou imóvel junto à porta.

– Não sei – respondeu.

– Talvez um dos guardas. Talvez. Não sei.

– Investiga isso.

Outro sorriso.

– Vou investigar – retorquiou Lund.

Ficaram a vê-lo afastar-se.

– O que é que terias sido? – perguntou Lund. – Se não tivesses vindo para a polícia?

– *Disk jockey* – respondeu Meyer. – Fui DJ quando era estudante. Era muito bom. O problema era a cara. – Passou a mão pela barba rala e as bochechas. – Não sei se teria pinta para isso.

Lund deu uma gargalhada.

– E tu?

– Nada – disse Lund. – Não teria sido mais nada.

– Uma vez ainda pensei em explorar uma carrinha de cachorros-quentes – acrescentou Meyer. – Deve ser bom, sermos patrões de nós próprios. Talvez já não falte muito. Se isto continuar a correr como até agora. Lund?

Sarah Lund estava noutro lugar.

– Absolutamente nada – disse Lund.

Não havia nada para ver nos registos telefónicos. Mas, vinte minutos mais tarde, um detetive enfiou a cabeça pela porta com a notícia. Um taxista tinha aparecido no departamento depois da nova distribuição de fotografias de Nanna pelo turno da noite. O homem dissera que talvez tivesse recolhido a Nanna na noite em que a rapariga morreu.

– Não acredito nisto – disse Meyer.

– Não acreditas em quê?

– É a primeira vez que alguém se apresenta para fornecer informações acerca da pobre rapariga. Não reparaste, Lund? Toda a gente espera que consigamos ler a mente das pessoas. – Meyer coçou o queixo áspero. – As pessoas querem mesmo que encontremos esse sacana, não é?

O taxista chamava-se Leon Frevert, um homem alto e magro de quarenta e poucos anos. Tinha um rosto comprido e macilento, que combinava com o fato barato, e cheirava a cigarros e a suor. Fora para ali depois de uma noite inteira a conduzir o táxi.

– Não tenho a certeza de que seja ela – disse Frevert, olhando para as fotografias que lhe tinham passado.

– Esqueça se era ela ou não – ordenou Meyer. – Conte-nos o que aconteceu.

Frevert trabalhava aos fins de semana, a conduzir um táxi para uma das empresas da cidade.

– Fui buscá-la na sexta-feira. Se é que era a mesma rapariga. Conversámos um pouco. Ela queria ir para a cidade. Deixei-a em Grønningen, perto do cruzamento com a Store Kongensgade.

Uma rua comprida e estreita no extremo da cidade. Junto do Kastellet. Longe de qualquer um dos endereços que tinham investigado.

– Tem o recibo?

– Claro. Se não os temos podemos meter-nos em sarilhos.

Frevert puxou um maço de papéis do bolso do casaco puído.

– Acho que foi este serviço. Fui buscá-la perto do Ryparken. Estão a ver? – o taxista apontou para o recibo. – A corrida começou às dez e vinte e sete e terminou às dez e quarenta e cinco.

Lund perguntou:

– O que aconteceu quando chegaram a Grønningen?

– A rapariga saiu. Encontrei logo um novo cliente. E nem sequer tive de ir buscar. Trabalho não falta, às sextas-feiras. – Frevert coçou o cabelo claro

que começava a recuar na testa. – Acontece que não fomos diretamente para Grønningen. Parámos pelo caminho. Isso não costuma acontecer com a malta nova. Os jovens têm sempre pouco dinheiro.

– Onde pararam?

– Na Vester Voldgade. Nas traseiras da Câmara Municipal.

Meyer fechou os olhos e gemeu.

– Que aconteceu quando lá chegaram? – perguntou Lund.

– A rapariga saiu e pediu-me para esperar. Normalmente não faço isso. Costumam fugir sem pagar. Mas ela parecia ser uma rapariga séria. Não estava bêbada nem nada.

– O que foi a rapariga fazer à Câmara Municipal?

– Não disse. Entrou e ficou por lá uns minutos.

– Viu alguém com ela?

– Não. A rapariga saiu. E depois fomos para Grønningen. Não quero fazer-vos perder tempo. Não posso garantir que fosse ela – o taxista olhou novamente para as fotografias. – Talvez, mas...

– Obrigada.

Lund apertou-lhe a mão, acenou a Svendsen, que vagueava pelo corredor, e pediu-lhe que registasse o depoimento do taxista.

Depois, ficaram os dois sentados no gabinete.

– Há montes de hotéis naquela zona – disse Lund.

– Já corremos os hotéis.

– Então corre-os outra vez. Pergunta-lhes se viram algum político. Se alguém da Câmara Municipal vive nas proximidades. Tens continuado a sondar os seguranças?

Meyer estava a ficar tenso e irritado. Não olhava para Lund.

– Sim. Claro que tenho.

– O táxi levou-a da casa do Kemal à Câmara Municipal – prosseguiu Lund.

– O taxista disse que não tinha a certeza se era ela.

Lund não queria discutir. Meyer estava com medo de perder o emprego. Dividido, pensou, entre o que achava que devia ser feito e o que pensava ser a atitude inteligente a tomar. Para seu próprio bem.

– Tenho de ir tratar de um assunto – disse Lund, levantando-se, pegando no casaco. – Liga-me quando souberes de alguma coisa.

Rie Skovgaard estivera a sondar o Parlamento durante a noite. As relações entre Hartmann e o ministro do Interior continuavam a ser boas.

– O problema é o primeiro-ministro. Acha que és ambicioso. Que roubas todas as atenções. Pensa que vais tentar tirar-lhe o lugar depois de destronares o Bremer.

Hartmann ouviu, abanou a cabeça.

– Eu não quero tirar-lhe o lugar. Pelo menos durante os próximos quatro anos.

Morten Weber estava a ler os jornais da manhã.

– O que vale é que as sondagens continuam a ser-nos favoráveis. Ninguém acreditou naquele absurdo acerca da rapariga.

– Basta-nos ter o ministro do Interior a bordo.

– Só se o primeiro-ministro o permitir – disse Skovgaard. – Ele ainda pode afundar-te.

– Isto é ridículo. Somos do mesmo partido e eles iam apoiar o Bremer?

Rie estava a sorrir-lhe.

– Diz lá o que estás a pensar – disse Hartmann.

– Há uma possibilidade. A popularidade do primeiro-ministro já viu melhores dias. Dava-lhe jeito um pouco do teu estrelato.

Por momentos, Hartmann sentiu-se como um peixe fora da água. Skovgaard e Weber nadavam com grande à vontade naquelas águas lamacentas.

– Onde queres chegar?

– O primeiro-ministro nunca pegou na questão da integração como deve ser. Se disséssemos que o gabinete dele ajudou a pôr de pé o nosso programa. Que ajudou em relação aos cidadãos exemplares. Que alguns dos projetos escolares...

Hartmann sorriu.

– Não há hipótese. Já tentámos essa. Eles detestaram a ideia.

– Esquece o passado, Troels. Se lhes dermos os louros...

– Por causa de quê?

– Do que quer que seja. O que interessa é ganharmos o apoio deles.

– Mas isso é mentira!

Weber abanou a cabeça de um lado para o outro.

– Mentira é uma palavra muito forte. Estamos a falar de política. O que é verdadeiro... o que é falso. Passado algum tempo já não importa assim tanto.

– Então o que é que importa?

– O resultado – respondeu Weber, olhando para Hartmann como se este fosse um simplório.

– Não. Está fora de questão.

– OK – disse Skovgaard, olhando para os papéis à sua frente.

– OK – concordou Weber, continuando a ler o jornal.

Um longo minuto de silêncio.

– Fico satisfeito por ver que estão a trabalhar bem juntos – observou Hartmann.

– Costumamos trabalhar bem juntos – respondeu Skovgaard.

– A resposta continua a ser não.

Outro longo minuto.

Depois, Hartmann respirou fundo, olhou em redor, para as paredes de madeira, os caixilhos de bronze das janelas, os brasões e os dourados, ergueu os olhos para o bonito lustre em forma de alcachofra.

Tantos ornamentos. Nenhum poder.

– O que obteríamos em troca?

– Podíamos convidá-lo para os teus comícios – disse Skovgaard.

– O mais importante é fazer com que Holck assine o acordo – acrescentou Weber. – Detesto tanto esta merda como tu. – O gestor de campanha encolheu os ombros. – Mas se isso nos trazer a aliança que queremos...

– Descobre ao certo o que podemos esperar em troca. Não quero que haja rotas de fuga.

– Ao fazermos essa pergunta já estamos a dizer que sim – afirmou Weber.

– Não podemos voltar atrás.

– Não podemos voltar atrás – repetiu Skovgaard.

– Façam o acordo e depois marquem-me um encontro com ele. Com o primeiro-ministro. Se isso nos der o cargo, não me interessa quem colhe os louros.

Hartmann levantou-se, saiu.

Os outros dois ficaram por ali, aliados desconfortáveis.

– Já se sabe porque é que a polícia esteve no parque de estacionamento? – perguntou Skovgaard.

– O quê?

– Tu ouviste, Morten. Ouves tudo, mesmo quando finges que não ouves.

– Que eu saiba, não. Vou telefonar para o Parlamento.

– Eu posso telefonar. Isso é um assunto político. Deixa-me ser eu a tratar dele.

Estava lá outro homem do banco. Mais novo. Mais simpático. Pernille telefonara para a prisão, tentara falar com Theis, mas não conseguiu. Ia ficar detido por mais um dia, pelo menos. Não podia receber chamadas, mas Pernille ficou a saber que talvez pudesse vê-lo mais tarde.

– Desculpe – disse ao homem do banco. – Não consigo falar com o meu marido.

– Não há problema – o homem espalhou os documentos à frente dela. – Vamos então supor que a casa é posta no mercado enquanto continuam as obras de remodelação.

– OK.

– Vamos alargar o período de carência do crédito para que não tenham de começar já a pagar as prestações. Vamos torcer para que a casa se venda rapidamente. Pode ser que uma pague a outra.

– Por mim, tudo bem.

– Depois temos a conta que a sua filha abriu. – Pernille fitou-o. – Em nome de Anton e de Emil. Para onde vai esse dinheiro?

Pernille afastou o cabelo para trás com a mão.

– Que conta?

O homem do banco mostrou-lhe uma declaração.

– Estão lá onze mil coroas¹⁷. A Nanna fazia depósitos regularmente. É bastante dinheiro...

– Que tipo de conta? – perguntou Pernille.

– É uma conta poupança para os rapazes.

– Posso ver?

Pernille pegou no extrato antes que o homem pudesse responder. Olhou embasbacada para os números. Depósitos regulares. Centenas de coroas de uma vez. Nunca tinha havido levantamentos.

– Onde foi ela buscar o dinheiro?

– Se calhar tinha um emprego – sugeriu o homem. Estava a corar, envergonhado.

– A minha filha não tinha nenhum emprego. Trabalhava para nós de vez em quando. Mas o que recebia só dava para pequenos gastos extra dela. Agora

esta...

O homem encolheu os ombros, não disse nada.

A conta fora aberta em janeiro do ano anterior. Tinha havido depósitos regulares de quinze em quinze dias. Pararam no verão.

– Não há pressa – disse o homem. Não tem de tomar uma decisão agora. Bem... – Um breve sorriso. Levantou-se. – A menos que tenha mais alguma questão...

Pernille não conseguia tirar os olhos do extrato bancário. Estava em cima da mesa, sobre as fotografias da família, capturadas na superfície. Insultando-a. Rindo-se dela.

Quando o homem do banco se foi embora, Pernille ligou novamente para a prisão. Atendeu uma pessoa amável.

– Vou agora mesmo para aí – disse Pernille.

* * *

O guarda deixou-a entrar na minúscula sala de visitas da prisão e depois ficou lá dentro, ao pé da porta. Theis, enfiado num trajo prisional de um azul brilhante, sentou-se a uma mesa de madeira riscada, curvado, de olhos no chão.

Um momento de indecisão. Então, Pernille aproximou-se, lançou os braços em volta dele, sentiu-o a apertá-la, sentiu os olhos a marejarem-se de lágrimas.

Ficaram os dois abraçados, balançando-se suavemente, a mão enorme movendo-se pelo longo cabelo castanho como se procurasse algo que se tinha perdido.

Depois sentaram-se frente a frente, Pernille de olhar choroso.

Por fim, Theis perguntou:

– Como estão os miúdos?

– Os miúdos estão bem.

Theis não olhava para Pernille enquanto falava.

– Falei com a advogada. Está a fazer tudo o que pode. Quando sair resolvo o problema do banco e da casa.

Pernille virou-se, limpou as lágrimas. Sentiu uma centelha quente e penetrante de raiva e não percebia porquê.

– Eu trato de tudo – disse Theis. – Vai ficar tudo bem.

Olhando para o dia monocromático para lá da janela, Pernille perguntou:

– O que aconteceu entre ti e Nanna no verão passado?

Theis ergueu a cabeça. Aqueles olhos – eram a parte do marido de que Pernille menos gostava – apanharam-na. Insondáveis. Agressivos, por vezes.

– O quê?

– Vocês costumavam...

As lágrimas estavam a regressar e Pernille não conseguia impedi-las, por mais que se esforçasse.

– Tiveram alguma discussão? Disseste-lhe alguma coisa? – A voz começava a fraquejar e estava repleta de uma censura não intencional.

– Que queres dizer com isso?

Estava com aquele homem há duas décadas. Mas havia sempre segredos entre as pessoas. Talvez tivesse de haver.

– A Nanna abriu uma conta bancária em nome dos miúdos – afirmou. – Fazia depósitos regulares. Tinha um emprego? Há... – Pernille disse aquilo muito lentamente – onze mil coroas na conta.

– Sabes bem que a Nanna trabalhava! Lá no escritório, às vezes.

– A Nanna não ganhou tanto dinheiro a trabalhar para nós.

– Talvez lhe tenha pago uns extras. Talvez tenha poupado.

– Então porquê manter a conta em segredo?

– Não sei.

Pernille não sabia se devia ou não acreditar em Theis.

– Ela nunca te disse nada?

– Não. – Theis coçou o queixo barbudo, fechou os olhos. – Sei que a Nanna estava chateada comigo. Por eu achar que era demasiado cedo para ela sair de casa.

Theis aproximou-se mais da mesa e pegou nas mãos de Pernille.

– Eu costumava dar-lhe dinheiro para a animar, algumas vezes. O que ela fez com ele...

– Sim – disse Pernille.

– Não estou a ver mais nada.

Pernille viu-o a tentar sorrir. A tentar dizer o que sempre dizia.

Eu vou resolver isto. As coisas vão melhorar.

Por isso, Pernille retribuiu-lhe o sorriso, apertou-lhe igualmente as mãos, inclinou-se sobre a velha mesa de madeira e beijou-o.

– Vai ficar tudo bem – disse novamente Theis.

* * *

Lund foi até à estação de televisão falar com uma jornalista que estava a realizar um documentário sobre a campanha eleitoral. A mulher estava a acompanhar Hartmann e Bremer do princípio ao fim.

– Só estou interessada no que aconteceu na noite da festa do cartaz – disse Lund.

Estavam sentadas frente a um ecrã e a mulher observava imagens de vídeo não editadas.

– O que é que eu ganho com isso?

– Nada.

A jornalista da televisão pestanejou.

– Acho que era justo que...

– Não me venha com histórias. Consigo um mandado de busca em cinco minutos. Se fizer isso, não trabalha mais hoje. Nós levamos tudo – Lund sorriu-lhe. – Se eu achar que há aqui provas, posso impedir-vos de mostrar este material.

– Porque é que eu havia de lhe mostrar as gravações?

– Porque não tem escolha.

– Continuo a querer alguma coisa em troca.

– Se descobirmos alguma coisa, vai ser a primeira a saber. Friso, se descobirmos alguma coisa. – Lund sentou-se na beira da mesa, não se movendo um milímetro. – Só preciso do material que filmaram entre as sete e as oito da noite.

– A festa do cartaz foi a trinta e um de outubro?

– Exato.

– OK. Lembro-me disso. Estavam no gabinete do Hartmann.

Os dedos da jornalista apressaram-se sobre o teclado. Depois, a mulher fez avançar a gravação. Poul Bremer apareceu no ecrã, a rir-se e a dizer piadas, de copo na mão.

– Adoro o modo como fingem que se respeitam uns aos outros. Devia ouvir o que dizem em privado.

– Por exemplo?

– Fartam-se de sorrir entre eles mas não se podem ver. E até vão para a cama uns com os outros, se isso lhes der mais alguns votos.

Lund olhava para o ecrã, mal a ouvindo.

Hartmann convidou toda a gente para uma bebida no seu gabinete.

Skovgaard, os líderes dos partidos minoritários, Morten Weber, Bremer, todos juntos, a rirem-se e a dizerem piadas com copos de vinho na mão.

– Aconteceu alguma coisa com interesse? – perguntou Lund.

– O Hartmann faz um breve discurso. Nada de especial. Não vale a pena perder tempo com este grupo, pois não? Uns votam obrigatoriamente nele e os outros claro que não.

Lund inclinou-se para a frente, olhou com mais atenção. Havia uma figura de preto ao fundo, destacada da multidão. Não falava com ninguém. Parecia pouco à vontade.

– Quem é aquele?

– Jens Holck. Líder do Partido Moderado. Apoia Bremer.

– Esteve na festa do princípio ao fim?

– Sim.

Hartmann fez tilintar um copo contra uma garrafa. Poul Bremer apareceu e ficou ao lado dele de sorriso rasgado, cordial.

Lund não estava a vê-los. Tinha os olhos postos na figura que aparecia ao fundo.

– Então porque está Holck a vestir o casaco? – A jornalista não respondeu.

– Esse Holck aparece mais vezes?

– Porque pergunta?

– Por curiosidade.

Lund acenou com a cabeça para o teclado. A mulher carregou em algumas teclas, pôs o vídeo a passar mais depressa.

A câmara varreu a sala. A jornalista avançou, recuou, procurando por entre o mar de corpos.

– Não o consigo ver. Pensei que estivesse lá. Desculpe.

– Como é ele? – perguntou Lund.

– Holck? Está na política há anos. É sério. Um bocado falhado. Sem Poul Bremer não é nada.

Lund recostou-se na cadeira, pôs as mãos atrás da cabeça.

– Não é propriamente um Dom Juan, para ser franca. Correram rumores de que teve um caso, que a mulher descobriu. O assunto nunca chegou aos média. Seja como for, a mulher pediu o divórcio.

– Teve um caso? Isso é verdade?

A jornalista riu-se de Lund.

– Não percebe nada de política, pois não?

– Esclareça-me.

– Estes tipos alimentam-se de mexericos. De coisas que dizem uns dos outros. Vivem num pequeno mundo à parte e não querem saber de mais nada. Digo-lhe uma coisa... – Lund esperou. – A mulher que teve um caso com Jens Holck devia estar bastante desesperada. Ou então aguentava muito bem o tédio.

Lund telefonou a Meyer quando saiu da estação de televisão.

– O carro saiu às sete e cinquenta e cinco. Jens Holck saiu à socapa da festa do cartaz um quarto de hora antes e não voltou a ser visto.

– O Buchard tem andado à tua procura – disse Meyer.

– Será que o Holck vive perto de Grønningen? Até pode estar num quarto de hotel.

– Estou-me completamente nas tintas para isso, Lund.

– Diz-se na Câmara Municipal que o tipo teve um caso.

– Não estamos a investigar a Câmara Municipal. Nem os políticos. Esquece isso. Não te disse que o Buchard anda à tua procura?

– Disseste.

– E tu estavas a ouvir, para variar?

Sarah olhou para o telemóvel. Tentou imaginar o rosto de Jan Meyer naquele momento.

– Lund? – disse uma vozinha interrogativa – Lund?

Encontrou Troels Hartmann quando este estava a sair do gabinete.

– Preciso de dois minutos do seu tempo – disse Lund.

– O seu chefe sabe que está aqui?

– Isto não demora nada. Só queria pedir-lhe desculpa.

– Tem de se ir embora – disse Rie Skovgaard. – Já nos causou muitos problemas.

– Eu sei, eu sei. Lamento muito. Este caso está a ser difícil. Dois minutos...

Hartmann fez um gesto para que Lund entrasse no gabinete e fechou a porta.

– Preciso da sua ajuda – disse Lund.

– Eu atendo os cidadãos todas as segundas-feiras. Pode fazer uma marcação, como qualquer outra pessoa.

– E se eu disser que o seu carro não estava na escola?

– Diria que meteram outra vez a pata na poça.

– E se eu disser que o carro foi conduzido de volta para aqui? Para o parque de estacionamento da Câmara? – Hartmann não disse nada. – Naquela sexta-feira à noite. Quando deram a vossa festa do cartaz. Onde estiveram todos os líderes partidários. Todas as equipas de campanha.

– Onde raio é que quer chegar, Lund?

– Preciso de saber se alguém saiu da festa mais cedo.

– Espere, espere. Não estou a perceber. Está a dizer que o carro foi trazido para aqui?

– Alguém saiu mais cedo?

Skovgaard entrou. Estava ao telefone, a perguntar:

– Agora já posso falar com o Buchard?

– Jens Holck saiu mais cedo? – perguntou Lund.

– Holck?

Passaram a chamada a Buchard. Skovgaard queixou-se.

– Lembra-se de o ver mais tarde?

Hartmann abanou a cabeça.

– O seu chefe quer falar consigo – interrompeu Skovgaard, passando o telefone a Lund.

Sarah fitou a mulher. Atraente de uma forma dura e insensível. A morte de uma rapariga não parecia afetar aquele tipo de pessoas. Exceto Hartmann, o que continuava a interessá-la.

– Sim? – disse Lund, pegando no telefone, sem estar verdadeiramente a ouvir.

Depois de falar com Buchard voltou a passar o telefone à sorridente conselheira política de Hartmann.

– Saia daqui – disse Skovgaard.

Lund olhou em redor. Para as paredes de madeira, os painéis, os bonitos candeeiros, os móveis caros.

– Devem sentir-se como se estivessem num castelo – disse Lund.

– Vá-se embora – repetiu Skovgaard.

Lund olhou de relance para Skovgaard e, depois, demorando-se mais, para Hartmann.

– Mas isto não é um castelo – concluiu.

De regresso ao gabinete vazio, Lund tirou um cigarro do maço de Meyer, rolou-o entre os dedos. Fez todo o tipo de acrobacias com ele. Virou-o ao contrário, empoleirou-o na mão, cheirou-o. Ergueu-o até aos lábios, sentiu a secura quando o pôs na boca, acendeu-o e inalou o fumo.

Não lhe soube bem. Não tornava as coisas mais fáceis. Era só um escape, simplesmente.

Lá fora, Buchard estava a dar instruções à equipa, falando num tom propositadamente alto para que Sarah ouvisse.

– Lund começa o seu novo emprego na Suécia amanhã – informou-os o chefe. – Meyer assume a condução da investigação. Svendsen, tu passas a ser o assistente de Meyer.

Meyer já tinha tirado o nome dela da porta. Agora, dizia simplesmente: *Vicekriminalkommissaer* Jan Meyer.

Buchard entrou para falar com Lund a seguir à reunião. Olhou para o cigarro.

– Já informei a polícia sueca de que estás pronta para começar por lá. Absteve-me de lhes contar as tuas atividades mais recentes.

– Fico-te eternamente grata.

Lund deu uma passa e olhou para ele. Buchard não tinha jeito para subterfúgios.

– Lamento que as coisas tenham acabado desta maneira – acrescentou.

– És a única pessoa aqui que gosta do Svendsen.

Um lampejo de raiva nos olhos de buldogue-anão do chefe.

– Essa é a última coisa que tens para dizer-me?

– Não. Há mais – o cigarro já lhe começava a saber bem. – Mas deves ter mais chamadas para fazer.

Depois de Buchard ter saído, Meyer entrou, permanecendo à porta, junto da placa com o seu nome. Não parecia satisfeito.

– Não encontramos nada em Grønningen. Nada que relacione a zona com o Holck.

Svendsen enfiou a cabeça pela porta. Estava a sorrir.

– Há uma encomenda da Suécia, Lund – disse o detetive. – Tens de assinar. Antes de te ires embora.

Ênfase na última palavra, seguindo-se um sorriso rasgado.

– Está bem – disse Lund. Apontou para o cigarro. – Quando acabar isto.

Lund observou-o a seguir o seu caminho, virou-se para Meyer, apontou para Svendsen a afastar-se, disse:

– Ele é dos deles, Meyer. Não é dos teus. Lembra-te.

Depois, Lund foi até à janela. Uma carrinha amarela de uma empresa de transportes estava parada lá em baixo, o motorista esperava à entrada.

– Tenho um tipo à minha espera no departamento forense – disse Meyer. – Por isso...

Sarah soprou fumo pela janela, lembrou-se da quantidade de vezes que o repreendera por fazer o mesmo.

– Podes ficar com o maço.

Uma última passa, mais uma exalação para o ar húmido de novembro.

– Lund?

– Obrigada – disse Sarah, não olhando para Meyer.

Quando Meyer saiu, Lund foi até à secretária, procurou por entre os sacos de plástico com provas, encontrou o porta-chaves de Nanna, as chaves *Ruko* numa argola vermelha de plástico e enfiou-o no bolso.

Estava a começar a chover. Bengt tinha-lhe enviado tudo o que ela tinha na Suécia. Sarah abriu a primeira caixa. Roupa de verão e roupa de cama. Nada que pudesse vestir.

Depois assinou o recibo, telefonou à empresa, pediu para guardarem as suas coisas no armazém e ficou a ver a carrinha amarela a afastar-se com uma parte da sua vida lá dentro. Desaparecida até atingir algum ponto no futuro que Sarah ainda nem conseguia imaginar.

A advogada, Lis Gamborg, encontrou-se com Birk Larsen na cela.

– O Vagn foi interrogado. Confirmou que o incentivou a vingar-se do professor.

– Ele não fez nada disso. Até tentou impedir-me.

– Isso é o que ele diz. E, como é em seu benefício, vamos deixar as coisas assim. Vagn vai ser acusado de cumplicidade. Não enfrenta uma pena de prisão – a advogada fez uma pausa. – Ao contrário de si.

Birk Larsen respirou fundo, olhou para o chão de betão cinzento, não disse nada.

– Aleguei que não ia tentar fugir. Que já tinha sofrido o suficiente. Que não ia interferir com as testemunhas, uma vez que já se declarou culpado.

– E então?

Gamborg encolheu os ombros.

– E então está livre.

No seu fato prisional azul, Birk Larsen sentia-se como uma criança que está a ser enganada por um artista no palco. Não gostava de truques e a advogada deve ter-se apercebido disso.

– Desde que – apressou-se a acrescentar – não saia de Copenhaga. E que, em circunstância alguma, interfira novamente na investigação. Isto é uma coisa séria, Theis. Se fizer o que quer que seja mais...

– Não vou fazer nada. Só quero ir para casa.

– Ótimo. Para o seu bem e o bem da sua família é importante que não dê nas vistas. Não fale com jornalistas. Não se envolva. Volte a fazer tudo como costumava fazer. – Theis fitou a advogada. – Na medida do possível. Desculpe. Disse isto sem pensar. Agora pode ir buscar as suas coisas. Theis...

Gamborg estava hesitante por algum motivo.

– Que foi? – perguntou Theis.

– As pessoas têm tanta simpatia por si. Por Pernille. Mas a simpatia é como uma torneira a pingar. Basta uma voltinha...

Com um gesto, a advogada imitou uma torneira a ser fechada.

– E pronto, acaba-se. E o que aparece em vez dela pode não ser tão agradável. Torne-se invisível. Seja paciente. Encontramo-nos quando for outra vez a tribunal. Se ninguém ouvir nada sobre si entretanto, talvez possa mantê-lo fora da cadeia.

Theis concordou.

A advogada sorriu e depois deixou-o sozinho, enfiado no fato prisional e nas botas pretas. Barba por fazer, sujo. A pensar no estranho mundo que havia para lá da porta.

Pernille atendeu a chamada, gritou, numa súbita explosão de alegria. Telefonou a Lotte a pedir-lhe que fosse lá a casa para tomar conta dos miúdos, atrapalhou-se com o casaco antes de chegar ao carro.

A irmã não tardou a aparecer com um saco de compras cheio, preparada para a noite. Doces e também um livro.

As famílias funcionavam com base naqueles rituais diários, todos eles dados como certos e todos eles tão dolorosos quando o motivo para os

realizar desaparecia.

Lotte pôs o banho a correr, pôs os miúdos dentro da banheira. Pernille voltou para buscar as chaves.

Só levo um pacote de doces, pensou Pernille, procurando-o no saco de compras de Lotte.

Montes de batatas fritas e aperitivos. Uma embalagem pequena de champô. O tipo de coisas que uma mulher sozinha comprava em quantidades tão diminutas que pareciam ridículas.

Uma pilha de cartas. Lotte deve ter pegado nelas quando saiu de casa e levara-as para as ler mais tarde, quando estivesse no apartamento da irmã a tomar conta das crianças.

O envelope que estava no topo do monte era quadrado e formal, um cartão.

O destinatário era a Nanna, mas a morada era a de Lotte.

Gritos vindos da casa de banho, Lotte a repreender os rapazes.

– Quero o pato – gritou Emil.

– Só quando parares de chapinhar – disse Lotte.

Sem pensar duas vezes, Pernille esticou o braço, pegou no envelope quadrado, rasgou-o para o abrir.

O cartão era prateado e estava decorado com uma árvore de Natal enfeitada. Um convite para uma festa de Natal dos funcionários de uma discoteca no centro da cidade. Dali a um mês.

Pernille fitou o envelope, sentindo-se aturdida, estúpida e traída.

– Onde está o pato? – perguntou Lotte junto da porta da casa de banho. – Ah. Está aqui.

Lotte encontrara-o. Então olhou. Viu.

– A Nanna estava a trabalhar contigo – disse Pernille com o cartão na mão.

– A Nanna deu-lhes a tua morada. Por isso é que nunca soubemos.

Lotte aproximou-se, olhou para o cartão, recuou, culpada.

– Quando é que ela começou a trabalhar contigo?

Irmãzinha, irmãzinha, pensou Pernille. Nunca confiei verdadeiramente em ti.

– Em janeiro.

Lotte tinha o ar astuto e evasivo da criança travessa que já fora.

– Só trabalhou lá durante um tempo. Saiu no verão deste ano.

Pernille, com o cartão na mão, à espera.

Lotte lambeu os lábios, tentou recompor-se. Fez um ar convincente.

– A Nanna não planeou a ida dela para lá. Foi visitar-me e achou que era... – Lotte encolheu os ombros. – Excitante.

Pernille olhou em torno do seu pequeno apartamento. Os quartos apinhados. As fotografias nas paredes. A mesa que tinham feito. Os livros. O televisor. Os miúdos. Aquele espírito próximo e íntimo chamado família.

– Excitante?

– Aconteceu, pura e simplesmente. Não vejo que haja mal nenhum.

Pernille não sabia se havia de chorar ou de gritar. Se devia atirar-se a Lotte ou fugir.

Em vez disso, perguntou:

– Que aconteceu no verão passado?

Lotte cruzou os braços. Recuperara a autoconfiança. Tentou uma escapatória.

– Talvez fosse melhor falares com o Theis.

– Charlotte. Tu és minha irmã. Conta-me o que aconteceu.

Sons vindos da casa de banho. Os rapazes a rir, a chapinhar.

– A Nanna gostava do emprego. Mas depois começou a encontrar-se com uma pessoa. Com um homem.

– Quem era ele?

– Alguém que conheceu lá. Não sei quem era. Ela não quis dizer-me.

– O homem dava-lhe dinheiro?

Lotte parecia outra vez uma miúda evasiva.

– Porque perguntas?

– Responde-me. O homem dava-lhe dinheiro?

– Julgo que não. A relação deles não era desse género. A Nanna começou a chegar atrasada ao trabalho. Então, um dia, não apareceu mesmo. Fiquei preocupada.

Pernille sabia o que vinha a seguir, tinha de ouvi-lo.

– Liguei ao Theis – disse Lotte. – Desculpa. Encontrámo-la num quarto de hotel. Estava completamente bêbada. Isto aconteceu quando tu foste com os miúdos na viagem do infantário. A Nanna prometeu que ia deixar de o ver. Prometeu ao Theis.

Pernille riu-se da ideia, riu-se e deixou a cabeça ficar inclinada para trás, deixou que as lágrimas lhe comesçassem a inundar os olhos brilhantes.

– Desculpa – disse novamente Lotte.

Pernille aproximou-se da irmã, tirou-lhe as toalhas e o pato de borracha.

- Agora quero que te vás embora – disse.
- Pernille.
- Quero que te vás embora.

O debate era no Diamante Negro, o edifício de vidro inclinado à beira-mar que albergava a Biblioteca Real da Dinamarca.

O caso Nanna Birk Larsen continuava a atormentar Troels Hartmann. Rie Skovgaard e Morten Weber tinham vindo a implicar um com o outro no carro por causa disso mesmo.

– A Lund acha que o carro foi conduzido até à Câmara Municipal – disse Hartmann a caminho da biblioteca. – Porquê? Porque é que alguém o levaria outra vez para a Rådhus?

– Se isso fosse importante – atalhou Skovgaard – teríamos sabido. A Lund está fora do caso. Eu disse-te.

– Então era por isso que a polícia estava no parque de estacionamento? – perguntou Weber

– A fazer o quê? – disse Hartmann.

Weber encolheu os ombros.

– Não sei. Seja lá o que for que a polícia costuma fazer.

Saíram do carro, passaram pelas portas.

– Este evento é público, Troels – disse Skovgaard. – Tens de sorrir. Hartmann não estava bem-humorado.

– Porque é que a Lund me perguntou aquilo acerca do Holck?

Na escada rolante, a subir na direção da multidão que se atarefava lá em cima.

– A única coisa que importa sobre o Holck é se ele está connosco ou não.

– Não – insistiu Hartmann. – Precisamos de saber o que está a acontecer. Não quero passar outra vez por aquela merda toda.

– A merda veio da Lund! – gritou-lhe Skovgaard. – E ela está fora do caso. Concentra-te no debate. Isto é importante.

– Eu tenho de saber!

– Caramba, Troels... – murmurou Skovgaard, afastando-se.

Weber observou-a, olhou para Hartmann.

– Pela primeira vez na vida, concordo plenamente com ela. Pensa no debate. Podemos tratar do resto mais tarde.

Depois encaminharam-se os dois para a plateia enquanto Hartmann carregava a sua pasta até ao pódio.

Bremer já estava lá. Impecavelmente vestido. Sorridente, como sempre. Um pouco corado sob as luzes.

– Bem-vindo, Troels – disse Bremer, apertando a mão a Hartmann. – Ouvi dizer que estiveste a pescar em águas turvas. Apanhaste alguma coisa?

Uma gargalhada. Uma palmada com força no ombro de Hartmann. Depois um aceno para a multidão, alguns gestos privados para pessoas que talvez conhecesse, talvez não.

Todos os truques e hábitos de um político. Troels Hartmann tinha-os aprendido, sobretudo com Bremer. Também poderia usá-los. Mas então...

Uma figura de fato preto amarrotado entrou pela direita. Bremer levantou-se, levou Jens Holck pela mão, fez questão de dizer:

– Boa-noite, velho amigo. Senta-te ao pé de mim, Jens... Senta-te.

Bremer indicou-lhe uma cadeira. Holck olhou para ele.

– Não, obrigado.

Continuou a andar, olhou para a cadeira vazia ao lado de Hartmann.

– Esta está vaga? Estive a pensar...

– Se é isso que queres, Jens.

– Acho que sim – retorquiu Holck, sentando-se.

* * *

Grønningen corria paralelamente ao terreno do Kastellet por meio quilómetro. Havia edifícios e prédios de apartamentos apenas de um lado. As chaves *Ruko* de Nanna não serviam em nenhuma das entradas.

Depois de ter desperdiçado meia hora a experimentar todas as fechaduras, Lund inspecionou a estrada curta a sul, a Esplanaden. Nada.

Telefonou a Meyer.

– Preciso da tua ajuda – disse.

– Enganaste-te acerca do Holck. Naquela noite, foi-se embora no carro dele.

– Verificaste se algum membro do partido tem um apartamento na zona de Grønningen?

– Sim. Nenhum tem. E não há políticos a viver nas proximidades. Os liberais têm um apartamento na Store Kongensgade.

- Qual é a localização exata?
- O que estás para aí a tramar?
- Onde fica o apartamento?
- No número cento e trinta.

Lund fez a pé o curto caminho até à Store Kongensgade, verificou os números. Ficava para trás, para norte, mais perto de Grønningen. Era uma rua comprida e movimentada que começava perto da estação de Østerport e ia até ao centro da cidade. O motorista de táxi, Leon Frevert, disse que deixara Nanna perto do cruzamento entre as duas ruas. Devia ter percebido aquilo antes, pensou.

Do lado esquerdo havia filas e mais filas de casas baixas e antigas pintadas de ocre. Os chalés da armada de Nyboder, alinhados na escuridão como soldados paralisados em sentido.

- É no quarto andar – disse Meyer. – Onde estás?

Um edifício enorme. Tijolos vermelhos, ornamentos brancos a brilhar às luzes da rua. Entrada comum grandiosa. Montes de campainhas. Uma fechadura *Ruko*.

- É irrelevante – acrescentou Meyer. – Já verificámos o Hartmann. Lund?
- O que foi?
- Onde estás? Que se passa?
- Nada – respondeu Sarah e depois guardou o telemóvel no bolso.

Duas chaves. Uma da porta principal. Outra da porta do apartamento.

Lund caminhou até à porta dupla, introduziu a primeira chave na fechadura, rodou-a.

Nada.

Tentou a segunda. A porta abriu-se.

O elevador era reluzente e antigo, tinha duas portas, a de dentro dobrável, e não havia nele espaço para mais de quatro pessoas.

Entrou, carregou no botão para o quarto andar. Ouviu o mecanismo zumbir e chiar.

O local parecia vazio. Enquanto subia, Lund passou por escritórios e clínicas dentárias, apartamentos privados e portas sem qualquer identificação visível.

Depois o elevador parou. Lund saiu e começou a olhar em volta.

Meyer tinha regressado ao departamento forense e estava a ver novamente o vídeo do parque de estacionamento. O carro preto a afastar-se. O motorista quase visível.

– Para aí – disse o técnico. – O que era aquilo? Parecia um clarão luminoso.

– É a lâmpada fluorescente. À saída. A piscar.

– Recua, recua. Passa imagem a imagem.

Sete fotografias. Mal se vendo, na janela do motorista, iluminado por um único clarão breve, estava o rosto de um homem.

– Quem será este? – perguntou Meyer, tentando sufocar a impaciência.

– Consegues que se veja melhor esta parte da imagem?

– Posso tentar.

O telemóvel de Meyer tocou.

– Sou eu, Lund.

– Bom sentido de oportunidade. Estamos prestes a descobrir quem estava no carro.

– Era Troels Hartmann – disse Lund.

– Desculpa?

Silêncio.

– Lund? Lund? Onde é que estás? Que se passa? Fala comigo. Por favor.

– Estou no apartamento dos Liberais na Store Kongensgade. Uma das chaves de Nanna abre a porta do prédio e a outra a porta de um apartamento. Chama os forenses. Vem cá ter comigo.

– Hartmann?

– Sim, foi o que eu disse.

O ecrã começava a mostrar a imagem aumentada. Um rosto ia emergindo do lodo cinzento. Um rosto anguloso e bonito. Com um ar amargurado e familiar.

Meyer pensou: estás tramado, Rapaz do Cartaz.

– Estamos a caminho – disse.

Uma equipa completa estava no local em menos de uma hora. Dez homens envergando os uniformes azuis dos técnicos forenses, macacões de proteção brancos, luvas brancas. Holofotes. Câmaras. Produtos químicos.

Lund tinha uma segunda unidade no exterior, no pátio por detrás do prédio, caminhava no meio dos seus elementos, verificando o trabalho que faziam,

oferecendo conselhos e opiniões, algumas bem recebidas, outras completamente ignoradas.

Meyer levou-lhe café. Buchard não disse uma palavra.

Conduziu-os pela entrada do prédio, para o elevador velho e barulhento.

– O taxista deixou-a em Grønningen às dez e quarenta e cinco da noite. Calculo que a Nanna não quisesse que ninguém soubesse que aqui vinha. A rapariga pode ter chegado ao apartamento quatro ou cinco minutos depois. O apartamento pertence aos liberais. Foi doado por um simpatizante. Utilizam-no para almoços de trabalho, reuniões, para alojar convidados.

– Quem vive neste prédio? – perguntou Meyer.

– Quase todos os apartamentos são escritórios ou pertencem a empresas. O prédio esteve praticamente vazio durante todo o fim de semana.

Chegaram ao quarto andar. Lund dirigiu-se ao apartamento, mostrou-lhes como a chave de Nanna servia na fechadura.

– A rapariga também tinha a chave da porta do prédio? – perguntou Buchard.

– Sim.

Seis técnicos em macacões de proteção e proteções azuis de plástico para o cabelo trabalhavam no interior. O local estava decorado como uma suíte de hotel de luxo. Papel de parede de veludo vermelho, móveis antigos e elegantes.

– Já encontrámos as impressões digitais dela – disse Lund, entregando-lhes luvas forenses e proteções para os sapatos.

Quando estavam prontos, Lund conduziu-os ao interior

Havia cartazes de Troels Hartmann espalhados pela sala. Uma mesa de vidro partida e estilhaços do que parecia ser um copo no chão.

Lund foi até a mesa, mostrou-lhes as marcas na alcatifa.

– O sangue é do mesmo tipo do de Nanna. Já enviei amostras para que nos confirmem se é dela. Houve aqui uma briga.

Junto da janela havia uma pesada secretária de noqueira.

– Temos impressões digitais naquele pisa-papéis. A Nanna atirou-o contra o espelho por algum motivo.

Lund rodou trezentos e sessenta graus nos calcanhares, olhando para a sala. Os vidros partidos. A desordem.

– A rapariga não se limitou a lutar contra ele. Zangou-se. Perdeu a calma, julgou eu. Isto não aconteceu por acaso. Inesperadamente. A Nanna conhecia-

o. Discutiram. Um arrufo de amantes que deu para o torto.

– Temos muitas coisas para enviar para análise forense – interrompeu Meyer. – Com um pouco de sorte teremos o resultado de ADN amanhã à tarde.

Lund entrou no quarto. A porta estava aberta, coberta de marcas forenses e de autocolantes.

– A Nanna correu para aqui e tentou bloquear a porta. Ele abriu-a a pontapé.

Os lençóis estavam ligeiramente amarrotados, como se alguém se tivesse sentado sobre eles, nada mais do que isso.

– Não me parece que ele a tenha violado nem espancado aqui. Isso aconteceria mais tarde. Noutro sítio.

Lund tentou imaginar o que tinha acontecido. Uma discussão. Uma luta.

Mas Nanna só morrera dois dias depois. Ainda faltava um grande pedaço do *puzzle*.

Lund dirigiu-se ao terraço.

Meyer e Buchard seguiram-na.

Buchard imobilizou-se, Lund olhou para ele.

– Se foi ao departamento forense dar uma vista de olhos ao vídeo, sabe perfeitamente que Hartmann aparece na gravação das câmaras de videovigilância – acrescentou Meyer. – Eu percebi isso em dois minutos, Buchard. E o chefe não é parvo nenhum.

– Quero falar com a Lund em paz – disse o chefe.

– Basta desta merda! – gritou Meyer. – Estou farto disto. – Meyer bateu com as mãos no gradeamento de ferro. – Buchard! Buchard! Olhe para mim! Quero saber o que está a acontecer. Deve-nos isso. Aos dois.

O velho parecia deprimido, perdido, derrotado, de alguma forma.

– Não é o que vocês pensam.

– Então o que é? – perguntou Lund. – Apagaste o nome do telemóvel dela. Apagaste uma chamada da lista.

– Não, não apaguei – disse o chefe num lamento fraco, patético. – Não fui eu.

– Então quem foi?

Buchard não respondeu.

– Vamos levar o Hartmann ao quartel-general para prestar declarações – anunciou Lund.

– E queremos essa informação – acrescentou Meyer.
Buchard ofegava no terraço frio. Servo de alguém. Um servo infeliz.
– Então? – perguntou Lund.
– Vou saber o que se passou.
– Ótimo – disse Lund. Depois deixaram o Buchard ali, de olhos esbugalhados e ofegando no escuro.

Tinham regressado os três ao escritório de Hartmann e sentiam-se satisfeitos. O debate tinha corrido bem. Morten Weber disse que os líderes dos partidos minoritários se reuniriam na manhã seguinte para debater a aliança.

– Se conseguirmos atrair o Holck – disse Skovgaard, correndo para o computador – os restantes também vêm. Porque é que o Holck mudou de ideias?

Hartmann era o único que parecia infeliz.

– Não sei. Não disse. Porque é que a Lund cá veio perguntar por ele? E que história é aquela do carro?

Skovgaard fez um gesto a desvalorizar as preocupações de Hartmann.

– Se o Holck esteve envolvido tenho de saber.

– Deixei uma mensagem ao Meyer.

– Isso não é suficiente.

Weber tinha ido buscar vinho ao aparador e estava a tirar do embrulho as sanduíches que tinha comprado.

– Nada de surpresas, Morten – disse Hartmann. – Acho que também é isso que tu queres.

– Nada de surpresas – Weber desenvolveu a garrafa de vinho, serviu três copos, brindou aos dois. – O Jens Holck está apenas a seguir o seu faro, Troels. Ele sabe que vais ganhar. Não compliques desnecessariamente as coisas.

O telefone de Rie Skovgaard tocou.

– O Bremer parecia muito preocupado – acrescentou Weber. – Conseguir sentir o chão a fugir-lhe debaixo dos pés.

Skovgaard falou baixinho ao telefone, terminou a chamada. Olhou para Hartmann.

– Era a polícia – disse.

– E?

- Querem falar contigo.
- Por amor de Deus...
- Troels. Eles querem que vás ao quartel-general da polícia. Agora.
- Tem que ver com Holck e com o carro?
- Não parecia.
- Então o que é que poderá ser?
- Não sei. Disseram que se não fores vêm aqui buscar-te. E isso é que não era nada bom.

O copo de Hartmann parou a meio caminho da boca. Deu um murro na mesa. O *Borgonha* escuro entornou-se sobre o tampo de noqueira.

Em seguida, Hartmann pegou no casaco. Skovgaard imitou-o. E, depois de receber um olhar penetrante de Rie, Morten Weber fez o mesmo.

Dez minutos mais tarde, os três atravessavam o pátio aberto, em direção à escadaria em espiral que conduzia aos Homicídios.

Lund esperava juntamente com Meyer e Svendsen à porta da sala de interrogatórios.

– Só o mandei chamar a si, Hartmann – disse Lund, olhando para Skovgaard e para Weber.

– Não tenho muito tempo para estas coisas.

– Queremos falar consigo a sós.

– Qual é o assunto?

Lund indicou a porta.

– Primeiro vamos sentar-nos.

Skovgaard estava a ficar zangada.

– Se isto é um interrogatório, diga. Já lhe aturámos muitas merdas, Lund.

Meyer sorriu-lhe.

– São apenas algumas perguntas. Julgo que um político tem todo o interesse em ajudar a polícia.

– Se o Hartmann quiser um advogado pode chamar um – acrescentou Lund.

Hartmann lançou-lhe um olhar fulminante.

– Porque é que eu haveria de querer um advogado?

Os detetives não responderam.

Hartmann praguejou, entrou na sala, fez sinal a Skovgaard e a Weber para ficarem à porta.

Lund e Meyer sentaram-se à frente de Hartmann, mostraram-lhe o vídeo do carro a sair do parque de estacionamento.

– Parece um dos nossos – disse Hartmann. – Mas há uma data de carros pretos a circular por aí.

– Faz alguma ideia de quem ia a conduzir? – perguntou Lund.

Hartmann encolheu os ombros.

– Não. Porque haveria de fazer? Se for importante posso pedir a um dos nossos para verificar.

– Não é preciso – disse Meyer. – Talvez não se recorde, mas nós somos da polícia.

Carregou em algumas teclas do computador. Aproximou a imagem. Rosto no ecrã. Só para reforçar o que estava a dizer, Meyer entregou-lhe uma folha impressa.

Hartmann olhou fixamente para Lund.

– Certo – disse o político. – Foi depois da festa do cartaz. Disse ao meu motorista para tirar a noite de folga. Por isso levei um dos nossos carros da campanha.

Lund sorriu. Svendsen apareceu com café. Hartmann descontraíu-se um pouco.

– Saiu da festa do cartaz mais cedo? – perguntou Lund.

– Estava com dor de cabeça. E tinha um discurso para escrever.

Lund serviu-lhe uma chávena de café.

– Onde foi?

– Temos um apartamento na Store Kongensgade. Lembrei-me de ir para lá terminar o discurso. Porquê?

– Quem tem a chave do apartamento? – perguntou Meyer.

– Eu. Há uma chave de reserva no escritório. Alguns outros dirigentes do partido também a têm, acho eu. Não sei ao certo.

– Mas utilizou o apartamento?

– Já vos disse que sim. Que se passa?

Lund dispôs algumas fotografias sobre a mesa, deixou-o olhar para elas.

– O carro que conduziu é o mesmo em que a Nanna foi encontrada. Voltaram a levá-lo para a Câmara Municipal na noite da festa. E depois foi-se embora nele.

Hartmann abanou a cabeça, não disse nada.

– Que aconteceu no apartamento? – perguntou Meyer.

– Não pode ser o mesmo carro – disse Hartmann.

– O que aconteceu no apartamento? – perguntou novamente Meyer.

– Nada. Estive lá umas horas.

– A Nanna Birk Larsen também – disse Lund, pondo mais algumas fotografias em cima da mesa. A Nanna tinha uma chave. Foi atacada no apartamento. E depois foi levada no carro que estava a conduzir.

Lund empurrou as fotos tiradas na Store Kongensgade para o outro lado da mesa. Mesa partida, espelho estilhaçado. Copo no chão. Marcadores de impressões digitais.

– No nosso apartamento? – perguntou por fim Hartmann.

– Há quanto tempo a conhecia? – perguntou Meyer.

Hartmann não conseguia tirar os olhos das fotografias. Passava-as lentamente, de boca aberta, rosto rígido.

– Eu não a conhecia. Nunca vi a rapariga.

Meyer resfolegou.

– O carro. O apartamento. O facto de nunca ter mencionado nada disto

– Não havia nada para mencionar! Levei o carro. Fui até ao apartamento. Bebi umas cervejas. E depois decidi voltar a pé para casa. – Lund e Meyer não disseram nada. – Na segunda-feira de manhã fui buscar o carro, mas já não estava lá. Calculei que alguém do gabinete de campanha tivesse ido até lá e encontrado a chave. Deixei-a em cima da mesa. Alguém a deve ter levado.

Meyer suspirou.

– Porque é que levou a cassete com a gravação da câmara de videovigilância? Para não podermos ver que era o senhor que ia no carro?

– O quê? Não levei cassete nenhuma.

– O seu número foi apagado do telemóvel da Nanna – acrescentou Lund.

– Isso não é possível. Eu nem sequer conhecia a rapariga.

– Que fez durante o resto do fim de semana? – perguntou Meyer.

Hartmann praguejou e levantou-se.

Lund dirigiu-se à porta em grandes passadas, bloqueou-a, olhou para Hartmann. O político estava agitado e irritado.

– Vai contar-nos ou não, Hartmann?

– Porque raio é que haveria de contar-vos? A minha vida privada é comigo. Não têm nada que ver com isso.

– Isto não tem que ver com a sua vida privada... – começou a dizer Meyer.

Alguém abriu a porta com um empurrão. Lennart Brix entrou.

Brix.

O novo número dois de Buchard. Acabado de chegar de uma das esquadras regionais. Um homem alto e imponente com um rosto anguloso e sisudo. Chegara duas semanas antes mas fizera questão de não dar nas vistas. E agora parecia que era o dono do departamento.

– Sou o vice-chefe deste departamento – disse Brix. – Boa noite.

Caminhou diretamente para o grupo, apertou a mão a Hartmann. Parou ao lado do político, virou-se para Lund, Meyer e Svendsen.

– Parece que há um problema – disse Brix.

Cinco minutos mais tarde, Lund acendia o segundo cigarro do mês enquanto observava Hartmann a sair, ladeado por Skovgaard e Weber. Jan Meyer estava ao lado de Sarah, a mascar pastilha elástica.

Brix acompanhou os três à saída e depois regressou ao gabinete. Camisa preta. Fato preto. Sapatos pretos italianos reluzentes. Ele próprio parecia um político.

– Hartmann disse-me que levou o carro de boa fé. É evidente que saiu do apartamento antes da chegada da rapariga. Está disposto a falar sobre o apartamento. Podem interrogar os funcionários dele à vontade. Nem sequer têm provas de a rapariga ter sido violada lá, Lund. Talvez ela apenas tenha tido uma discussão com alguém.

– Nós não queremos falar com os funcionários dele – disse Lund.

Brix encostou-se à porta, olhando para ela. Era um homem de ideias fixas, determinado.

– Se lhe tivessem perguntado com jeito, teriam descoberto que o Hartmann tinha um álibi. Estão à procura de alguém que manteve a Nanna Birk Larsen cativa durante todo o fim de semana. Hartmann deixou o apartamento cerca das dez e meia da noite e foi para casa da Rie Skovgaard.

– Hartmann disse-nos que tinha ido para casa dele.

– A relação dele com Skovgaard é um assunto privado. E é assim que Hartmann deseja mantê-lo.

– Se estes filhos da mãe nos dissessem a verdade... – começou a dizer Meyer.

– Na manhã seguinte foram para um centro de conferências onde tiveram reuniões durante todo o dia.

– Podemos verificar isso? – perguntou Meyer.

– Não é necessário – Brix apontou para ambos. – Da próxima vez que trouxerem alguém como o Hartmann, sugiro que façam primeiro os vossos trabalhos de casa.

Lund e Meyer ficaram a vê-lo partir. Lund passou o cigarro meio fumado a Meyer.

– Vamos verificar o álibi. Descubra se mais alguém da Rådhus utiliza o apartamento. Vamos chamar todos os funcionários do gabinete do Hartmann para prestarem declarações.

Lund olhou para Meyer.

– Concordas?

– Claro. – respondeu Meyer.

Svendsen voltou com uma mensagem. Pernille Birk Larsen estava a caminho. Queria falar urgentemente com Lund.

– Não temos tempo. Se for por causa de o marido estar preso...

– Não pode ser isso. Theis Birk Larsen foi libertado – Svendsen abanou a cabeça, riu-se. – Ela nem sequer veio ter com ele, Lund. Devias sentir-te lisonjeada.

Theis Birk Larsen voltou para casa, para Vesterbro. Vinte minutos à chuva pelas ruas desertas.

Pernille não estava lá. Nem os filhos. Na cozinha, junto dos vasos de plantas e das fotografias, Theis telefonou-lhe, não foi além do gravador de chamadas, esperou cinco minutos, telefonou novamente.

Pouco depois das onze da manhã, uma porta bateu lá em baixo. Theis correu para a garagem. Luzes acesas. Vagn enfiado no seu macacão vermelho e de gorro de lã preto na cabeça, olhando para a agenda no escritório.

Skaerbaek parecia surpreendido ao vê-lo.

– Viste a Pernille, Vagn?

– Quando é que saíste?

– Há bocado?

– Fixe. Que aconteceu ao professor...

– Viste a Pernille?

Skaerbaek parecia perplexo.

– A Lotte veio cá para tomar conta dos miúdos. Não ficou muito tempo, voltou a sair. A Pernille e os miúdos também saíram.

Birk Larsen estava perto do escritório, mãos nos bolsos, tentando perceber o que tinha acontecido.

– Porquê?

– Não sei.

– Para onde?

– Caramba, Theis! Não sei.

Birk Larsen lançou-lhe um olhar irado.

– Falaste com ela?

– Pensava que ela tinha ido buscar-te – Skaerbaek hesitou. – Não foi?

Theis voltou a subir as escadas. Chamou novamente Pernille. Não obteve resposta.

Pernille Birk Larsen tinha levado a irmã, Lotte, ao quartel-general da polícia. Parecia tê-la arrastado até ali.

Lund ouviu. Depois perguntou:

– Fale-me mais acerca dessa discoteca, Lotte. Esse Heartbreak Club.

– É para membros do clube. Privado. Só se entra por convite.

Meyer ficou em silêncio, a rabiscar umas notas.

– O que é que a Nanna fazia?

– Servia às mesas. Eu estava sempre de olho nela.

– A Nanna gostava de trabalhar lá?

– Claro. Era excitante. Diferente.

– Diferente? – perguntou Meyer.

– Diferente de receber chamadas numa empresa de mudanças.

Pernille estava sentada no corredor, do outro lado do vidro. Recusara-se ir embora.

– Como é que sabia que a Nanna tinha um caso com alguém?

– Ela faltou algumas vezes e estava sempre a pedir folgas. Parecia... – Lotte era uma mulher bonita, mas tinha um rosto triste e macilento que denotava noitadas e talvez algo mais. – Parecia ser uma coisa inocente.

– E depois algo aconteceu?

– Uma noite, a Nanna não apareceu. Liguei ao Theis e disse-lhe isso. Demos uma volta de carro à procura dela. Recebi um telefonema de um hotel perto da estação. A Nanna tinha-lhes dado o meu número.

Lund observou Lotte, interrogando-se.

– Porque é que a Nanna alugou um quarto?

– Tinha bebido muito. Estava chateada. Acho que o tipo a tinha deixado. Não estava lá. Ela estava sozinha.

– A Nanna drogava-se? – perguntou Meyer.

– Julgo que não.

– Falava desse homem?

– Acho que era casado. A Nanna era muito reservada. Não queria dizer-me o nome dele. A Nanna... – Uma longa pausa. – Era como no tempo em que nos apaixonávamos por um rapaz diferente todas as semanas.

– Mas não foi isso que aconteceu – disse Lund. – O caso durou meses.

– Sim. Ela chamava-lhe sempre Fausto.

– Fausto? – certificou-se Lund, anotando o nome.

– Não é o verdadeiro nome dele.

– Pois, não devia ser. Porque é que ela lhe dava esse nome?

– Não sei.

Meyer entrou na conversa.

– A Nanna esteve com ele na primavera e no verão. Não falou sobre ele depois disso?

– Não – os olhos de Lotte desviaram-se para a figura no corredor. – A Pernille achou que isto podia ser importante.

– E tinha razão – disse Meyer, não acrescentando mais nada.

– A Nanna disse-lhe onde é que ela e o tal Fausto costumavam encontrar-se? – perguntou Lund.

– Em hotéis, julgo eu.

– Sabe em quais?

Lotte Holst estava a tentar lembrar-se de alguma coisa.

– De início, em hotéis. Mais tarde acho que iam para um apartamento.

– Um apartamento?

– Sim. Lembro-me de a Nanna me ter dito que era muito fixe. Móveis antigos. Muito caro.

Lund esperou. Quando viu que Lotte não ia dizer mais nada, perguntou:

– Localização?

– Não sei – mais uma memória. – Ela só me disse que ficava perto das casas antigas da armada. Aquelas amarelas onde nos levam nas visitas escolares.

– Nyboder? – perguntou Lund, olhando para Meyer.

– Acho que sim.

– Que tal na Store Kongensgade?

Lotte pestanejou.

– Sim. Era isso – Lotte olhou para os dois. – Como é que sabem?

Lund voltou ao apartamento da mãe pouco depois das dez da noite. Meyer telefonou quando Sarah estava a subir as escadas.

– Não há ninguém chamado Fausto na lista de membros do Heartbreak Club. O pessoal do Hartmann ligou a dizer que, a partir de agora, só podemos falar com ele através de um advogado.

– Alguém do escritório do Hartmann é membro do Heartbreak Club?

– Que eu me tenha apercebido, não.

O apartamento estava escuro e silencioso. E vazio.

– É um pseudónimo, Meyer. Lembras-te de Fausto? O homem bom que foi tentado pelo Diabo? Vai à discoteca e pergunta por lá.

– Não consegues ouvir a música? Onde raio é que achas que estou?

Ouvia-se algo ao fundo. Discoteca minúscula e um milhão de vozes.

Lund descalçou as botas e acendeu a luz da cozinha. Depois abriu o frigorífico.

Nada.

Havia uma panela de guisado no fogão.

– Não consigo ver um político a pavonear-se num sítio destes – disse Meyer. – As pessoas saberiam. Mas talvez não seja aqui que ele venha.

Lund pôs o telemóvel em alta-voz, pousou o aparelho sobre a bancada da cozinha, acendeu um dos bicos do fogão e pôs o guisado a aquecer em lume brando.

– Que queres dizer com isso?

– O clube tem uma sala de *chat* para encontros, no *site* da Internet. As pessoas encontram-se *online*. Talvez seja isso.

O guisado não tinha ar de vir a melhorar com o calor. Lund diminuiu a chama e depois pegou numa colher e provou-o da panela.

– Vou pôr um especialista a dar uma vista de olhos – disse Meyer.

Havia uma *Carlsberg* no frigorífico. Sarah rodou a carga para a abrir e bebeu um gole pela garrafa.

– OK – disse Lund, comendo a segunda colherada. – Se houver alguma novidade telefona.

– Estás cheia de sorte – gemeu Meyer. – Estás a jantar. Eu não como nada desde o almoço.

Lund olhou para a panela.

– Sim. Estou mesmo cheia de sorte.

Sarah foi até ao sofá com o guisado, apercebeu-se de que ainda tinha o casaco vestido, abanou os ombros, atirou-o para o chão.

Depois ligou o computador portátil e ficou ali sentada, a comer da panela, a beber cerveja e a pesquisar no computador.

Meyer tinha razão. O Heartbreak Club tinha uma secção de encontros *online*. Aberta a qualquer pessoa, não apenas aos membros da discoteca.

Carregou no botão para criar um novo perfil. Preencheu o formulário como Janne Meyer. Sexo feminino. Heterossexual. Palavra-chave: bananas.

A mãe regressou quando Lund estava à espera do *e-mail* de confirmação.

– Onde está o Mark? – perguntou Sarah.

– Fomos ao cinema com o Magnus. Depois comprei-lhes umas fatias de piza. O Mark queria passar a noite em casa do Magnus. Eu disse que podia ser.

Vibeke fez-lhe um sorriso amuado.

– Tu não estavas por perto, por isso não te pude perguntar.

A mensagem de confirmação chegou. Lund carregou na hiperligação para confirmar a aceitação e deu por si no fórum de encontros do Heartbreak Club.

– Não há problema, o Mark pode lá ficar – disse Lund.

A mãe atarefava-se pelo quarto, embora não estivesse a fazer nada.

– Como estás? – perguntou.

– Acabei de comer. Tem sido um dia agitado.

– Estão a conseguir descobrir alguma coisa?

– Sim. Ainda tenho coisas para fazer. Desculpa.

Havia uma caixa de busca na parte inferior da página. Lund escreveu «Fausto».

– Hoje, o Mark falou com o pai.

O *site* demorava a carregar. Lund bebeu outro gole de cerveja.

– Acerca de quê?

– Ele vem a Copenhaga. Gostava de ver o Mark, mas o menino não sabia se já estariam na Suécia ou não.

– Isto está a arrastar-se. O pai pode ver o Mark.

– Sim. Já tínhamos reparado.

Vibeke entrou na sala e ficou à porta, a olhar para a filha com aquela mistura de compaixão, raiva e frustração que lhe era tão própria.

– A empresa de mudanças telefonou por causa das coisas que o Bengt te enviou da Suécia. Não te guardavam as caixas sem teres uma conta. Por isso, disse que podiam deixá-las aqui. Estão na cave.

Depois, Vibeke foi à casa de banho e não disse mais nada.

Lund ficou contente. Também não sabia o que dizer.

Bengt.

Aquela estranha despedida na estação parecia ter acontecido há séculos.

Sarah olhou para o computador portátil. A busca por «Fausto» produziu um resultado.

Mais um clique.

Nenhuma fotografia. Apenas uma silhueta. Junto dela, uma citação. Dizia: «Governar o coração é de todas as coisas a mais difícil.»

(Continua no 2.º volume)

[15](#) Técnica utilizada nos filmes de animação que consiste em fazer com que um objeto manipulado fisicamente (plasticina, por exemplo) pareça ter movimento próprio, movendo-o ligeiramente de cada vez e fotografando cada movimento, reproduzindo depois os fotogramas numa sequência contínua. (*N. do T.*)

[16](#) A ponte sobre o estreito de Øresund, que separa a Dinamarca da Suécia, é a maior ponte rodoviária e ferroviária da Europa, com 7,8 quilómetros de comprimento. (*N. do T.*)

[17](#) Cerca de 1500 euros. (*N. do T.*)

A Publicar:

The Killing – Crónica de Um Assassínio

2.º volume